



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS (DCH) – CAMPUS VI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE –
PPGELS

MILVA ALVES MAGALHÃES

**DE VOLTA PARA O FUTURO DA LEITURA: UMA NAVEGAÇÃO PELA
INFINITUDE *BOOKTOK* E O DEVIR DO SUJEITO-LEITOR**

**Caetité – BA
2024**

MILVA ALVES MAGALHÃES

**DE VOLTA PARA O FUTURO DA LEITURA: UMA NAVEGAÇÃO PELA
INFINITUDE *BOOKTOK* E O DEVIR DO SUJEITO-LEITOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), do Departamento de Ciências Humanas, Campus VI/Caetité, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade.

Orientadora: Dra. Janaina de Jesus Santos

**Caetité – BA
2024**

Bibliotecário Carlos Roberto M. de S. Marinho
CRB 5/2142
Sistema de Bibliotecas da UNEB

M189 Magalhães, Milva Alves

De volta para o futuro da leitura: uma navegação pela
infinitude booktok e o devir do sujeito-leitor / Milva
Alves Magalhães.

2024. 170p.

Orientadora: Profa. Dra. Janaina de Jesus Santos

2024. 170p.

Dissertação (Mestrado em Ensino, Linguagem e Sociedade)
- Universidade do Estado da Bahia, Departamento de
Ciências Humanas, Campus VI, Caetité, 2025.

Bibliografia: p.159-169

1. BookTok. 2. Formação de leitores. I. Título.

CDD: 370



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Autorização Decreto nº 9237/96, DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 908/95, DOU 01/08-95



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE

FOLHA DE APROVAÇÃO

"DE VOLTA PARA O FUTURO DA LEITURA: UMA NAVEGAÇÃO PELA INFINITUDE BOOKTOK E O DEVER DO SUJEITO-LEITOR"

MILVA ALVES MAGALHÃES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS – DCH VI - UNEB, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino, Linguagem e Sociedade pela Universidade do Estado da Bahia.

Aprovada em 17 de dezembro de 2024, com nota 10,0.

Documento assinado digitalmente
JANAINA DE JESUS SANTOS
Data: 16/12/2024 14:28:59-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a JANAINA DE JESUS SANTOS
Orientadora – PPGELS – UNEB – DCH – Campus VI
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP

Documento assinado digitalmente
ANA LUIZA SALGADO CUNHA
Data: 17/12/2024 22:01:21-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a ANA LUIZA SALGADO CUNHA
Examinador Interno – PPGELS – UNEB
Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos

Documento assinado digitalmente
LUZMARA CURCINO FERREIRA PIOVEZANI
Data: 16/12/2024 10:01:49-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof.^a Dr.^a LUZMARA CURCINO FERREIRA
Examinador Externo – UFSCar
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/FCLAr

Para Alterlei,

Meu companheiro,
Bússola no mar da vida,
Vela dos meus sonhos,
Porto nas travessias,
Farol nas tormentas.
Tua presença, vasto horizonte,
Teu amor, a força que nos move
Por tudo o que navegamos e construímos,
Para você, sempre.
Para nós, eternos navegadores pelos mares
da existência.

AGRADECIMENTOS

Navegar pela infinitude da pesquisa acadêmica significa embarcar numa jornada que transcende o mais profundo sentido do verbo percorrer. É uma experiência translativa de lançar-se, com coragem e resiliência, à infinitude do oceano de conhecimento produzido pela humanidade, fazendo paradas, conexões, avanços e retornos, enquanto seguimos em direção a um horizonte de ação e sabedoria. A cada um dos portos que me acolheu como um barco em travessia, minha eterna gratidão:

A Deus, fonte inesgotável de luz, força e inspiração.

À minha orientadora, Dra. Janaina, por me possibilitar a experimentação de outros modos de ser, saber e viver. Com sabedoria e sensibilidade guiou-me nesse percurso, compartilhando saberes que transcendem os limites da pesquisa e do ensino. Minha profunda gratidão por oportunizar e inspirar outras leituras de mundo, que seguirão comigo tanto na sala de aula quanto na vida, na incessante busca por outros sentidos e possibilidades.

Às professoras, Dra. Ana Luiza e Dra. Luzmara Curcino pela leitura cuidadosa, comentários e sugestões que expandiram os limites deste trabalho, conduzindo-o a outros territórios de reflexão que hoje constituem a minha formação pessoal e acadêmica.

À Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), por me possibilitarem ver além dos horizontes de expectativa.

A Oscar, pela leitura cuidadosa e inspiradora da primeira versão do projeto de pesquisa.

Aos professores, coordenador e colaboradores do PPGELS, e aos colegas do grupo AuDiscurso e de turma, pelas trocas, reflexões e aprendizados. Vocês fizeram desta travessia uma experiência coletiva, repleta de encontros significativos.

Aos colegas professores e ao corpo escolar do Colégio Estadual de Tanque Novo, Bahia (CETN) e do Centro Educacional Professora Alzira Alves Carneiro (CEPAAC), pelo apoio e compreensão, meu sincero reconhecimento.

À minha família, especialmente ao meu esposo e aos meus filhos. Vocês são o farol da minha vida, iluminando cada momento com um significado especial de conquista.

Que o exercício espiritual e transformador do conhecimento continue a nos impulsionar, enquanto navegamos o presente na direção de onde o tempo repousa, ao encontro de um futuro de liberdade e criação, construído a partir dos mais nobres esforços e aspirações humanas.

RESUMO

Esta dissertação apresenta três artigos problematizadores das mudanças na leitura e da constituição do leitor jovem no contexto digitalmente influenciado, os quais são permeados por reflexões sobre o devir do sujeito-leitor. Opera-se com ferramentas arqueogenealógicas foucaultianas, em articulação com os Estudos Culturais e a História da Leitura, na tentativa de mapear e interpretar o presente leitor, face às possibilidades e desafios que se apresentam para o processo de formação escolar do leitor literário na contemporaneidade. A comunidade literária *BookTok*, *acontecimento* representativo das mudanças que colocam as telas entre o leitor e o futuro da leitura, é o ponto de partida para pensar encaminhamentos pedagógicos que instiguem a formação de jovens leitores críticos de seu tempo. No primeiro artigo, busca-se desmanchar universais evocados pela mídia na discursivização dessa plataforma e da leitura para dissolvê-los na problematização dos modos de existência do sujeito-leitor jovem. O segundo artigo investiga o discurso *booktoker* à luz da noção foucaultiana de *parresia* para interpretar o uso estratégico dos sentidos de autenticidade e paixão na adesão das juventudes aos discursos sobre a leitura carreados na linguagem das telas. O terceiro artigo explora a potência da leitura discursiva como equipagem do sujeito-leitor e propõe uma sequência didática que, reafirmando o papel da escola como lugar de leitura, desenvolve atividades voltadas ao ajustamento entre o fazer pedagógico e a cultura jovem. Nas análises, destacamos a questão do gênero no *acontecimento BookTok*, atualizadora de representações hegemônicas socialmente normalizadas de ser leitor que situam a leitura como uma prática feminina, voltada ao entretenimento e à evasão da realidade. Constatamos efeitos de *parresia* nos sentidos relacionados à autenticidade e à paixão presentes no discurso *booktoker*, destacando o apelo à imagem e a função do *pathos* como fatores de adesão do público jovem. Por fim, defendemos o ajustamento temperante do fazer pedagógico com a cultura jovem, em vista de um processo formativo de leitores literários que seja capaz de equilibrar as possibilidades do digital e o potencial da leitura discursiva como ferramenta de auto-sócio-análise.

Palavras-chave: *BookTok*; Discursos sobre a leitura; Formação de leitores; Sujeito-leitor.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Esquema da metodologia (Introdução)..... | 15 |
| Figura 2 – Arranjo da dissertação no formato <i>multipaper</i> | 17 |
| Artigo 1 | |
| Figura 1 – Painel de <i>booktokers</i> I..... | 61 |
| Figura 2 – Painel de <i>booktokers</i> II..... | 63 |
| Figura 3 – Leitora tardia..... | 66 |
| Figura 4 – Leitora profissional (<i>booktoker</i>)..... | 66 |
| Figura 5 – Leitora ideal..... | 66 |
| Figura 6 – <i>La Lecture</i> (A leitura)..... | 75 |
| Artigo 2 | |
| Figura 1 – Cenas de leitura: emoções leitoras comunicadas pela imagem de si..... | 104 |
| Figura 2 – Menu de emoções de uma boa leitura..... | 105 |
| Figura 3 – Cenas confessionais no <i>BookTok</i> : o choro e o uso extravagante do corpo..... | 108 |
| Figura 4 – Notícia sobre a censura ao livro <i>O Averso da Pele</i> e a correspondente reação <i>booktoker</i> | 110 |
| Figura 5 – Recomendação literária e o risco envolvido na enunciação..... | 113 |
| Artigo 3 | |
| Figura 1 – Representação do bom aluno como um sujeito versado em tecnologias..... | 122 |
| Figura 2 – Esquema da sequência didática..... | 144 |
| Figura 3 – Estrutura da SD..... | 146 |
| Figura 4 – Mapa sintético da SD..... | 149 |
| Figura 5 – Qr code da SD <i>Palavras em liberdade: leitura como equipagem do leitor- navegador</i> | 151 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 DO LUGAR E DAS CIRCUNSTÂNCIAS DE PARTIDA..... | 10 |
| 1.2 OBJETIVOS, BALIZAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA E ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO..... | 14 |
| 1.3 A PROMESSA CONTIDA NO TÍTULO: UMA TENTATIVA DE DELINEAR O DEVIR DO SUJEITO-LEITOR..... | 21 |
| 1.4 AINDA SOBRE O DEVIR: ALÉM DO <i>CHRÓNOS</i> E DO <i>KAIRÓS</i> | 32 |
| 1.5 AS MUDANÇAS NA LEITURA NO AMBIENTE LÍQUIDO-MODERNO E A METÁFORA DA NAVEGAÇÃO..... | 35 |
| ARTIGO 1 – ESTÉTICA DO LEITOR VISÍVEL: UMA ANÁLISE DO DISCURSO MUDIÁTICO SOBRE A LEITURA NO <i>BOOKTOK</i> | 44 |
| 1 PALAVRAS INICIAIS..... | 44 |
| 2 OFICINA FOUCAULTIANA E A CAIXA DE FERRAMENTAS ANALÍTICAS... | 48 |
| 2.1 Um mergulho no arquivo digital | 51 |
| 3 A DISCURSIVIZAÇÃO DA LEITURA E DO <i>BOOKTOK</i> NA MÍDIA..... | 54 |
| 4 <i>BOOKTOK</i> , CATALISADOR DA LEITURA IMPRESSA..... | 57 |
| 4.1 Leitura, substantivo feminino | 61 |
| 4.2 Leitura à pronta entrega | 71 |
| 4.3 A especialização da imagem de leitor na acumulação de espetáculos | 74 |
| 4.4 Estética do leitor visível | 78 |
| 4.5 Upgrade leitor | 80 |
| 5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS | 84 |
| ARTIGO 2 – ENSAIO PARRESIÁSTICO <i>BOOKTOKER</i>: AUTENTICIDADE OU IMPOSTURA? | 87 |
| 1 COMO É LER E SER LEITOR NO TEMP(L)O DO CONSUMO..... | 87 |
| 2 UMA EXPLORAÇÃO DA <i>PARRESIA</i> EM FOUCAULT..... | 90 |
| 3 O PROBLEMA DA AUTENTICIDADE DO DISCURSO NO ESPAÇO DIGITAL | 94 |
| 4 O LEITOR VISÍVEL E A SEDUÇÃO DO DISCURSO AUTÊNTICO SOBRE A LEITURA..... | 96 |
| 5 EFEITOS PARRESIÁSTICOS SOBRE A LEITURA E AS CONFISSÕES DE SI NO DISCURSO <i>BOOKTOKER</i> | 100 |
| 5.1 O uso extravagante do corpo parresiástico-confessional para falar de leitura | 107 |
| 6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS..... | 117 |
| ARTIGO 3 – LEITURA COMO EQUIPAGEM DO LEITOR-NAVEGADOR: INTERFACES ENTRE DISCURSOS E MULTIMODALIDADE | 120 |
| 1 PALAVRAS INICIAIS..... | 121 |
| 2 LUZES E SOMBRAS DAS TELAS NA ESCOLA..... | 121 |
| 3 PRÁTICAS DE LEITURA (NÃO) ESCOLARES E LETRAMENTOS..... | 126 |
| 4 FERRAMENTAS PARA (RE)CONSTITUIR O QUE A PRESSA DISSOLVE..... | 129 |
| 5 LETRAMENTO LITERÁRIO E MULTIMODALIDADE..... | 135 |
| 6 GÊNEROS TEXTUAIS E VIDEORRESENHA..... | 140 |
| 7 PRODUTO TÉCNICO-TECNOLÓGICO EDUCACIONAL (PTTE) E SEQUÊNCIA DIDÁTICA: ASPECTOS TEÓRICOS..... | 142 |
| 7.1 Estrutura e conteúdo da Sequência Didática (SD) Palavras em liberdade: leitura como equipagem do leitor-navegador | 143 |
| 7.2 Diretrizes e roteiro para a aplicação da SD | 148 |
| 8 ÚLTIMAS PALAVRAS DE UM FIM PROVISÓRIO..... | 152 |

| | |
|----------------------------------|------------|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 155 |
| REFERÊNCIAS..... | 159 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 DO LUGAR E DAS CIRCUNSTÂNCIAS DE PARTIDA

Alguns habitantes do mundo estão em movimento; para os demais é o mundo que se recusa a ficar parado (Bauman, 2021, p. 55).

Uma dimensão analítica das ideias conexas de navegação e liquidez foi explorada por Foucault (2010a) e Bauman (2021) para pensar a relação do sujeito consigo, com o outro e com o mundo. Ao problematizar as posições assumidas pelo indivíduo e a constituição de si como sujeito na trama dos discursos, suas reflexões convergentes possibilitam uma compreensão da relatividade em que vamos nos estabelecendo na fluidez da vida diária, nos mais variados domínios humanos, entre eles o da leitura. Nesse encontro, ajudam-nos a refletir sobre uma questão candente: se observarmos os riscos e as promessas de liberdades que vão se adensando no oceano de informações, estímulos e tecnologias ao nosso redor, o quão conscientes estamos do tipo de leitor em que vamos nos tornando no ambiente líquido-moderno?

De repente, percebemos como o vislumbre de uma versão futura do leitor que somos está forçosamente diluído em um mundo de telas no cenário digital (Chartier, 1999a). Domínio de inscrição de acontecimentos como o *BookTok* — comunidade literária de compartilhamento de experiências e recomendações literárias em vídeos curtos, hospedada na rede social *TikTok*. Sucesso entre os jovens, esse espaço é representativo de novas práticas de leitura que convocam o olhar, sobretudo dos educadores, de volta ao desenho histórico do tipo de leitor que fomos e deixamos de ser. Com um chamamento à ação, essas mudanças nos impõem a navegar pelo que nos liga ao passado em direção ao esboço do tipo de leitor que vamos nos tornando no presente¹.

Nessas condições, viajar na trama do tempo, estabelecer um diálogo com o passado, compreender e intervir no presente e daí pensar o futuro, é o que faz da promessa lançada no título desta dissertação — remissiva a dois ícones da indústria cultural — mais que um simples beliscão no imaginário leitor. Esperamos que as janelas de observação da realidade oferecidas pelo cinema e a literatura permitam “uma abertura mais ampla para o mundo social”, alcançando “práticas não legítimas e mais espontâneas” que acompanham as

¹ Seguimos as rotas traçadas por Gregolin (2007, p. 24) quando, em sentido mais amplo, a autora aborda o problema da constituição do sujeito na contemporaneidade a partir da função da mídia na (re)produção de subjetividades, “evidenciando sua sofisticada inserção na rede de discursos que modelam a história do presente”.

mudanças na leitura, e que antes “não entravam nos códigos e temas” de sua representação (Chartier, 1999a, p. 82). E com essas ligações reforçam a ideia de que o regresso até o futuro da leitura é antes uma navegação histórica e reflexiva pelos domínios de sua prática contemporânea. Assim, uma vez apreendidas possibilidades dos seus modos e sentidos e reconhecidas as limitações dos tempos e espaços onde se manifestam, que seja possível converter os esforços de navegação em denotações praticáveis na escola, em proveito de uma *boa vida* de leitor (Wolf, 2019). Sobretudo se, enquanto navegamos, formos capazes de compreender, no movimento de uma sociedade marcada pela inevitabilidade do novo, que não há leitura sem historicidade.

Hoje, avanços tecnológicos aclamados como revolucionários — a exemplo de inteligências artificiais (IAs) generativas e algoritmos de grande capacidade como o da rede social *TikTok* — são motivo de preocupação e otimismo, tanto por sua capacidade de transformação da vida cotidiana, como pelas consequências imprevistas do seu desenvolvimento. Preocupação porque, entre outros motivos, a maquinaria tecnológica opera ininterruptamente na construção de sujeitos, fazendo circular discursos e sentidos constituintes de um modo de vida impregnado pela lógica do desempenho, pelo império dos números, pela estetização de si e pela necessidade de satisfação do desejo, segundo uma ética redutora sujeita a falhas, tendente a entregar o sujeito, como um passageiro impotente, aos excessos da modernidade líquida. Otimismo porque traz consigo possibilidades substanciais de avanço pessoal e social, mediante o acesso mais democratizado às informações e o surgimento de novas e remodeladas práticas, experiências, interações, técnicas e ferramentas que prometem facilitar a vida diária, gerar conhecimento útil, resolver problemas complexos e possibilitar a “intervenção no debate público”, que de outra forma não seria possível ou levaria muito tempo para acontecer (Bauman, 2021; Chartier, 1999a, p. 147).

A leitura, como uma dessas práticas fortemente afetadas pelas liberdades e limitações inerentes à tecnologia, pode funcionar como uma armadura de que dispõe o sujeito para resistir aos perigos da navegação, contestá-los e transgredi-los na fluidez referida por Bauman (2021) e Chartier (1998, 1999). É o que pensa Campesato (2021), ao aclimatar os ditos de Foucault (2010b) à conjuntura do presente, para referir-se a essa prática como uma equipagem contra a estultícia contemporânea. Mais que isso, numa dimensão positiva, a leitura é capaz de viabilizar o trânsito cultural e social dos seus agentes, em particular quando pensamos nos “não-herdeiros”² das condições materiais e imateriais para a fruição desse direito. Em geral,

² Segundo Curcino (2020a, n.p.), “Em relação aos “não herdeiros”, eles são aqueles que desde cedo ficaram à margem da cultura de prestígio. Constituem as amplas fileiras de todos aqueles que não tiveram acesso à

leitores forjados pelo acaso e à custa de muito esforço. Trânsfugas sociais e culturais a quem são exigidas doses extras de resiliência e abdicação para suprir as dificuldades de acesso a fontes consideradas de prestígio e a ausência de tempo para ler (Chartier, 2019; Curcino, 2020a).

Estando esse sujeito-leitor contemporâneo exposto ao histórico regime da novidade, e tendo a comunicação digital em massa colocado em circulação remodeladas formas de leitura e interação com o livro, podemos pensar, em meio a tudo que permanece, no surgimento de novos modos de existência em relação a essa prática. A fim de nomear e englobar as manifestações mais proeminentes desse aparecimento, empregamos ao longo do texto as designações leitor-navegador e leitor-navegante. E assim fazemos em vista de caracterizar as distintas maneiras, embora não excludentes entre si, de o sujeito relacionar-se com a leitura no cenário digital. Com os termos navegador e navegante buscamos ressaltar a origem comum das práticas leitoras de que são adeptos, além de uma sutil diferença que consideramos crucial: o navegador, pelas habilidades que mobiliza no gesto de ler, detém o domínio da própria trajetória leitora; é piloto de si. Já o navegante tende a deixar-se levar, em razão dos efeitos que lhe acarretam a carência dessa mesma equipagem, pelo movimento que compartilha. Assim, expostos à mesma linguagem, tendo à disposição a mesma oferta de textos, esses modos de ser leitor distinguem-se um do outro em termos de habilidades analógicas e digitais convocadas no momento adequado, face à necessidade, a serem colocadas em jogo na prática da leitura extensiva incitada pelas telas, e em razão de sua dinâmica, dos suportes que mobiliza e das razões de ler que a justificam.

A partir dessa separação podemos pensar o leitor-navegador como um sujeito equipado com o necessário à pilotagem de si com autonomia e ao trânsito social e cultural, mesmo exposto às insinuantes formas de sujeição e objetificação desse meio e à falta de condições adequadas a essa prática. De outro lado, consideramos flutuações de uma forma modelizada e proeminente de leitor autocentrado, etiquetado e embarcado no fluxo dos acontecimentos diários pelas racionalidades neoliberais ligadas à quantificação, efemeridade e consumo com as quais muito se identifica o leitor-navegante (aqui reconhecendo a

leitura, ou que dispuseram de um acesso de tipo muito precário, o que desde muito cedo lhes impõe o peso dessa precariedade frente as hierarquias culturais de nossa sociedade. Os marginalizados são levados a crer que certas práticas e bens culturais, como a leitura de livros, não é algo para eles. E, por não se sentirem legítimos na sua relação com a leitura, não se reconhecem no direito à leitura, nem reconhecem a leitura como um direito. Eles são aqueles que em geral expressam a vergonha de não ser leitor, ou o orgulho ingênuo de não ser. E são aqueles a quem é imputada a pecha de não-leitores, de forma a lhes impor tanto a culpa por isso, quanto a vergonha de sua condição. São aqueles em relação aos quais alguns “herdeiros”, ao se referir a eles, o fazem sob o signo da vergonha alheia.

importância do consumo crítico e consciente para o desenvolvimento econômico, social e cultural) (Bauman, 2021; Chartier, 2019; Curcino, 2020a).

Assim, enfrentando variados níveis de dificuldade, inclusive materiais, o sujeito-leitor jovem que se constitui como uma resultante possível do encontro dessas possibilidades, tanto pode constituir-se um agente de si, em meio às persuasivas positivities da modernidade líquida, como pode deixar-se levar, pelas forças que as movimentam, para lugares marcados pelo poder hegemônico. É contra tais agenciamentos e *vereditos sociais*³ que a leitura pode concretamente funcionar como um ferramental de resistência, uma técnica de si consigo, com o outro e com o mundo (Foucault, 2010a).

É possível esboçar uma explicação multifatorial sobre por que isso acontece a partir dos intrincados jogos de poderes e regimes de verdade que se desenvolvem nos dispositivos da sociedade altamente tecnológica, embora o nosso ponto de partida seja algo aparentemente trivial: qualquer leitura longa — a exemplo desta dissertação — é uma tarefa culturalmente desafiadora e, para muitos, materialmente impossível. Dificuldade que parece naturalizar-se com mais força à medida em que cresce a saturação cognitiva enfrentada pelo cérebro no mundo digital (Wolf, 2019).

Então, mesmo que o assunto desperte interesse, a escrita cumpra seu papel, e a noção de “longo” seja, como quase tudo, relativa; o mais provável é que o texto seja lido superficialmente ou, o que é mais sintomático, abandonado. Segundo a nossa interpretação de Wolf (2019), não por se tratar de um tema especialmente difícil ou abstrato — e ainda que nos pareça útil — pois a ordem dessa dificuldade, seja ela cultural e/ou cognitiva, não está necessariamente relacionada ao seu conteúdo em particular, e sim à qualidade da nossa atenção enquanto lemos, bem como à capacidade de focar pelo tempo necessário. Em seu livro *Attention Span: A Groundbreaking Way to Restore Balance, Happiness and Productivity*, Glória Mark, professora de informática da Universidade da Califórnia, metrifca essa situação: décadas de pesquisa sobre o declínio da capacidade de atenção apontam que nos últimos vinte anos o tempo médio de concentração nas telas caiu de dois minutos e meio para 47 segundos. Já o tempo necessário para recobrar a atenção desviada após a interrupção de uma tarefa ativa é de 25 minutos nos dias de hoje (LaMotte, 2023). Contingências associadas a dois dos principais desafios à efetividade da noção de leitura como equipagem do sujeito-leitor jovem na modernidade: a escassez de tempo e a fragmentação da atenção.

³ *Vereditos sociais* é uma noção com a qual se ilumina Didier Eribon para compreender a “ordem social como uma maquinaria da desigualdade” e realizar uma “análise minuciosa e implacável dos efeitos da dominação social que, ao se inscreverem nos cérebros, permitem a essa dominação se perpetuar...” (Eribon, 2022, p. 75).

Sintomas agudizados, no que diz respeito à linguagem, pela transição de uma cultura de letramento baseada no impresso, para uma cultura influenciada digitalmente pela velocidade e excesso de informações (Han, 2017; Wolf, 2019, p. 91).

O vanguardismo do *BookTok* se insere nessa passagem, em que se pode observar as mudanças na leitura impressa pela lente do “suporte que a materializa” na contemporaneidade, e daí colocá-las em questão para refletir e aprimorar a prática pedagógica. Navegamos na liquidez desse espaço atraídos pelo jogo de forças aí instaurado, interessados pelo discurso em circulação, pela leitura ali praticada e ofertada, pela produção dos significados oriundos do seu interior, pela linguagem e interações próprias do seu funcionamento, pela construção do sujeito legente segundo suas regras e, não menos importante, pelo mapeamento de sinais do devir do sujeito-leitor (Chartier, 1999a, p. 88).

1.2 OBJETIVOS, BALIZAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA E ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

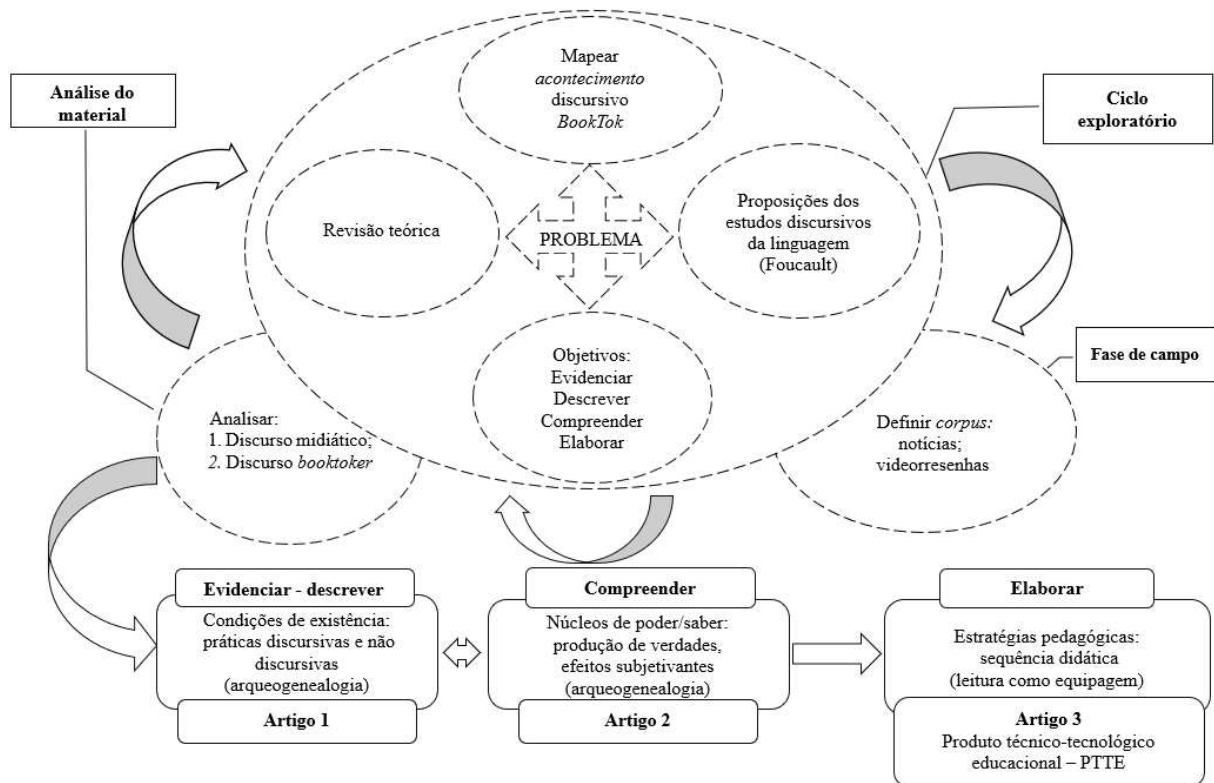
Nesta pesquisa, entre retornos e avanços que culminam com contribuições para a prática diária dos professores, empreendemos um trabalho sistemático de análise dos discursos e modos de subjetivação que se constituem no fenômeno *BookTok*, com vistas a compreender as implicações do espaço digital na constituição do sujeito-leitor jovem, já referido em alguns dos seus aspectos. Para tanto, buscamos descrever e interpretar regularidades encontradas no *arquivo*, considerando a trama discursiva e não-discursiva em que se desenvolvem no *acontecimento BookTok*. E assim, dos modos de subjetivação produzidos e em circulação nesse espaço digital, com vistas ao devir do sujeito-leitor jovem, em sua articulação com a história e a sociedade que o produziu (Gregolin, 1995, p. 13). Em sentido estrito, a tarefa desdobra-se tanto para a análise da linguagem multimodal manejada pelos *booktokers* em suas ações com o livro como para a forma como se estabelece uma relação comunitária com o espectador, construída em torno da autenticidade discursiva e da paixão pela leitura, isto é, de um *pathos*. Ou, ainda, como emergem, transformam-se e se articulam certos modos de subjetivação engendrados nas linguagens e multimodalidades em uso, sem perder de vista a centralidade do texto verbal, da leitura no livro impresso para a formação leitora e as possibilidades pedagógicas inerentes à “abundância de informações a nosso dispor na ponta dos dedos” (Wolf, 2019, p. 69).

Para embasar as discussões propostas, além dos dispositivos teórico-metodológicos da análise do discurso (AD) que tem por base a teorização da realidade proposta por Foucault

(2010, 2014a, 2014b, 2015, 2022a, 2022b), esta pesquisa mobiliza contribuições teóricas de autores como Courtine (2008, 2011) sobre a discursividade líquida, Curcino (2020a, 2020b) e Curcino e Manfrim (2020) em relação aos discursos sobre a leitura; Gregolin (1995, 2007, 2016) quanto ao *arquivo* digital e Veiga-Neto (2017) sobre pesquisas em educação envolvendo AD. Também manejamos a metáfora analítica de Bauman (2021) sobre a modernidade líquida, as abordagens de Chartier (1988, 1991, 1999a, 1999b) sobre a História da Leitura, além dos fundamentos do letramento multimidiático definidos por Rojo (2012) e Rojo e Barbosa (2015).

A rota traçada e o manual de pilotagem estão esboçados na figura 1. São balizas que situam a pesquisa dentro de um quadro teórico flexível:

Figura 1 – Esquema da metodologia



Fonte: Autoria própria (2023).

Teoricamente, este estudo encampa: 1) fase exploratória, composta da formação e problematização do objeto, além da definição dos pressupostos teórico-metodológicos; 2) trabalho de campo, que envolveu a constituição do arquivo a ser analisado, considerando-se a construção elaborada na etapa anterior; e 3) análise discursiva do *arquivo*. Observamos que esse “ciclo nunca se fecha, pois toda pesquisa produz conhecimentos afirmativos e provoca mais questões para aprofundamento posterior” (Minayo, 2001, p. 27).

Quanto à metodologia, os movimentos iniciais foram os seguintes: a) mapeamento, triagem e leitura de reportagens e vídeos sobre o tema *BookTok*; b) elaboração do estado da arte e c) *download* e instalação do aplicativo *TikTok*, criação de perfil e acompanhamento da comunidade. A ideia inicial era selecionar cinco *booktokers* entre os mais influentes, considerando-se o número de seguidores, e trabalhar com suas produções. No entanto, conhecer o mecanismo de funcionamento da plataforma permitiu-nos compreender que os vídeos considerados mais relevantes pelo algoritmo não estão necessariamente atrelados a criadores com maior base de seguidores ou aos que possuem maior número de visualizações. Assim, na delimitação do arquivo, coletamos conteúdos recomendados pelo algoritmo, segundo critérios internos. Ademais, mapeamos posições pouco, ou ainda não exploradas sobre o tema, levantadas a partir do estado da arte. Em contínuo, reelaboramos o problema, os objetivos, definimos o *arquivo* de cada um dos três artigos que compõem esta dissertação, além do retrato contingente apresentado nesta introdução.

Sob a perspectiva da metáfora foucaultiana da navegação, mencionada na p. 35 e retomada neste ponto, esta pesquisa delinea-se como um diário de bordo de três partes, criado para registrar esforços de navegação pela infinitude *BookTok*, desde a forma como a mídia normalmente discursiviza esse acontecimento, até os sentidos produzidos em seu interior. Pelo que projeta de luzes e sombras no devir leitor, essa seção do espaço digital é o ponto de partida adotado para problematizar as mudanças e as permanências na leitura que afetam a constituição do leitor jovem no cenário contemporâneo.

Na bagagem, levamos o problema expresso na seguinte pergunta: o que nos faz pensar o funcionamento da maquinaria *BookTok* sobre a dinâmica das práticas de leitura e a constituição do sujeito-leitor jovem, no que se refere à relação entre o ensino em leitura e as juventudes? No horizonte, consideramos que a rede funciona como um dispositivo de poderes produtores de verdades seletivas, mais alinhadas às posições de um sujeito-leitor-navegante, para quem o impulso audiovisual funciona como uma potente fórmula de incentivo à leitura de um número cada vez maior de livros, embora não massivamente transformadora, pois restrita a um público razoavelmente limitado e baseada numa ética capitalista redutora, sujeita a falhas.

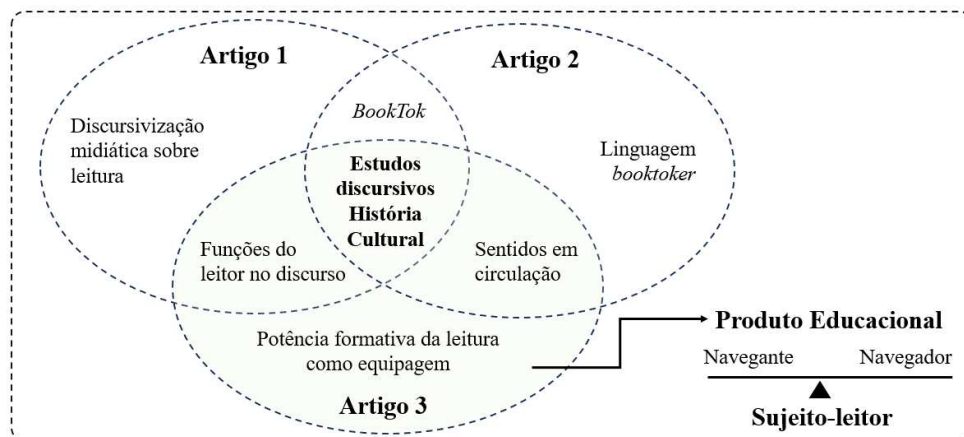
É o próprio Foucault (2010b, p. 221-242) quem nos oferece a metáfora da navegação como um paradigma de governamentalidade, criado para pensar a condição humana face às liberdades e limitações envolvidas numa jornada aberta à infinitude. Neste texto, em que empreendemos uma travessia pelo *BookTok*, espaço de poderes e saberes que reúne

características heterotópicas de produção do sujeito-leitor⁴, embarcar e seguir o itinerário da leitura significa navegar em direção ao tipo de leitor que vamos nos constituindo no presente, confrontando riscos e liberdades, luzes e sombras, discursos e práticas que nos constituem como uma resultante das interações entre distintos modos de ser leitor, aqui nomeados e resumidos em leitor-navegante e o leitor-navegador.

À frente, uma realidade digital, imagética e efêmera, simultaneamente ubíqua e monitora, em permanente mudança. O nosso olhar é direcionado para assumir a pilotagem, estabelecer uma meta, traçar uma rota, navegar e resistir às pressões e riscos, conhecidos e ignorados, de um acontecimento heterogêneo em curso, sem perder de vista suas possibilidades (Foucault, 2010b, p. 221-242). O diagnóstico a ser construído, longe de ser natural ou universal, envolve desemaranhar os fios que conectam múltiplas temporalidades numa mesma instância social tecnológica. Para desenredá-los, procuramos confrontar o acontecimento *BookTok* com as representações reinantes sobre a prática da leitura, percorrendo três itinerários independentes e conectados: 1. A discursivização midiática; 2. O interior da plataforma e 3. A prática pedagógica.

Já direcionando para o arranjo da dissertação, o texto principia com introdução seguida dos três artigos e considerações finais. Quanto à apresentação, o formato adotado é o *multipaper*, sob a justificativa de viabilizar de maneira mais eficiente a comunicação dos resultados da pesquisa a ser divulgada “para um público muito mais amplo que pode incluir docentes, pesquisadores, bem como outros profissionais” (Frank, 2013, p. 8). Esquemáticamente, os artigos estão relacionados entre si e com o produto educacional da seguinte maneira:

Figura 2 – Arranjo da dissertação no formato *multipaper*



Fonte: Autoria própria (2024).

⁴ O conceito de *heterotopia* é retomado no artigo 2, seção 4, p. 98.

O artigo 1, intitulado *A estética do leitor visível: uma análise do discurso midiático sobre a leitura no BookTok*, corresponde ao diagnóstico do acontecimento, que tem como trama de partida as enunciações da mídia que enredam leitura e *BookTok*. Consideramos a discursivização midiática uma janela de observação privilegiada do jogo de forças que se estabelece no espaço digital, de onde é possível fazer aparecer, através da análise dos discursos que ali circulam sobre o livro, a leitura e o leitor, aspectos subjacentes à constituição do sujeito-leitor contemporâneo. A partir de noções foucaultianas, como arquivo, formações e práticas discursivas, acontecimento, enunciado, sujeito e discurso, buscamos desmontar a trama discursiva *BookTok*, descrevendo regras e condições de produção, enquanto dispositivo de poder que regula as enunciações sobre o sujeito-leitor, o livro, e sobre as práticas de leitura naquele espaço. Para formação do arquivo realizamos um levantamento de vinte e cinco matérias jornalísticas nos maiores portais de notícia do país. Selecionamos conteúdos produzidos no Brasil e destacamos um deles para análise arqueogenalógica comparativa e opositiva de suas formações discursivas (FD) para,

[...] na simultaneidade em que se apresentam, distingui-las das que não têm o mesmo calendário, relacioná-las no que podem ter de específico com as práticas não discursivas que as envolvem e lhes servem de elemento geral (Foucault, 2022a, p. 192).

A matéria *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers*, originalmente publicada no portal *BBC News* (Machado, 2024), em 16/04/2024, entre todas a mais replicada por outros portais, entre eles *GI*, *Folha de São Paulo*, *Correio Brasiliense*, *MSN*, *Época Negócios* e *Terra*. A escolha dessa reportagem tem relação com a diversidade de vozes que comparecem em sua materialidade discursiva. Nela falam leitor, *booktoker*, indústria do livro e docente sobre uma consensualidade inquietante: como o *BookTok* transforma jovens em leitores e autores em *best-sellers*. Além disso, é representativa de regularidades presentes no *arquivo*, a exemplo da abordagem predominantemente otimista e positiva adotada pela mídia na discursivização acerca do acontecimento *BookTok*. Além disso, levamos em consideração o quanto o enunciado no título da matéria é sugestivo de um processo de constituição do sujeito-leitor, nosso objeto de estudo. Seu conteúdo reflete, *grosso modo*, as evoluções na prática da leitura, particularmente a possibilidade de sua estetização e do entronamento do livro como objeto simbólico (e distante) de um leitor visível.

Na segunda parte do percurso, lançamos âncora para atravessar a espessura do discurso até as fases mais profundas do meio e analisar, de modo estrito, a produção de sentidos com origem nos minivídeos, em função da prática *booktoker* e seu efeito parresiástico sobre a audiência.

O artigo 2, *Ensaio parresiástico booktoker: autenticidade ou impostura?* apresenta uma análise do discurso *booktoker* à luz da noção foucaultiana de *parresia*. Empreendemos um mergulho pelas formações discursivas da autenticidade e da paixão, sentidos comumente evocados pela mídia para discursivizar a prática *booktoker* como autêntica e apaixonada. Para a constituição do arquivo, selecionamos vídeos sobre os livros *É Assim que Acaba* (queridinho do *BookTok*), *O Avesso da Pele* (envolvido em censura) e *Torto Arado* (pouco valorizado), além de reportagens da mídia, destacando-os como materialização de regularidades do ensaio parresiástico *booktoker*. Interpretamos o funcionamento em rede dessas noções justapostas em sua condição de desdobramentos da acumulação de práticas imagéticas que carregam de efeitos parresiásticos as ações com o livro. A partir desses subsídios, problematizamos a ambivalência da prática *booktoker* em vista de um exercício retórico do dizer verdadeiro e tentamos apreender o possível desse confronto.

No artigo 3, *Leitura como equipagem do sujeito-leitor navegador: interfaces entre discursos e multimodalidade*, tematizamos a potência da leitura discursiva na formação escolar do leitor literário. Para tanto, trabalhamos com uma noção de leitura que se desprende do pensamento foucaultiano, articulando-a a outras bases teóricas para, centralizando a escola como lugar de leitura, compatibilizar os propósitos escolares ao cenário digital e às mudanças em curso na leitura. Assentados no entendimento de que leitura e escrita são artes recíprocas na expressão do cuidado consigo mesmo, em relação ao próximo e à realidade, buscamos estabelecer balizas conceituais para a materialização de propostas pedagógicas voltadas à restituição do caráter emancipatório dessa prática, pela constituição *temperante*⁵ do sujeito-leitor navegador. Detalhamos esse percurso por meio de um Produto Técnico-Tecnológico Educacional (PTTE) que instrumentaliza e didatiza, por intermédio de uma Sequência Didática (SD), meios possíveis de resistência, ressignificação e transformação da experiência leitora, face aos insinuantes modos de subjetivação da vida digital, intensamente mediada por

⁵ Adotamos a expressão *temperante* tomada em contexto da noção de *temperança* acionada por Foucault (2018, p. 103-107) em seus estudos sobre a história da sexualidade. No dizer do autor, a temperança é uma qualidade do homem virtuoso, um aspecto do *governo de si* e dos outros. Nesse sentido, o sujeito temperante, em sua escurreita relação com a verdade, abre-se a uma *estética da existência*. Ou seja, a um modo de vida “[...] cujo valor não está em conformidade a um código de comportamentos [...]”. Maneira qualificada pela liberdade-poder na relação do sujeito com a verdade, pelo domínio sobre os próprios prazeres e pela capacidade de submetê-los à razão. Condições segundo as quais primeiro se constitui o sujeito de conhecimento e daí um sujeito moral no uso dos prazeres.

imagens, sem perder de vista a finalidade do desenvolvimento das habilidades que lhe são inerentes. Na SD propomos estratégias pedagógicas de multiletramento literário centradas no gênero textual videorresenha, a serem trabalhadas no componente curricular de Língua Portuguesa, no Ensino Médio. São ações que visam explorar e conjugar possibilidades de comunicação das multimodalidades (Rojo, 2004; Rojo; Moura, 2019), acoplando-as dinamicamente a uma caixa de ferramentas foucaultiana. O objetivo é possibilitar, na visada do *cuidado de si*, o manejo oportuno e produtivo de noções discursivas de leitura e escrita, como instrumentos de auto-sócio-análise de textos multimodais e, coextensivamente, de ressignificação do poder da verdade produzida no contexto de uma cultura digitalmente influenciada.

A SD, que é um projeto de leitura desenvolvido para o ano todo, está organizada em três oficinas articuladas entre si: *Ler é resistir*, *Ler é ressignificar* e *Ler é transformar*. Cada uma delas com conteúdos, objetivos, habilidades da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), tema integrador e uma abordagem discursiva próprios, o que permite, conforme a necessidade, a aplicação individual. Cada oficina está organizada em estações de trabalho e estas em atividades. Inicialmente, propomos um diálogo entre a leitura literária e a cultura digital por meio da apreciação orientada de textos literários e da exploração de comunidades digitais de leitura, como o *BookTok*. Seguimos com estudo e análise do gênero textual videorresenha, sua natureza multimodal, com atividades voltadas à análise discursiva. A terceira oficina é dedicada à produção de videorresenhas e criação de uma comunidade analógica-digital de leitura da escola. A ideia é que as ferramentas analíticas manejadas possibilitem um novo olhar para diferentes leituras, não apenas nas atividades sugeridas.

Ao final dessa travessia, retornamos à realidade doméstica acrescidos de respostas possíveis para as questões até aqui levantadas ou suscitadas sobre discursos, práticas, tecnologias e a constituição dos jovens leitores na atualidade. Em particular, as que tocam a relação entre os paradoxais efeitos do uso massivo de recursos audiovisuais no incentivo à leitura do livro impresso e o devir do sujeito-leitor. Não é que de repente tais questões se apresentem menos incertas e suas fronteiras menos indecisas, como diria Foucault (2022a). A diferença está em fazer aparecer algumas condições de existência das práticas em curso, próprias da vida em rede, e de outras que lhes sejam temperantes, para, a partir delas, e de sua historicidade, compreender e intervir no regime de verdades que organiza e determina a nossa relação com a leitura e o tipo de (não) leitor em que vamos nos constituindo no presente.

Reflexo dessa tendência de imersão na cultura digital, o aparecimento do *BookTok* é a vedete de um horizonte tecnológico ambivalente, pontilhado de positivities inquietantes na

raia da *Web 2.0*, a exemplo de livros escritos por IAs, fazendas de *likes*; estudantes, docentes, *bookinfluencers* e parceiros amorosos sintéticos. A questão da leitura está imersa nessa complexidade e, portanto, relacionada à inevitabilidade do novo e ao estatuto da mudança que governam o ambiente líquido-moderno, e tornam cada vez mais imprevisíveis os efeitos da novidade sobre a nossa relação com essa prática.

Se não podemos antecipar o que o tempo reserva para a leitura, parece certo pensar em um cenário ocupado de telas e o devir do sujeito-leitor haverá de se conciliar com a sua sedução, em proveito da “indestrutibilidade do texto” e da experiência leitora minoritária. No dizer de Chartier (1999, p. 153), “A biblioteca eletrônica sem muros é uma promessa de futuro, mas a biblioteca material, na sua função de preservação das formas sucessivas de cultura escrita, tem, ela também, um futuro necessário.” Manifestações dessa convivência, nem sempre harmônicas, estão em curso, e é nesse jogo em andamento que ressaltamos o papel da história do presente na compreensão das práticas de leitura formais e informais, dos suportes que as materializam e do processo de constituição do sujeito-leitor jovem (Gregolin, 2007).

Atentos à profunda mudança que encaminha a sociedade para uma encruzilhada de riscos e promessas de liberdades, os três artigos à frente buscam alguma fixidez na travessia em direção ao futuro da leitura, enquanto explicitam escolhas que se impõem em vista do devir do sujeito-leitor. Em conjunto, são um convite a pensar essa prática à luz da metáfora foucaultiana da navegação, como equipagem de um leitor-navegador: um duplo temperante, sujeito capaz de pilotar a si mesmo, equilibrando estabilidade e movimento na invenção de mundo possível.

1.3 PONTOS DE ANCORAGEM, ESCOLHAS POLÍTICAS E A PROMESSA CONTIDA NO TÍTULO: UMA TENTATIVA DE DELINEAR O DEVIR DO SUJEITO-LEITOR

À luz da transição da cultura impressa para a cultura digital, quando pensamos em cenários futuros, cinema e literatura fornecem importantes brevíários das possibilidades e limitações do porvir. A expressão artística abre rotas para compreender a produção do presente e rascunhar o futuro sob perspectivas imprevisas. Começando pelas telas, em *De Volta para o Futuro 2* (1989), filme estadunidense dirigido por Robert Zemeckis,

[...] quando Marty Mc Fly e Doc Brown chegam ao ano de 2015 com a ajuda de uma máquina do tempo, direto de 1985, eles encontram um admirável mundo novo de carros voadores movidos a lixo, sapatos auto-amarráveis e garçons-robôs. [...] No entanto, em muitos aspectos, o 2015 da realidade, é ainda mais diferente do que os

cineastas Robert Zemeckis e Bob Gale poderiam ter imaginado, dizem futuristas que estudam e projetam tendências. O que as pessoas podem fazer atualmente com os smartphones era quase inconcebível para a época [...] (DE VOLTA..., 2015).

Como também não estavam no radar, de quase a maioria dos futuristas, os efeitos colaterais da introdução dos *smartphones* na vida das pessoas, em particular dos mais jovens (Felix, 2024), como aqueles apontados por LaMotte (2023), agravados pelo crescimento do consumo de conteúdo de mídia que, no contexto brasileiro, já é superior às sete horas/dia citadas por Bauman (2013), atingindo nove horas e meia de uso diário em 2022, conforme levantamento feito pela plataforma *Electronics Hub* (Navarro, 2024).

Do alto desse volume de evidências, saltamos para um mundo dominado pelas telas, ou melhor, pelas *teletelas*. Em *1984*, romance escrito há 75 anos por George Orwell⁶, encontramos uma exceção ao otimismo futurista que cerca *De Volta para o Futuro*. De suas conexões com o presente, colocamos em contexto as previsões realizadas de um mundo distópico e as mudanças na leitura objeto deste trabalho. Em outros termos, examinamos algumas de nossas ligações com o presente tecnológico e como elas reverberam o problema do controle do sujeito, do tempo e do embotamento da linguagem abordados no romance para, nesse movimento, delinear aspectos do devir do sujeito-leitor.

Para Winston Smith, o protagonista oceânico de *1984*, a realidade tem os sentidos deslocados de uma história sequestrada. Em seu íntimo, 2 + 2 somam três, cinco, ou mesmo quatro, sempre que o Partido assim determinar (Bosco, 2020). Na doutrina *Ingsoc*⁷, quem controla o passado, controla o futuro, quem controla a linguagem, controla o pensamento. E todos dos cidadãos oceânicos andam em obediência a esse lema, porque “os homens não continuam a pensar naquilo que esquecerem como dizer” (Lewis, 2020, p. 91). Ajustado às regras de um regime hipertotalitário falseador da verdade (leia-se, em termos de hoje, produtor de *fake news*), Smith revela-se não mais que uma peça substituível em uma grande engrenagem corruptora da linguagem:

⁶ Em *1984*, Orwell (1903-1950) apresenta uma sociedade submetida a um regime hipertotalitário, em que o poder central é concentrado na figura simbólica do Grande Irmão, o qual exerce, em nome do Partido, e segundo as regras da doutrina *Ingsoc*, o controle absoluto do tempo, da linguagem e da verdade em Oceania, um dos três superestados fictícios criados pelo autor. Os indivíduos oceânicos são submetidos à implacável vigilância das *teletelas*. O romance é protagonizado por Winston Smith, funcionário no Ministério da Verdade, órgão do Partido onde encontram-se instalados estranhos tubos pneumáticos: aparatos de comunicação por onde memórias e registros históricos são apagados da história por funcionários membros do Partido Externo (Veiga, 2024).

⁷ *Ingsoc*: em novilíngua, idioma fictício oceânico, é um acrônimo de “Socialismo inglês”, expressão que designa o Partido, cujo líder soberano é o Grande Irmão, e sua ideologia de fomento ao medo, ao ódio, à destruição do passado e à corrupção da linguagem.

E então algum grande cérebro do Partido Interno selecionaria essa ou aquela versão, faria uma reedição e colocaria em movimento os processos complexos de referências cruzadas requeridas, e a mentira escolhida entraria nos registros permanentes, tornando-se verdade (Orwell, 2021, p. 68).

Observando a realidade imediata, percebemos um mundo vulnerável à ação duradoura de ondas totalitárias que colocam em risco ostensivo as democracias, com consequências negativas para a linguagem e o pensamento. Sob a perspectiva da fragmentação contemporânea dos contextos examinada por Campesato (2021), notamos uma aproximação por círculos concêntricos entre o desenho distópico de sociedade em *1984* e o que conhecemos como vida real, que só se alargam para incorporar novos eventos confirmatórios. Os fatos teimam em demonstrar a qualidade da lente orwelliana, seja pelo acerto de suas previsões de futuro ou pela capacidade da história em realizá-las.

A princípio, esse alinhamento pode ser mensurado pelo interesse natural que a obra desperta em tempos de crise, dada sua renovável capacidade de contemplar cenários distintos e interesses opostos, sendo capaz de antecipar e ultrapassar visões de futuro. Uma breve visita ao *arquivo* midiático digital e percebemos como aquilo que em geral se enuncia sobre essa obra está relacionado a eventos recentes, numa visada útil à compreensão do quanto e do como *1984* coloca em questão o devir do sujeito-leitor jovem, ainda que obliquamente.

Vejamos alguns casos emblemáticos. Em 2025, nos EUA, a tentativa em curso de Donald Trump coibir o uso de pelo menos 197 palavras do assim considerado vocabulário “woke”, revela um processo de embotamento da linguagem que tenta apagar a realidade que estas palavras nomeiam (Gabriel, 2025). Ao legislar sobre o léxico americano e ordenar a supressão de termos como “antirracismo” e “historicamente” de documentos oficiais, inclusive de currículos escolares, o trumpismo adota mecanismos de controle semelhantes aos usados para instituir a novilíngua, em *1984*. Já em 2017, no seu primeiro mandato, a tentativa de negar a empiria e estabelecer o que é falso e o que é verdadeiro sobre a quantidade de espectadores presentes em sua posse, fez *1984* subir ao topo da lista de mais vendidos (Altares, 2017). À época, houve intensa reação pública à expressão “fatos alternativos”, utilizada pelos trumpistas para sustentar que o número de espectadores presentes na cerimônia era, de fato, maior do que apontavam todas as evidências empíricas. À época, um dos comentários a *1984* no site da *Amazon*, registrava:

Hoje Kellyanne Conway anunciou que estava nos proporcionando fatos alternativos. São sombras de um passado que muda enquanto se controla o presente. Temos de estar preparados para a festa como se estivéssemos em *1984* (Altares, Guillermo).

Na Rússia, nação em guerra com a Ucrânia, a obra de Orwell foi o livro digital mais vendido em 2022, ano da invasão (Welle, 2017). E o mais roubado no ano seguinte, de acordo com a imprensa local⁸. Sinais de como guerras sem sentido, como as que envolvem os superestados fictícios Oceania, Eurásia e Lestásia em *1984*, sempre encontram lugar nos planos de líderes autocratas como Vladimir Putin. Por esses lados do Sul Global, “Bem-aventurados os que não viram e creram” (João, 20:29), proclamou recentemente, em rede nacional de rádio e TV, o ditador venezuelano. Com a Bíblia em punho, Nicolas Maduro coloca em ação um plano para alterar a verdade do resultado das eleições presidenciais de 2024, segundo denuncia a oposição, órgãos de controle e a maior parte da comunidade internacional. Na Argentina, Javier Milei, fazendo coro a Bolsonaro, age para apagar a memória do genocídio argentino e silenciar o movimento “Memória, Verdade, Justiça”, que anualmente homenageia as trinta mil vítimas da ditadura militar local (1976-1983) (Cholakian, 2024). No Brasil, país mergulhado nos efeitos da polarização política agudizada desde a eleição de Bolsonaro, e que começa a assistir ao surgimento de outros atores de extrema direita, *1984* figurou na lista dos mais vendidos de 2020 e 2021⁹.

No contexto *sindêmico*¹⁰, a desarrazoada causa antivacina arvorou-se da narrativa orwelliana em reforço ao negacionismo científico, saturando as redes sociais com contestações infundadas quanto à obrigatoriedade da imunização, oferecendo ao imaginário coletivo uma persistente imagem a se temer: o imunizante (tanto quanto a figura de Goldstein para o regime *Ingsoc*¹¹). E se continuamos a assistir aos horrores do negacionismo é porque pessoas comuns são absorvidas e acolhidas em seus anseios por essas bolhas ideológicas povoadas de líderes autoritários e negacionistas, vendedores da dúbia promessa de uma “verdade libertadora” a ser conhecida “fora da Matrix”, para citar um exemplo de uso *anti-parresiástico*¹² das palavras de João 8:32. Em seu interior, bem aterrado no leito da insensatez, verdades absolutizadas pelo populismo criam uma atmosfera propícia à realização de leituras enviesadas de fontes confiáveis, usadas para envergar argumentos científicos e flexionar a aritmética até que caibam em determinados esquemas de mundo. Receita pronta para a

⁸ Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/cultura/144686,1984-de-george-orwell-foi-o-livro-mais-roubado-na-russia-este-ano>. Acesso em: 04 set. 2024

⁹ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/9/2021/0/0>. Acesso em: 04 set. 2024

¹⁰ *Sindêmico* deriva de *sindemia*, neologismo cunhado pelo antropólogo médico americano Merrill Singer, nos anos de 1990, para designar a interação agravante entre duas ou mais doenças *sindêmicas*, isto é, biologicamente comórbidas (Covid e diabetes, por exemplo) e as condições sociais, econômicas e ambientais que tornam certos grupos de pessoas mais vulneráveis aos impactos dessa interação.

¹¹ Na trama de *1984*, Ernest Goldstein é o arqui-inimigo do Estado, apresentado como uma figura simbólica responsável por mobilizar habitantes de Oceania em torno da doutrina *Ingsoc*.

¹² Segundo Foucault (2010a, 2010b), a *anti-parresia* é contrária à verdade, é o ato simultaneamente covarde, abusivo e mentiroso, convenientemente oponível ao discurso verdadeiro, ou seja, à *parresia* (franco-dizer).

fabricação de metanarrativas que misturam pautas relevantes a assuntos tão estapafúrdios quanto o terraplanismo, evidenciando um ajustamento entre o discurso e os anseios do sujeito contemporâneo a ser melhor compreendido, antes de ser demonizado.

Compreender como esse discurso afeta as pessoas não representa apenas uma forma de escapar da sedução das ‘bolhas’, mas de contrapor seu poder de atração e acolhimento, o que é especialmente importante se consideramos que parte das elites letradas dele não se distancia e nem o rechaça. Trata-se, nesse sentido, de realizar leituras críticas e reflexivas de mundo, pois seu fulcro diz respeito à nossa relação com o presente, com as diferenças, com quem pensa diferente, com as práticas e com nós mesmos (Curcino, 2024, p. 79). Problematizar o seu funcionamento é um modo de apropriação daquilo que nos faz pensar o discurso sobre a nossa relação com a prática, com o outro, com o mundo e com nós mesmos. Diante de empreendimentos dessa ordem, as ideias de Foucault nos instigam a martelar verdades concretas, desmultiplicar causalidades, ver dentro, compreender o roteiro gerador dos fatos.

Ao iluminar a função da arena pública digital como um espaço de relações de saber-poder-ser, uma abordagem foucaultiana faz aparecer a polivalência tática do discurso na disputa entre poder instituído e as formas de resistência. Como adversários-ambíguos, poder e resistência jogam juntos, embora em permanente estado de contenda, reescrevendo a todo momento as regras do jogo jogado. Nesse embate, percebemos que a leitura está implicada no discurso pregnante das paixões e na formação de comunidades que se estabelecem em torno de sentimentos e verdades comungados por seus membros. Como tema, objeto e mecanismo reprodutor desse discurso enraizado na dimensão do *pathos*, a leitura é também combustível para espetacularização do eu, gera calor na atmosfera de ignorância — em cujas repartições formam-se bolhas de aparência — impulsionando o progressivo fechamento do sujeito sobre suas próprias posições, de onde extravasa o uso violento da linguagem e o germe da violência e do ódio (Curcino, 2024, p. 79-92).

Seguindo por esses termos, outras aproximações do breviário orwelliano parecem-nos ainda mais assentadas na realidade do que seriam capazes de admitir publicamente anti-parresiasistas da espécie negacionista e terraplanista. Por exemplo, a que reconhece paralelos entre as práticas da Polícia do Pensamento, em *1984*, e movimentos como Escola sem Partido, *homeschoolling*, militarização do ensino ou a censura de livros, que, no Brasil, desafiam a dignidade da escola pública e a integridade do trabalho docente. Parece forçoso admitir, considerados esses ângulos de observação, que o estoque de conhecimentos de fundo úteis à compreensão do mundo contemporâneo e às reflexões sobre o futuro legados por Orwell baliza rotas para se problematizar e iluminar, com base no pensamento foucaultiano, eventos

tão paradoxalmente interligados quanto a escalada da extrema direita mundial e o futuro da leitura, considerados os riscos implícitos para o escopo do debate público, do pensamento e do imaginário, antecipados em *1984*.

Com esses poucos exemplos, vamos traçando o pano de fundo para o devir do sujeito-leitor. Já é possível perceber como a leitura, no contexto do uso fragmentado, estulto e violento da linguagem, está relacionada à disseminação de fatos alternativos, falácias e *fake news*, sintomas ligados entre si à crise tecida no passado com efeitos que se estendem para o futuro. É a partir das variadas formas e razões de (não) ler que o uso violento da linguagem vai se incorporando à vida cotidiana, fazendo a passagem do plano simbólico para o prático. Ao inaugurar formas de governo, esse *mecanismo* discursivo falseador da verdade afeta o pensamento, a comunicação e a ação humana, servindo de ferramenta para adulterar o passado, intervir no presente e comprometer o futuro de diversas maneiras.

Eventos dessa natureza exigem meios de resistência tão flexíveis quanto podem ser fortes os seus mecanismos. Em matéria de leitura, requerem uma equipagem com a qual o sujeito possa posicionar-se criticamente no mundo e confrontar a estultícia, em suas múltiplas e sutis manifestações. O devir-leitor projeta, sob essa perspectiva, um permanente estado de alerta contra as incursões totalitárias, resistente às suas armadilhas, seguindo pelo caminho da suspeita e da problematização, como espaço transcendente de “cura” para “a ferida da individualidade sem diminuir seu privilégio” (Lewis, 2020, p. 10). Uma instância e um tempo de reação às formas de “dominação linguística”, às “imposições ideológicas” e ao excesso de informações comprometedoras da profundidade cognitiva. Nessa visão de futuro, o devir gera o singular e o profundo de que o sujeito político e ético, agente da própria existência pública e privada, livremente poderá dispor para negociar e intervir no mundo, consciente das possibilidades e limitações próprias da linguagem (Chartier, 1999a, p. 146).

À grandeza desse desafio contrapõem-se dificuldades antevistas pelo breviário de futuro de *1984*, realizadas nos exemplos já referidos, que nos intimam a considerar cenários menos otimistas em termos de futuro, quando ainda nem chegamos a tocar nos obstáculos de ordem prática que distanciam muitos jovens da fruição do direito à leitura. Conforme declarou à BBC o professor de Literatura da Universidade de São Paulo (USP), Marcelo Pen, a corrupção da linguagem em *1984*, perpetrada através da remoção de palavras e redução progressiva do vocabulário como forma de restringir o pensamento, antecipa a era do decaimento dos contextos, dos fatos e verdades alternativas e dos cortes para gerar engajamento numa audiência ávida por metanarrativas (Bernardo, 2023). Tendências fragmentárias amplamente exploradas na sociedade da imagem, da aparência e do espetáculo

(Debord, 1997), produzindo um corpo social vulnerável ao excesso de informações, incapaz de convertê-lo em narrativas significativas (Han, 2021).

Como temos assistido, esse fenômeno redutor encontra na capilaridade e velocidade das redes sociais digitais condições propícias para o engendramento de uma ordem discursiva midiática baseada na imagem e na escalabilidade como promessas de universal (Chartier, 1999a; Courtine, 2008). O funcionamento em rede de suas determinações reduz o sujeito mesmo à condição de mercadoria, conforme as regras do espetáculo (Bauman, 2021; Debord, 1997). Os impactos desse modelo de racionalidades alcançam as formas como o livro e a leitura são comunicados, criados, ofertados, apropriados e praticados, enquanto objetos discursivos. Por consequência, afetam a nossa relação com as produções culturais e se projetam no devir do sujeito-leitor.

Em boa medida, *De Volta Para o Futuro e 1984* proporcionam uma noção da distância entre o presente leitor e um devir utópico. No tempo espetacular em produção, eles são de alguma forma, e simultaneamente, prova e contraprova das diferenças de universal que configuram o futuro leitor. No universal por redução à média, objetos culturais são tomados pelo sucesso que atingem como produto do tempo-consumível referido por Debord (1997). Por essa perspectiva, ambos têm seu valor simbólico convertido em mercadoria e, na condição de matéria-prima para outras mercadorias, servem de meio de ligação para o consumo de uma série de produtos derivados (Debord, 1997, p. 105). E nisso reside uma primeira manifestação do universal: o numérico.

Esta cadeia de produtos derivados é, segundo Chartier (1999a, p. 133-148), o grande problema do presente quando pensamos na “aventura do livro” até nosso tempo. E continuará a ser quando pensamos no devir do sujeito-leitor. Para o autor, esse desdobramento colocamos, sob as mais variadas maneiras, diante da “tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo, dilacerado entre a afirmação das particularidades e o desejo de universal”, “entre o desejo de mudança e a nostalgia da grandeza perdida”, no dizer de Vallejo (2022, p. 49). Se pensarmos, como Chartier (1999a, p. 146), que são “as mais poderosas dentre as empresas multimídia que determinam a oferta de leitura, oferta da comunicação e oferta da informação”, concluímos que o numérico escamoteia uma criação estética atual indexada “[...] a um certo número de critérios: vocação para a universalidade, utilização da língua mais difundida, conteúdo que se dirija ao mais amplo público”.

Com apoio em Chartier (1999a), percebemos que a saga de Marty McFly, como produto da indústria cultural, é regida por esses critérios indexados à economia da comunicação, pois, desde sua origem, foi “concebida para a diversificação”. Por outro lado, o

livro de Orwell, sendo uma criação de outra época, parece sobreviver ao tempo devido a um outro tipo de vocação para a universalidade: “uma singularidade que expressa algo profundamente compartilhado” não enumerável por redução à média. Dessa peculiaridade, observamos como a resistência garantida pela “indestrutibilidade do texto” é capaz de atravessar o deserto numérico e sua promessa de universalidade na sociedade do consumo e do espetáculo. Compreender como isso acontece também no interior da “economia da comunicação”, regime de funcionamento de dispositivos midiáticos como o *BookTok*, é um compromisso a ser assumido com o futuro. Cumprir esse acordo com as próximas gerações, especialmente quando a influência do(a) professor(a) e da escola na origem do interesse pela literatura cede espaço para as telas¹³, pressupõe focalizar os desdobramentos da “economia da criação”, responsável pela regulação da oferta de leitura no ambiente digital, como ampla porta de entrada — seguida de um funil algorítmico — para o mundo letrado, notadamente “àqueles que, no mundo impresso, não podiam fazê-lo [...]” (Chartier, 1999a, p. 147).

Em seu processo de amadurecimento, ainda que por mecanismos distintos, o filme e o livro em questão resistem ao regime de obsolescência em curso em virtude de sua vocação para a universalidade. Como ondas que se reinventam, passaram a habitar indefinidamente o imaginário coletivo. São, por esse aspecto, exemplares em demonstrar um tipo alternativo de leitura que nos liga mais amplamente ao mundo social e às condições de possibilidade de um devir realizável. Essa presença ubíqua poderia explicar, em parte, a razão pela qual deve haver menos mentes povoadas por imagens de tubos pneumáticos que por capacitores de fluxo ou mais canecas decoradas com a icônica imagem do DeLorean, que leitores de capa a capa de *1984*, incluindo aqueles movidos a café. A despeito dos variados interesses e forças que nos aproximam de tais obras, a ubiquidade de suas imagens no arquivo coletivo da mente humana é viabilizadora de um certo modo de dizer sobre livros não lidos ou filmes não assistidos, independentemente do acesso direto à obra.

Tanto quanto para Bayard (2007), esse tipo de não leitura parece-nos uma forma válida e não negligenciável de negociar com objetos culturais, sejam eles livros, filmes ou músicas, sobretudo numa época de intenso bombardeio informacional e dificuldades de alocação de tempo. Basta lembrar as diversas situações da vida em que somos instados a falar sobre eles, sem mesmo conhecê-los diretamente. Exigência comum, particularmente na escola, nosso lugar de fala. Em sala de aula, professores são constantemente requisitados a dizer de obras não lidas, filmes não assistidos. E sobre eles dizem, acionando o conhecimento

¹³ Filmes baseados em livros ou histórias de autores é hoje o principal fator que desperta o interesse pela literatura para 47% dos entrevistados na última pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Brasil, 2024).

de fundo e as imagens do arquivo pessoal para preencher lacunas, encaixar peças que faltam e compor o tecido do mundo. Em regra, movidos pela gratuidade criativa e fecunda de fazer render fragmentos de saberes para além de suas fontes. Não por acaso, em seus canteiros de palavras e imagens, conectam simbolicamente tubos pneumáticos a capacitores de fluxo para, em sua prática parresiástica de liberdade, criar equipamentos singulares capazes de muito, inclusive de iluminar a não leitura e arrancar do esquecimento o não-leitor.

Contudo, pode-se salientar que o estoque de imagens de fundo que utilizamos para fazer tais composições evidenciam o problema real da supremacia de produções culturais estrangeiras em relação às brasileiras. No que diz respeito à literatura — realidade que se aplica ao cinema — Ceccantini (2021, p. 114) observa que “livros nacionais da melhor qualidade estão disseminados pelo país afora, mas parecem não povoar o imaginário de nossas crianças e nossos jovens porque provavelmente não têm sido lidos”. Regularidade que se estende aos professores e aponta para “uma defasagem entre os horizontes de leitura” e um problema de mediação a ser enfrentado na escola (Ceccantini, 2016, p. 94).

A esse propósito, abrimos um parêntese para criar um espaço de reflexão onde pensamento e sentimento se juntam de forma conscientemente mais lenta, no qual enfatizamos como, em uma sociedade hierarquizada como a nossa leitores são produzidos à força, como penetras no mundo letrado dos objetos culturais (Curcino, 2020; Wolf, 2019). Até pouco tempo, a iconicidade de *1984* e *De Volta para o Futuro*, mesmo povoando o imaginário coletivo, era ignorada de nossa parte, embora os anos acumulados, mais da metade deles como professora de Língua Portuguesa, sejam o bastante para se supor, com certa consensualidade, que essa falta deva ser motivo de vergonha. Sobre esse tipo de autojulgamento, hoje nos damos conta do seu compromisso com uma linguagem elitista subjacente à produção social do *bom leitor*, segundo interpretamos de Ball, Maguire e Braun (2021) e Curcino (2024, p. 79-92). Para liberar o peso da culpa às vezes é preciso desvencilhar-se da “vergonha alheia” e exorcizá-la para “desmistificar as distâncias” que nos separam da leitura. É necessário reconhecer que realizar a função de leitor em uma sociedade fatiada e desigual exige, entre outras transgressões, roubar tempo das obrigações da vida cotidiana, o que nem sempre é suficiente ou mesmo viável, apesar de ignorado pelos discursos hegemônicos. Trabalho redobrado quando a nossa atenção está em disputa pelas telas — vendedoras de um passado prescindível ou precificável, conforme a demanda — que assistimos roubar o tempo da leitura e aumentar a pobreza geral percebida no cenário digital.

Segundo a mais recente pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Brasil, 2024), a falta de tempo, reivindicação invisibilizada pelo rol de enunciados do discurso consensual sobre a

leitura, é a principal razão apresentada pelos brasileiros de todas as faixas etárias para não ter lido mais¹⁴. Ter tempo para investir no livro é, portanto, uma condição imaterial produtora de (não)leitores, sobretudo quando pensamos nos mais jovens. Especializar tal condição, tanto quanto prover os meios materiais de leitura, reveste de sentido prático a ideia de Pennac (1993, p. 119) de que “o tempo para ler, como o tempo para amar, dilata o tempo para viver”. Mas esse trabalho de fazer render a leitura no tempo-espaço da escola, segundo os objetivos escolares, continuará a ser uma tarefa exigente para a mediação qualificada do professor, face às dificuldades de ajustamento do diálogo escolar com a cultura jovem, na encruzilhada que estamos percorrendo.

Pensar a leitura como um experimento temporal não linear remete-nos às memórias de infância de uma leitora produzida fora da escola, sem televisão e sem livros. Mais precisamente, de um único e sagrado livro. De criança polinizada na contação de histórias do avô, um criador de conteúdo analógico. E quando ele contava, a vida acontecia. Com o mesmo tipo de realismo mágico próprio do poeta Georges Perros, um professor que lia em sala de aula. E lendo para e com os seus alunos, encantava e fecundava leitores, segundo testemunho de Pennac (1993). Um gesto que tem a ver com a prática da liberdade de que falam Freire (2014) e hooks (2017) naquilo que tem de gratuito, amoroso e produtivo, mas que foi se desalinhando da cultura jovem com, e porque consome, o tempo.

Ser capaz de transgredir o tempo consumível, para além de nossas próprias fronteiras sociais e culturais é de certa forma semelhante a ir adiante das leituras centralizadoras e totalizadoras de mundo, a reconhecer a insuficiência do sentido e do referente comuns a esse tipo de empreendimento redutor. Com esse “bilhete”, saltamos rapidamente até meados do século XV, quando Gutenberg imprimiu o primeiro exemplar da Bíblia — aquele mesmo tipo de livro que encontra lugar pioneiro nessas memórias — alterando de forma definitiva o futuro da leitura, em particular no Ocidente, onde os caracteres móveis foram primeiro utilizados em escala, apesar de sua invenção encontrar registros na China do século XI, produzidos em terracota, e na Coreia do século XIII, em metal (Chartier, 1999b, p. 96-97). Desse marco histórico, o livro chega até nós como “herdeiro do manuscrito”, artefato que inventamos para que as palavras viajassem conosco no espaço e no tempo (Chartier, 1999a, p. 96-97; Vallejo, 2022). Ao longo de sua jornada até o presente, a leitura evoluiu como uma possibilidade de pensar não apenas sobre o que diz o texto, mas sobre o que ele nos faz dizer.

¹⁴ Ao longo do texto, optamos por utilizar como sinônimas as expressões: discurso consensual (Curcino, 2018, 2020a, 2020b), discurso reinante (Debord, 1997) e discurso hegemônico (Foucault, 2010a), para expressar os universais, as maiorias e as verdades do discurso majoritário sobre a leitura como aquele historicamente construído em determinado contexto social, cultural e econômico.

É nessa ressignificação que Foucault (2016, p. 395) pensa, com bastante cautela, a literatura como uma invenção moderna, uma prática de liberdade, situando-a no ápice de uma articulação triangular que estabelece com a linguagem e a obra, capaz de levar-nos adiante, a ultrapassar os limites da coisa dita e das representações. Resultado translativo que Bayard (2007, p. 198) consegue captar:

O paradoxo da leitura é que o caminho em direção a si mesmo passa pelo livro, mas deve continuar sendo uma passagem. É uma travessia de livros que o bom leitor realiza, sabendo que cada um deles é portador de uma parte dele mesmo e pode lhe abrir um caminho, se tiver a sabedoria de não parar ali.

Fechamos parênteses.

Como observado em tantas outras obras às quais fazemos remissão nesta pesquisa, a apropriação de objetos e capitais culturais aponta para uma possibilidade alinhada a todos os pensamentos desta dissertação, já bem sedimentada no campo dos estudos discursivos da linguagem. A de que valer-se do passado abre um caminho promissor para a compreensão do presente e reflexão sobre o futuro. Movimento que, se bem entendido, não se confunde com permanecer indefinidamente refém da história, para mencionar o infeliz destino de Phil Connors, meteorologista de *Feitiço do Tempo*, filme de 1993. Nem com o rebelar-se contra a redução do vocabulário, crime-pensar sinônimo de vaporização, em *1984*. Tampouco, seria preciso escavar plutônio e viajar a exatas 88 milhas por hora, como em *De Volta para o Futuro*.

O tipo de jornada temporal a que nos reportamos em regressar ao futuro da leitura requer outro tipo de equipagem. Falamos de soberania ética e política sobre um veículo simples associada ao domínio técnico e dialógico de ferramentas elementares capazes de nos “orientar a percorrer a transição para uma cultura digital”, cientes de que “devemos nos apressar ao encontro com o futuro, mas examinar esse futuro lentamente, lançando mão das nossas melhores reflexões”. Isto é, “Apressar-se devagar”¹⁵, valer-se do passado e tornar-se consciente de si, segundo nos escreve Wolf (2019, p. 206-207), em sua carta n. 8. No campo dos estudos discursivos da linguagem, o *festina lente* oferece-nos um modo propício para pensar o trabalho do analista: rápido no reconhecimento do papel de si na produção de parte

¹⁵ Wolf (2019, p. 226) convida-nos a experimentar aquilo que Calvino descreveu como um “ritmo do tempo que passa com o único objetivo de deixar que os sentimentos e os pensamentos assentem, amadureçam e abandonem toda impaciência ou contingência efêmera”. Ele usou a expressão latina *festina lente*, que se traduz como “apresse-se devagar”, para sublinhar a necessidade do escritor de retardar o tempo. A autora a utiliza para ajudar o leitor a “vivenciar a vida contemplativa [de leitor] de maneira mais consciente: conhecendo como acalmar o olho e permitir que os pensamentos assentem e se aquietem, preparados para aquilo que está por vir”.

das análises; paciente no desvelamento dos múltiplos e multideterminados sentidos no discurso.

1.4 AINDA SOBRE O DEVIR: ALÉM DO *CHRÓNOS* E DO *KAIRÓS*

Quando pensamos na experiência do devir, a dimensão do tempo importa. Se observarmos a jornada temporal de Doc Brown e Marty McFly, o tempo (*chrónos*) é desafiado em seu funcionamento natural em vista de uma ocasião decisiva (*kairós*) que ainda haverá de ser, mesmo se já havida. O tempo da trama é histórico, assim como o conhecemos na experiência cotidiana: uma continuidade sucessiva de momentos de passado, presente e futuro cuja maneira de numerar e ordenar no movimento do antes para o depois herdamos da antiga receita aristotélica de *chrónos* (tempo) contida em *Física* (IV, 220a) (Kohan, 2005). O devir é diferente, a temporalidade não obedece à ordem cronológica do passado para o futuro, assim como não está vinculada a uma oportunidade (*kairós*).

Sob a perspectiva do tempo cronológico, até aqui abordamos o devir do sujeito-leitor como uma possibilidade histórica de futuro, a partir de, talvez, uma utopia pedagógica platônica que procura concretizá-la espelhando formas idealizadas de ser leitor, ainda que não sejam aquelas colocadas em questão quando nos referimos aos discursos consensuais e majoritários sobre a leitura. Contudo, ainda é preciso alargar a noção de tempo que incide sobre a leitura para pensar o devir não como uma sequenciação histórica de suas trajetórias, onde cada segmento deve corresponder às expectativas e desenvolvimentos previstos de habilidades e competências. Diferente disso, entra em ação uma força ativa que rejeita modelos, que é capaz de se desenvolver a partir de si mesma, confrontando ideias e representações externas, valendo-se de sua energia interior. Essa visão pressupõe um esforço por liberdade, um movimento de reencontro com a própria consciência para que esta possa recuperar o domínio de si própria a qualquer tempo, até as profundezas de suas próprias condições (Foucault, 2022a, p. 16).

Para tornar válido esse alargamento que opõe a continuidade histórica e os acontecimentos imprevistos, somos levados a interpretar Deleuze (1992), a reencontrar, na forma como institui e diferencia as temporalidades, o dinamismo das minorias que liberta o verbo devir¹⁶ de qualquer pretensão “unificadora, totalizadora” e a ajustá-lo aos limites destas linhas que tentam esboçar o devir do sujeito-leitor.

¹⁶ Para Deleuze e Guattari (2012, p. 20), “devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a parecer, nem ser, nem equivaler, nem produzir”.

Para Deleuze (1992), assim como para Foucault (2022a), a história registra a passagem do tempo cronológico e por isso pode ser sequenciada, contada, escandida. É nela que encontramos as maiorias, os modelos, a continuidade, o acúmulo dos efeitos de uma experiência e de um acontecimento histórico. Do lado do devir a temporalidade é diferente. Nele nos deparamos com as minorias, o acontecimento em si, a descontinuidade, as linhas de fuga, o processo contínuo de aparecimento do novo. O tempo deixa de ser cronológico e passa a ser não numerável, não-linear, intensivo, aiônico (*aión*)¹⁷. E aqui Foucault (2010a, p. 217-219) nos ajuda — mesmo sem ter perseguido esse objetivo — a nuançar um pouco mais o tempo inventado do devir, de simples enumeração, para uma condição de experiência que se desprende da cronologia e perde qualquer relação com uma ocasião (*kairós*) em particular. Com efeito, ao investigar as cartas de Sêneca a Lucílio, Foucault (2010a) interpreta a leitura filosófica evocada naquelas epístolas como oportunidade de meditação, oferecendo com isto um outro sentido para o tempo, como ocasião propícia para uma experiência (*kairós*). De suas palavras surge uma noção de tempo qualitativo e não-linear, mas que ainda não é a temporalidade do devir (*aión*), pois a esta corresponde a própria infinitude da vida humana onde o tempo repousa e, portanto, em já não sendo o *chrónos*, tampouco se limita a uma oportunidade circunstancial e decisiva para uma experiência. O tempo aiônico do devir adquire contornos de uma intensidade vital em fluxo que cria o espaço necessário à invenção, à revolução, aos encontros, à irrupção do novo, aos afetos.

Embora sejam tempos distintos, ao investigar os sentidos qualitativos que habitam o verbo meditar (*meletân*) nas Epístolas de Sêneca, Foucault (2010a) oferece-nos pistas para pensar esse outro aspecto contemporâneo e minoritário do devir do sujeito-leitor, essa equipagem de resistência descompromissada com o tempo linear e oportuno, que interrompe e revoluciona a história. Para Foucault (2010a, p. 319-320), ainda no contexto das cartas a Lucílio, trata-se a leitura de um exercício em prova e também um exercício de apropriação de um pensamento. Uma experiência, cujo efeito não é a compreensão do que o autor quis dizer, “mas a constituição para si de um equipamento de proporções verdadeiras, que seja efetivamente seu.”. É exatamente esse sentido de experiência sutil, interna e local atribuído à leitura filosófica que tomamos emprestado de Foucault (2010a) para compreender as temporalidades do devir. Como condição de experiência, sua finalidade não corre com o

¹⁷ “*Aion* é o tempo indeterminado, o tempo sem duração, a manutenção e a totalidade do tempo, mas uma totalidade sem bordas. Não é o sempiterno, o tempo com início porém sem fim. É o eterno: o sem começo, sem fim, sem ponto e sem sequência, ou em uma só palavra: sem determinação. *Aion* é o tempo – tempo do *Logos*” (Costa, 1999, p. 45). Para outras definições do tempo aiônico, cf.: <http://www.dicpoetica.letras.ufjf.br/index.php/Aion>. Acesso em: 30 nov. 2024.

tempo cronológico e sua preocupação não está indexada a uma oportunidade. Nesse caso, com o mesmo tipo de profundidade com que uma criança se envolve no brincar, o devir é uma potência criativa que flui de maneira descompromissada, não-linear, e não pode ser contada ou enumerada. Assim, seguindo o pensamento deleuziano, podemos pensá-lo a partir de blocos fundamentais de uma experiência interior de criação do possível, livre de modelos e verdades prontas, que conferem resistência às forças externas centralizadoras, que confrontam e formam linhas de fuga em relação aos poderes totalizantes. Sob a perspectiva do devir, a leitura pode ser vista como uma experiência que, uma vez apropriada, passa a funcionar como equipagem. Não por se tratar de um modelo a ser assimilado, e sim de uma translação contínua que nos leva a “exorcizar a vergonha”, a escapar de volta à condição revolucionária de nômades, possível de ser atingida sem sair do lugar (Deleuze, 1992, p. 212; Deleuze, Guattari, 1997, p. 50-54).

No “mar pequeno” do tempo cronológico não tínhamos como ver esse novo horizonte, onde o devir do sujeito-leitor opõe-se aos modelos dominantes como um resultado imprevisto do encontro de políticas, sujeitos, acontecimentos e experiências, conectados entre si por uma rede de relações e interações desprovida de uma história compartilhada. E nesse espaço criado permite transitar, gerar e inaugurar o possível, resistir, escapar, revolucionar. Isso nos faz pensar que a diferença entre a história e o devir não é da ordem do dever ser, mas do poder ser, da possibilidade, da potência. Assim, suas temporalidades, apesar de diferentes, não são excludentes, pois estão entrelaçadas na rede que constitui a dinâmica social na qual estamos inseridos. Como o mar e seu leito, história e devir não podem ser separados.

Se pensarmos esse encontro como Deleuze (1992), em termos de macro e micropolíticas que se interconectam no devir, a primeira está do lado da história, do *chrónos*, e tende a atualizar o possível, a centralizar, a totalizar a experiência. A micropolítica, por outro lado, liga-se ao devir, ao tempo aiónico, e leva a interromper, diversificar, singularizar e revolucionar. Sob essa perspectiva, a leitura pode ser considerada um exercício micropolítico, uma prática agente do devir nas relações que estabelecemos e na forma como nos constituímos em meio aos constantes contatos que travamos com o poder normativo das forças externas (macropolíticas).

Atravessado por essas combinações, o devir do sujeito-leitor mostra-se uma potência desterritorializada que se desenvolve no encontro de temporalidades, que se extrai da própria trajetória de leitura, das experiências de si mesmo, “do corpo que se é”, e não da história que atualiza um projeto possível já pensado. Problematizar “como o devir minoritário pode ser potente”, e manter suas questões em aberto, acrescenta uma interrogação à frente do que nós,

educadores, julgamos saber o que pode o leitor. Insistindo na pergunta, talvez possamos alcançar potências antes impensadas do leitor, em proveito de sua formação e do ensino em leitura (Deleuze, 1997, p. 213; Kohan, 2005).

1.5 AS MUDANÇAS NA LEITURA NO AMBIENTE LÍQUIDO-MODERNO E A METÁFORA DA NAVEGAÇÃO

Uma vez delineada essa abordagem discursiva da leitura e do devir do sujeito-leitor, ao escolher terminar esta leitura, imagine-se por um instante como um navegador¹⁸ — essa ideia será retomada adiante — que enfrenta uma volumosa correnteza de informações, estímulos e imagens em movimento que o intimam a desviar o foco, afastando-o dos domínios da atenção profunda e da paciência cognitiva (Wolf, 2019). Conforme ininterruptas distrações sequestram seu foco, perdem-se os pontos de ancoragem e com eles o leme dos fatos. Sua embarcação deriva e a atenção é diluída. A *leitura profunda*¹⁹ não se realiza e tudo é levado pelo fluxo volumoso, para longe de onde se desejava estar, inicialmente. Nessas circunstâncias, as conexões que a leitura pode constituir, a pressa tende a dissolver.

Como quem desliza de um lugar a outro, a regra é ceder à fluidez dos acontecimentos e saltar da leitura, ou saltar entre uma e outra, em quase qualquer ponto do caminho, sem demorar no lugar mais tempo do que exige o próprio desejo. Essa liberdade de parar e saltar ou saltar não é, em geral, um problema do indivíduo, e sim uma característica do leitor contemporâneo²⁰, já experimentada no curso da história da leitura. Chartier (1999b) apresenta alguns registros de transformações dessa natureza anteriores à invenção da imprensa, quando o texto sob a forma de rolo foi gradativamente substituído pelo códice manuscrito, possibilitando a liberação das mãos, a separação das palavras, o surgimento de espaços em branco nas páginas. Essas mudanças na transmissão do escrito incitaram novas formas de atuação do leitor, como a gradativa popularização da leitura silenciosa que pavimentou a passagem de uma prática de leitura intensiva, centrada na oralidade, lentidão e repetibilidade, para uma prática prioritariamente extensiva, que é fragmentada, veloz e diversificada. O mesmo tipo de aceleração da leitura que testemunhamos renascer com as telas, a partir das

¹⁸ Foucault (2010a, p. 221-226) lança mão da metáfora da navegação para pensar a conversão a si e o retorno a si como formas subsequentes do cuidado de si, em *A Hermenêutica do Sujeito*.

¹⁹ Segundo Wolf (2019), a *leitura profunda* refere-se à culminância do exercício contínuo de uma boa vida de leitor, nos domínios do conhecimento, do entretenimento e da contemplação. Para mais detalhes sobre o conceito de leitura profunda, conferir p. 132-134.

²⁰ Estranhamente, o futuro do leitor que fomos no século passado pode ter sido vislumbrado por Macedônio Fernández (2010), em *Museo de la Novela de la Eterna*, livro iniciado em 1925, em que apresenta a noção de *lector salteado*, figura confirmatória de um sujeito legente que salteia livremente entre leituras, adepto à interrupção e à multitemporalidade simultânea, marcas de nossa época.

novidades introduzidas pelo texto eletrônico e pelas modernas formas de ler (Chartier, 1999b). Com esse breve retorno histórico, reforçamos que a pressa e a atenção diluída não são exclusividades do leitor do século XXI. Essas características que também são nossas não se confundem, enquanto regras, com ausência de vontade ler nem se referem a uma barreira particular, e sim à forma como somos historicamente produzidos e constituídos como leitores, não apenas no presente.

Como em outras revoluções na história da leitura, a atuação do sujeito-leitor em relação ao texto está ligada às mudanças na transmissão da palavra e da imagem. No presente, as telas atualizaram a maneira como nos relacionamos com essa prática, possibilitando acesso rápido e disseminado a um estoque ilimitado de informações, conhecimentos e estímulos sensoriais que desafiam a paciência cognitiva e a atenção sustentada. Marcada pela velocidade e superficialidade, a ascensão dos dispositivos tecnológicos é acompanhada de novos formatos, preferências e razões de ler que espelham características de sua linguagem imagética. São pluralidades abertas ao audiovisual e a padrões flutuantes de atenção que impulsionam a tendência generalizada de abandono da densidade cujos efeitos assistimos na vida cotidiana (Chartier, 1999a; Wolf, 2019).

Essas mudanças na leitura remetem ao acúmulo de meios à escolha para quase tudo o que se possa desejar no mundo virtual, ainda que as melhores opções estejam indisponíveis para a maior parte das pessoas (Bauman, 2021). A solidez dá lugar à diluição e atomização das coisas, que decaem rapidamente umas em outras, cada vez mais dispersas em um sem fim de caminhos que prometem alcançá-las. Excesso que, segundo Wolf (2019), prejudica a qualidade da atenção e a função cognitiva. E, “na maioria das vezes, não produz formação e sim perplexidade e desorientação”, ressalta Pérez Gómez (2015, p. 18).

A saturação provocada pela correnteza informacional impõe contingências à prática da leitura associadas a essa crescente influência do virtual sobre a vida cotidiana. Na condição de nativo digital, o sujeito-leitor jovem tem a atenção em permanente estado de disputa, assediado por distrações e facilidades propensas a mantê-lo afastado do tédio e de explorações mais profundas. Sob os efeitos dispersivos dessa economia, tomado por uma sensação contagiante, sente que o tempo voa, portanto, falta. Em reflexo, adota a rapidez, a interrupção e a superficialidade como parte da leitura e exercita a hiperatenção em multitarefas, por intervalos de tempo cada vez menores. Segundo uma escala crescente, leituras e formas de ler refratárias à densidade, econômicas de tempo e atenção, tornam-se preferenciais. Sintomas das mutações que se operam no domínio da leitura, segundo o ritmo ditado pela velocidade e fluidez das relações características da vida no século XXI. Racionalidades que inscrevem a

mudança cultural observada por Wolf (2019) no panorama de uma transição entre modelos de sociedade.

Para Bauman (2021), os novos regimes de atenção e tempo sinalizam a transição da sociedade sólida e disciplinar, discutida por Foucault (2015), para a sociedade do controle, na modernidade líquida, também nomeada de sociedade do espetáculo (Debord, 1997) ou do cansaço (Han, 2017). Em suas imprecisas fronteiras, a lógica do desempenho determina regras produtoras de remodeladas práticas de leitura, cuja experimentação social pressupõe um tipo de leitor que vai se constituindo na teia da linguagem das telas.

Esse regime permite a circulação massiva de uma representação histórica e consensualmente produzida de leitor em fluxo, que se impõe a herdeiros e não herdeiros das condições de leitura, incitando a performance e a simplificação como temas centrais do gesto leitor, em convergência com os interesses majoritários. Seus efeitos sobre as práticas leitoras, em referência ao abandono da densidade e à fragmentação da atenção, tendem a encontrar menor resistência entre os “não-herdeiros”, e a representar para esse grupo um encontro ainda mais decisivo, em razão da vulnerabilidade decorrente da ausência de uma equipagem forjada na experimentação de outros modos de ler e acessar essa prática, meios que lhes são normalmente negados. Essas mutações que surgem a partir da incitação das telas, pelas práticas que estimulam, pelas questões que silenciam, pelo tempo que demanda e pelas leituras que ofertam, se não chegam a bloquear o acesso à posição de leitor(a), fazendo parecer o contrário, podem dificultar uma aproximação desses ‘não-herdeiros’ em relação à leitura considerada de maior prestígio, destacando o papel do acaso e da resiliência na produção de leitores (Chartier, 2019; Curcino, 2020a; Gregolin, 2007).

É curioso observar que não apenas a leitura, mas práticas simples da vida diária passaram a obedecer a essa dinâmica determinada pelo desempenho, pela inevitabilidade do novo e pela forma como a novidade opera sobre elas. Atiçados pelo discurso neoliberal de autonomia, avançamos em meio instável, entre riscos e promessas, movidos pela incerteza e impermanência quanto aos objetivos a serem perseguidos, à escolha dos meios flutuantes para alcançá-los e a quem vamos nos tornando, particularmente como leitores. Práticas, relações e processos cada vez mais fluidos são estimulados pela linguagem midiática e acelerados pela efemeridade, repetição e virtualização da vida como a conhecemos, desvelando novas possibilidades de interação e visibilidades, em meio a um rastro de vazios existenciais a serem preenchidos e a desejos urgentes a serem satisfeitos (Bauman, 2021).

Simultaneamente enredado e acrescido de possibilidades, o sujeito-leitor jovem transforma-se numa relatividade estabelecida pelas promessas de liberdades, jogos de força,

coerções genéricas, agenciamentos, influências, violências e práticas subjetivantes lastreadas na estetização de si e no apelo ao consumo, estimulados pela oferta massiva e facilitada de informações rápidas e imagens em movimento. O funcionamento em rede de tais circunstâncias concorre para a constituição de uma subjetividade leitora compartilhada que nos liga ao passado e ao presente através de discursos e práticas que se desenvolvem dentro de instâncias sociais tecnológicas e imersivas, em espaços como as *bookredes*: termo utilizado para designar o conjunto aberto formado por plataformas como *Booktube*, *Bookgram*, *BookTwitter*, atual *X*, e *Skoob*. A sofisticação técnica dessas comunidades virtuais de leitores, em particular do *BookTok*²¹, a mais recente delas, é parte de uma “generalizada revolução eletrônica” que fabrica modelos segundo os quais vamos nos constituindo como legentes, embora a tudo isso — e proporcionalmente ao seu alcance — possibilite meios de resistência (Chartier, 1999a, p. 148-149; Gregolin, 2007; Foucault, 2010a, 2010b).

Nesse cenário de incertezas, a plataforma *BookTok* surge como um dos aparatos tecnológicos que movimenta e invade o domínio da leitura, tanto pelas possibilidades e promessas de liberdade que lhe são atribuídas, particularmente no discurso midiático, como por aquilo que nos faz pensar o seu funcionamento acerca dos riscos potenciais à *leitura profunda*. Como espaço virtual de tráfego de vídeos curtos, conteúdos fragmentados e experimentação de práticas massivamente influenciadas pelo digital (Wolf, 2019), essa comunidade literária reúne um crescente número de usuários interessados em livros e leitura, com alcance estimado de anúncios superior a um bilhão de pessoas²². Como espaço de circulação de poderes e saberes, a rede é ao mesmo tempo produto e produtora de práticas de leitura e modos de existência que respondem, e desafiam, a ordem discursiva estabelecida (Foucault, 2014a).

A capilaridade da plataforma e o funcionamento do seu refinado algoritmo conferem à comunidade *BookTok* o poder de multiplicar certas posições modelares de um leitor visível, que tem algumas de suas “poses” capturadas no “retrato discursivo” que pode ser observado em detalhes no segundo artigo (vide seção 4, p. 96-100). Observar em perspectiva esse leitor em fluxo e os efeitos da sedução do discurso autêntico sobre a leitura em que surge enredado, sob a forma de um conjunto de sinais verbais e visuais de sua produção, possibilita conhecer hábitos, preferências, espaços, práticas e políticas de leitura recobertos por uma estética visível (Ball; Maguire; Braun, 2021). Examiná-lo para além da estampa é a chave

²¹ Plataforma hospedada no *TikTok*, a rede social preferida dos mais jovens, com mais de um bilhão de *downloads* em 2023, sendo 60 milhões no país (Matos, 2024).

²² Disponível em: <https://datareportal.com/essential-tiktok-stats>. Acesso em: 08 jul. 2024.

interpretativa que usamos para desemaranhar os fios enredados nas enunciações sobre livro, leitura, leitor e *BookTok*. Ressaltamos, nesse sentido, que o tratamento discursivo destinado à imagem abre caminhos para identificar *acontecimentos, regularidades e condições de possibilidades* das práticas e derivas do (não) leitor no tempo presente.

Mas já aqui deparamos com uma dificuldade de ordem teórica a ser contornada. Se as ideias sobre liquidez de Bauman (2021) nos parecem tangíveis, apesar de fluidas, pois circundam o nosso cotidiano, o mesmo não se pode dizer sobre as noções discursivas da linguagem elaboradas pelo “pirotécnico” Foucault. Seus conceitos são intrincados, arredios, aparentemente redundantes e teoricamente sobrepostos, até mesmo para leitores experientes. À primeira vista, cingir as apreciações desses dois autores sobre a constituição do sujeito e a sociedade moderna, apesar da convergência entre ambos, é como observar um fluxo de lava chocar-se com o oceano. Em meio ao espetáculo a cuja explosão difusa assistimos, resulta uma abundante mistura de aparência neutra, prontamente colocada em suspeita pelo “juízo estratégico” de autores como Debord (1997).

Pensando nisso, definimos algumas condições de contorno para mitigar eventuais dificuldades em relação a Foucault. Primeiro, marcamos em itálico os conceitos foucaultianos no corpo do texto. Segundo, destinamos um espaço do primeiro artigo, onde concentramos e apresentamos a maior parte dos operadores conceituais aqui manejados (vide artigo 1, seção 2, p. 48-54). É Foucault (2022a) quem nos possibilita pensar os seus conceitos como ferramentas analíticas, de modo que naquela seção encontra-se uma caixa desses instrumentos de análise, cujas definições são escritas com base no próprio autor e em alguns dos seus comentadores, ocupando uma porção do texto que denominamos genericamente oficina e nele destacamos uma parte voltada à aclimação desse instrumental ao painel digital. E, terceiro, lançamos um pequeno guia introdutório ao pensamento foucaultiano intitulado *Foucault, por onde começar?*, que vai encartado como apêndice do produto técnico-tecnológico educacional desenvolvido a partir desta pesquisa (Vide Qrcode, p. 151).

Feitas essas observações, a ideia de uma oficina aparelhada com ferramentas analíticas para diagnóstico do presente surge como uma construção adequada à compreensão da engrenagem discursiva de maquinarias tecnológicas como o *BookTok*. São, para os nossos propósitos de pensar as mudanças na leitura, o que o DeLorean e o capacitor de fluxo representam para os experimentos temporais do Doc. Brown: uma equipagem.

Além disso, o *BookTok* e a linguagem multimodal das telas produzem o encaixe discursivo perfeito de uma peça que falta, sem o atrito gerado pela comunicação no mundo analógico. Formam entre si uma engrenagem com janelas abertas a múltiplas temporalidades.

É nessa abertura à infinitude do quanto, e não do quando, que opera a imagem. Que, se não é radioativa como o plutônio, gera uma atração magnética sobre a audiência, e seu excesso faz decair a linguagem a uma taxa inflacionária. A imagem é, por assim dizer, a força propulsora da infinitude do movimento que analisamos. Produz impulso ubíquo. Tem efeito instantâneo sobre a atenção. Sobrepõe-se valorativamente à palavra. Incita. Seduz.

Nessa qualidade de célula-combustível, a imagem em movimento sensibiliza e satisfaz aos mais variados desejos do sujeito-leitor jovem, servindo a uma diversidade de interesses mercadológicos especializados em demonstrar sua própria inexistência. Arranjos e cortes precisos geram encaixes segundo a lógica da demanda com facilidade e rapidez. No cenário atual de necessidades urgentes e soluções práticas personalizadas e antecipativas, a imagem assume a função totêmica de ancoragem de determinados sentidos recobertos nas discursividades, construídos à base da exposição e repetição em escala de fluxos contínuos de representações idealizadas, entre as quais destacamos a de leitura e leitor, constituintes tanto do sujeito que lê como do não-leitor (Bayard, 2007). O sucesso da mensagem no discurso líquido das imagens não é necessariamente função do seu conteúdo, mas de sua repetibilidade, da saturação, da interdição, da obsolescência e do apagamento de alguns sentidos e não de outros (Courtine, 2008).

Em sua fluidez, os discursos em circulação no meio digital e imagético deixam pistas sobre o futuro do livro e da leitura e o tipo de leitor em constituição, segundo manifestações sutis e difusas do poder instituído. Eles carregam verdades parcelares que fluem do domínio digital para a realidade, impregnando um grande contingente de pessoas com interesses, modos de pensar e agir e consumir próprios de uma parcela minoritária da sociedade. Nesse espaço insinuante, a prática da leitura é continuamente desestabilizada e atualizada à medida em que o acesso às tecnologias ruma à hiperconectividade, embora, quanto maior a revolução tecnológica, mais consistentes serão os comportamentos de resistência, diferenciação e exceção, segundo Chartier (1999, p. 148-149).

A universalização da entrega do indivíduo às promessas de liberdade, inerentes aos mecanismos de coerção especializados e diluídos no espetáculo capitalista, aumenta o poder de influência das redes sociais sobre a realidade (Bauman, 2021; Han, 2017; Debord, 1997). Os comportamentos guiados por essa aparência de liberdade podem sinalizar formas de resistência ou controle, atrelados a eventos tão aparentemente incongruentes quanto o

crescimento de venda de livros impressos²³ e a redução do vocabulário dos jovens, que pela primeira vez possuem QI inferior ao dos pais (Velasco, 2020).

No ambiente escolar, esse frenesi digital desperta interesses variados, por vezes antagônicos. Especialmente porque os impactos das audiovisualidades são bem acentuados entre os mais jovens, para quem as oportunidades e a paciência para parar, ler e pensar sobre as nuances do texto verbal, estão se tornando escassas dentro de horizontes cada vez mais estreitados. À parte posições extremas, destacamos os efeitos relacionados a como a prevalência de leituras “por cima”, geralmente feitas “por gosto” ou sob a influência de pessoas “por dentro”, quase sempre baseadas em audiovisualidades, estaria “roubando” o tempo e a concentração necessários a explorações mais profundas do texto verbal (Wolf, 2019). E, ainda, sobre a relação entre os tipos de processos de *leitura profunda* e “o que podemos ganhar, por adquirir e usar as habilidades necessárias à vida diária no século XXI [...]” (Wolf, 2019, p. 54). Enquanto a arena dos debates é monopolizada por essas questões e o cotidiano escolar preenchido por seus termos, outras importantes arestas da realidade permanecem à margem.

Em particular, a que corresponde ao problema de como contornar a persistente falta de acesso ao tempo para ler e às condições materiais para a fruição do direito à leitura, necessidades comuns a parcela significativa dos estudantes. Para esses ‘não-herdeiros’, na ausência de tais condições, as pontes possibilitadas pela leitura não se constituem, salvo por acaso ou resiliência. Diante do reiterado apagamento simbólico de sua existência, as atividades escolares, a despeito das boas intenções, deixam de fomentar o trânsito social e cultural possibilitados pela leitura cidadã e o que parece pior, podem ajudar a mitificar a distância entre os não leitores e a leitura (Chartier, 2019; Curcino, 2020a). No dizer de Curcino e Conti (2023), equilibrar os efeitos hegemônicos desse regramento passa a ser um dos principais desafios da escola no cenário contemporâneo, sobretudo quanto à ampliação dos horizontes discursivos a que os estudantes têm acesso e às possibilidades de transformação social.

Seja pelo lado do que temos a ganhar ou a perder, a sociedade em geral, e a escola em particular, estão circundadas pela seguinte contingência moderna: “quanto mais informação, mais difícil e complexo se torna o ato de ler e mais necessário se faz aprender a ler de muitas

²³ Um exemplo recente do poder mercadológico do *Booktok* foi noticiado em diversos suportes, por vários veículos midiáticos, entre eles a CNN Brasil, em seu canal do *Youtube*. De maneira surpreendente, o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, subiu ao topo do *ranking* mundial de mais vendidos da *Amazon*, logo após vídeo publicado pela *influencer* americana Courtney Heninng Novak viralizar no *Booktok*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DEY6c6o6_Qk. Acesso em: 25 maio 2024.

formas, integrando múltiplas linguagens e mídias, de forma muito mais rica e profunda” (Moran, 2013). Diante de dificuldades dessa natureza, Veiga-Neto (2017) argumenta que as contribuições de Foucault sobre a fabricação da Modernidade e, em sua esteira, do sujeito moderno, são ferramentas produtivas nas pesquisas em educação. Para o autor, Foucault situa a escola como “uma eficiente dobradiça capaz de articular os poderes que aí circulam com os saberes que a informam e aí se ensinam, sejam eles pedagógicos ou não” (Veiga-Neto, 2017, p. 17-18).

Não obstante, é esperado que a marcha histórica exija uma calibragem das ferramentas foucaultianas. Sobre esses ajustes, fazer ranger seus textos e aclimatar seus conceitos, de modo a renderem em domínios para os quais não foram originalmente pensados como produtivos, são atitudes não apenas possíveis, mas recomendadas pelo próprio Foucault, como informa-nos Possenti (2009, p. 170). Pensamos ser esse o caso das pesquisas em educação que ingressam no domínio digital sob uma perspectiva discursiva, razão pela qual formulamos a oficina de apresentação e aclimatação de conceitos foucaultianos nas páginas 48-54. No âmbito digital, a volumosa oferta de leituras ancoradas numa multiplicidade de linguagens e mídias é parte de uma crescente virtualização da vida, não mais baseada no texto verbal, e sim na imagem.

Assistimos ao embaralhamento das relações de força e forma que constituem e entrelaçam poderes, saberes, práticas e objetos da “cadeia de produtos derivados” do livro e da leitura, movimentando-os em um espaço teórico distinto daquele originalmente explorado por Foucault. Sob renovadas circunstâncias, o estatuto da novidade coloca em disputa a atenção, segundo os termos de uma economia instituída pela ordem discursiva midiática, na qual o sujeito-leitor contemporâneo está inserido, sob os efeitos sensibilizantes da imagem (Courtine, 2011). Nesse cenário imagético, a aclimatação das teorizações da realidade propostas pelo pensamento foucaultiano possibilitam problematizar o regime midiático confrontando-o no campo de suas racionalidades, quanto às formas reconfiguradas de alienação e resistência produzidas pelos discursos e pelo refinamento da maquinaria tecnológica que lhe são próprios.

Numa sociedade em fluxo, a linguagem das telas e a lógica algorítmica representam mais uma virada na forma como nos relacionamos com a leitura e o livro. Sob condições imprevistas na cultura do impresso, novas racionalidades nos distanciam de um modelo de sociedade disciplinar, em direção à *sociedade do espetáculo*, que é predominantemente digital e imagética. Nesse cenário desafiador, investigar as transformações na dinâmica da leitura, “a persistência de temas”, “os aparecimentos e sua dispersão” (Foucault, 2022a, p. 43), desloca a

interrogação do “se” devemos nos apropriar do roteiro gerador de *acontecimentos* como o *BookTok*, para “como”, uma vez compreendidos, podemos utilizá-los em proveito da formação de leitores na escola. Nesse sentido, somos instigados a diagnosticar as transformações que aí se processam enquanto mergulhamos em uma cultura digitalmente influenciada, em vista de compreender o tipo de leitor em constituição nessa passagem e os sentidos que exalam de suas práticas cotidianas, para assim desdobrar a potência da leitura como ferramenta de auto-sócio-análise.

ARTIGO 1

A ESTÉTICA DO LEITOR VISÍVEL: UMA ANÁLISE DO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A LEITURA NO *BOOKTOK*

Resumo: Neste recorte de pesquisa, realizamos uma análise de discursos sobre a leitura presentes em produções midiáticas que tematizam a comunidade literária digital *BookTok*. Para tanto, mobilizamos conceitos foucaultianos dos estudos discursivos da linguagem, associados aos Estudos Culturais e à História da Leitura. De um *arquivo* composto por notícias e reportagens especiais sobre o *BookTok* veiculadas na internet entre 2018 e 2024, coletamos uma produção representativa do *acontecimento* intitulada *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers*, publicada no portal *BBC News*. Empreendemos sobre os seus enunciados verbais e imagéticos um trabalho de interpretação e análise das representações e sentidos evocados no discurso para explicar como a reiteração subjetivante dos significados em circulação atuam na constituição do sujeito-leitor jovem. Mapeamos um discurso povoado de positivities acerca dessa plataforma, particularmente relacionadas à quantificação e à estetização da leitura impressa como prática de diferenciação, com força para interditar formas e significados dissonantes, sob o manto de uma universalidade numericamente justificada. Constatamos ecos de discursos consensualmente construídos e representações idealizadas de leitor que, cumprindo sua função de calcificar divisões sociais e estereótipos, apresentam a leitura como uma prática eminentemente feminina, destinada ao entretenimento e à evasão da realidade.

Palavras-chave: *BookTok*; Discursos sobre a leitura; Sujeito-leitor.

1 PALAVRAS INICIAIS

Este estudo é parte de uma investigação mais ampla desenvolvida no âmbito de uma dissertação no Programa de Pós-graduação em Ensino, Linguagens e Sociedade da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI – Caetité-BA. Em sua unidade temática, questionamos: o que podemos compreender sobre a constituição do sujeito-leitor jovem a partir do funcionamento discursivo da comunidade literária *BookTok*? Quais novas significações para a leitura emergem da regularidade das práticas incitadas por esse *acontecimento*?

Diante da amplitude dessas questões, bem como dos fins pedagógicos que orientam esta pesquisa, sua abordagem foi desdobrada em três artigos apresentados no formato *multipaper*, para tentar: 1) acontecimentalizar o *BookTok* a partir da discursivização midiática; 2) em um nível tópico, compreender os modos de subjetivação *booktoker* a partir da dinâmica e linguagem dos vídeos curtos, sua unidade básica de sentido; e 3) pensar meios de resistência face às práticas subjetivantes do ambiente líquido-moderno em que se inscreve a plataforma, e materializá-los sob a forma de um Produto Técnico-Tecnológico Educacional dedicado à leitura, sem perder de vista as habilidades necessárias à vida digital.

Este primeiro recorte tem o objetivo geral de analisar discursos sobre a leitura que povoam a enunciação midiática sobre o *BookTok*. De modo específico, refletir sobre as

representações e significados em circulação sobre o livro e a leitura, em vista de um fazer pedagógico temperante dos interesses, tempos e conteúdos da escola e da cultura jovem.

Como o roteiro gerador desse *acontecimento* está implicado na própria evolução das comunidades literárias, seguimos com uma breve remissão a esse tema.

Com a popularização da internet, as limitações e o atrito até então impostos pela comunicação analógica do livro foram, mais uma vez, “transgredidas pela invenção”, fazendo surgir novas possibilidades de divulgação literária. Os apreciadores da literatura, em especial os amadores, encontraram nas digitalidades ferramentas propícias para a divulgação do livro impresso a um público cada vez mais amplo. Esse movimento primeiro deu origem à criação dos *blogs* literários, populares nos anos 2000, atualizando os chamados clubes de leitura, os quais deixaram de ser estritamente analógicos e passaram a contar com a “mediação fria” do “mundo das telas” (Chartier, 1999a, p. 139-142).

Com a especialização da invenção e da técnica, o surgimento e a disseminação de redes sociais como *YouTube* (2005), *Twitter* — atual *X* — (2006), *Instagram* (2010) e *TikTok* (2016), fez irromper novas pluralidades em matéria de leitura, divulgação de livros e crítica literária. Desafiando formatos tradicionais, entram em cena os *bookinfluencers*: criadores de conteúdos literários variados no formato audiovisual. É no escopo dessa remodelação multifatorial de liberdades e limitações que surgem comunidades digitais dedicadas à leitura, como *Booktube*, *Bookgram*, *BookTwitter* e com elas novas configurações para esse campo, as quais foram absorvidas e ainda mais especializadas pelo *BookTok* (2020), a mais recente delas. É desse ponto que assistimos o “boom dos livros” na atualidade e, ao mesmo tempo, mudanças na “produção dos sentidos” sobre leitura e tudo que ela envolve: leitor, livro, autor, editora e mercado (Chartier, 1999a, p. 18-19; Wolf, 2019).

Em espaços como o *BookTok* os sujeitos podem compartilhar suas experiências de leitura e impressões sobre o livro, conectar-se a autores, projetar seus modos de pensar, sentir e viver por meio das obras de sua preferência e da maneira como escolhem falar sobre elas nos vídeos curtos e no comentariado. Subjacente a essa pluralidade de ações e novos significados há um conjunto heterogêneo de regras organizadoras e delimitadoras dos pensamentos, dizeres e práticas a ser considerado. Operando como *dispositivos de poder*, seu funcionamento pode invisibilizar coerções compromissadas com interesses dominantes, embora contra o mesmo sistema possa produzir efeitos emancipatórios (Foucault, 2019). Por isso, considerar as práticas leitoras próprias dos ambientes digitais e analisar os modos como estão sendo discursivizadas pela mídia é um caminho para pensar o ensino em leitura e a formação de leitores, levando em conta racionalidades do ambiente líquido-moderno

implicadas na produção social dos sentidos sobre essa prática (Bauman, 2021; Gregolin, 2007).

Por se tratar de “fenômeno” recente, ainda em curso, apesar de não necessariamente novo, a comunidade de leitura *BookTok* é pouco estudada no campo científico. Pesquisas já publicadas identificaram a reiteração de algumas tendências herdadas de outras redes sociais dedicadas ao livro, embora sinalizem algumas singularidades que merecem aprofundamento. Elas também destacam a novidade do formato de vídeos curtos, o modo como carreiam apelo emocional e mercadológico, o culto à quantificação e o emprego da linguagem audiovisual nas experiências leitoras. Além disso, são apontados riscos associados à propagação de uma cultura de consumo fomentada pelas *bookredes*. A prioridade dada às experiências estéticas com o livro e o espaço cedido aos valores capitalistas formadores de comportamentos são fonte de preocupação de vários autores, os quais destacam o papel da escola na ponderação dessas consequências (O’Sullivan, 2022; Zulli, D.; Zulli, D. J., 2020). Em consideração a esses efeitos no presente leitor, e às atribuições das instituições de ensino, Santos e Cortes (2022, p. 219-230) enfatizam a necessidade de se “incentivar práticas de leitura e interpretação críticas e responsáveis na escola da era midiática, em que textos verbais e imagéticos fazem circular discursos hegemônicos, além de oferecerem lugar de resistência”.

Nesse cenário de promessas e limitações que turvam perspectivas de futuro, enfatizamos o papel da escola como lugar de apropriação dos discursos em circulação sobre a leitura e das formas como suas regularidades afetam a constituição da subjetividade leitora no presente. Nesse sentido, interessa à sociedade em geral e ao campo educacional, em particular, compreender a produção dos significados inerentes às novas formas como a leitura é enunciada, visibilizada e praticada fora dos muros escolares e como, a partir de sua reiteração subjetivante, leitores são constituídos em função de suas regras. Em vista do fazer pedagógico atento à realidade social, essa abordagem discursiva é importante para o mapeamento e interpretação de fatores explicadores do persistente descompasso entre o discurso escolar sobre a leitura e a cultura jovem, amplificado pela sedução e alcance de aparatos midiáticos como o *BookTok*.

Em vista desse desalinhamento, a descrição do funcionamento e análise desses discursos pode contribuir para a formação de leitores no âmbito escolar. Tal como alerta Curcino e Conti (2023, p. 101), “é o apagamento ou o desconhecimento do funcionamento dos discursos, e de sua força em relação às práticas, que perpetua as divisões sociais e as hierarquias culturais, tornando-as naturais”. Ancorados pelo discurso meritocrático, esses dizeres podem favorecer a naturalização de certas formas de exercício de poder, além de atuar

“na objetivação e subjetivação dos sujeitos e suas práticas, de nós como sujeitos e de nossas práticas” (Curcino, 2020b, p. 89).

Assim, considerando a complementariedade entre discurso e mídia na produção social dos sentidos, pensar a partir de uma perspectiva foucaultiana as significações que irrompem do *acontecimento BookTok* e sua discursivização midiática possibilita depreender as representações em circulação e os significados em produção a partir de novas práticas abertas ao audiovisual. Seguindo nessa direção e sentido, iniciamos com a apresentação de conceitos arqueogenealógicos mobilizados neste estudo. Forjados pelo próprio Foucault (2022a) como ferramentas analíticas, eles foram reunidos sob a designação simbólica de oficina foucaultiana. Levamos em conta o fato de não terem sido originalmente pensados no contexto de uma cultura digitalmente influenciada e baseada na imagem, o que justifica uma tentativa de aclimação às mudanças no *arquivo*.

Com essa caixa de ferramentas, empreendemos uma análise arqueogenealógica do discurso da mídia sobre a leitura e o *BookTok* a partir de enunciados recortados da matéria *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers*, originalmente publicada em 16 de abril de 2024 no portal *BBC News* (Machado, 2024). À luz das contribuições foucaultianas para o campo dos estudos discursivos da linguagem, enveredamos pelas enunciações da mídia sobre essa comunidade literária digital até as condições de possibilidade de sua emergência e funcionamento. Escavamos evidências de como esse *dispositivo de poder* se inscreve na ordem discursiva do *espetáculo* e como se caracteriza o regime de verdades colocadas em jogo naquele espaço. Na reiteração de temas e representações sobre o livro e a leitura que povoam o discurso, identificamos a forma como suas regularidades determinam o dizível, moldam práticas e constituem a subjetividade leitora no presente (Foucault, 2010a).

Avançando nas ideias de Chartier (1999a, 1999b), Bauman (2021), Curcino (2023, 2024) e Debord (1997), percebemos que as representações e significados em circulação ecoam consensos historicamente produzidos e reembalados para consumo no século XXI. Destacamos, Os sentidos emergem apoiados em positivamente numericamente justificadas que associam a leitura ao público feminino, à quantificação e a estetização do leitor. A dinâmica *BookTok*, como representação das mudanças na leitura no cenário digital, evidencia novas formas de se relacionar e praticar com a leitura que a escola, enquanto lugar de formação compromissado com valorização da complexidade e multiplicidade das trajetórias leitoras, pode compatibilizar aos próprios objetivos, tempos e conteúdos pedagógicos para maior adesão do sujeito-leitor jovem ao seu discurso.

2 OFICINA FOUCAULTIANA E A CAIXA DE FERRAMENTAS ANALÍTICAS

A análise foucaultiana dos discursos baseada no domínio da palavra pressupõe refletir sobre regras, condições de possibilidades e usos específicos das linguagens em um contexto social e historicamente determinado. Acessar esses elementos constituintes do discurso requer chaves interpretativas para a compreensão do seu funcionamento, entre as quais destacamos as noções de *arquivo*, *formação discursiva (FD)* e *prática discursiva (PD)* — conceitos analíticos relacionados à noção de discurso como prática social produtora de significados, objetos, sujeitos e relações de saber-poder que organizam e determinam as formas de pensamento, do dizível e da ação.

Para Foucault (2022a, p. 158), o “arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. [...], o que faz com que todas as coisas não se acumulem indefinidamente como massa amorfa”. O *arquivo* não corresponde apenas a uma coletânea de documentos, mas a um sistema de controle atravessado por relações de poder que atuam na governança dos enunciados. Desse modo, governa o funcionamento do discurso a partir de *formações discursivas* que orientam *práticas discursivas*. Estas, por seu turno, operam na transformação e deslocamento do próprio *arquivo* e do regramento das formações.

Nesse intrincado sistema, a *FD* pode ser compreendida como “[...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra: prescrevem o que deve ser correlacionado em uma *PD*, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, [...]” (Foucault (2022a, p. 88). Dentro de um campo do saber, a *FD* estabelece condições de possibilidade para as *PD*’s,

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, 2022a, p. 144).

Inscritas em um *arquivo* e definidas pelas *formações discursivas* segundo uma relação dinâmica, essas regras atuam na definição do que pode ser *enunciado*, dos sujeitos autorizados a enunciar e das condições de existência de enunciados específicos. Assim, as *práticas discursivas* produzem, modificam e fazem circular as práticas sociais em que se constituem os discursos, e da mesma forma com o próprio *arquivo*.

Analisar discursos é, portanto, o gesto de descrever e mapear as regularidades e as regras intrínsecas à estrutura dos conjuntos de enunciados, entendendo-os como *práticas discursivas* constitutivas e organizadoras das práticas sociais. Nas redes discursivas, enunciações, conceitos, significados, práticas e objetos são constituídos, deslocados e transformados pelo processo histórico de acumulação discursiva e não-discursiva que atravessa, interpela e constitui os sujeitos. Sob essa perspectiva, pensar discursivamente é fazer aparecer as condições de existência de uma *prática discursiva* em sua relação com as formações e o *arquivo*, sem perder de vista a trama das relações de poder engendradas nesse processo.

Na oficina foucaultiana, o poder lubrifica todas as engrenagens. É um conjunto de forças contínuas e dinâmicas inerentes a todas as relações humanas e sociais. Perpassa sujeito, práticas e instituições sociais públicas e privadas, engendrando-se como uma rede de produção dos discursos e dos sujeitos. Sua atividade constitui-se na dobra entre opressão e resistência (Foucault, 2019). Assim, todo discurso é produzido e controlado pelo poder e, por conseguinte, os modos de subjetivação e os sujeitos que assumem posições em sua trama de relações. Em *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*, Foucault (2022b, p. 101) afirma:

[...] o poder está em toda parte; não porque englobe tudo, e sim, porque provém de todos os lugares. O poder não é, pois, uma instituição nem uma estrutura e, também, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados, mas o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.

Para Foucault (2014b), todo saber está implicado em uma relação de poder que opera de forma difusa e manifesta-se através de uma série de práticas cotidianas e instituições, incluindo a linguagem e o discurso. O discurso é, nessa rede, moldado pelo mecanismo de poder. Construído por práticas discursivas específicas, não se limita a espelhar a realidade; mas sim é sua força produtiva. A realidade produz o discurso que produz a realidade em um sistema recursivo contínuo. No mesmo circuito, as práticas discursivas não são simples aplicações das formações discursivas, pois mantêm entre si uma relação mutuamente constitutiva ao longo do tempo, com efeitos sobre o próprio *arquivo* (Foucault, 2022a; 2022b).

Assim, o discurso não pode ser interpretado simplesmente como um conjunto de palavras, nem uma prática oratória, pois é o espaço que organiza aquilo que pode ser dito. É uma estrutura organizada por regras que autorizam alguns dizeres e interditam outros em um determinado contexto de enunciação (Foucault, 2022a). Nessa visada, tratados como “práticas

que formam sistematicamente os objetos de que falam”, os discursos são um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação”, articulados por intermédio dos sujeitos e formados por uma série de enunciados que limitam e regulam o que pode ser dito em sua acumulação histórica (Foucault, 2022a, p. 131).

O *enunciado*, do ponto de vista foucaultiano, remete a tudo aquilo que já foi dito, ele tem uma história, uma tradição, e se relaciona com outras séries de enunciados. É, assim, vinculado a condições históricas, a regras e a contextos de uma determinada época. Então, pode-se dizer que “[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (Foucault, 2022a, p. 34). Em seu conjunto, são fios enredados na trama discursiva, em um campo de coexistências que viabiliza as condições de existência de determinado dizer.

Esse conjunto de condições ligadas ao *enunciado* é denominado por Foucault (2022a) de *acontecimento*. O ponto que antecede o próprio *enunciado*, pois “não há enunciado que não suponha outros, não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências” (Foucault, 2022a, p. 121). Não “[...] é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos no tempo e no espaço” (Foucault, 2022a, p. 105). Dessa maneira, os enunciados emergem a partir de contingências históricas e sociais como *acontecimentos discursivos*, sob a forma de práticas inscritas em campos específicos do discurso.

Para Foucault (2022a), o discurso coloca em funcionamento enunciados e, no mesmo movimento, constitui os próprios sujeitos, moldando suas subjetividades por meio de mecanismos que interligam saberes e poderes. Segundo Curcino (2024, p. 88), esse regime nos torna temas, objetos e reprodutores de discursos, ou seja, o discurso não se limita a representar um objeto, mas ativamente o produz, reproduz e reconfigura, no mesmo gesto constitutivo dos sujeitos que o enunciam. Em diferentes abordagens, a constituição do *sujeito* é um tema que percorre toda a produção foucaultiana. Assumimos, para esta análise, o entendimento de sujeito como resultado das relações de poder, formado na trama das práticas discursivas e não-discursivas. Ou seja, numa dimensão discursiva, a partir dos usos da linguagem, assim como numa dimensão institucional, social e histórica, por intermédio de práticas, normas, processos e técnicas que lhe são próprios. Em conjunto, essas práticas engendram as condições de possibilidades dos discursos. Considerando umas e outras, o sujeito é constituído no (e produz) discurso por meio das práticas de si, um processo denominado por Foucault (2014a) de *modos de subjetivação*.

O sujeito foucaultiano é constituído por modos de sujeição e subjetivação, sob efeito dos mecanismos de poder que operam, através dos discursos, na produção da realidade em que está inserido, a qual é organizada pelas racionalidades historicamente situadas que materializam as práticas sociais e suas positivities. Esse é um processo no qual duelam as práticas de si, bem como as práticas sociais com suas técnicas e tecnologias, no imbricamento entre submissões e resistências. Ou seja, os modos de ser para Foucault dão-se numa relação de elementos exteriores e interiores ao sujeito. Portanto, a subjetividade é prática de relações de poder, é movimento de coerção e liberdade, é “[...] a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo [...]” (Foucault, 2006, p. 236).

Nessa dinâmica, a formação do sujeito não é apenas uma questão interna, é também uma interação complexa entre fatores externos e internos mediada pelos *dispositivos* de poder, em que se entrelaçam submissões e resistências possibilitadas pela rede de discursos no decorrer do tempo. Eles respondem a uma urgência histórica determinante do *arquivo* e responde pelas possibilidades do sujeito, pela definição dos dizeres, pensamentos e práticas numa determinada época.

Ao situar esse sistema no tempo presente, tanto o funcionamento dos *dispositivos* (midiáticos) como a formação dos *arquivos* (digitais) não dispensam ajustes em seu quadro teórico. Afinal, esses conceitos foram pensados em um contexto assentado no domínio da palavra e a transição para uma cultura digitalmente influenciada impõe limitações ao seu alcance, em vista de racionalidades da sociedade líquido-moderna, como a linguagem imagética das telas, a velocidade, o excesso de informações e a fluidez das relações humanas. Essa atualização é necessária, entre outras razões, porque possibilita uma explicação sobre como *dispositivos* midiáticos utilizam o arquivo digital para a manifestação cada vez mais sutil e disseminada do poder.

2.1 Um mergulho no arquivo digital

De acordo com a interpretação de Gregolin (2016, p. 12), na constituição processual do sujeito, a noção de *dispositivo* ocupa posição central, pois “sintetiza e reúne as grandes categorias que sustentam a analítica foucaultiana”, quais sejam: saber, poder e subjetividade. No dizer de Foucault (2019), *dispositivo* pode ser concebido como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, [...] enunciados regulamentares [...] o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que pode se estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2019, p. 364).

Entre outros aspectos, o *dispositivo* 1) mobiliza, organiza e legitima determinados regimes de verdades; 2) permeia e atravessa práticas discursivas, definindo o que pode ser dito, pensado ou problematizado como “verdadeiro”; 3) produz e organiza relações de poder e micropoder; 4) funciona como mecanismo estratégico de controle e normalização dos corpos; e 5) articula e distribui o poder de maneira capilar, permeando e atravessando as práticas sociais. Assim, considerar essa ferramenta analítica nos estudos sobre a mídia possibilita uma compreensão mais aprofundada das formas pelas quais diferentes elementos concorrem para a produção de verdades.

Gregolin (2007, p. 10) explica que “o dispositivo é um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. Por isso, ele tem uma função estratégica dominante que é determinada por um imperativo histórico”. Nessa perspectiva, os *dispositivos* são formações históricas e contingentes que têm por função atender a uma necessidade imediata. Eles operam na modulação e regulação das relações sociais, comportamentos, normas e categorias de pensamento.

Recorremos ainda às contribuições de Sargentini (2015) para compor e mergulhar mais fundo no *arquivo*, por se tratar de um objeto discursivo em construção na conjuntura movediça do espaço digital. Pautada em Foucault (2022a), a autora destaca a função do *arquivo* na análise dos discursos e ainda propõe avaliar a influência dos meios e processos de circulação dos dizeres na produção dos sentidos. Então, analisar o *arquivo* no campo da discursividade digital requer uma leitura da circulação de sentidos, “articulando os princípios de dizibilidade, conservação, memória, reativação e apropriação àquele de circulação no qual estão envolvidos o gênero e o tipo de suporte, a quantidade, a intensidade, a velocidade, a materialidade” (Sargentini, 2015, p. 29).

Percebemos a questão da influência dos meios de que fala Sargentini (2015) como um complexo desafio para a composição do *arquivo* no tempo presente. Seu enfrentamento exige a aclimatação de conceitos analíticos formulados ainda sob a guarda das positivities da sociedade sólida e disciplinar discutida por Foucault (2019), tendo em vista as mutações pelas quais ela vem passando no decorrer do tempo. Em particular, a autora destaca aquelas relacionadas à velocidade de digitalização da vida diária e às novas formas de manifestação do poder. Essas transformações remetem-nos aos comentários de Bauman (2021) sobre a

transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle. Em seus estudos sobre a modernidade líquida, o autor argumenta que as formas de poder analisadas por Foucault (2019) em seus apontamentos sobre a sociedade disciplinar tornaram-se mais difusas e contínuas com o passar do tempo, capilarizando-se dos espaços fechados para outros lugares e instâncias da vida cotidiana, à medida em que transitamos para um modelo de sociedade altamente tecnológico.

A especialização técnica dos *dispositivos* digitais inauguraram formas de controle cada vez mais sutis e generalizadas. O domínio crescente de uma *expertise* na governança das informações alavancou a afirmação da imagem como representação de aspectos da vida, secundarizando o texto verbal. À medida em que *dispositivos* de controle tornam-se digitais e ubíquos, dispensando espaço físico, passam a envolver todos os âmbitos da vida social na ordem determinada pela velocidade e liquidez do espetáculo. Os desejos materiais e as dificuldades de gestão de tempo do indivíduo passam a encontrar soluções cômodas de promessas de liberdade e consumo no jogo de aparências do discurso midiático, na esteira do ideário neoliberal de autonomia e empresariamento de si.

Para aclimatar-se aos anseios desse sujeito flexível, o poder torna-se mais responsivo e capilarizado no ambiente líquido-moderno. Ele passa a operar por meio de expedientes e tecnologias garantidores da velocidade de circulação, de alcance e de repetição em escala de informações estratégicas diluídas no excesso de informações e estímulos visuais especializados pelos mecanismos de controle. Assim, combinatórias de distintas formas de exercício e distribuição do poder marcam o protagonismo assumido pelo controle e pelo *espetáculo* no painel de uma sociedade que já não se apresenta como estritamente disciplinar. No dizer de Debord (1997, p. 13-20),

Toda vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. [...] Se o espetáculo, tomado sob o aspecto mais restrito dos “meios de comunicação de massa”, que são sua manifestação superficial mais esmagadora, dá a impressão de invadir a sociedade como simples instrumentação, tal instrumentação nada tem de neutra: ela convém ao automovimento total da sociedade.

A especialização do poder está, portanto, na “raiz do *espetáculo*”, como uma “representação diplomática da sociedade hierárquica diante de si mesma, na qual toda outra fala é banida”. Sua aparência não é apenas o produto dos discursos das imagens, é “uma visão de mundo que se objetivou”. É a “afirmação da aparência”, segundo um modelo de vida dominante na sociedade, no qual a relação social é mediada pela imagem. Então, os

dispositivos de comunicação desmaterializados e de efeitos diluídos, a exemplo das redes sociais, criados para satisfazer as necessidades de uma determinada época “só podem encontrar satisfação com sua mediação”. Se as interações humanas e a administração dessa sociedade só se podem exercer por

[...] intermédio dessa força de comunicação instantânea, é porque essa comunicação é essencialmente unilateral e sua concentração equivale a acumular nas mãos da administração do sistema os meios que lhe permitem prosseguir nessa precisa administração (Debord, 1997, p. 21).

Desse modo, a discursivização dos meios de comunicação de massa sobre a qual trataremos a seguir, está inexoravelmente comprometida pela linguagem do *espetáculo*, e, portanto, interessada em manter as hierarquias e estruturas da sociedade que lhe deu causa. Não por acaso, acumulará sinais da produção reinante, tanto quanto reproduzirá a “cisão generalizada da sociedade”, que é a “cisão gerada do espetáculo”.

3 A DISCURSIVIZAÇÃO DA LEITURA E DO *BOOKTOK* NA MÍDIA

Ler sempre, ler muito. Essa é uma fórmula de experimentação social da leitura, construída sob a égide do desempenho normalmente evocada pela mídia para representar e produzir o *bom* leitor. Os efeitos desse tipo de evocação podem ser sentido nos espaços institucionalizados e informais, alcançando a maneira como nos constituímos como leitores no tempo presente e nos diferentes estratos sociais. Ordenadas por esse discurso reinante, as múltiplas formas de praticar a leitura próprias desses espaços, em particular na modalidade impressa, é um tema presente na vida diária de parcela significativa da população, para a qual essa é uma prática de prestígio, de diferenciação individual e um fator de mobilidade social ascendente. Essa imagem da leitura como prática libertadora e emancipatória, fonte inesgotável de enriquecimento intelectual, é uma construção coletiva esboçada na trama de relações entre discursos e sujeitos no decorrer do tempo (Curcino, 2018; Bayard, 2007).

Considerando esse *status* redentor e sublime, no âmbito escolar e no social, os dizeres sobre a leitura perpetuam o *status quo* dessa atividade e resistem às intensas mudanças tecnológicas e sociais, sistematizando uma memória naturalizada e consensual, até mesmo em tempos de hiperconectividade (Curcino; Manfrim, 2020). Nessa arena de luta e movimento, onde concorrem a história, as instituições e os sujeitos, emerge a força imperativa das redes sociais: espaços interativos e incontidos habitados pelas juventudes, lugar de narrativas, de

fabricação de *best-sellers*, de diluição da crítica literária tradicional e de redimensionamento de concepções e relações com o livro e a leitura (Casado Alves; Rojo, 2020).

Assim, em tempos de imersão em uma cultura de emergência e consumo, as mudanças possibilitadas pelas tecnologias para a corporificação de uma episteme da leitura podem adicionar mais uma camada ao complexo processo de formação de leitores. Isso porque a reiteração de discursos dominantes pulverizados pelo poder do *dispositivo* tecnológico, intermediado pelos algoritmos das redes sociais, pode interditar e camuflar sérias questões que comprometem o acesso à prática leitora, bem como a limitação daqueles autorizados a exercê-la (Curcino; Manfrim, 2020).

Os estudos de Curcino e Manfrim (2020) e Curcino (2022) destacam a relação intrínseca da leitura com as articulações sociais e políticas, bem como a necessidade de reflexões profundas acerca do apagamento de fatores externos na constituição do mundo leitor. Essa identidade conduz a outro ponto em comum, relacionado ao papel desempenhado por entidades sociais, como as escolas e a mídia, na promoção e no fortalecimento de um ideal dominante e elitista de leitura e leitor. Para as autoras, ao reforçar discursos hegemônicos, as instituições colaboram na pulverização de uma “imagem social” protocolar, sustentada por um discurso majoritário que delimita os modos e as razões de ler, de ser leitor e ainda os modos de comunicar essa prática. Também ressaltam que mesmo as mudanças culturais inauguradas no cenário digital, em nome de promover e democratizar a leitura, fazem circular discursos generalizantes que perpetuam modelos e representações compromissados com uma realidade idealizada que eles nomeiam, cujos efeitos contribuem para “a invisibilidade ideológica das condições sociais da leitura e bloqueia o tratamento politizado da questão” (Curcino e Manfrim, 2020, p. 916).

Ao fazer perdurar no enunciável tais determinações, as discursividades da mídia corroboram decisivamente para a constituição leitora, apagando ou iluminando certas questões no campo da linguagem. Esse efeito é potencializado pela massificação do uso das redes sociais – *dispositivos* que respondem pela produção das verdades a partir das quais os sujeitos se relacionam com a leitura e o ser leitor – pois “silenciamento e exposição são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades” (Gregolin, 2007, p. 15). Os sentidos assim construídos por meio desse *dispositivo* podem interferir na maneira como percebemos os problemas de acesso aos livros no Brasil, na forma como lemos e nos vemos como leitores e ainda nas peculiaridades acerca do trabalho com textos na escola (Curcino; Conti, 2023). Portanto, é importante observar o que há de consensual e o que é peculiar nos discursos que enunciam novidades como o *BookTok*, mostrando o que é evidenciado e o que é interditado a

partir das relações de poder e saber que se articulam nesse espaço, refletindo as mudanças que se operam no domínio da leitura.

É importante reiterar que o discurso reflete as dinâmicas sociais, influenciando-as e definindo-as. Conforme Foucault (2014a), seus efeitos permeiam e modelam o funcionamento de todas as instituições, em sua interdependência com as relações de saber-poder engendradas nesses espaços. Ao direcionar significações que construímos acerca da nossa realidade, das nossas práticas e de nós mesmos e das instituições, os discursos atuam como *dispositivos* na validação do que é dizível e de quem pode enunciar acerca de determinada prática social (Foucault, 2014a). Dessa forma, como instituição social, a mídia reflete a realidade e opera no seu funcionamento, sendo um instrumento ativo na produção e legitimação de discursos para sustentar estruturas de poder específicas que ajudam a contar a história da leitura no presente. A esse respeito, Gregolin (2007, p. 16) afirma:

Na sociedade contemporânea, a mídia é o principal dispositivo discursivo por meio do qual é construída uma “história do presente” como um acontecimento que tensiona a memória e o esquecimento. É ela, em grande medida, que formata a historicidade que nos atravessa e nos constitui, modelando a identidade histórica que nos liga ao passado e ao presente.

No âmbito da história da leitura, utilizamos as contribuições dos Estudos Culturais de Chartier (1988; 1999a, 1999b) para compreender a atuação desse *dispositivo* nos modos de constituição dos sujeitos leitores jovens. Para tanto, adotamos os conceitos de leitura e representação, além de reflexões sobre as evoluções no exercício dessa prática em decorrência dos avanços tecnológicos. A leitura, conforme a abordagem de Chartier (1994, p. 16), “não é somente uma operação abstrata de intelectão, ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros”. O ato de ler é um processo dinâmico de interação entre o leitor e o texto, nuançado por um conjunto de práticas sociais e culturais histórica e socialmente construídas por meio da memória. É, nesse sentido, uma construção coletiva, desenvolvida a partir de representações veiculadas por meio de discursos e apreendidas por determinados grupos sociais em contextos discursivos específicos (Chartier, 1999a). Esses discursos não são neutros, mas carregados de estratégias e práticas “que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (Chartier, 1988, p. 17). Desse modo, os discursos são moldados pelas representações: um conjunto de elementos que influenciam a interpretação do mundo e as interações com os outros, atuando como guias para as ações e para a forma como compreendemos a realidade ao nosso redor (Chartier, 1988).

Em seu funcionamento, a mídia é uma das instituições na qual circulam essas representações modelizadas de leitura e leitor. E nessa condição decisiva de *dispositivo* de poder, a discursivização compromissada com interesses hegemônicos encontra na capilaridade do seu alcance as condições ideais para ressoar modelos de rápida adesão, indexados a um ordenamento discursivo majoritário. As regras de seu funcionamento determinam as escolhas que produzem certos efeitos de sentido, e não outros, sobre a coletividade. Efeitos que são capazes de delinear o ser leitor, marcar os atores legitimados a gozar do prestígio dessa prática, moldando a experiência leitora a partir da forma como a leitura é enunciada em um contexto discursivo específico. A força de tais representações contribui para legitimar determinados sujeitos e impor condicionantes em matéria de leitura, em detrimento de outros tantos discursos apagados e deslegitimados, apesar de igualmente válidos.

4 BOOKTOK, CATALISADOR DA LEITURA IMPRESSA

Exceto pela interrogação, em torno da qual desenvolvemos esta análise, o título: *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers* (?) (Machado, 2024), é representativo de uma série de notícias e reportagens especiais sobre o *BookTok*, veiculadas nos últimos anos em portais digitais de grande alcance, como *Band UOL*, *Estadão*, *Exame*, *Folha* e *G1*. Na discursivização midiática em geral, essa plataforma literária digital insinua-se como um “fenômeno” a ser explicado em seu espaço e a partir de um léxico próprio²⁴, atraindo para si uma consensualidade enunciativa numericamente justificada sob variadas formas, que têm em comum o prestígio social da leitura e um paradoxal poder de aproximar jovens e livros impressos:

BookTok: saiba o que é e por que esse **fenômeno** do TikTok **mudou o hábito de leitura no Brasil** (Franzão, 2022).

²⁴ Segundo Curcino (2024, p. 80), “comunidades de leitores comungam emoções específicas, para cuja enunciação definem um léxico próprio”. A respeito desse vocabulário particular, no caso em análise, temos o *BookTok lingo*, um léxico específico da plataforma, constituído de acrônimos, termos e *slangs* (gírias), geralmente derivados do inglês, para designar não somente emoções, mas práticas, gostos e especializações da literatura próprios daquele espaço. Alguns exemplos: DNF (*did not finish*) = livro iniciado, mas não finalizado; FOMO (*fear of missing out*) = medo de perder um livro de sucesso ou uma tendência; *plot twist* = elemento narrativo que provoca uma reviravolta na trama; POV = ponto de vista; *rypado* = termo derivado de *rype* (moda), designa expectativa em torno de um livro muito elogiado; *queer* = literatura que aborda temas ou personagens LGBTQUIA+; *shelfie* = *self* tirada em frente a uma estante de livros; TBR (*to be read*) = lista de livros que uma pessoa planeja ler; *trend* = tendência; *Y.A. (young adult)* = literatura que aborda temas relacionados ao cotidiano jovem, marcada pela presença de personagens principais jovens. Fonte: dados da pesquisa.

O TikTok se tornou um dos maiores incentivadores à leitura entre os jovens; entenda (Franzão, 2022).

O que é *BookTok*, **sensação** do TikTok que **mudou o hábito de leitura dos brasileiros** (Estadão, 2023)²⁵.

O que é *BookTok*, **fenômeno** do TikTok que **incentiva a leitura** (Olivieri, 2024).

TikTok foi de usina de bobagens a uma **poderosa máquina de vender livros** (Martins, 2021).

'BookTok': onda de vídeos sobre livros no TikTok impulsionam obras de suspense e fantasia (Matos, 2021, grifos nossos).

Reificando o aumento nas vendas de livros verificado desde a *sindemia* do COVID-19, período que coincide com a acontecimentalização do *BookTok* na mídia, as manchetes emanam positivities e adotam um tom de generalizado entusiasmo sobre o *acontecimento*, especialmente quanto aos efeitos catalisadores da leitura para jovens, autores e mercado livreiro. Com regularidades bastante visibilizadas, a discursivização midiática é povoada pelos números superlativos de usuários, visualizações de vídeos e vendas, como elementos constituintes e explicativos da irrupção de um evento global. No texto da *BBC News*, a regularidade dos números é marcante:

O sucesso é tanto que os vídeos com essa hashtag já **acumulam** cerca de **215 bilhões de visualizações** e com a hashtag *#BookTokBrasil*, **20,4 bilhões de visualizações**. [...] A popularidade das obras pode acabar **transbordando** para fora do mundo digital e **influenciando** nas vendas. [...] Foi o que aconteceu com a escritora americana Colleen Hoover, que teve suas obras entre as mais lidas do último ano. Ela se tornou um **fenômeno** conhecido em diversos países, incluindo o Brasil, graças à divulgação de suas obras na rede social e criou a própria hashtag, *#ColleenHoover*, que **acumula** mais de **4,8 bilhões de visualizações**. “A Colleen Hoover é caso **fortíssimo, vendeu 4 milhões de livros só no Brasil** desde que **explodiu** em 2021”, diz Machado (2024, grifos nossos).

Em AD, baseada nos estudos linguísticos, a opção por determinadas formas linguísticas é representativa da função específica que elas desempenham na ocorrência do seu emprego e dos possíveis efeitos de sentido que evocam em vista do contexto sociocultural, da posição dos sujeitos que enunciam e da forma semântica que assume. Organizar e explicar essas escolhas permite evidenciar o sentido do emprego de formas específicas em lugar de outras. No trecho logo acima, substantivos e adjetivos como “sucesso”, “popularidade” e “fenômeno”, por exemplo, cumprem a função de informar, ao mesmo tempo em que constroem uma atmosfera de relevância em torno do *BookTok*. Seu valor semântico eufórico soma-se a expressões de impacto, também de valor eufórico, como “fortíssimo” e “explodiu” para intensificar a percepção de crescimento súbito, enquanto as formas “bilhões” e “milhões”

²⁵ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/o-que-e-bookbok-sensacao-tiktok-mudou-habitos-leitura-brasileiros/>. Acesso em: 30 set. 2024.

atestam a magnitude desse crescimento nas redes sociais, onde a quantificação é o principal fator de validação. Essas opções são estratégicas e estão de acordo com a ordem discursiva midiática. Seu emprego contribui para o efeito de encantamento e sedução em torno do objeto discursivizado, ajustando-se aos desejos e as expectativas do grande público, no que diz respeito ao gosto pela novidade, às visibilidades e à necessidade de reconhecimento.

No mesmo trecho, substantivos e adjetivos aparecem conjugados com modalizadores adverbiais e preposicionais com a mesma carga semântica eufórica, como em “só no Brasil” e “entre as mais lidas”. Essas formas contribuem para a caracterização do sucesso, situando-o em um contexto discursivo específico. A opção por “só no Brasil” constrói uma conexão emocional com a audiência e evidencia uma estratégia argumentativa que familiariza a ascensão da escritora Collen Hoover, cuja condição de “entre as mais lidas” é legitimada por dados quantitativos, como “4 milhões de livros vendidos”. Essas escolhas linguísticas, associadas a números expressivos e adjetivações de impacto e modalizadores adverbiais, comunicam o acontecimento e legitimam o fenômeno ao ancorar o discurso em elementos culturalmente valorizados no ambiente das redes sociais. Dessa forma, as escolhas lexicais reforçam um sentido de sucesso, realizando valores contemporâneos que o associam ao desejo, à visibilidade e à quantificação.

Validado pela reiteração do numérico, o discurso midiático normaliza o consenso segundo o qual o *BookTok* movimenta e expande o universo literário e tudo que ele une: leitor (sobretudo o jovem), emoções, livro, autor, literatura e mercado. Esse conjunto heterogêneo de campos de emergência fornece as condições de possibilidade do dizível sobre a leitura naquele ambiente, contribuindo para um discurso impregnante. Desses campos emergem outros enunciados que se engendram na trama discursiva segundo uma “[...] lógica já conhecida, construída para circular como consenso, por isso de mais fácil adesão e reprodução” (Curcino, 2020b, p. 80-81).

A multiplicidade dessa construção está indexada às “variantes pré-terminais” de uma ordem discursiva que, sendo comum a toda forma “terminal” do discurso, limita o dizível, especifica os atores legitimados a enunciar ou a fruir do prestígio social e cultural dessa prática, além de delinear circunstâncias enunciativas, segundo as quais um discurso poderá se servir da força do consenso ou, contra ele, ser apagado e desqualificado o seu enunciador (Foucault, 2022, p. 90-91). Na topologia da discursivização midiática sobre a leitura e o *BookTok*, a quantificação entra para o domínio das coisas ditas, denominadas por Foucault (2022) de *arquivo*, e daí se espraia como “evidência explicativa” de determinados modos de ser leitor (como o que associa a leitura a uma forma de diferenciação e exceção,

pavimentando o caminho para a aparência de ser leitor sobrepor-se ao ato de ler, modelo que tem no livro o ornamento simbólico do leitor visível), tomando espaço de outros campos de emergência, em alinhamento com a realidade em curso.

No dizer de Curcino (2018), a mídia funciona como caixa de ressonância para interesses hegemônicos, desempenhando historicamente a função de *dispositivo* na relativização e apagamento de desigualdades sociais que interditam o direito à leitura no Brasil. Na mesma linha, Santos e Cortes (2022, p. 219-230), em rede com as ideias de Foucault e outros de seus leitores, afirmam que “o dispositivo midiático funciona como uma voz de autoridade ordenando os discursos para cristalizar um efeito de verdade, por meio do que é dito em palavras, imagens, cores, etc.”. Desse modo, o *dispositivo* midiático produz, normaliza e calcifica certas práticas, modos de ser, razões de ler e representações idealizadas de leitor, comprometidos com uma linguagem elitista tendente a homogeneizar dissonâncias e apagar diferenças. Daí porque é importante atrair o signo da dúvida para essa consensualidade, observando o que há de consensual e o que é peculiar nos discursos que enunciam *dispositivos* como o *BookTok*. Esse exercício torna possível descrever e interpretar o que é evidenciado e o que é interditado na reiteração desses discursos subjetivantes.

Ao empreender uma análise dos discursos da mídia sobre a construção dos perfis leitores dos presidentes FHC, Lula e Dilma, Curcino (2018) salienta que colocar em suspeita o discurso midiático equivale a adotar uma postura reflexiva frente a uma janela privilegiada de observação, embora oblíqua, das mudanças em curso na leitura, das condições e regras de sua produção, dos sentidos mobilizados e dos deslocamentos produzidos na contemporaneidade. Com esse gesto, temos a ganhar alguns pontos de ancoragem, tão flexíveis e escorregadios quanto podem ser fortes e fragmentados os pilares que nos oferecem os textos de Foucault para a travessia de um *acontecimento* discursivizado como “transformador”.

Entre outras relações, a visada midiática de transformação leitora é inquietante se pensarmos nas determinações de raça, gênero e classes sociais a ela subjacentes, na “matéria prima transformada”, no antes e depois da ação transformadora, nas forças envolvidas na passagem de um estágio a outro e, ainda, na cadeia de produtos derivados que formam um conjunto de consumo da leitura e nos *dispositivos* envolvidos. Diante dessa complexidade, problematizamos o uso da palavra “transformação” no título desta matéria, considerando o sentido universalizável e espetacular em que é utilizada pela mídia para se referir à passagem do jovem da condição de não leitor a leitor, à luz dos discursos sobre a leitura e representações dessa prática. Seguindo as pistas deixadas na trama discursiva pelas

enunciações da mídia sobre a plataforma *BookTok* e a leitura, focalizamos inicialmente a questão do gênero no discurso.

4.1 Leitura, substantivo feminino

O discurso *booktoker* é predominantemente visual e essa característica é reproduzida pela mídia por meio da inserção de imagens que têm no corpo e no livro o valor de indícios das diferentes relações entre leitura, seus objetos e o gênero. O par corpo-livro constitui uma linguagem protagonista da maioria de suas cenas — quando não, o corpo torna-se o destino maior do que é vendido em forma de livro. Indícios desta “economia da comunicação e da criação” se acumulam nas imagens, “tão longe quanto o olho possa vasculhar os detalhes do corpo” e do livro e a “língua nomeá-los” (Courtine; Haroche, 2016, p. 81).

O texto *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers* (Machado, 2024) é acompanhado de quatro enunciados imagéticos relevantes para esta análise. A primeira delas exibe um painel de *booktokers*, aparentemente recortado da plataforma, contendo rostos e corpos identificados pelos respectivos nomes de usuários:

Figura 1 – Painel de *booktokers* I



Os 'booktokers' dão dicas de leitura no TikTok — Foto: Reprodução/TikTok/via BBC

Fonte: Machado (2024).

Este primeiro enunciado mobiliza uma diversidade fisionômica capaz de produzir um sentido de representatividade racial e de gênero incomum de ser encontrada ao mesmo tempo

no ambiente da plataforma, conforme rolamos o *feed*²⁶. Instigados por essa percepção, e à falta de um censo da população *booktoker*, desenvolvemos um experimento intuitivo capaz de evidenciar o protagonismo feminino nessa comunidade. Para tanto, aplicamos um recorte de gênero e raça aos vídeos exibidos na janela principal do aplicativo, sob a *hashtag* *BookTokbrasil*, utilizando uma conta nova, sem histórico de utilização. Em 18 de setembro de 2024, utilizando um computador e o termo *#BookTokbrasil* como critério de busca, levamos esse experimento adiante e categorizamos os primeiros 208 vídeos exibidos na janela principal. Os conteúdos foram examinados quanto à pertinência do seu criador aos seguintes grupos: feminino-negro, feminino-branco, masculino-negro e masculino-branco, segundo a nossa percepção de características fenotípicas. Apesar de não ser possível extrair conclusões generalizantes, o que dependeria de uma pesquisa mais ampla e cientificamente rigorosa, foi possível identificar uma regularidade bastante pronunciada: mais de 70% dos conteúdos exibidos são criações de mulheres jovens brancas, identificadas pelo rosto, partes do corpo visíveis ou perfil de usuário. Enquanto isso, 15% são de homens brancos, e os outros 15% dividem-se em partes mais ou menos iguais entre mulheres e homens negros (os resultados parecem ainda mais concentrados quando usamos o critério de busca *#BookTok* ao invés de *#BookTokbrasil*, pois nesta simulação também são exibidos conteúdos de *booktokers* estrangeiros).

Diante dos números, algumas inquietações e reflexões emergem, quando consideramos o fato de que, não obstante, a) alguns desses vídeos são criações de um(a) mesmo(a) *booktoker*; b) o painel de rostos exibidos no texto aponta para um cenário de representatividade; e c) tratando-se o gênero de uma construção social, a impossibilidade de captar, nesse experimento, a marcante representatividade LGBTQIAP+ entre os criadores que atuam na plataforma. Assim, refletimos que: a) o *BookTok* representa o olhar feminino sobre a leitura e é improvável que se tornasse o fenômeno que é hoje, não fosse o fator gênero; b) a reprodução de um discurso consensual que normaliza a leitura como uma prática eminentemente feminina; e c) outro problema, desta vez ligado à educação, coloca-nos forçosamente a refletir sobre a eficiência de propostas pedagógicas alheias às aparentes diferenças de interesse espontâneo pela leitura demonstrado por cada gênero.

Outros números ilustram essas percepções. Segundo dados publicados no portal UOL (Casarin, 2024), nos dez dias da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, edição 2024,

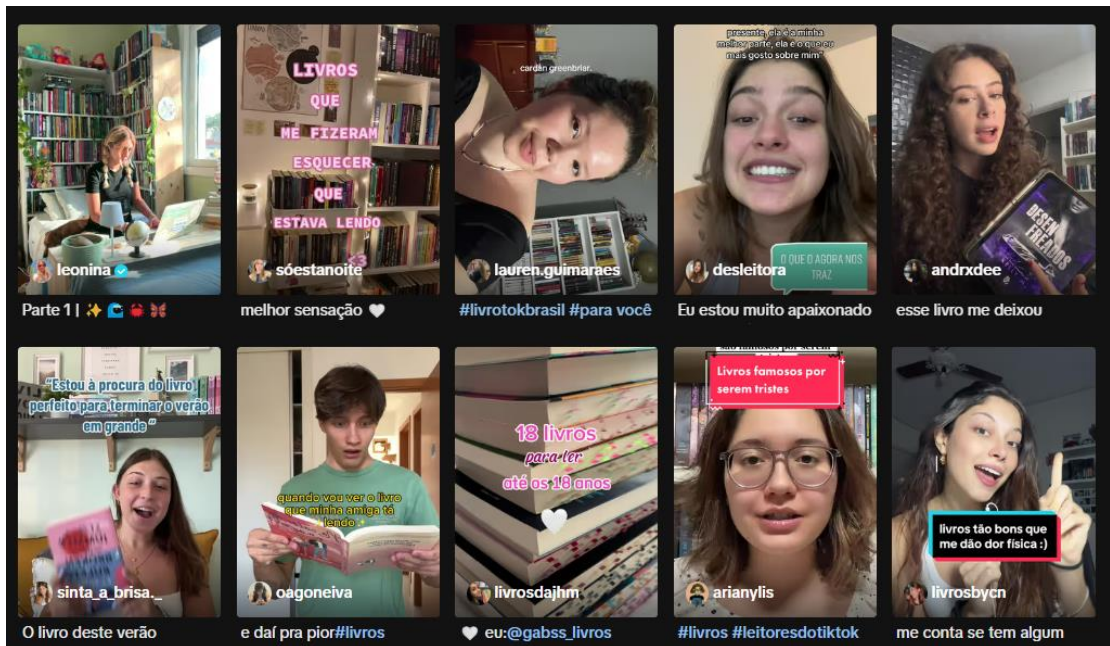
²⁶ O termo *feed* (do inglês, *alimentar*) compõe o vocabulário das redes sociais e designa o fluxo de vídeos exibidos na plataforma, segundo critérios como: semelhança com outros vídeos assistidos, popularidade, novidade, duração, ligação com o criador, conforme descreve o próprio *TikTok*. Disponível em: https://support.tiktok.com/pt_BR/using-tiktok/exploring-videos/for-you. Acesso em: 14 out. 2024.

[...] passaram pelo Anhembi 722 mil visitantes, um público quase 10% maior do que na última edição, em 2022. [...]. E, segundo levantamento feito pela própria Bienal, a imensa maioria desses visitantes foi formada por pessoas do gênero feminino. 68,8% de quem esteve passando pelos estandes de editoras e livrarias se identificaram dessa forma, enquanto a opção “masculino” ficou com apenas 28,5% (1,2% citou “outros” e 0,5% preferiu não responder).

É interessante observar como o percentual de visitantes do gênero feminino na Bienal coincide com a parcela de criadoras de conteúdo na plataforma. Esse indício reforça a hipótese de que a leitura evolui como uma prática feminina no ambiente da plataforma, não obstante outras regularidades possam ser evidenciadas a partir deste primeiro enunciado.

À medida em que navegamos pela página inicial do #BookTokbrasil, a diversidade fisionômica dos *booktokers* parece homogeneizar-se em relação ao gênero e à raça, inclusive. Rolando para cima o *feed*, a representatividade de rostos e corpos vai sendo diluída e torna-se menos marcada em comparação ao enunciado, enquanto a regularidade feminina branca fica mais evidente. É o que percebemos na imagem seguinte, extraída da plataforma, onde quase todos os *booktokers*, exceto um, pertencem ao recorte de gênero e raça feminino-branco:

Figura 2 – Painel de *booktokers* II



Fonte: <https://www.tiktok.com/tag/BookTokbrasil?lang=pt-BR>. Acesso em: 21 set. 2024.

Aplicando o recorte de gênero à imagem da figura 2, confirmamos a regularidade feminina evidenciada pelos números e normalmente invisibilizada no discurso midiático. E quando a confrontarmos com a preferência literária manifestada pela grande maioria dos usuários da comunidade, ficam ainda mais fortes os sinais de como certas relações entre a

leitura e gêneros são interdidas pela grande mídia. Os números já citados de vídeos, visualizações, comentários e vendas do romance *É assim que Acaba* calham como exemplo da predileção do público da plataforma pela literatura para jovem-adulto, especialmente se for um romance *hot*²⁷.

A esse respeito, Curcino (2018, p. 240-241) aponta que as representações de homens e mulheres como leitores ao longo da história destinaram-lhes papéis distintos, conforme o gênero. Enquanto ao homem, em sua representação de leitor ideal, costumam ser atribuídas leituras interessadas e intelectualmente relevantes; já às mulheres são destinadas as leituras de entretenimento, característica esperada de um romance bem escrito, qualidade que a imensa maioria de leitores comentadores atribui às obras da escritora Collen Hoover. A reprodução dessas determinações ecoa a “divisão cultural que ao longo da história destinou diferentes práticas, obras e usos da leitura para homens e mulheres”, no dizer de Curcino (2018).

Ademais, o recorte racial tem valor de indício da especialização do poder na sociedade do espetáculo (Debord, 1997, p. 18-23). O autor sinaliza como “parte do mundo se representa diante do mundo e lhe é superior”, segundo regras, hierarquias e estrutura da sociedade especializada em sua automanutenção. Em seu funcionamento, tais determinações legitimam os papéis de cada *sujeito* numa ordem midiática unilateral que “reúne o separado, mas o reúne como separado”. Assim, a notícia da passagem cultural de uma jovem negra “transformada em leitora”, pressupõe uma escolha jornalística de espectadores para os papéis de leitora e não-leitora. A materialização dessa escolha, e o que decorre dela, conserva a “inconsistência na mudança prática das condições de existência”, pois a “transformação” é simultânea à reprodução do estereótipo de superioridade de uma classe social e de inferioridade de outra, por meio de um “vínculo irreversível com o poder especializado que as mantém isoladas”: a aparência.

A linguagem do *espetáculo* acompanha a degeneração do *ser* para o *ter*, seguida pelo deslizamento do *ter* para o *parecer*, numa tendência generalizada de fazer *ver* a realidade individual naquilo que ela não é, num movimento capaz de igualar existência e aparência (Debord, 1997). Um reino de coerções e reiterações de hierarquias instituído pela ordem do discurso que organiza o dizível e determina quem pode enunciar sobre essa prática. A economia dos dizeres instaurada a partir daí é produtora de subjetividades, pois determina o

²⁷ No léxico da comunidade de leitores *BookTok*, a especialização *hot* (quente) é uma característica da literatura para YA (*young adult* = jovem adulto), tendência especializada pelo algoritmo. Pode ser definida pelo encaixe de referências à sexualidade dos personagens na trama, até o limite que separa a literatura YA da erótica, mas “TEM QUE DAR DETALHES”, desejosamente nem tão polidos, nem tão literários, como explicita a usuária *Você*, em um dos comentários ao vídeo *CHEGA DE LIVRO SEM HOT CHEGA DE ROMANCE SEM HOT*. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@book.jude/video/7416821456434236677>. Acesso em: 08 out. 2024.

conjunto de enunciações possíveis e desejáveis aos sujeitos, conforme a função que lhes é destinada no discurso. No uso dos enunciados imagéticos em análise, o negro é tomado como “metonímia de uma representação consensual” de “penetra” no mundo letrado (Curcino, 2024, p. 87). Estamos diante de um enunciado que costuma mergulhar o corpo negro no desejo inconsciente de ser branco, segundo observa Fanon (2008). Para Curcino (2024), esse tipo de enunciação coaduna-se com outras tantas situações de tratamento desumanizado e totalizante dispensado a muitos brasileiros, pois desconsidera o indivíduo, tomando-o metonimicamente como “representante de um contingente de mesma origem, mesma formação, mesmas carências” e mesma cor, salientando que:

Essas ofensas formam identidades segundo o espelho deformado pela imposição da vergonha alheia que o outro lhe coloca em face, esse outro que lhe lembra uma falta da qual se envergonhar sempre, herdada pelos seus, lembrada aos seus e equivalente a uma “forma máxima de expropriação, que é vergonha de si mesmo (Curcino, 2024, p. 88).

No enunciado seguinte, colocamos lado a lado as outras três imagens acionadas na matéria de modo a evidenciar relações entre a revolução dos algoritmos na comunicação da leitura, discursos consensuais sobre essa prática e a representação feminina na plataforma. As figuras 3, 4 e 5 acompanham o texto para construir as representações de uma leitora tardia²⁸, uma leitora profissional (*booktoker*)²⁹ e uma leitora ideal, com todas as ressalvas que esta expressão exige, nessa ordem. Observamos que as fotografias utilizadas para representar a leitora tardia e a *booktoker* fazem parte do arquivo pessoal dos sujeitos retratados, os quais emprestam suas falas ao texto e cujos nomes são publicados. A leitora representada na figura 5, por outro lado, é um modelo cuja foto pode ser adquirida em banco de imagens (Machado, 2024), escolhida para composição da matéria em alinhamento com uma memória discursiva que ecoa longevas representações e temas da leitura, que ainda ditam regras do visível e do dizível na ordem do discurso midiático.

²⁸ Francielly Aparecida de Assis, 23 anos, babá (Machado, 2024).

²⁹ *Anajulivros* é o identificador da *booktoker anaju*, cuja conta na plataforma soma 295,9 mil seguidores e 11 milhões de curtidas, distribuídas em 237 vídeos com milhares ou milhões de visualizações, sendo 10,7 mil para o menos visualizado e 5,6 mi para o mais visto. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@anajulivros>. Acesso em: 08 out. 2024.

Figura 3 – Leitora tardia
(jovem transformada em leitora)



Figura 4 – Leitora profissional
(booktoker)



Figura 5 – Leitora ideal
(modelo de leitor)



Fonte: Machado (2024).

Na figura 4 (leitora profissional), a imagem posada de uma jovem sorridente e orgulhosa, corpo retraído, com ares de intelectualidade, computador no colo e livros ao fundo caracteriza uma especialização do leitor no presente, para quem essa prática é uma profissão que se exerce como um estilo de vida monetizável no expansivo mundo de visibilidades das plataformas digitais. À referencialidade do livro somam-se certos elementos materiais e imateriais, organizados segundo um esquema sujeito-linguagem-corpo-livro, que surge com força de indício de um protocolo de representação *booktoker* como um tipo modelar de leitor-profissional visível. A construção da imagem de criadora de conteúdos, comum a quem recomenda leituras e com isso inspira e influencia neófitos nas redes digitais, difere da caracterização da leitora tardia (figura 3), a quem não se deixa de evidenciar, pelos elementos presentes e ausentes na imagem correspondente, as marcas de uma hierarquização social divisora. Essas diferenças deixam e fazem transparecer a condição de “penetra” da leitora tardia. Alguém trazida ao encontro de representações modelares do mundo letrado, como a que encontramos na figura 5, por influência do *BookTok*.

No dizer de Curcino (2018, p. 227), é comum aos “textos que recorrem ao livro como símbolo na representação da condição leitora [...]”, a utilização de imagens “temática e estruturalmente” semelhantes, úteis a representar o assim considerado “leitor ideal”. Segundo esse modelo, “predomina o gênero fotográfico, com imagem posada e dirigida”, com o representado “em primeiro plano, ocupando de forma exclusiva a centralidade da cena”, “por vezes com um livro na mão e, invariavelmente, com uma estante de livros ao fundo”. É o tipo de modelo universal, pois veste uma infinidade de sujeitos, satisfazendo as mais variadas necessidades de representação, como as de uma *booktoker* ou de um presidente em fotos oficiais. Para ambos, igualmente, o livro perpetua “[...] a antiga tradição do retrato de pessoas que se destacam”, conforme destacou Chartier (1999, p. 84), afirmando a “referencialidade do que é retratado, do ‘ser assim’ leitor do representado”, segundo Curcino (2018, p. 227).

Dessa maneira, é possível avançar graficamente nessa percepção sobrepondo-se duas linhas imaginárias e perpendiculares entre si à cenografia da figura 4, a partir do centro da imagem até os limites externos. Com esse gesto, formam-se quatro quadrantes que cobrem a superfície observável, além de um marco zero fixado no corpo da *booktoker*, “lá onde os caminhos e os espaços se cruzam” (Foucault, 2013, p. 14).

Embora não seja a única, talvez nem a principal, a emblemática referência ao livro impresso em segundo plano é marcante no espaço cênico, ordenado e remetente à leitura e suas pontes. Um lugar um tanto asséptico e impopular por redução à média dos brasileiros, povoado de outras referências que não estão ali por acaso, naturalmente. Sob essa perspectiva, o tradicional perfil leitor posado em frente aos livros, apropriando-se do seu valor simbólico, ganha novas nuances e com elas outros sentidos são mobilizados. Seus efeitos semânticos resultam da articulação e interação de camadas de sentido acumuladas na imagem.

Em lugar dos ambientes formais, como as bibliotecas e gabinetes particulares de leitura, entra em cena o quarto, que sem perder sua característica de recinto privado de segurança e intimidade, ganha ares de espaço público de leitura nas redes sociais. Ambientada no quarto da *booktoker*, a imagem analisada é representativa de outra regularidade do *arquivo*. Percebemos padrões estéticos bastante gourmetizados nos ambientes que servem de pano de fundo para os vídeos. Um recurso útil para destacar produtos de interesse econômico nas redes sociais, inclusive o livro.

A imagem da estante de livros, elemento comum no universo *booktoker*, agrega familiaridade à cena, aproximando-a mais uma vez dos discursos consensuais sobre leitura (Curcino e Manfrim, 2020). Torná-la visível e atraente sob as mais variadas maneiras é uma regularidade na prática *booktoker* ressoada nos textos da mídia. A passagem da estante da sua clássica posição para a intimidade do quarto é um gesto simbólico carregado de significados. Enfatizamos esse deslizamento como elemento de articulação da intimidade e do privado em um espaço comunitário digital de “intercâmbio e comunicação”.

Quando Chartier (1999a, p. 132-155) questiona se os espaços públicos de leitura estariam se dissolvendo sob efeito da relação privada e fria com texto eletrônico, caracterizada por uma leitura presa à tela, talvez fosse cedo demais para imaginar como a frieza destes “camarotes e gabinetes isolados” poderia ser aquecida por uma nova extração de “indestrutibilidade do texto”. Um uso das telas que subverte os protocolos de “leitura na biblioteca eletrônica” em seu próprio espaço e confronta a idealização dessa prática e o próprio funcionamento da rarefação dos discursos, já que ali todos podem falar de leitura. Assim, o efeito translativo do *BookTok*, resultado de uma concorrência de suportes em

proveito da cultura impressa, ou seja, do livro em papel como objeto que a materializa, parece reafirmar, e não o contrário, “a tensão fundamental que atravessa o mundo contemporâneo, dilacerado entre a afirmação das particularidades e o desejo de universal”, referida por Chartier (1999a).

Como elemento central dessa vocação para a universalidade, o livro impresso é uma presença ostensiva nos textos e nas imagens selecionadas pela mídia, mobilizando um sentido de naturalidade da prática leitora para o qual contribui a estante como objeto que desliza de espaços mais herméticos para a suavidade e conforto do quarto. No texto, a referência ao livro e à estante emerge nas palavras da *booktoker*:

Sempre gostei muito de ler [...]. Ana Júlia conta que não tinha o hábito de ler até a adolescência, mas, sempre que ia ao shopping, gostava de entrar nas livrarias, ver os lançamentos e levar uma obra para casa, mesmo que ficasse na estante. Foi quando ela precisou fazer um exame médico demorado que pegou gosto pela leitura. [...] diz que hoje lê ao menos 40 livros por ano — e tudo é compartilhado com seus seguidores, que vão de adolescentes a idosos (Machado, 2024, grifos nossos).

Do ponto de vista linguístico, a opção pelo advérbio “sempre” em referência ao gosto pela leitura e à frequência com que ocorriam visitas ao shopping reforçam esse efeito de familiaridade. A habitualidade é condizente com a existência de condições materiais e imateriais propícias e anteriores à construção do hábito leitor (para adquirir um novo hábito, antes torne-o familiar). E, se uma vez no shopping, “gostava de entrar nas livrarias” desmancha-se aí a ideia de habitualidade por obrigação. Em seu lugar, assume o sentido de um prazer possível e desejável para quem reúne condições para tanto. É sensível como a curiosidade em “ver os lançamentos” funciona como gatilho para o consumo, à medida em que visitas ao shopping eram sempre acompanhadas pelo opcional de “levar uma obra pra casa, mesmo que ficasse na estante”. Nesse sentido, a opção pelo verbo “ver”, responsável por guiar o imaginário, o dizível e as ações no *espetáculo*, transparece a função emblemática da palavra-enunciado “lançamentos” de tornar o olhar mais suscetível ao poder sensibilizante da imagem na *sociedade do espetáculo*.

No processo de objetificação do livro como mercadoria no templo do consumo, os desejos são *comodificados*, dando origem a comportamentos hipnotizados pelo verbo modal *comprar*³⁰ (Bauman, 2021; Debord, 1997). Interessam os “lançamentos”, sentido bastante

³⁰ *Comprar*, segundo Bauman (2021, p. 95), “significa esquadrihar as possibilidades, examinar, tocar, sentir, manusear os bens à mostra, comparando seus custos com o conteúdo da carteira ou com o crédito restante nos cartões de crédito, pondo alguns itens no carrinho e outros de volta às prateleiras [...]. O que quer que façamos e qualquer que seja o nome que atribuamos a nossa atividade, é como ir às compras, uma atividade

comum quando se trata, por exemplo, de bens consumíveis como cosméticos, peças de vestuário ou dispositivos tecnológicos, normalmente encontrados nos shoppings. Apesar de estarem evidenciadas as condições adequadas à leitura, há ainda um ponto de inflexão a ser considerado no texto: “Foi quando ela precisou fazer um exame médico demorado que pegou gosto pela leitura”. Nessa nota, percebemos uma declaração comum ao discurso dos “herdeiros”: o apagamento da escola como lugar de leitura e dos professores como formadores desse hábito.

A respeito desse discurso de desreferencialização da instituição escolar, é interessante observar alguns resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Brasil, 2024). Questionados sobre a origem do interesse por literatura, mais de 67% dos leitores mais jovens (entre 5 e 17 anos) pesquisados indicaram a escola ou algum professor como resposta. Porcentagem que se mantém significativa na faixa etária de 18 a 39 anos (mais de 40%). Não obstante a pesquisa ter captado a importância da escola na polinização de leitores, o sintomático apagamento dessa função nos discursos da mídia que tematizam a leitura, aliado a escolhas linguísticas e sentidos que desviam a atenção de questões importantes sobre esse prática, são fatores que denunciam um projeto hegemônico de deslegitimação da escola como lugar de leitura. De fato, causa estranheza a regularidade com que os sujeitos eventualmente convocados pela mídia para falar publicamente sobre a trajetória pessoal de leitura deixam de citar a escola e o professor entre aqueles lugares, situações e sujeitos que marcaram decisivamente sua condição leitora, não obstante todo o período de formação escolar.

Nesses casos, o encontro com o livro e a guinada à leitura costumam ser atribuídos a uma escolha pessoal ou situação particular, fruto do acaso ou de uma circunstância cotidiana sem relação com o ambiente educacional. Algo trivial, como uma consulta médica demorada. Esse episódio inesperado de encontro produtivo com o livro recortado do texto em análise soma-se aos demais meios disponíveis aos herdeiros para construir um sentido de despertar idiossincrático para a leitura, uma situação que foge do lugar-comum e com isso garante alguma diferenciação social na definição do marco zero de uma trajetória leitora.

Seguindo o processo de formação do hábito leitor da *booktoker* até o presente, a passagem do “como” livros são adquiridos para “quantos” são lidos é outra afirmação do numérico nessa trajetória. A nota de que “hoje lê ao menos 40 livros por ano” tem o efeito, que não é único, de alargar no tempo sua herança leitora, como um hábito iniciado por gosto,

feita nos padrões de ir às compras. O código em que nossa “política de vida” está escrito deriva da pragmática do comprar”.

com o impulso do acaso, que foi e está crescendo em quantidade no tempo. Decorre daí que tempo disponível e isolamento social são fundamentos dessa representação reificada de leitor.

Essa construção abundante de leitor circunscrito por padrões quantificáveis e mensuráveis como páginas de um romance ou palavras por página, realça a função estética do livro como mercadoria autorreferenciada, um fim em si mesmo. Em um sentido mais amplo, a aquisição não excepcional desse objeto, desindexada de uma obrigação ou de sacrifícios do orçamento familiar, é uma prática sabidamente minoritária, que nem por isso deixa de ser desejosa. Pela característica de ornamento simbólico que assume, a compra casual é reificada nos discursos sobre leitura e *BookTok*, fato que nos coloca em contato com a persistente questão da desigualdade social e falta de acesso às condições materiais de leitura na sociedade brasileira.

Segundo Bauman (2021, p. 95-100), em uma sociedade de consumidores a compra deixa de ter uma referência particular, pois “se baseia na adequação ao universal”. Compra-se para não perder uma oportunidade aparentemente preciosa, cujo valor nunca se comprova. Esse estado emocional de ansiedade atrelado ao uso excessivo de mídias impacta na constituição dos sujeitos mais jovens, mantendo-os mergulhados, em variadas frentes, na tensão entre o universal e a afirmação das particularidades. Na linguagem das redes, essa “sensação de pressão” é nominada pelo acrônimo FOBO, do inglês *fear of a better option*, que significa “medo de opções melhores” (Francisco, 2024).

Citando Harvie Ferguson, Bauman (2021) mostra como, no decorrer da especialização do *espetáculo* consumista, o querer, e não mais o desejo, sobrepõe-se como estimulante do consumo:

Enquanto a facilitação do desejo se fundava na comparação, vaidade, inveja e a necessidade de autoaprovação, nada está por baixo do imediatismo do querer. A compra é casual, inesperada e espontânea. Ela tem uma qualidade de sonho tanto ao expressar quanto ao realizar um querer, que, como todos os querereres, é insincero e infantil (Bauman, 2021, p. 98).

Ao destacar, por meio de discursos consensuais, o papel do querer na formação de um passado leitor, o texto chama a atenção para o poder de atração do objeto simbólico de prestígio sobre o desejo do sujeito-leitor, estratégia altamente especializada e numericamente justificada na sociedade contemporânea, notadamente pelos algoritmos das redes sociais. Segundo Bauman (2013, cap. 16), os mercados de consumo, através de múltiplos *dispositivos*, lucram com a comodificação do querer, reduzindo-o à condição de produto, “e isso exige aviltar, reprimir e extirpar todas as formas dessa busca que resistam a ser desviadas para um

desejo por mercadorias [...]” fora de um padrão flutuante típico das redes. Refratária à fixidez, a “[...] ambivalência das necessidades e desejos humanos oferece oportunidades de expansão em aparência infinitas”, como a que se pode notar da oposição entre o ser (leitor) e o parecer (leitor) no mundo de aparências das redes sociais.

O *espetáculo*, face exposta da sociedade do consumo, explora a ambivalência do querer humano em suas variadas manifestações, entre elas o *ser* e o *parecer* leitor, relativizando a distância entre ambos. Sob a perspectiva de um processo de *comodificação* do *ser* leitor, o *BookTok* funciona como engrenagem insuspeita de um complexo mecanismo de “adestramento” do jovem para o consumo referido por Bauman (2013). O capital cultural da leitura, sendo desejado, é relativamente fácil de ser vendido, embora o principal bem consumido – não o único – seja o livro impresso, objeto de prestígio social e valor econômico. Some-se ainda a incitação ao consumo de uma literatura ultraprocessada pelo algoritmo, cuja oferta é a requerimento dos próprios usuários, e estaremos diante de um regime midiático que promete o *status* social do parecer leitor sem os pedágios e a aleatoriedade do ser leitor. Passando ao largo de questões importantes sobre a interdição desse direito, a dinâmica da plataforma vende um sonho universal ser leitor anconrado no numérico, que vai se adensando na memória discursiva enquanto especializa discursos consensuais sobre a leitura.

4.2 Leitura à pronta entrega

De volta à Figura 4, quando corremos o olhar de cima para baixo, as fileiras de livros e o *notebook* projetam quatro fios ascendentes que, se prolongados, conferem à cena o efeito visual de uma função crescente no sentido das projeções. Essa percepção ecoa, em sua versão mais otimista, o adjetivo “fenômeno”, comumente acionado para qualificar e quantificar o alcance do *BookTok*, como uma comunidade de leitores em crescimento exponencial.

Os números ainda refletem uma estratégia comercial bem sucedida que mobiliza uma base digital para falar do livro impresso. A começar pelo nome, *BookTok*, um neologismo formado pela justaposição de um radical analógico (*book*) e outro digital (*Tok*), capaz de enlaçar simbolicamente o livro e as tecnologias digitais em um espaço virtual dedicado à leitura. Apesar de não ser novidade, a divulgação do livro através de plataformas digitais encontra no formato *BookTok* uma solução simplificada e virtualmente ideal: vídeos curtos capazes de incentivar a leitura e polinizar consumidores, nos quais jovens criadores desenvolvem ações com o livro motivados por uma relação emocional e autêntica com a

audiência. Ao negociar com o livro e as juventudes, cuja capacidade de consumo interessa ao poder econômico, o *BookTok* não escapa à lógica capitalista segundo a qual o jovem é sempre um “novo mercado” a ser “comodificado”³¹. Os números movimentados pelo *BookTok* indicam um aumento exponencial de sua própria relevância e poder de engajamento, enquanto o mercado de livros fatura em vendas e os próprios jovens são salvos da dispensabilidade, devido a sua contribuição potencial para o consumo (Bauman, 2013). Do ponto de vista comercial, é uma relação triangular, com o livro ao centro, vantajosa para todos os vértices: a plataforma, o mercado livreiro, já incluídos os autores, e os *booktokers* profissionais.

Sob a perspectiva do mercado editorial, o fato de dois títulos da literatura oriental estarem em evidência não parece ser uma escolha inocente e exemplifica tanto a soberania da literatura estrangeira em relação à brasileira, citada por autores como Ceccantini (2016, 2020), como o entrecruzamento de discursos de diferentes campos enunciativos nas representações de leitura. Ocupando posição central da estante de livros na figura 4, com letras garrafais e capa vermelha, nota-se o romance *Battle Royale* (2014), livro de Koushun Takami, sucesso da literatura japonesa. Já no topo da pilha de livros ao lado da *booktoker* está *Pachinko* (2020)³², de Min Jin Lee, uma ficção histórica que acompanha a saga da adolescente Sunja, imigrante coreana no Japão. Ambos os livros pertencem à chamada literatura para jovens adultos, uma tendência no *BookTok* explorada economicamente pelo mercado editorial que marca presença no texto: “O mercado de ficção para jovens tem crescido muito, e o *BookTok* é talvez o principal vetor disso, diz Roberta Machado, da Record”. Confrontando este enunciado com o quanto visibilizado na figura 4, a referência à literatura japonesa para jovens adultos pode ser interpretada sob pontos de vista distintos, um interior e outro exterior. No interior, como marca da subjetividade *booktoker* materializada na composição, é capaz de representá-la por diferenciação, como uma leitora de literatura oriental, inclusive. Isso nos sugere o quanto o acesso a um determinado tipo de literatura considerada de nicho resulta na rarefação de seus leitores e numa maior idealização de sua condição. Já sob o ponto de vista exterior, essa sutileza do discurso pode ser interpretada em reforço à ação de curadoria do algoritmo na promoção de um certo tipo de literatura criada sob demanda para atender aos gostos dos leitores da plataforma.

³¹ *Comodificação*, no dizer de Bauman (2013), é um traço característico da sociedade contemporânea determinado pela lógica de mercado, segundo a qual relações humanas como “a busca de diversão, conforto e felicidade” são convertidas em mercadoria e, nessa condição, passam a ser tratadas como produtos de interesse econômico.

³² Disponível em: <https://www.tiktok.com/@bialaidens/video/7308779042298137861?q=Pachinko%20&t=1726334385998>. Acesso em: 08 out. 2024.

Seja para apetecer às necessidades individuais de expressão da subjetividade leitora ou atender à demanda por determinados gêneros literários alinhados à cultura jovem, a plataforma é um espaço comunitário, no qual necessidades contemporâneas por profundidade encontram a mediação especializada dos *booktokers* e a curadoria do algoritmo. No cenário saturado de informações, ler no impresso assumiu contornos de diferenciação e exceção face à fluidez e excessos da modernidade. Em benefício da leitura impressa, essa injunção entre o universal e o particular, cada qual com suas reivindicações, encontra na ambivalência *BookTok* um contraponto à tendência generalizada de fragmentação contemporânea e, simultaneamente, uma janela para a universalidade capitalista (Bauman, 2021; Chartier, 1999a, p. 148).

A parte universal desse paradoxo assume contornos geográficos no texto. Além das quantificações já apresentadas, a extensão do “fenômeno” é uma marca do discurso sobre a plataforma, capaz de atingir diversos países, entre eles o Brasil. Outro sinal da potência do *espetáculo* é comumente evocado através de exemplos de autores emergentes e livros populares na comunidade, utilizados para vender e justificar sua enunciada capacidade transformadora de dupla entrada e dupla saída: jovens em leitores e autores em *best sellers*. No texto, essa marca pode ser notada nas referências ao volume de visualizações de vídeos relacionados a uma única autora e aos mais de quatro milhões de livros vendidos “só” no Brasil. Esse esforço de vocação universal qualifica o *BookTok* como um *acontecimento* expansivo originário no domínio virtual, de efeitos reais, numericamente mensuráveis. Do texto analisado, recortamos:

“O que vemos é a possibilidade de um livro viajar rapidamente por centenas de milhares, até milhões de jovens, e a procura estourar nas livrarias”, diz Roberta Machado, diretora de comunicação do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e CEO da editora Record (Machado, 2024, grifos nossos).

Tal como informa Debord (1997, p. 15), a “[...] realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e toma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva”. Assim, cada domínio “só se fundamenta em sua passagem para o oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real”. Essa reciprocidade está bem marcada no enunciado, e deixa indícios de como a “linguagem do espetáculo” “[...] é constituída de sinais da produção reinante”, seu objetivo último.

Entre um oposto e outro de cada entrada (jovem e autor) e cada saída (leitor e *best seller*) opera um mecanismo multifatorial. Segundo nota da matéria da *BBC News*, “A

divulgação de obras nestas plataformas e, conseqüentemente, seu sucesso ou viralização dependem de alguns fatores: as tendências em alta, os assuntos do momento e os influenciadores que comentam sobre uma obra”. Esses aspectos ajudam a explicar a escassez de referências à literatura testada pelo tempo no discurso da grande mídia sobre o *BookTok*, pela simples razão de serem elas esparsas no catálogo de vídeos produzidos. De fato, autores mortos e livros escritos em outras épocas não costumam ser, por si só e a despeito do seu valor e do valor da literatura contemporânea, vedetes na plataforma. Geralmente, as recomendações dos cânones literários necessitam de um impulsionamento relacionado a algum fato novo com repercussão nas redes sociais. É o caso da onda totalitária mundial, cuja ascensão e riscos à democracia assistimos, responsável por reacender o interesse de obras como *1984* e a *Revolução dos Bichos* ou a intersecção de personalidades públicas, como a escritora Courtney Heninng Novak, *booktoker* estrangeira que deu vida nova a *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Se for o caso dessa ausência nada nos dizer de importante sobre a qualidade dos gêneros de preferência e a literatura produzida para atender a demanda por gêneros emergentes, nos perguntamos com Wolf (2019, p. 109-110) o quanto a “familiaridade decrescente” dos jovens de hoje “com uma prosa conceitualmente complexa”, comum à literatura considerada clássica, tem a ver com esse apagamento. Não só isso, mas se essa falta deve ser considerada à luz da “relação crítica entre a qualidade da leitura e a qualidade do pensamento”, na hipótese desse desalinhamento estar sendo alimentado “pelos gêneros que estão sendo evitados”. Há de se cogitar, em caso positivo, se o *BookTok* leva a leitura de entretenimento a um impasse.

4.3 A especialização da imagem de leitor na acumulação de espetáculos

Ao comentar a pintura *Heurs de loisirs* (horas de lazer) do pintor belga Georges Croegaert, conhecido por retratar figuras femininas e cenas da sociedade letrada do século XIX, Chartier (1999a, p. 121) escreve:

No suave conforto de um interior burguês, a leitora enlanguescida preferiu os romances em brochura (um está aberto no chão, como se a leitura tivesse sido interrompida e o outro é seguro pela sua mão esquerda) em vez daqueles encadernados da estante, bem arrumados mas sem dúvida pouco lidos.

Com sua descrição, Chartier (1999a) instiga o imaginário a construir a imagem sobre a qual escreve, habilitando o leitor a falar sobre uma pintura sem necessariamente vê-la, tanto quanto é possível dizer detalhadamente, sob certas condições, sobre livros que não temos em mãos, “bastando ouvir e ler o que outros disseram dele”, de acordo com as provocações de Bayard (2007, p. 53-68), Valéry, Proust e Umberto Eco, sobre como falar de livros não lidos, aqui estendidas para a imagem.

A pintura *La Lecture* (A leitura), reproduzida na figura 6, foi concebida pelo mesmo artista no verão de 1890. Ela apresenta uma mesma representação de leitora, para a qual parece ter sido dirigida, em sua plenitude, a descrição de Chartier (1999a) sobre *Heurs de loisirs*. Como cena repetida de uma mesma trama, no ambiente interno à moda burguesa, a jovem leitora do século XIX é confortavelmente retratada com uma brochura na mão direita, enquanto outros tantos livros aparecem movimentados no tapete vermelho. No mesmo plano onde livros em uso e flores naturais aquecem a cena, fazendo contraste com a solidez das obras encadernadas e imobilizadas na estante de livros não lidos.

Figura 6 – *La Lecture* (A leitura)



Fonte: <https://www.parismuseescollections.paris.fr/fr/musee-carnavalet/oeuvres/la-lecture-0>. Acesso em: 27 set. 2024.

As pinturas do século XIX não se destinam a assinalar, na *ordem do discurso*, uma origem secreta, em um “ponto recuado” no tempo, das representações de leitura em circulação no presente. Pelo contrário, tal como adverte Foucault (2022a, p. 29-33), em *A Arqueologia*

do Saber, “Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância”, como um conjunto de enunciados que muda no tempo e faz surgir singularidades. A esse respeito, a referencialidade ao passado não busca a repetição de um início ou a “interpretação de um já-dito”. A questão aqui colocada é a de, justamente, tentar suspender as continuidades em sua “dispersão temporal”, cujas especializações assistimos em abundância sob a forma de *upgrades* silenciosos de representações que povoam o discurso sobre a leitura, para compreender as regras pelas quais esse saber é “repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até os menores traços”. Não se trata, portanto, de uma comprovação da “continuidade do discurso e sua secreta presença no jogo de uma ausência sempre reconduzida”. Pelo contrário, mantendo suspensas as continuidades, o discurso é considerado à luz das racionalidades que determinam suas condições de emergência e possibilidade, a partir das quais buscamos compreender os múltiplos processos que o constituem.

Feitas essas considerações, retornamos à figura 4, em sua representação situada no “suave conforto de um interior” minoritário, no qual a jovem tem o *notebook* em sua posse. A escolha pelo dispositivo e sua posição de destaque na imagem tem inequívoca e imediata relação com a ocupação da *booktoker*, não obstante possamos explicá-la sob outra perspectiva. Como leitora, essa opção pode ser compreendida como uma especialização do modelo longínquo, colocando em retrospecto a representação ideal de leitor (figura 5) e a forma como o livro é discursivizado. Nos discursos consensuais sobre leitura já validados pelo tempo, a expectativa gerada pela *memória discursiva* é que o leitor tenha em mãos o livro como objeto de comunicação do escrito e, nesse contato direto transmita familiaridade com esse suporte, beneficiando-se do prestígio social que carrega. No entanto, na figura 4, a leitora profissional tem em mãos o *notebook*, cuja materialidade especializa simbolicamente a representação de leitor reificada na figura 5 e dá razão à Debord (1997, p. 13-14), quando diz: “a linguagem do espetáculo é constituída de sinais da produção reinante, que são ao mesmo tempo a finalidade última dessa produção”.

Para perceber por outros ângulos o funcionamento dessa representação, e como seus planos reconfiguram temas e ecoam permanências de imagens modelizadas de leitor, sobretudo as que resultam de uma visão burguesa romantizada da leitura como uma prática destinada ao entretenimento feminino, típica do século XIX, adicionamos um eixo analítico como “instrumento de unificação” que perpassa e conecta os elementos da imagem, carregando-lhes de sentidos à medida que avança do fundo da imagem em direção ao observador. Por essa perspectiva, aspectos sociais, culturais e históricos acumulados nas

camadas simbólicas visibilizadas e invisibilizadas na imagem são trazidos à tona. Na figura 4, as regras que determinam o visível são a face exposta do *espetáculo*, para a qual contribui o público, camada exterior à imagem, último detentor do poder de escolha (Bauman, 2021). Para além do visível, está o espaço funcional do público/consumidor, representado pela imagem da leitora tardia (figura 3). O diálogo dessas duas camadas com o escopo da figura é recursivo e inseparável (Debord, 1997, p. 13-14).

Quanto às camadas visíveis na figura 4, o conhecimento organizado e compartimentado sob a forma dos livros depositados na estante, segundo o sentido que as cores das capas emprestam à imagem, é a primeira e mais anterior das camadas de sentido. É seu substrato estático e perenizado a partir do qual tudo propaga. No entanto, já aí nos deparamos com o impasse a que nos referimos ao relacionar *BookTok* e a literatura de entretenimento, ainda mais se considerarmos aquele estoque de livros, fonte de inspiração de tantos jovens, como reprodução do quanto se observa nas livrarias, onde, segundo o texto, “[...] é possível encontrar seções intituladas ‘Livros do *TikTok*’, que mostram as obras populares na rede social”. Somos, então, forçosamente desafiados a refletir sobre as consequências para a proficiência leitora do consumo massivo de uma literatura especializada pela dinâmica do algoritmo, se a ela os leitores permanecerem limitados.

Acessar o conhecimento estocado nos livros requer movimento, sem o qual não é possível extraí-lo de sua fonte. Na imagem, esta função é delegada à figura intermediária da *booktoker* pelos representantes da audiência, no exercício do poder de escolha. Ao se referir à especialização da escolha no tempo, segue o texto: “O jovem, que antes tinha suas leituras decididas pelos pais ou professores, quer agora fazer suas escolhas por meio de suas bolhas, seus algoritmos”. Do quanto enunciado, nota-se uma transferência de poder ao representado, que o exerce “como um ofício, definido pelo cargo que lhe foi conferido” por procuração do público e não sob a presunção de autoridade possibilitada pela função medial do *dispositivo* (Foucault, 2010b, p. 338). Desse modo, o conhecimento acessado corresponde à segunda camada visível.

O gesto de dirigir-se ao livro é notado pelos títulos movimentados sobre a mesa de apoio, como aqueles espalhados pelo chão em *La Lecture*. Seu lugar é posterior ao conhecimento estático e anterior à audiência, todavia é material e culturalmente acessível à figura mediadora, modelo de leitora. Em sua corporeidade, a *booktoker* é a terceira camada visível na imagem, a qual exerce a função de *sujeito de conhecimento*, guardiã legitimada e autorizada pela audiência. Tem o acervo à disposição, recomenda escolhas e sobre elas

performa em obediência aos desejos do público. Na qualidade de representante, media a aproximação entre o jovem e o livro impresso no ambiente líquido das redes sociais.

Na camada posterior à *booktoker*, ainda na figura 4, a materialidade do dispositivo eletrônico ancora o sentido segundo o qual o *notebook* é o “posto de comando” do *acontecimento BookTok*. A tela é o elo de ligação entre o virtual (digital) e o analógico (impresso), entre o novo e o longínquo; torna inseparáveis as camadas da imagem, conectando-as através de suas rotas em um circuito recursivo. Como especialização do modelo burguês de leitor ideal, o padrão estético do leitor-profissional, tematizado na figura 4, assume o dispositivo tecnológico como ferramenta para disseminação do impresso, cuja materialidade emerge sob a forma do *notebook* no colo parcialmente visível da *booktoker* cercada por livros³³.

4.4 Estética do leitor visível


Como já delineado, a composição estética das imagens dos *booktokers* publicadas em textos da mídia tem no livro o principal objeto, mas não o único. Além do quarto, da estante, da cama, *booktokers* são regularmente fotografados usando óculos, símbolo letrado típico das representações de leitor, cujo enunciado passamos a abordar de forma mais detida. Essa vinculação temática entre elementos da imagem e a prática da leitura *booktoker*, ainda que não seja novidade, tem, na regularidade com que são acionados pela mídia, força de indício de um protocolo de representação desse tipo de leitor-criador. No dizer de Curcino (2018, p. 228), a constituição desse tipo de protocolo,

[...] resulta do funcionamento próprio a todo discurso e o modo como ele se inscreve em uma dada *memória discursiva*, responsável pela evocação de outros enunciados, cuja duração é regulada por um regime singular de repetição e apagamento.

Como outros objetos de interesse econômico pertinentes ao mundo das telas, os óculos são um daqueles símbolos específicos e universais que costumam mobilizar sentidos que se

³³ Na Figura 4, o logotipo da fabricante de dispositivos eletrônicos aparece semiocultado na tampa traseira do *notebook*. Esse descuido merece observação, pois a cobertura de logomarcas é regra entre veículos de mídia, em se tratando de matérias não patrocinadas. Do ponto de vista discursivo, a logomarca esmaecida sem o devido cuidado cumpre a função de convidar que se lhe complete a parte ausente. O imaginário coletivo é automaticamente sensibilizado e motivado a buscar no acervo do arquivo digital os detalhes que faltam. Algo impensável no século XIX, revelador de como os espetáculos foram se acumulando nas representações de leitor, inclusive. Nesse desdobramento, sem perder sua essência elitista, novos elementos são indexados ao modelo de leitor, especializando sua estética segundo as regras fluidas da sociedade do *espetáculo* e do consumo.

pode supor concorrentes: “afirmação das particularidades e o desejo de universal” (Chartier, 1999a, p. 133). A variedade de modelos à disposição constitui uma solução prática de consumo pronta para apetercer à individualização das aparências, face a um modelo universal de leitor representado pelo uso deste objeto. É, desse modo, “uma singularidade que expressa alguma coisa profundamente compartilhada”, sendo essa uma das formas que o universal sobrevive através do singular, segundo (Chartier, 1999a, p. 148).

A especialização da imagem assume novos contornos na linguagem *booktoker*, cujas evocações são flagradas na discursivização midiática. Extraído do vídeo intitulado *Agora eu amo meus oclinhos*  *cupom ANAJUI0 no site da zerezes*³⁴, abaixo transcrito, a *booktoker* “Anaju”, a mesma que empresta sua imagem à reportagem, apresenta uma parceria comercial com uma marca de óculos. Em suas palavras, os óculos reforçam sua “personalidade leitora, *cult* e intelectual”, pois compõem harmonicamente um perfil de leitor desejado.

Acabou de chegar esse modelo novo de Zerezes aqui em casa / e eu tô apaixonada inclusive me contém o que vocês acharam/ acho muito doido lembrar que teve uma fase da minha vida em que eu não gostava de usar óculos/ eu tive até uma fase que eu não gostava de ler sabia/ e eu acho que essas 2 coisas tinham um ponto em comum / **você não gosta de ler até achar o livro certo e você não gosta de usar óculos até achar um modelo que realmente combine com você/** na época da escola eu usava uma armação assim / não tinha nada a ver comigo/ então eu só usava em sala de aula ou em casa e o resto da minha vida eu passava assim... / eu achava que tava ótimo/ até que eu **encontrei modelos que realmente traduzissem a minha personalidade/** encaixassem/ acrescentassem/ porque **acrescenta né nessa nossa personalidade leitora cult intelectual/** na Zerezes eu realmente **consegui achar os design certos para mim** e de uma forma super simplificada/ e isso me deu **essa autoconfiança** e é por isso que eu sempre indico a Zerezes aqui/ pra que **vocês também consigam se amar** usando óculos de grau/ pra (se) ver melhor. (TikTok, @anajulivros, 2024) (grifos nossos).

Esse feixe implícito de discursos oriundos de diversos campos enunciativos aponta para a exploração econômica do discurso sobre leitura e, mais amplamente, para como a afirmação da aparência na sociedade do espetáculo faz de objetos “despretensiosos”, como os óculos, um elemento inseparável do próprio *espetáculo* que constitui o sujeito moderno, suas especializações e o modo de produção capitalista, de acordo com as ideias de Foucault (2022a), Bauman (2021) e Debord (1997, p. 16).

O sujeito-leitor nativo digital, em particular, constitui-se pelo grau de identificação com essas representações discursivas acumuladas nas imagens, como a do sujeito *booktoker*, quer pelas razões de ler, pelas formas de leitura e ainda pelos modos de existência que

³⁴ Disponível em:
https://www.tiktok.com/@anajulivros/video/7208658837719633157?is_from_webapp=1&sender_device=pc.
 Acesso em: 13 set. 2024.

expressa, colocando-se em relação com objetos de interesse econômico retratados, como os óculos. Sendo individualmente desejadas, as mercadorias que formam a cadeia de produtos derivados da leitura constituem um conjunto de motivações suficientes para um comportamento determinado de “ser assim” leitor, acionando por variadas formas o verbo modal *comprar* (Bauman, 2013, 2021). A imagem especializada em (4) supõe uma criação estética a partir dos critérios: “vocalização para a universalidade, utilização da língua mais difundida e conteúdo que se dirija ao mais amplo público”, conforme (Chartier, 1999a, p. 148). Se considerarmos, como Debord (1997), que a linguagem do *espetáculo* é a da grande mídia, seu regime está sujeito aos mesmos critérios e, portanto, convém à administração do *espetáculo*, à medida que seus modelos sensibilizam o público pela aparência universalmente desejável originária do *status* de leitor e pelo interesse que despertam os seus objetos derivados.

Na estética do leitor visível, o enlace entre sujeito, linguagem e rosto é acionado para exprimir e calar as emoções, como um “objeto de um trabalho pessoal, indispensável” não apenas “à conversação” sobre o livro, mas também “ao comércio”. O rosto emerge como um “laço crucial” para a “elucidação da personalidade moderna”, entre elas a do sujeito leitor. O corpo e o rosto constituem, sob esse ângulo de visão, o protocolo de representação do *booktoker* como leitor-criador e como tal, definem em sua unidade, um modelo de leitor atualizado e guiado pela aparência com que são subjetivados e convertidos em consumidores (Bauman, 2021; Courtine; Haroche, 2016, p. 9-10; Foucault, 2022a).

4.5 Upgrade leitor

As figuras 3 e 5 sinalizam, de um polo a outro, o espectro leitor, o antes e depois da “transformação” enunciada em *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers* (Machado, 2024). Nessas representações individualmente consideradas tanto quanto permite sua unidade, emoções e condições indexadas à leitura são evocadas e (in)visibilizadas. A *self*, gênero fotográfico acessível e identificado com a cultura jovem, utilizado à esquerda até pode desafiar o padrão estético de leitor reproduzido pela fotografia profissional à direita, mas é provável que antes o reforce como um modelo desejável a ser alcançado, tanto quanto coloca a sua protagonista numa posição de inferioridade face ao modelo.

A forma como se apresenta ao mundo a leitora tardia (figura 3) pode ser interpretada como uma antítese da representação idealizada na figura 5. O orgulho leitor exprimido no

rosto pelo sorriso largo, tanto quanto o acesso aos livros, contrastam com constrangimento autoimposto pela condição de sujeito destituído do objeto e, portanto, do prestígio social que, a princípio, não lhe é devido em razão dessa falta. A escolha da fotografia (figura 3), na qual estão ausentes quaisquer referências aos livros, bem como as transcrições de suas falas presentes no texto, dão conta de um passado não leitor, evidenciando uma estratégia propagandista normalmente empregada pelo discurso midiático, fortemente comprometida por uma linguagem elitista e por certas condições de separação. Uma delas é associar o orgulho à prática da leitura e opô-lo ao desprestígio de sua falta, destacando o mundo letrado como um lugar pertencente ao leitor letrado, eventualmente acessível a um “penetra” mediante uma louvável demonstração de mérito pessoal. Tal como afirma Curcino (2020b), ao reportar o acesso desses “penetras” à cultura de prestígio, a discursivização midiática aciona discursos de outros campos enunciativos, entre eles o da meritocracia, para atribuir ao indivíduo as razões de seu sucesso ou fracasso como leitor. Nesses casos, um expediente comum é a espetacularização de inequívocas demonstrações de mérito, geralmente em um contexto de infâmia, para justificar o trânsito social ascendente, ofuscando-se as desigualdades e hierarquias sociais que estão na base das distâncias que separam esses indivíduos da leitura³⁵.

Na trama discursiva, o perfeito funcionamento desse esquema de representações e temas idealizados de leitor é capaz de gerar identificação inconsciente com o *status* social que a prática representada dispensa aos sujeitos. Ao serem visibilizadas pela mídia, tais representações são legitimadas pelo poder do *dispositivo* midiático em detrimento de particularidades dissonantes, as quais são apagadas, criando-se as condições de possibilidade para a projeção do individual no universal. No dizer de Debord (1997, p. 14), como representação da vida real,

O espetáculo apresenta-se ao mesmo tempo como a própria sociedade, como uma parte da sociedade e como instrumento de unificação. Como parte da sociedade, ele é expressamente o setor que concentra todo olhar e toda consciência. Pelo fato de esse setor estar separado, ele é o lugar do olhar iludido e da falsa consciência; a unificação que realiza é tão somente a linguagem oficial da separação generalizada.

³⁵ *Aluna da rede pública estuda com livros achados no lixo e passa em medicina*. Nesse título, extraído de reportagem publicada pelo portal UOL, constrói-se o sentido de impertinência entre o mundo letrado da medicina e alunos da rede pública. A aluna é discursivizada como uma penetra, pois ascende até lugares marcados para outros atores sociais. Seu acesso é justificado pelo discurso meritocrático, capaz de apagar as desigualdades e hierarquias que fatiam a sociedade e define os exatos lugares de cada sujeito na trama dos discursos (Curcino, 2020b). Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/04/09/aluna-da-rede-publica-estuda-com-livros-achados-no-lixo-e-passa-em-medicina.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 13 out. 2024.

Contudo, essa concentração em torno do universal é tão desejável quanto se pode notar pelo orgulho com que os indivíduos permitem-se representar na condição de leitor. Como ingrediente principal de uma receita, uma carga emocional é acrescentada à linguagem rica em referências materiais à leitura para expressar o orgulho leitor. A mesma lógica é percebida, em sentido negativo, nas representações de não-leitor. As referências à leitura são apagadas e o polo da carga emocional invertido. Ao invés do livro, sua falta. Ao invés de orgulho, a vergonha. Logo, uma representação de não-leitor será uma espécie de negatização do modelo ideal de leitor.

Essa oposição resultará, conforme o caso, do apagamento das referências à leitura e, tratando-se de um penetra, de algum estranhamento causado pela perturbação da homogeneidade do ambiente letrado. Esse estranhamento pode ser sentido, da parte de quem ocupa um espaço que não lhe foi destinado, pela expressão da vergonha, pela necessidade de justificar a própria presença. E da parte de quem avalia essa ocupação inesperada, pela espetacularização da impertinência ou eventual desqualificação das enunciações de um assim considerado penetra (Curcino, 2018; 2022).

Se, como em remotas representações da prática de leitura burguesa do século XIX, nas figuras 3, 4 e 5, o ambiente é interno e a figura humana retratada é feminina, chama a atenção o fato de o estereótipo de leitora tardia pesar sobre o corpo negro, figura escassa nos modelos considerados ideais que nos chegam pela mídia, ressoando um significado historicamente produzido que liga essas representações ao problema da desigualdade e discriminação sociais legados por um passado escravocrata. Sua condição de leitora tardia, desprovida de um passado ligado à leitura, fica evidente em:

Foi justamente **influenciada pelos vídeos** que falavam sobre o livro *É assim que acaba* (Galera, 2020) de Collen que **fez a babá** Francielly Aparecida de Assis, de 23 anos, **se interessar pela primeira vez pelos livros**, em 2021. “Após ver os vídeos, **fiquei curiosa pela história**. Um dia, **passando em frente a uma livraria, decidi entrar e comprar**”, diz Francielly (Machado, 2024, grifos nossos).

A opção por transcrever as palavras da entrevistada conferem um sentido de isenção e fidelidade do texto ao quanto declarado pela enunciadora, quando esta afirma o papel do *BookTok* no despertar do gosto pela leitura. Essa afirmação inequívoca repercute nas escolhas linguísticas ao longo do texto e em afirmações como a contida no título *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores* [...] (Machado, 2024) ou em “Foi justamente influenciada pelos vídeos [...]” que a fez “[...] se interessar pela primeira vez pelos livros”.

Nota-se, ainda, como no caso da *booktoker* (figura 4), uma sintomática ausência de qualquer menção à escola e aos professores na trajetória de leitura da jovem retratada (figura 3), subitamente transformada em leitora por influência dos vídeos da plataforma. Evidencia-se como marco zero dessa trajetória leitora uma decisão pessoal de compra, mediada pela rede social. Nesse caso, a sensibilização gerada pelos vídeos sobre um determinado livro explica a escolha, evidenciando o poder do visível na direção de comportamentos. Esse mecanismo é o princípio e a base do funcionamento *BookTok* como porta de entrada para leitura. Ver, gostar, comprar e ler. Para alguns, entre eles a leitora tardia da figura 3, a polinização *BookTok* produz a motivação suficiente para não parar mais de ler, assim como o tempo ocioso de um exame médico demorado está na raiz da vida leitora da *booktoker*. Isso quer dizer, tanto quanto uma visita a uma biblioteca, um livro emprestado por um amigo ou a inspiração de um ente querido ou a indicação de um professor³⁶, que o *BookTok* e, portanto, a mediação do algoritmo, irrompe como fator explicativo do gosto pela leitura e da aproximação do jovem com o livro.

A *sociedade do espetáculo* e do consumo também é a sociedade dos *vereditos sociais*³⁷, os quais passam pelo processo de especialização dos algoritmos sem perder sua capacidade manifesta. Ao destinar lugares marcados a certos sujeitos e não outros, o recorte racial analisado reproduz hierarquias que, em teoria, deveriam ser diluídas pela abertura das redes sociais à representatividade, pelo menos no domínio digital. Contudo, a atração desses lugares marcados é tão forte quanto é especializado o espetáculo em facilitar o trânsito em julgado de suas determinações e disfarçar o próprio poder. Nota-se, quanto a isso, como a referência ao livro é apagada no caso da não-leitora (figura 3) e enfatizada na representação de leitora ideal (figura 5). E com esse jogo de apaga-ilumina, interdita-se outras formas de leitura praticadas, outros sentidos e modos de ser leitor, todos indignos de prestígio numa sociedade hierarquizada e desigual como a nossa, porque dissonantes de suas representações universalizáveis comprometidas pela linguagem elitista e divisora da ordem discursiva própria do *espetáculo*.

Marca-se, assim, uma regularidade que destina a indivíduos de determinada classe social, geralmente ocupada por negros e pobres, um lugar de infâmia, de onde podem ser

³⁶ A última pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Brasil, 2024) evidencia a influência do professor (e da capa) na escolha de um livro: sua indicação é segundo fator mais frequente citado entre leitores de 5 a 17 anos.

³⁷ *Vereditos sociais* corresponde a uma noção com a qual se ilumina Didier Eribon para compreender a “ordem social como uma maquinaria da desigualdade” e realizar uma “análise minuciosa e implacável dos efeitos da dominação social que, ao se inscreverem nos cérebros, permitem a essa dominação se perpetuar...” (Eribon, 2022, p. 75).

trazidos à luz do e pelo *espetáculo*. Em seu estado bruto anterior à transformação espetacular, a condição de não herdeira das condições de leitura, de sujeito desprovido de passado leitor, é confirmatória desse traço, tão historicamente previsível quanto materialmente confirmado no texto e nas imagens que constituem o discurso analisado (Curcino, 2020a; 2020b).

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Neste artigo, empreendemos uma análise dos dizeres em circulação na mídia brasileira acerca do *acontecimento Booktok*. Para tanto, interrogamos enunciados recortados da reportagem *BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers* (Machado, 2024), além de outras constituintes do arquivo, e de sua trama evidenciamos condições de possibilidade e regras discursivas que organizam e regulam práticas leitoras naquele ambiente, mas que a ele não se limitam. Tais práticas serviram-nos de lente de observação para o dizível e o enunciável sobre a leitura no quadro mais amplo da sociedade contemporânea.

Como outras pesquisas já sinalizam, o dispositivo midiático reforça consensos sobre a leitura e sobre o leitor, na instância e no tempo de sua produção discursiva. Entendemos que esse é o caso da reportagem analisada, pois identificamos a continuidade de uma posição enunciativa que não diferencia os diversos tipos de leitura nem as fronteiras entre a escrita literária, entre os romances de entretenimento e os que ultrapassam essa finalidade. Todos são tratados como práticas indistintas. Destacamos ainda a forma como a grande mídia ressoa, sem ressalvas, a prática discursiva das redes sociais, entulhando positivamente no corpo da sua linguagem para enunciar o *BookTok*, mantendo-se silente quanto às limitações e riscos do *acontecimento* que o encampa.

Além disso, a discursivização da mídia reflete o visível no ambiente da plataforma, espaço predominantemente feminino. Essa regularidade é reproduzida pela reportagem nos enunciados imagéticos de leitora tardia, leitora profissional e leitora ideal, expressões que utilizamos para distinguir as funções de cada sujeito na trama discursiva. O fator gênero surge como uma chave interpretativa da dinâmica ambivalente dessa comunidade de leitores, característica a ser aprofundada em novos estudos. Se, como apontam as evidências numéricas, a leitura for uma prática eminentemente feminina nessa *bookrede*, o produto da transformação propagandeada pelos vídeos curtos e verticais talvez seja mais restrito do que se imagina.

Tal questão leva-nos a repercutir os desdobramentos desse recorte de gênero para a prática pedagógica a fim de destacar a possibilidade de se levar em consideração essas diferenças no trabalho escolar com a leitura. Esse cuidado torna-se particularmente relevante enquanto vigorar a tendência generalizada segundo a qual os “meninos” preferem atividades práticas em detrimento da leitura, subjetivados por discursos consensuais, responsáveis por idealizá-la como uma atividade romantizada de entretenimento feminino, cujos ecos remontam ao ideário burguês do século XIX (Ceccantini, 2016). Reconhecer essas particularidades pode representar um avanço na construção de propostas e atividades que sejam responsivas à realidade presente, com o objetivo de garantir o acesso à leitura como um direito equitativo entre os gêneros.

Outro aspecto que identificamos nas enunciações foi a invisibilização da escola como lugar de leitura e formação de leitores. Traço que se soma, dentro de uma sociedade hierarquizada e desigual como a nossa, à normalização do corpo negro e de baixa renda como leitor tardio. Se não chega a surpreender, sempre causa estranheza a regularidade com que assistimos a esse apagamento da instituição escolar pelas luzes do espetáculo midiático. Situação agravada pelo gritante silêncio sobre os problemas estruturais que comprometem a fruição desse direito. Passando ao largo de tramas discursivas como a do *BookTok*, essas questões dizem respeito a um grande contingente de pessoas para quem o objeto livro materializa as desigualdades sociais, culturais e econômicas que as distanciam da leitura e que a escola, sendo apagada em sua função formativa, tem dificuldades em aproximar.

No contexto do *BookTok*, o processo fabril de transformação da jovem em leitora revela a tendência midiática de espetacularização da leitura pela reiterada apresentação dos seus temas e representações em face de um modelo universal de sujeito-leitor compromissado com racionalidades elitistas. Esse funcionamento aplaina diferenças sob a aparência da diversidade, mesmo que as práticas discursivas e os objetos do discurso e assim, toda a maquinaria midiática, estejam empenhados em demonstrar o oposto. A curadoria algorítmica intensifica essa contradição, expondo a disparidade entre imagens que promovem uma inclusão superficial e aquelas provenientes de espaços menos visíveis da plataforma. Ao exaltar o imperativo dos números como um “sonho de universalidade” e apresentar a plataforma como um fenômeno transformador, a grande mídia legitima antecipadamente um discurso consensual que ignora as implicações profundas para o futuro da leitura. Esse processo demanda uma problematização das práticas consensuais no “mundo de telas” e de suas relações com a cultura impressa, conforme discutido por Chartier (1999a).

Com efeito, o discurso midiático, ao reforçar a cultura do espetáculo e da meritocracia, opera como um dispositivo de despolitização da leitura, contribuindo para a alienação social e educacional. Essa ordem discursiva continua a interditar a possibilidade de um olhar crítico sobre os desafios que circundam a leitura nos âmbitos familiar, escolar e comunitário, perpetuando uma lógica que privilegia grupos sociais específicos, legitima hierarquias de poder, além de fomentar a desvalorização da escola como lugar de leitura, pelo apagamento de sua função formadora de leitores. No contexto digital, circula um insinuante modelo performático de leitor que traz consigo uma distante promessa de democratização da leitura. Um agente de confusão entre a promoção do livro e o efetivo acesso à essa prática. Seu funcionamento discursivo desloca para o indivíduo a responsabilidade exclusiva pela própria condição de (não) leitor. Sob as luzes do espetáculo, o resultado é a obliteração de questões estruturais subjacentes à fruição desse direito, cujo acesso segue interdito para grande contingente de pessoas, para as quais a leitura e o livro são, em geral, símbolos da desigualdade social que os aflige.

Certamente, tão importante quanto a análise do discurso para a compreensão desses mecanismos é que essa ferramenta seja incorporada na sala de aula e apropriada pelos professores e estudantes. Tendo em vista sua potência formativa, defendemos que estratégias, procedimentos e instrumentos pedagógicos sejam desenvolvidos com o objetivo específico de instigar a prática da leitura discursiva como condição de possibilidade para a profundidade cognitiva, a politização e o trânsito social do leitor. Uma vez habilitado a deslocamentos discursivos, torna-se possível ao leitor transformar-se em um crítico de seu tempo, capaz confrontar verdades absolutizadas que circulam nos discursos, em proveito de assumir os rumos da própria trajetória leitora e equipar-se com ferramentas auto-sócio-analíticas.

ARTIGO 2

ENSAIO PARRESIÁSTICO *BOOKTOKER*: AUTENTICIDADE OU IMPOSTURA?

Resumo: Neste artigo, refletimos sobre os sentidos de autenticidade e paixão evocados pela mídia para justificar o poder subjetivante do discurso *booktoker* em relação ao incentivo da leitura e à transformação de jovens em leitores. Para tanto, utiliza-se o conceito foucaultiano de *parresia*, aplicando-o à análise de enunciados textuais e imagéticos recortadas de textos da mídia sobre o *BookTok* e de vídeos curtos que destacam romances populares na plataforma por diferentes motivos. Com tal procedimento, buscamos compreender o poder constituinte desses efeitos de sentido na subjetividade leitora, à luz de aspectos da prática parresiástica, ressalvadas as diferenças de contexto. As análises apontam para o protagonismo das emoções no ensaio parresiástico *booktoker*, evidenciando um vínculo entre a liberdade de criação e a produção da verdade deslocado do *ethos* para o campo da *confissão* do corpo e do *pathos*. Constatamos que a prática *booktoker* abraça a leitura com sentidos ligados à verdade e à paixão, embora seu discurso mantenha-se vulnerável às imposturas da retórica e às influências do mercado.

Palavras-chave: Discurso *booktoker*; Leitura; *Parresia*; *Pathos*

1 COMO É LER E SER LEITOR NO TEMP(L)O DO CONSUMO

No tempo em que assistimos ao funcionamento de mecanismos como o *BookTok*, a leitura intensiva, baseada na atenção focada e na paciência cognitiva, não é mais a leitura de hoje (Chartier, 1999b). Em seu lugar, entrou em cena uma especialização dessa prática como a conhecemos, baseada na rapidez, na superficialidade, na impermanência e na “construção de outras coleções à revelia das instituições responsáveis pela formação escolar” (Casado Alves; Rojo, 2020, p. 161). A gradativa perda de referencialidade da escola como lugar de leitura e definição de repertórios talvez seja, entre todas as mudanças na leitura no cenário digital, a mais sentida, embora não seja a única (Ceccantini, 2016, p. 89-90).

O livro imanente desse ritmo também é outro, criado segundo a lógica da demanda, sob a curadoria de algoritmos. Pensado para a diversificação, é elo de uma cadeia de produtos derivados da indústria cultural, que atualmente é a principal fonte de escolhas de leitura e orientação do gosto literário dos jovens (Ceccantini, 2016, p. 89-90). Também o leitor já não é o de antes, pois passou a não colecionar certezas, a exercitar a multitarefa, a hiperatenção, a intolerância ao tédio como aspectos de uma prática leitora de fruição coletiva, socializada no tempo espetacular de sua produção.

Entra em cena a *sociedade do espetáculo*, do excesso de informações, do consumo, do imperativo universal de tornar-se visível (Debord, 1997). Assistimos ao decaimento do texto, a crise dos contextos e a ascensão da imagem. Sob renovadas circunstâncias, a linguagem midiática do *espetáculo* atende aos anseios individuais por visibilidade, sem cessar a circulação dos *vereditos sociais* embutidos nas sutilezas recobertas pelas positivities. Temos

aí uma discursividade líquida das imagens que determina as regras de visibilidade e a produção dos seus objetos.

Já não é novidade que as redes sociais digitais, em particular o *TikTok*³⁸, inauguraram novas formas de comunicar objetos culturais como o livro, a música e o filme. Em matéria de leitura, a natureza aberta e descentralizada da comunidade audiovisual *BookTok*, nicho literário do *TikTok*, tanto permite a qualquer usuário comentar e resenhar o objeto livro como tensiona a imagem tradicional do bem comunicado, dos espaços que ocupa, dos sujeitos e a das práticas que representa. A autoridade literária, por exemplo, antes fixada em determinados espaços e sujeitos, desloca-se e distribui-se horizontalmente pelo domínio público das redes, sob a curadoria de algoritmos, abrindo o caminho para o surgimento das comunidades digitais de leitores e *bookinfluencers*.

Nessa categoria de sujeitos criadores, destacam-se os *booktokers*, em sua maioria jovens dedicados à produção regular de vídeos curtos de feição amadora e espontânea sobre o universo literário. Embora diversificada, a prática desses comentadores apresenta regularidades nas diversas ações com o livro, entre as quais destacamos aquelas ligadas à intimidade leitora, capazes de sensibilizar as emoções do sujeito-leitor, sobretudo pela sedução da imagem.

Uma rápida navegação pela plataforma e já é possível perceber a recorrência de uma modalidade de vídeo centrada na mediação literária, carregada de práticas que mobilizam e relacionam entre si a espontaneidade, a sinceridade, o corpo, o ambiente e as emoções. O quarto registra outra característica comum no cenário dos conteúdos, concorrendo para a criação de uma atmosfera intimista de adesão em que a cama é demarcada como lugar de leitura. Nesse espaço, a estante de livros surge é presença constante, preenchida de títulos com capas coloridas, embora a posse do objeto livro seja o mais saliente ornamento simbólico desse leitor visível. Em suas performances, sejam elas de aspirantes ou de *booktokers* experientes, é comum assistirmos a um corpo jovem entregar-se ao objeto livro.

Em vista da reiteração desse discurso subjetivante, povoado de sentidos ligados à autenticidade e à paixão, visamos evidenciar alguns de seus desdobramentos sobre a subjetividade leitora. Para tanto, lançamos sua carga de *pathos* ao encontro da noção de *parresia* discutida por Foucault (2010a; 2010b)³⁹. Para essa análise discursiva, coletamos

³⁸ O *TikTok*, rede social que hospeda o *BookTok*, é a preferida dos mais jovens no Brasil, segundo a pesquisa *Tic Kids Online Brasil*. Principal motor de busca da geração Z, conta como mais de um bilhão de *downloads* em 2023, sendo 60 milhões no país (Matos, 2024).

³⁹ Por *parresia*, entendemos uma certa maneira de dizer a verdade (Foucault, 2010b, p. 52), a qual pode adquirir um sentido de indiscrição “com a qual se fala de tudo a propósito de si mesmo” (Foucault, 2010b, p. 47).

alguns vídeos curtos representativos desse regime, em que os *booktokers* acionam o *pathos* como estratégia para gerar adesão ao discurso, valendo-se do próprio corpo em favor de carimbá-lo como genuíno e apaixonado, qualidades que a mídia consensualmente ressoa sem contrapontos.

De modo particular, analisamos vídeos sobre o livro *É Assim que Acaba*, obra de ficção mais vendida no mundo em 2022, escrita pela romancista Collen Hoover (2023); *Torto Arado*, de Itamar Vieira Júnior, livro pouco abordado na plataforma, apesar de ter sido um dos mais vendidos no mercado nacional em 2022, cuja lista é encabeçada por *É Assim que Acaba*. Além disso, selecionamos vídeos sobre *O Avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, título envolvido em um assunto de interesse público: a censura. A partir das materializações dos efeitos de *parresia* nesse *arquivo*, refletimos sobre a dramática do discurso verdadeiro *booktoker*, em sua relação com a retórica e com a impostura, e como tudo isso opera na subjetivação do leitor jovem.

Em relação à fundamentação teórica da análise, adotamos a noção de *sujeito*, enredado pelos mecanismos de saber-poder no tempo-espaço presente, conforme conceitua Foucault (2022a). Em associação aos estudos foucaultianos sobre o franco-dizer, mobilizamos as contribuições de Chartier (1991; 1998) sobre a leitura; de Bauman (2021) sobre o ambiente líquido-moderno; e de Debord (1997) sobre o *espetáculo*, no qual está inscrita a existência *booktoker*.

Sob essas condições, embarcamos na tarefa de navegar pelo interior da prática *booktoker*, tendo como pontos de partida matérias veiculadas na mídia sobre o *BookTok*, além dos vídeos curtos já referidos, coletados na plataforma. Inicialmente, apresentamos uma breve abordagem teórica sobre a abrangente noção de *parresia* em Foucault (2010a, 2010b), para então contextualizá-la no tempo e no espaço, em relação às práticas a serem analisadas. Em seguida, problematizamos a questão da autenticidade do discurso no espaço digital e a sedução do discurso verdadeiro sobre a leitura. Nas análises, confrontamos a *parresia*, enquanto dizer verdadeiro, e a prática *booktoker*, discursivizada pela mídia como uma manifestação autêntica e apaixonada desses jovens criadores de conteúdo. Em meio a elementos confessionais que reforçam a atuação estratégica do *pathos* nos discursos analisados, abordamos a abertura ao risco e a coragem de dizer a verdade como agentes ativos na criação de um efeito parresiástico sobre a audiência. Por fim, em vista dos objetivos pedagógicos que orientam esta pesquisa, interrogamos o discurso *booktoker* interessados naquilo que o seu funcionamento tem a nos dizer sobre a constituição do leitor jovem no

cenário digital e em que essa compreensão pode contribuir para a formação de leitores na escola.

2 UMA EXPLORAÇÃO DA *PARRESIA* EM FOUCAULT

No dizer de Foucault (2010a, p. 334),

Etimologicamente, parrhesía é o fato de tudo dizer (franqueza, abertura de coração, abertura de palavra, abertura de linguagem, liberdade de palavra). Os latinos traduzem geralmente parrhesía por *libertas*. E a abertura que faz com que se diga o que se tem a dizer, com que se diga o que se tem vontade de dizer, com que se diga o que se pensa dever dizer porque é necessário, porque é útil, porque é verdadeiro.

A “ética do dizer-a-verdade, em seu ato arriscado e livre” (Foucault, 2010b, p. 64), assim Foucault define *parresia* na aula de 12 de janeiro de 1983 — segunda hora — no curso *Governo de Si e dos Outros*. Interpretada como uma atitude ética da relação do sujeito com a verdade sobre si mesmo, o discurso parresiástico é explorado em seus últimos cursos no *Collège de France*, ministrados entre 1982 e 1984. Discutido inicialmente em *A Hermenêutica do Sujeito* (2010a), e aprofundado nos cursos subsequentes, *O Governo de Si e dos Outros* (2010b) e *A Coragem da Verdade* (2011). Nesses estudos, o filósofo examina as mutações da *parresia* na Antiguidade, enfatizando suas relações com a retórica, a política, a filosofia e a ética do cuidado de si. Ao explorar as condições de produção desse dizer, nos diferentes modos da cultura antiga, demonstra que, na *parresia*, o que está em jogo é a franqueza e a liberdade de expressão, um “tudo dizer” ligado à atitude de quem fala.

Como um ato de liberdade, o franco dizer, na teorização foucaultiana, constitui-se como uma prática de autogoverno e de resistência aos regimes de poder e saber que regulam os discursos. Uma forma de *cuidado de si*, em que o sujeito se compromete com uma verdade que desafia as convenções institucionais e se arrisca a extrapolar os limites do dizer assumindo suas possíveis sanções. Por isso, o ato parresiástico emerge como uma prática essencial para a *estética de si*, porque pode expandir as possibilidades de relação ética consigo e com os outros, “uma maneira de comprometer-se com a verdade que não é apenas dizer o que se pensa, mas assumir-se como sujeito dessa verdade, aceitando as consequências que podem vir desse ato” (Foucault, 2010a, p. 362).

Em sua prática, o parresiasta assume uma posição autêntica e corajosa, comprometendo-se com os riscos implicados no dizer verdadeiro de si. Seu gesto não se restringe a um simples ato de comunicação ou à defesa de um posicionamento, antes disso,

constitui uma prática que ultrapassa o discurso para se configurar como um instrumento de resistência e subjetivação, desafiando as convenções estabelecidas em garantia da verdade frente a contextos adversos. A relação entre o enunciador e a verdade, nesse sentido, é indissociável da ética, pois a coragem de falar o que se pensa é uma afirmação do compromisso do sujeito com uma vida autêntica. Nesse sentido, o locutor se coloca contra as normatividades dominantes, contra os regimes de verdade, assumindo uma posição mobilizante para o discurso verdadeiro como um meio de contestação e engajamento crítico.

Nos estudos foucaultianos sobre as formas de controle do discurso, a “vontade de verdade” emerge como um mecanismo de exclusão daqueles que questionam seus limites (Foucault, 2014, p. 19). Nesse sentido, a relação entre sujeito e a veridicção é indissociável, pois os regimes de verdade determinam o que deve ser aceito como legítimo, evidenciando seu caráter histórico e sua modulação pelas dinâmicas de poder (Foucault, 2016, p. 13). São esses jogos histórico de poder e conhecimento que inscrevem a verdade em circulação a um determinado regime de produção das subjetividades em constante mudança.

Dessa forma, a *parresia* assenta-se como uma postura ativa e subversiva, que desafia as estruturas de poder e os regimes de verdade e revela uma forma de constituição ética do sujeito, ao mesmo tempo em que exige uma responsabilidade singular frente àquilo que é dito e às repercussões que isso pode acarretar. Partindo dessa concepção, Foucault (2010a, 2010b) traz a potência do ato parresiástico como uma prática de cuidado capaz de possibilitar outros modos de subjetivação livres das coerções de poder e saber, historicamente construídos e estabelecidos.

O ato parresiástico é composto por uma relação direta entre o sujeito que fala, a verdade que ele professa e as consequências que esse ato de dizer a verdade desencadeia (Foucault, 2010). Ao refletir sobre as diferentes possibilidades de estudar esse discurso, o filósofo ressalta que

se queremos analisar o que é a *parresia*, não é nem do lado da estrutura interna do discurso, nem do lado da finalidade que o discurso verdadeiro procura atingir o interlocutor, mas do lado do locutor, ou antes, do lado do risco que o poder-a-verdade abre para o próprio interlocutor (Foucault, 2010b, p. 55).

Além do sujeito que enuncia, é importante considerar a função do interlocutor, pois “o dizer-verdadeiro sobre si mesmo foi uma atividade em conjunto, uma atividade com os outros, e mais precisamente ainda uma atividade com outro, uma prática a dois” (Foucault, 2011, p. 7). Nesse sentido, trata-se de uma atividade compartilhada, uma vez que é constituída pela

relação do locutor consigo, com a verdade e com o próximo, “é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ferina que ouve” (Foucault, 2011, p. 13). Ou seja, o ato de dizer a verdade exige uma abertura do interlocutor para ser interpelado e desafiado por essa palavra descomprometida com os jogos de poder convencionais, profundamente comprometida com a autenticidade e a ética do cuidado consigo e com o outro, que extrapola a ordem do saber e espaços, assumindo os efeitos desse deslocamento para si.

As condições ocasionais do ato da fala estão igualmente imbricados no franco dizer. As práticas do dizer verdadeiro operam sob regras específicas que estabelecem suas condições de existência e funcionamento, numa relação condicionada à ocasião do dizer, que se instala entre o locutor e o ouvinte. Dessa perspectiva, o franco-dizer não é apenas sobre o que se diz e sim sobre o quando e para quem se diz, realizando-se como um exercício intrinsecamente relacionado ao *kairós* (ocasião oportuna), às circunstâncias do momento presente, à forma como essa verdade é comunicada, ajustando-se ao interlocutor e ao contexto para maximizar o impacto ético e a recepção do discurso. Nas palavras de Foucault (2010a, p. 344):

Neste sentido, o que define essencialmente as regras da parrhesía é o kairós, a ocasião, ocasião que é exatamente a situação dos indivíduos em relação uns aos outros e o momento escolhido para dizer a verdade. É precisamente em função daquele a quem nos endereçamos e do momento em que a ele nos endereçamos que a parrhesía deve modalizar não o conteúdo do discurso verdadeiro, mas a forma com que este discurso é sustentado [...].

Em síntese, a *parresia* pode ser compreendida como uma posição sujeito livre, virtuoso pela coragem em ultrapassar a ordem do dizível, fazendo emergir um modo de falar autêntico, comprometido com a situação comunicativa e com o interlocutor. Portanto, é uma forma essencial à palavra do locutor; palavra livre, desimpedida, liberada de procedimentos retóricos, ajustada oportunamente à situação e às:

[...] particularidades do ouvinte; mas, sobretudo e fundamentalmente, é uma palavra que, do lado de quem a pronuncia, vale como comprometimento, vale como ego, constitui um certo pacto entre o sujeito da enunciação e o sujeito da conduta. O sujeito que fala se compromete (Foucault, 2010a, p. 365).

O parresiasta, na visão foucaultiana, não está vinculado a um estatuto institucional, a um saber tradicionalmente legitimado ou a uma posição social específica que lhe outorgue poder ou autoridade. Ao contrário, ele é aquele que se arrisca a dizer o que é verdadeiro, exercendo sua liberdade, não como uma função erudita ou de prestígio, mas como uma prática

enraizada na cultura do cuidado de si. Esse dizer franco, destemido e sem sujeição a normas ou instituições, expressa uma verdade que se recusa a se submeter aos limites impostos pelos *dispositivos* de poder institucionalizados.

Assim, a *parresia* realiza um exercício essencial na política do *cuidado de si*, proporcionando uma via para a emancipação dos sujeitos por meio de uma relação autêntica consigo mesmo e com o outro. Ao valorizar a verdade, a coragem e a disposição para assumir riscos, essa *técnica de si* abre caminho para novas possibilidades de subjetivação, rompendo com as limitações impostas pelos *dispositivos* de poder e convenções sociais. Esse compromisso com a verdade não se restringe ao discurso; ele opera como um ato ético e transformador que fortalece o sujeito em sua capacidade de agir e pensar livremente, cultivando uma identidade construída pela autenticidade a que se chega exercitando o *cuidado de si*, o qual configura um exercício de liberdade que nutre o desenvolvimento pessoal e social, permitindo que os indivíduos se constituam como agentes críticos e autônomos na construção de suas próprias verdades e das verdades do outro em seu posicionamento no mundo.

Desse modo, como ferramenta conceitual, a *parresia* provê uma chave interpretativa dos efeitos da autenticidade sobre os objetos produzidos pelo discurso contemporâneo, pois possibilita buscar em outras épocas marcadores atemporais do franco-dizer, próprios de toda civilização, e a partir deles interpretar o presente. À luz dessas formulações, o dizer do outro, ao qual aderimos como discurso verdadeiro, pode ser analisado quanto aos efeitos parresiásticos produzidos sobre os objetos. Não se trata de buscar respostas na investigação arqueogenealógica da autenticidade, e sim de entender seu funcionamento para levar adiante a interrogação que se coloca acerca de para onde nos levam as mudanças na leitura e que tipo leitor está em constituição no presente, uma vez que as práticas e o sujeito são constituídos pelo discurso autêntico.

3 O PROBLEMA DA AUTENTICIDADE DO DISCURSO NO ESPAÇO DIGITAL

Ao abordar o problemático vínculo entre liberdade e a produção da verdade no contexto da vida em rede, é forçoso reconhecer sinais de uma transição de cenários que, por suas próprias racionalidades, coloca em questão o ideal de *parresia*:

De uma sociedade do estilo Panóptico para uma sociedade do estilo sinótico: as mesas foram viradas e agora são muitos que observam poucos, os espetáculos tomam lugar da supervisão sem perder o poder disciplinador do antecessor. A obediência aos padrões (uma maleável e estranhamente ajustável obediência a padrões eminentemente flexíveis, acrescento) tende a ser alcançado hoje em dia pela tentação e pela sedução e não mais pela coação – e aparece sob disfarce do livre-arbítrio, em vez de revelar se como força externa (Bauman, 2021, p. 110).

A relativização de valores morais, o embaralhamento dos contextos, a linguagem imagética e, sobretudo, a repartição das instâncias de poder, estas em estado de permanente competição entre si, dissolveram a ideia de uma autoridade suma reguladora do mundo, responsável por estabelecer objetivos fixos a serem perseguidos e padrões de escolha para o seu alcance. Com isso, assistimos ao abrandamento da solidez da sociedade disciplinar discutida por Foucault (2010b). Em seu lugar, o espetáculo da produção e estetização de si surgem como estratégia de subjetivação mais leve. A coerção é diluída na liquidez das liberdades, cuja promessa é garantida pela autenticidade do discurso de autonomia, capaz de disfarçar o jogo da obediência, estranhamente ajustável aos padrões do homem flexível (Foucault, 2015; Bauman, 2021).

Os objetivos perseguidos, que passam a ser flutuantes, tornam-se atraentes, acompanhados por uma variedade de meios à disposição pelos quais seria possível alcançá-los, o que quase nunca acontece. A incerteza moderna não está mais na escolha desses meios; para estes não é preciso muita reflexão e há muitos conselheiros no ambiente digital. O problema agora diz respeito a definir os objetivos, muito em razão de uma estranha tendência: uma vez fixados os meios, aqueles tendem a se afastar à medida em que nos aproximamos. Para muitos indivíduos essa é uma fonte de angústia, incerteza e insegurança, que podem encontrar algum conforto no vasto catálogo de soluções de acesso facilitado e presentificação da vida disponíveis nas redes. Ao ser acolhido em seus anseios por tais promessas, o sujeito embarca no discurso midiático do empresariamento de si.

Seguindo a receita neoliberal, a liquidez de tais soluções é convertida em negócio. Soluções práticas de consumo são ofertadas e sua exploração é facilitada pela capilaridade e facilidades de comunicação próprias da linguagem das telas. A promessa de satisfação da

necessidade individual e personalizada é reforçada incansavelmente pela inteligência interesseira dos algoritmos, que mostram e monitoram. Colher e alimentar preferências individuais captadas na rede torna menos aberta a questão proposta por Bauman (2021) sobre a liberdade de escolha do consumidor ser genuína ou putativa.

Inclinado à espetacularização e presentificação da vida, o indivíduo é subjetivado pelo discurso neoliberal de autonomia. Instado a ocupar-se mais consigo e menos com o coletivo, dentro de uma jornada de autoconhecimento (Foucault, 1975). Seduzido pela ideia de um sujeito modelo que dispõe dos meios apropriados e mérito pessoal para atingir qualquer objetivo, coloca-se diante de um problema central na vida do empresário de si, que consiste em fazer a melhor escolha, entre tantas possíveis. E dessa necessidade surge um negócio. Segundo argumenta Bauman (2021), o homem flexível encontra algum conforto quando realiza escolhas com base na experiência de um conhecido de confiança que passou por situação de escolha análoga. Contar com exemplos antecipados que julgamos verdadeiros, oriundos de alguém “por dentro” do assunto de interesse, é uma comodidade que estamos propensos a buscar, ainda que nos falte condições materiais para tanto, inclusive para examinar o regime de produção dessa verdade. Na internet, a demanda pelo conhecimento externo comunicado com autenticidade insuspeita consolida-se como um negócio cujo sucesso está ligado à disputa pela atenção e ao discurso autêntico.

Essa paisagem social, cultural e econômica tende a buscar a imagem do eu pré-existente autêntico, que carrega uma verdade interior essencial. Não obstante, boa parte dos discursos alegadamente autênticos, manejados nos meios de comunicação públicos para representação de verdades subjetivas, são comprometidos pela retórica e possuem não mais que um verniz de autenticidade, no dizer de Bauman (2021) e Foucault (2010b). A fabricação pública do eu inautêntico tem por base a impostura, requerendo e atualizando discursos hegemônicos que acolhem os anseios do sujeito sob o manto da verdade, apresentando um mundo de aparências a serem perseguidas, ao mesmo tempo em que coloca a realidade como inadequada e substituível (Debord, 1997).

Desse modo, a aparência pode produzir uma imagem verdadeira de uma realidade falsa, tão inalcançável quanto desejada. Tão desejada quanto irresistível é o movimento do eu pela aparência de poder escolher onde estar, a ponto de o poder de escolha tornar-se mais relevante que o seu resultado concreto. A satisfação momentânea produzida pelo movimento do eu o faz perder de vista a realidade próxima, reveladora de que a corrida pelos meios é compartilhada tanto por quem possui condições materiais para efetuar as melhores escolhas,

como por aqueles que se iludem pelo fato de simplesmente participar – ou imaginar que o fazem – da competição (Bauman, 2021).

Os padrões de consumo saturam o olhar, de modo a não haver alternativa nem espaço para além de sentir o que os olhos veem, guiados pela aparente liberdade que acreditamos possuir dentro de um mundo de telas para experimentar aquilo que a vida nega. Sensibilizados pelo poder da imagem, a rendição final dá-se com o aumento da pobreza percebida, à medida que o excesso de escolha ao alcance de poucos guia modos de existência de muitos. Para a maior parte de quem assiste e participa do *espetáculo*, a vida realiza-se em meio à insatisfação gerada pela necessidade de fazer escolhas sem resultado, às quais só podem ter acesso através de uma tela (Bauman, 2021).

Essa economia do pensamento humano oferece uma chave interpretativa para o problema da adesão aos discursos de aparência povoados de promessas de liberdade. No campo da leitura, os significados que habitam discursos recebidos como autênticos, a exemplo do *booktoker*, circulam carregados de evidências de como a aparência alarga o espaço para a reconfiguração de modelos hegemônicos e representações idealizadas sobre esse tema. Sua validação numericamente justificada, calçada em universalidades que interdita pensamentos dissonantes, revela que discursos sobre a leitura não escapam ao regime de verdades da *sociedade do espetáculo*.

4 O LEITOR VISÍVEL E A SEDUÇÃO DO DISCURSO AUTÊNTICO SOBRE A LEITURA

Como desdobramento desse esquema de governo do discurso sobre o livro e a leitura, o retrato contingente compartilhado adiante é representativo das derivas do sujeito-leitor jovem habitante do *BookTok* e, de forma mediata, do seu aparente oposto, o não-leitor, sujeito igualmente constituído na trama discursiva em que plataforma é parte e está inserida como força ativa na produção de verdades sobre a leitura e o ser leitor. Esse modelo é especialmente útil porque concentra sinais das mutações que se operam no domínio da leitura, regulam as práticas e funções que os indivíduos podem desempenhar na trama dos discursos, bem como a sua vinculação com a verdade produzida na instância das redes digitais, espaço constituído pela linguagem das telas indexada a um ordem discursiva midiática.

Originário do *arquivo* que constituímos sobre o *acontecimento BookTok*, sua formação é resultante do ciclo exploratório desta pesquisa e situa o sujeito-leitor navegante, expressão que utilizamos para qualificá-lo como nativo digital e adepto da interrupção e da multitemporalidade. Em sua estrutura, combinamos o conteúdo de matérias jornalísticas e

vídeos do *arquivo*, estatísticas e resultados de pesquisas anteriores que formam o estado da arte e com as quais este trabalho está alinhado por convergência temática, entre elas: Bayard (2007); Curcino (2020a, 2020b, 2022); Curcino e Manfrim (2020); Jeffman (2017); O’Sullivan (2022).

A imagem de um sujeito-leitor-navegante, imerso em um mundo de telas, que comprou um livro para si — prática considerada trivial, se não contrastada com a realidade da maior parcela da população brasileira — sintetiza as possibilidades e as preocupações sobre a constituição do sujeito-leitor-navegador e devir-leitor, abrindo um espaço de discussão sobre as mutações nas práticas de leitura no cenário digital. Porque nem todo evento ordinário é necessariamente acessível e universalizável, comprar um livro na atualidade pode ser considerada uma daquelas situações a serem observadas em perspectiva, em que é possível tornar-se ciente de fatos e ideias que parecem novos e relevantes, em relação a quem é consensualmente considerado leitor e também a seu oposto (Curcino; Manfrim, 2020).

O retrato data de 2022. Naquele ano, enquanto remávamos para o fim da pandemia, e tinha início esta pesquisa, algo “comum” aconteceu: um indivíduo investe na compra de um livro qualquer, entre os 58,61 milhões vendidos no mercado nacional no período (Mendes, 2023), seguindo uma tendência de aumento nas vendas anuais de livros, iniciada com a pandemia, mas que não se confirmaria nos anos seguintes, segundo retratos mais recentes da leitura no Brasil (Brasil, 2019, 2024). O comprador pertence à parcela (hoje) minoritária de 47% de brasileiros autodeclarados leitores e reside em um dos 65,6 milhões (ou 90%) de domicílios conectados à internet no Brasil, segundo pesquisas recentes (Brasil, 2022). O título foi comprado no comércio *online*, preferência relacionada tanto ao fechamento de livrarias físicas como ao crescente faturamento de gigantes do *e-commerce* (Mendes, 2023). Apesar da popularidade da compra digital entre os brasileiros, é um mau negócio apostar na aquisição de um *e-book*. Levando-se em conta 94% das vendas, é quase certo tratar-se de um livro em papel (Mendes, 2023). Fórmula tão feliz que uma vez inventada não pode ser melhorada, sentenciou Umberto Eco (Brasil, 2010).

Considere-o estudante do ensino médio de uma escola pública que dispõe de um aparelho celular. Por extensão, mantém perfil ativo em alguma rede social (86%) (Butcher, 2023), possivelmente no *TikTok*, a preferida dos jovens brasileiros, com 70 milhões de *downloads* em 2022, ainda pouco explorada na escola (Tortella, 2022). Paradoxalmente, esse leitor imaginário não costuma ler textos mais longos que seis páginas, segundo microdados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2018), publicados em 2023,

perfilando-se junto à maioria dos estudantes brasileiros (66%)⁴⁰. Inclinado à leitura rápida, pode apresentar dificuldade para identificar informações explícitas em um texto, segundo a mesma pesquisa. É provável que sua proficiência em leitura seja persistentemente baixa⁴¹, equiparável a maior parte dos estudantes brasileiros, e distante da média dos países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), conforme resultados do PISA (Brasil, 2022).

Por coerência, e porque, segundo advoga Pennac (1993, p. 13), “o verbo ler não aceita imperativo”, o título pode ter sido adquirido para aplacar o gosto pessoal do sujeito-leitor-navegante — principal motivo para ler um livro (Brasil, 2024) — de que algum modo pode ter sido influenciado pelo *BookTok*, comunidade literária do *TikTok*, a rede social de sua preferência, que disputa o espaço da leitura com a escola. Ainda que indiretamente, essa possibilidade costura o evento aos discursos sobre o livro e a leitura tecidos na rede e aos sentidos que lhe são emprestados pelos criadores de conteúdos e trafegados nos vídeos sobre esse tema. Nesse lugar aparentemente *heterotópico*⁴² entra em cena o *booktoker*, criador de conteúdos digitais, legitimado e autorizado pelos espectadores a falar sobre livros e leitura na plataforma. Sensibilizado pelas nuances daquilo que vê nos vídeos, o espectador é afetado pela linguagem *booktoker*, antes em sua emoção do que em sua razão (Moran, 1995). Identifica-se com a ideia de que o livro não é um dever (Pennac, 1993) e a literatura está na “moda” (Ceccantini, 2016, p. 90), geralmente compartilhada de maneira afetiva por outro corpo jovem de fala franca e tom não professoral, que coloca em movimento um discurso performático sobre a leitura, carimbado com um selo de autenticidade e paixão, numa parceria bem sucedida entre o corpo e a linguagem multimodal das telas.

Por uma fração de tempo, a atenção do interlocutor é capturada por um desses vídeos curtos de conteúdo literário, gravados na intimidade de um quarto equipado com estante dedicada aos livros e adornos coloridos, estrategicamente posicionada em segundo plano. Um

⁴⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/11/29/texto-mais-longo-lido-por-66percent-dos-estudantes-brasileiros-nao-passa-de-10-paginas-no-chile-normal-e-mais-de-100.ghtml>. Acesso em: 12 maio 2024.

⁴¹ Sobre a interpretação dos resultados das avaliações externas, adotamos as críticas formuladas por Schuler (2022) e Soares (2007, p. 60) referidas no artigo 3, seção 5, p. 138-139.

⁴² *Heterotopias*, segundo Foucault (2015), podem ser definidas como espaços não disciplinados que existem fora das estruturas normativas da sociedade e surgem no campo de jogo dos poderes, movimentando objetos e símbolos com liberdade e originalidade, em negação à normatividade e à sacralização de práticas sociais essencializadas (como a leitura), ressignificando-as e refuncionalizando-as sob novas formas, diferentes daquelas consensualmente praticadas na vida diária. Para o filósofo, “o navio é a heterotopia por excelência. Um navio é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que existe por si só, que é fechado sobre si mesmo e que ao mesmo tempo é dado à infinitude do mar. [...]. Perceberemos também que o navio tem sido [...] o grande escape da imaginação. Em civilizações sem barcos, esgotam-se os sonhos...”. Para mais profundidade, retornar à Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d’Etudes Architecturales, em 14 de março de 1967 (Moura, 2016).

vídeo acaba, outro começa num deslizar de dedos, enquanto dados são minerados e coletados pelo algoritmo. É uma via de mão dupla: a inteligência interesseira mostra e monitora, aprendendo rápido sobre hábitos e preferências do espectador/usuário. Fã da *hashtag #booktokbrasil*, o potencial consumidor passa a receber diariamente, no conforto do seu (celu)lar, sugestões cada vez mais personalizadas desses vídeos monetizáveis, nem sempre identificados como publicidade. As mais de 24 bilhões de visualizações no país refletem um fenômeno planetário cuja escalabilidade é produtora de discursos que organizam e delimitam maneiras de pensar, padrões de comportamento e de consumo. Nessa dinâmica, a mediação algorítmica da leitura contribui para sedimentar gostos pessoais e razões de ler, segundo regras de sociabilidade que se afirmam dentro de bolhas de conteúdo formadas no impreciso limite entre a influência e a liberdade (Machado, 2024).

Ainda no leito do esperado, é provável que o exemplar seja um título de ficção, um romance romântico para jovens adultos, literatura de maior saída, apesar das vendas crescentes de livros de autoajuda, segundo dados do portal *PublishNews*. De fato, aquele gênero é a tendência do momento, captada na rede por autores e editoras, com destaque para a literatura *queer*⁴³. Refletindo aspectos da cultura visual, a escolha pode ter sido influenciada pela capa de *design* chamativo (Quirino, 2022), assim como pelo enredo marcado de reviravoltas (*plot twists*), com estrutura interna mais ou menos uniformizada, segundo aponta a emergente fórmula *BookTok* para o sucesso⁴⁴, que autores buscam replicar, segundo O'Sullivan (2022).

A despeito do título, concluída ou abandonada a leitura, o que é direito imprescritível do leitor (Pennac, 1993), é comum a esse jovem, uma vez enredado pelo refinamento técnico do algoritmo, compartilhar sua experiência com o livro, através do comentariado. Essas interações entre membros das redes sociais digitais reforçam a ideia de pertencimento a uma comunidade, retroalimentando um circuito de sociabilidade que tende a equiparar a própria existência à busca pela validação do outro e visibilidade na rede, resultando em um afinamento da película entre os domínios do real e do virtual. Essa afirmação da aparência evidencia o pano de fundo de um discurso midiático que molda a nossa relação com a leitura,

⁴³ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/editorias/noticias/mais-vendidos>. Acesso em: 02 maio 2024.

⁴⁴ Trata-se de um fenômeno já percebido no mundo da música, com a criação em escala de *hits* que cabem no formato dos vídeos curtos e engraçados do *Tiktok*. De forma análoga, autores e editoras monitoram o *BookTok*, acompanhando livros de sucesso, em busca de padrões replicáveis em obras futuras, em um processo de plataformação da literatura, segundo interesses mercadológicos. A esse respeito, O'Sullivan (2022) argumenta que os *booktokers* estão determinando como os livros devem ser produzidos e não mais a subjetividade dos autores. Essa literatura sob demanda, feita para reproduzir as representações criadas dentro da plataforma, dissemina-se ao custo de uma possível redução do imaginário.

engajado em iluminar existências anônimas colhidas na rede, alçando-as à condição de retratos exemplares de indivíduos transformados em leitores *BookTok*⁴⁵.

Há, por fim, uma boa chance (35%) de que o livro adquirido tenha sido escrito pela romancista americana Collen Hoover, autora preferida do *BookTok* naquele ano — expoente na instigação das mais variadas e genuínas expressões de um estado passional que está no cerne do enlace entre *booktokers* e audiência em torno da leitura e seu suporte impresso — responsável por emplacar (a notável quantidade de) sete títulos de ficção na lista dos vinte mais vendidos do mercado brasileiro em 2022. Entre eles, *É assim que começa* (4º) e *É assim que acaba* (1º)⁴⁶.

5 EFEITOS PARRESIÁSTICOS SOBRE A LEITURA E AS CONFISSÕES DE SI NO DISCURSO *BOOKTOKER*

Vejamos agora, do lado *booktoker*, o desdobramento desse retrato contingente através da lente da *parresia*. Primeiro, é preciso subtrair algumas camadas de complexidade do *acontecimento discursivo* no qual se inscreve esse modelo de sujeito-leitor-navegante para pensar mais detidamente no que se pode dizer sobre o franco dizer ou, de forma tópica, acerca dos efeitos parresiásticos sobre a leitura e relações que mantêm com essa prática, a partir do vínculo entre liberdade e a produção da verdade que vai se constituir entre o sujeito criador de conteúdo (*booktoker*) e o sujeito espectador (leitor), reunidos em comunidade, cujo encontro é mediado externamente pelo algoritmo e internamente pelo *pathos*⁴⁷.

Em sua vocação para a universalidade, o discurso *booktoker* abre-se ao espaço público com uma dupla organização capilar (vertical e horizontal) e alcance global. Sua constituição é plural, aberta tanto à infinitude quanto à efemeridade, sujeita tanto à eternização no arquivo digital como ao ostracismo, em razão do estatuto do sujeito enunciante, da natureza do seu conteúdo e do deslocamento dos contextos na recepção pelo público. Em certa medida, o discurso *booktoker* oferece um risco germinal à própria existência, associado ao que é dito ou silenciado, ao que é visibilizado ou apagado. Assim, abre-se para o criador a possibilidade da crítica, da perda de seguidores ou, o que é mais grave, de julgamento pelo “tribunal da internet”. Na vida em rede, tanto a mentira como o dizer verdadeiro, além de suas

⁴⁵ Conforme matéria analisada no primeiro artigo desta dissertação (Machado, 2024).

⁴⁶ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/editorias/noticias/mais-vendidos>. Acesso em: 12 nov. 2023.

⁴⁷ *Pathos*, segundo as obras de Aristóteles e Quintiliano, citadas por Foucault (2010b, p. 342-343) em suas referências à retórica como parceiro-ambíguo da *parresia*, é uma das três polaridades de qualquer movimento argumentativo. Trata-se do componente emocional do discurso, que completa o triângulo argumentativo formado pelo *ethos* (credibilidade), *logos* (razão) e *pathos* (paixão).

combinatórias entre um e outro, inauguram um risco de exclusão social imposto pela “cultura do cancelamento”.

A fim de evidenciar essa configuração discursiva, recorreremos ao *arquivo* para oferecer algumas ocorrências da discursivização midiática que, para acontecimentalizar o *BookTok*, o faz sob determinadas regras e formações discursivas, entre as quais flagramos, como regularidades enunciativas, a autenticidade e a paixão:

O BookTok não apenas **revitaliza a paixão pela leitura**, mas também democratiza o acesso à crítica literária. Jovens leitores, **que talvez não tivessem acesso a resenhas em jornais ou revistas**, agora podem descobrir livros através de **recomendações acessíveis e autênticas de pessoas com quem se identificam**. Este fenômeno cria um **ciclo virtuoso, onde a descoberta e o compartilhamento de livros se tornam uma experiência social e comunitária** (Olivieri, 2024, grifos nossos).

A editora executiva dos selos comerciais da Companhia das Letras, Quezia Cleto, ratifica a opinião das colegas de mercado. Para ela, um fator determinante dos feitos vindos do BookTok são **“as recomendações autênticas, cheias de paixão”** (Faria, 2024, grifos nossos).

O poder do BookTok. O BookTok é um espaço incrível, principalmente pela **autenticidade da criação de conteúdo** (Barbosa, 2023, grifos nossos).

‘Velocidade, não perfeccionismo’. Conforme ele, uma publicação bem-sucedida na plataforma não é, necessariamente, a que foi feita com perfeccionismo. **“Apenas seja autêntico e rápido. Embarque nas tendências e crie no momento”**, diz (Legramandi, 2023, grifos nossos).

A Leoni cria vídeos de todos os gêneros literários e **sempre traz autenticidade, piadas e a personalidade dela**. Tem resenhas, leitura conjunta, música com livro e por aí vai (Lacerda, 2023, grifos nossos).

Nos enunciados coletados, a escolha linguística dos termos “autenticidade” e “paixão” é emblemática e sua reiteração merece destaque. Questionamos se essa insistência em reafirmar determinadas “qualidades” poderia indicar sua falta e não sua presença. Margeando essa questão, salientamos que a mídia discursiviza o *BookTok* como uma novidade necessária, pois além de “revitalizar”, “democratiza o acesso à leitura” para grupos sociais menos favorecidos. Nessa nota, salientamos que o foco no sucesso da plataforma é de tal ordem que o discurso passa ao largo das causas da desigualdade na fruição desse direito. Em uma sociedade que nega cidadania aos seus membros mais vulneráveis, silenciar as causas da desigualdade extirpa do sujeito “menos favorecido” sua individualidade, de modo que caberia indagar quem são os destinatários da “autenticidade” e da “paixão”. Certamente que esses atributos sedutores alcançam o indivíduo tomado como mero representante de um contingente marginalizado que acata as justificativas do discurso meritocrático para a culpa autoimposta por sua permanência à margem da sociedade, de onde necessita ser resgatado pelas luzes do espetáculo para ascender de uma posição de infâmia à de penetra no mundo letrado (Curcino, 2024).

Tomando essas primeiras enunciações como ecos de uma maneira de ser leitor modelizada pela ordem do discurso, enveredamos pelas formações discursivas da “autenticidade” e a da “paixão” engendradas na imagem de si que habita a discursividade dos vídeos curtos. Antes, porém, observamos que o alcance das funções do sujeito ligadas à *parresia* como técnica de si impõe certos limites à análise da prática *booktoker* na perspectiva foucaultiana. As mutações da vida em rede subverteram princípios reunidos sob o signo da cultura de si. Essa limitação fica mais evidente quando pensamos na ascensão do princípio do “conhece-te a ti mesmo” e no correspondente declínio da função do outro na cultura do empresariamento do sujeito, práticas que repelem o cuidado de si no cenário digital.

Quanto à *parresia*, Foucault (2010b, p. 44) afirma estar impregnada na cultura de si e conectando a:

[...] toda uma estrutura, todo um pacote de noções e de temas importantes: cuidado de si, conhecimento de si, arte e exercício de si, relação com o outro, governo pelo outro e dizer-a-verdade, obrigação desse outro de dizer a verdade. Com a noção de *parresia*, temos, como vocês veem, uma noção que está na encruzilhada da obrigação de dizer a verdade, dos procedimentos e técnicas de governamentalidade e da constituição da relação consigo.

Então,

[...] a *parresia* é uma maneira de se vincular a si mesmo no enunciado da verdade, de vincular livremente a si mesmo na forma de um ato corajoso. A *parresia* é a livre coragem pela qual você se vincula a si mesmo no ato de dizer a verdade. Ou ainda, a *parresia* é a ética do dizer-a-verdade, em seu ato arriscado e livre (Foucault, 2010b, p. 64).

Ao avançar inicialmente por essa frente aberta por Foucault (2010a, 2010b) para análise do franco dizer, a qual deixa de lado o estatuto social do sujeito para privilegiar o vínculo particular entre a verdade e a liberdade, o *pathos* surge no horizonte discursivo *booktoker* como um operador indiscreto de um tipo de dramática do discurso verdadeiro que tem na autenticidade e na paixão dois dos seus aspectos. A respeito da dramática do discurso e do pacto *parresiástico* do sujeito consigo mesmo, Foucault (2010b, p. 65) indica que:

[...] a *parresía* é exatamente o que poderíamos chamar de um dos aspectos e uma das formas da dramática do discurso verdadeiro. Trata-se, na *parresía*, da maneira como, afirmando o verdadeiro, e no próprio ato dessa afirmação, você se constitui como aquele que diz a verdade, que disse a verdade, que se reconhece naquele e como aquele que disse a verdade. A análise da *parresía* é a análise dessa dramática do discurso verdadeiro que revela o contrato do sujeito falante consigo mesmo no ato do dizer-a-verdade.

O movimento da *parresia* cria o espaço para uma estilística da existência assentada na liberdade e na relação de si consigo como sujeito de veridicção capaz de evidenciar uma certa forma de poder sobre si e sobre o outro. Enfatizando mais uma vez as diferenças de contexto, essa estética é discursivamente espelhada pela prática *booktoker*. Considerando essa aproximação, somos então motivados a interpretar a função parresiástica do corpo na trama discursiva para apreender os sentidos produzidos e a verdade comunicada nos vídeos curtos que trafegam na comunidade literária *BookTok*. Do ponto de vista desse corpo parresiástico, o discurso de si habita os vídeos e carrega uma verdade própria do tempo e do espaço de sua produção.

Do ponto de vista desse corpo parresiástico-confessional, o discurso de si habita os vídeos e carrega uma verdade própria do tempo e do espaço nos quais se realiza. O enunciável sobre a leitura constitui-se nos planos do dizível e do visível, mas sobretudo neste último, por meio da imagem, considerando essa marca do tempo espetacular de produção do eu autêntico de que falam Bauman (2021) e Debord (1997).

Observamos, a esse respeito, que o efeito parresiástico sobre a leitura na prática dos criadores de conteúdo chega a tornar prescindível a palavra, de modo que o discurso pode constituir-se plenamente no plano do visível, meio eficaz para comunicação instantânea de emoções complexas “simuladas”, incabíveis em palavras no formato de vídeos curtos. Como exemplo dessa produção imagética de saberes em leitura, coletamos do arquivo a criação seguinte, com mais de 2,6 milhões de visualizações no *BookTok* e apenas treze segundos de duração, ao longo dos quais nenhuma palavra é pronunciada⁴⁸:

⁴⁸ Disponível em:
https://www.tiktok.com/@jordनावucetic/video/7121507269539400966?is_from_webapp=1&sender_device=pc. Acesso em: 28 out. 2024.

Figura 1 – Cenas de leitura: emoções leitoras comunicadas pela imagem de si



Fonte: Página da tiktoker Jordnavucetic no *TikTok*. Sequência organizada pela autora.

Neste enunciado imagético percebemos que o corpo feminino, e mais fundamentalmente o rosto, constituem a mais potente manifestação do jogo parresíastico *booktoker*. A sequência marca a regularidade do par corpo-livro como matriz da experiência leitora visibilizada. A desmultiplicação causal do uso estratégico do corpo e das emoções mobilizadas possibilita interpretar, na reiteração desse discurso, os saberes produzidos acerca da leitura, a normatividade do comportamento encenado e os modos de existência do sujeito-leitor que aí se manifestam (Foucault, 2010b, p. 41).

Aplicados aos comentários do vídeo, os eixos analíticos saber-poder-ser possibilitam evidenciar os sentidos que emanam das imagens. Em “me sinto uma **pedra** por não ter chorado lendo esse livro”, notamos uma oposição aos saberes consensualmente produzidos na prática *booktoker*, cuja validação se expressa na convergência dos comentários. Em sua esmagadora maioria, essas manifestações relativamente espontâneas normalizam a leitura como uma prática feminina de evasão da realidade. Contando com bilhões de visualizações, o poder normativo de conteúdos semelhantes, marcado nesse comentário dissonante, é confirmatório da regularidade a que se opõe. Ao interditar modos de existência discrepantes, a reiteração de sua verdade afirma um modelo de leitor visível, para quem o livro é um ornamento simbólico e a leitura uma prática de diferenciação que deve apetercer ao gosto pessoal.

Seria impróprio qualificar a oscilante e comercializável prática *booktoker* como um exercício propriamente dito de *parresia*, igualando-o em natureza e valor, por exemplo, à essência do quanto nos escreve Foucault (2010b) sobre a prova de Platão frente ao tirano Dionísio, cuja menção é feita mais à frente neste texto. Entretanto, esse cuidado não impossibilita considerar, em certas circunstâncias pontuais, haver entre práticas tão distintas entre si, uma aproximação ambígua. Mesmo constatando a presença de elementos que caracterizam o dizer verdadeiro na performance *booktoker*, salientamos que esse discurso movimenta, prioritariamente, um modo padronizado de expressar emoções da leitura, menos como um exercício espiritual de si e mais como uma carga de emoções simuladas dirigida ao outro, com o objetivo de exercer influência.

Essa percepção cautelosa coloca em suspensão a “*parresia*” *booktoker* e escala quando comparamos memes de internet ao catálogo de emoções ficcionalizadas nos vídeos curtos da plataforma. Na figura 2, elas surgem categorizadas no meme *Reações de um leitor* (figura 2), representativo desse rol de emoções que uma “boa” leitura desperta no “bom” leitor.

Figura 2 – Menu de emoções de uma boa leitura



Fonte: Página Blog sobre leitura no Instagram⁴⁹.

No catálogo de “cenas emotivas” de leitura da *booktoker* (figura 1), observamos como as emoções ali manifestas sancionam uma forma historicamente conhecida de se ostentar uma condição leitora, especialmente compartilhada pelo público feminino, que é atualizada em

⁴⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bd3dWAGl3jj/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

memes contemporâneos sobre a leitura, segundo aponta Silva e Ferreira (2023). A produção social de memes, como a figura 2, evidencia uma lógica segundo a qual o bom leitor é aquele a quem, realizando uma leitura intensa, o livro consegue comover e fazer escapar da realidade. A leitura, nesse sentido, é vista como uma atividade evasiva, sem resultado prático, cuja função de entretenimento é, em geral, pouco valorizada pelo público masculino, em seu consensual papel de leitor mais racional.

Assim como a performance *booktoker*, a leitora representada no meme compartilha a fruição intensa da leitura, o que pode ser visibilizado nas emoções transmitidas nas variadas expressões faciais, cujos sentidos de surpresa, indignação, incredulidade, tristeza, traduzidos nos enunciados imagéticos e verbais, demonstram a adesão feminina às emoções “ficcionalizadas na narrativa”. Essas reações, comumente ligadas à leitura de romances, ecoam práticas consensuais de leitura que herdamos de longevas representações romantizadas, próprias do ideário burguês de leitura como atividade de entretenimento e evasão do público feminino, datadas dos séculos XVIII e XIX. Na encenação *booktoker*, a “resposta afetiva” intensa, atualizada no meme, realiza-se através de reações comuns na plataforma, as quais confirmam o pertencimento de quem as manifesta, sua adesão e adequação ao contexto discursivo específico sancionador de papéis distintos a homens e mulheres leitores, consensualmente construídos ao longo do tempo (Silva e Ferreira, 2023).

Nesse sentido comunitário e historicamente construído, comunicar a leitura como um estado afetivo a ser experienciado deixa de expressar apenas a governamentalidade de si, à medida em que é dirigida a um outro requerente. Com esse redirecionamento, entram em funcionamento diferentes funções enunciativas com efeito de *acontecimento*, capazes de orientar as técnicas da relação de si consigo em direção aos outros. E no mesmo movimento descentralizador, remodelam a pragmática da leitura nos termos de um regime discursivo guiado internamente pelo *pathos*, em vista da produção de uma verdade convergente com a busca por relações mais profundas que encontra vazão no espaço digital.

É numa outra encruzilhada que Foucault (2010b, p. 44) situa a abrangente noção de *parresia*. Mais precisamente no ponto de articulação da “obrigação de dizer a verdade, dos procedimentos e técnicas de governamentalidade e da constituição da relação consigo”. Para o autor:

O dizer-a-verdade do outro, como elemento essencial do governo que ele exerce sobre nós, e uma das condições essenciais para que possamos formar a relação adequada conosco mesmos, que nos proporcionará a virtude e a felicidade (Foucault, 2010b, p. 44).

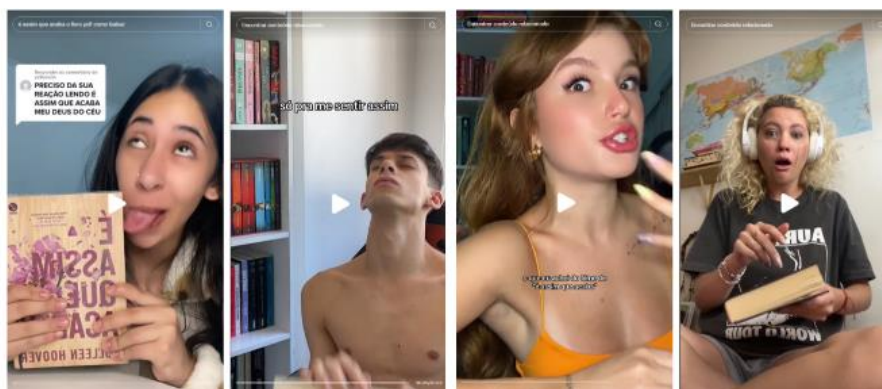
Como um espelho da realidade social, a comunidade *BookTok* é um espaço de produção de saberes e atuação de poderes que afetam a relação dos mais jovens com a leitura. Suas formações discursivas organizam e moldam o dizível, o visível e o enunciável sobre a prática leitora, colocando em funcionamento racionalidades que operam na constituição do leitor. Essa configuração discursiva surge alinhada à demanda contemporânea por relações mais profundas, emocionais e autênticas, a que se refere Bauman (2021). É em atendimento a tais necessidades do sujeito moderno, e a um certo fetiche pela aparência, que a formação discursiva da *parresia* atravessa o discurso *booktoker*, qualificando-o em sua própria instância, como autêntico e apaixonado. Ao circular carregado de emoções manifestas, o discurso sobre a leitura molda uma vontade de verdade povoada de consensos historicamente produzidos que, dirigindo-se ao outro, mostra-se orientada pela velocidade e compromissada com a quantificação.

Quanto ao tempo, percebemos outra regularidade interessante: dentro de um universo de conteúdos curtos, os mais visualizados costumam ser aqueles de menor duração e estes são os que têm menos — ou simplesmente não utilizam — palavras. A palavra, como demonstram as redes sociais, demanda mais tempo de maturação para produzir sentidos em comparação à imagem. Face a essa disparidade, os efeitos de *parresia* e *confissão* no discurso *booktoker*, ao contrário dos antigos exercícios espirituais escavados por Foucault (2010a e 2010b), encontram suas condições de possibilidade no uso estratégico do corpo, no apelo a emoções simuladas dirigidas a uma audiência, e na sedução da linguagem das telas.

5.1 O uso extravagante do corpo parresiástico-confessional para falar de leitura

Na sequência a seguir (Figura 3), apresentamos o choro e o uso extravagante do corpo *booktoker* para exemplificar como o jogo parresiástico evolui para uma prática confessional entre o representante legitimado e fonte da confissão, e sua audiência, requerente de uma verdade confessanda.

Figura 3 – Cenas confessionais no *Booktok*: o choro e o uso extravagante do corpo



Fonte: TikTok (2024).

Tal como acontecia na prática parresiástica como exercida, a seu modo e seu tempo, nos ciclos epicuristas descritos por Foucault (2010a, p. 333-351), a autoridade do mestre parresiasta, assim como a legitimidade (*ethos*) do *booktoker* não é imposta verticalmente, ela é conquistada numa dupla organização horizontal e vertical que serve aos dois lados e é nessa relação de dupla organização que a parresia irá circular. A parresia da verdade origina-se do criador de conteúdo, porém converte-se, pela sensibilização da imagem confessional, tornando-se a prática e o modo que cria um espaço de conexão e troca de ideias entre os membros comunitários. Trata-se, segundo Foucault (2010a, p. 350) de:

[...] uma prática verbal, explícita, desenvolvida e regada pela qual o discípulo deve responder a essa parrhesia da verdade do mestre com uma certa parrhesia, uma certa abertura de coração que é a abertura de sua própria alma colocada em comunicação com a dos outros, operando assim, por meio disso, o que é necessário para que ele realize a própria salvação, mas incitando também os outros a terem em relação a ele uma atitude de não recusa, de rejeição e de censura, mas de eunóia (benevolência) e por meio disso, incitando todos os membros do grupo, todos os personagens do grupo a realizarem sua salvação.

Assim como os alunos epicuristas eram instados a falar diante da parresia do mestre, os membros da comunidade *BookTok* reagem ao movimento parresiástico *booktoker* por meio do comentariado, uma seção do espaço digital equivalente contemporâneo da *Ágora* na *pólis*, onde os espectadores são instados a dizer o que pensam, a dizer o que tem no coração e no interior dessa prática de si percebemos a prática da confissão mútua.

No dizer de Foucault (2010, p. 350), esse é um movimento inteiramente diferente da ritualística religiosa, pois já na contemporaneidade a confissão se constitui como

[...] um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é

simplesmente um interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifestar-se; enfim um ritual onde a enunciação em si, independentemente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe a salvação (Foucault, 2022b, p. 66).

Para o filósofo, “a confissão passou a ser no Ocidente uma das técnicas mais altamente valorizadas para produzir a verdade. Desde então nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda” Foucault (2022b, p. 66). Dessa maneira, gerando efeitos nos diversos campos da vida humana, a confissão surge escamoteada e despercebida, tanto nas práticas mais cotidianas quanto nos ritos mais solenes. Na contemporaneidade digital, a confissão irrompe disseminada na espetacularização do eu e continua atuando como uma importante ferramenta na produção da verdade. Nesses termos, a indiscrição do eu é um sentido assumido pela parresia na espiritualidade cristã que parece ter se dispersado no presente, como uma “indiscrição com a qual se fala de tudo a propósito de si mesmo” (Foucault, 2010b, p. 47).

A prática confessanda no *BookTok*, tomado o sentido ubíquo proposto por Foucault, perpetua a busca pela verdade de si e redimensiona a prática parresiástica ao espaço e ao tempo de sua constituição. O que era anteriormente uma exploração introspectiva sob a supervisão de uma autoridade central, torna-se agora uma performance aberta ao olhar e ao julgamento público de uma comunidade virtual aberta a bilhões de espectadores. Essa mudança está de acordo com uma reconfiguração nos modos de subjetivação, em que a aparência e a validação externa ganham relevo na produção da verdade, influenciando as formas como os indivíduos percebem a si mesmos e constroem suas subjetividades, enquanto sujeitos inscritos dentro dos espaços performáticos de convivência.

Na interpretação de Chartier (1991, p. 178), as mutações no domínio da leitura, que operam a partir dos espaços digitais, transformam a atividade introspectiva e privada de ler em “[...] uma prática encarnada em gestos, espaços, hábitos”, sendo exatamente nessa direção e sentido que apontam as imagens. Criar perfis, resenhar, comentar e fazer listas de livros são exemplos de operações que refletem preferências pessoais e servem como modos de expressão, socialização, posicionamento político, produção da verdade e governo de si e dos outros, dentro de um espectro cultural mais amplo. O vínculo entre os sujeitos de leitura, inicialmente esmaecido pelo texto eletrônico, ressurgiu sob outras formas. A requerimento do sujeito moderno, ganha relevo uma relação corpórea e emocional dos comentaristas com o livro, em particular o impresso, capaz de aquecer e reavivar a interação humana no espaço impessoal das redes digitais (Chartier, 1998). Algumas emergências desse *acontecimento*

irrompem nas imagens apresentadas, em reforço à função do *pathos* no discurso de incentivo à leitura no presente.

Retornando à questão dos efeitos parresiásticos, indicamos outro exemplo do que pode ser interpretado como uma manifestação da coragem da parresia *booktoker*, aplicável a outros tantos casos controversos, denominados no vocabulário da rede como “tretas literárias”, circunstâncias em razão das quais é requisitada a manifestação do franco dizer dos *booktokers*. Em geral, são assuntos controversos que desaguam na plataforma originários de outras redes sociais ou da grande mídia e costumam estimular a criação de conteúdos que, por vezes, geram um debate político entre os membros comunitários sobre questões reais e problemas coletivos, inclusive. No enunciado seguinte (figura 4), alinhamos à esquerda uma reportagem publicada no portal Metrôpoles, em 08 de março de 2024, e à direita três exemplos de vídeos-reação extraídos do *BookTok*, sobre os quais realizamos uma leitura conjunta acerca de como essa comunidade enfrenta temas considerados polêmicos:

Figura 4 – Notícia sobre a censura ao livro *O Avesso da Pele* e a correspondente reação *booktoker*



Fonte: Metrôpoles e *TikTok* (2024).

A coragem de dizer a verdade é, segundo Foucault (2010a, 2010b), uma característica do ato parresiástico. Nessa sequência, apresentamos a materialização da coragem *booktoker* de dizer a verdade, e, portanto, de sua manifestação parresiástica nos termos em que se constitui no seu estatuto. Observa-se, no título da reportagem, cujo objetivo deixa claro fazer com que se “Entenda polêmica em torno de *O Avesso da Pele*, censurado em escolas”, em referência a uma onda de censura ao livro iniciada em uma escola estadual do Rio Grande do Sul, configurando uma ação prontamente polemizada e potencializada pela direita e extrema-brasileira, como se pode notar no título secundário: “O livro foi polemizado pela direita, que o

considera inadequado para estudantes adolescentes”. A obra foi aprovada durante o governo Bolsonaro.

Na esteira do acirramento político que se tornou ocupação mundial, polemizar livros é uma prática cada vez mais comum nos EUA⁵⁰, principal praça de importação de tendências extremistas pela direita brasileira, como a de demonização da escola pública e do professor. “Quase tudo que acontece lá acontece aqui”, disse o ex-presidente Bolsonaro a respeito do retorno de Donald Trump à presidência dos EUA, em 2025, e a pretexto da tentativa de reverter a própria inelegibilidade (Mattoso; Bragon, 2024). Ecoando o discurso estrangeiro, representantes locais da direita e extrema direita apressaram-se em atribuir culpa ao governo Lula pela distribuição do título nas escolas, sonogando, entre outras verdades objetivas explicitadas tanto pela reportagem como pelos *booktokers*, o fato de que os livros enviados às escolas via governo federal são escolhidos pelos próprios professores, com a aprovação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), assim como, a aprovação deste título em particular ocorrera na gestão Bolsonaro.

Essa contextualização situa a polêmica da censura aqui discutida no âmbito político, ou seja, na *pólis* e, mais precisamente, dentro da escola. Ao forçar a retirada de circulação de um livro, temos diante de olhos um problema que não se limita à restrição da diversidade literária imposta por uma faixa do espectro político. Seus efeitos atentam contra liberdades constitucionalmente garantidas, dentro de um movimento mais amplo de policiamento da escola pública e do trabalho docente já bem conhecido e noticiado, que encontra na negação do discurso verdadeiro, no conforto da covardia moral e na estratégia da mentira motivos suficientes para atentar contra o cerne da democracia. A censura, termo usado tanto na reportagem como nos vídeos, resulta das mesmas desvirtudes com as quais Foucault (2010b) qualifica Apolo na tragédia iônica: um antagonista do discurso verdadeiro, um anti-parresiasta capaz de escamotear a verdade, silenciar ou falar em abuso de poder e, além disso, proferir a mentira quando esta lhe convém.

É nesse sentido intrinsecamente ligado à vida em rede que o *booktoker*, enquanto sujeito coletivo, estende e movimenta os efeitos *parresiásticos* de sua prática para além das próprias emoções e da própria existência, em prol do que acredita ser uma verdade de interesse comunitário: o absurdo da censura e os riscos embutidos para a democracia. Como

⁵⁰ Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/401447/abc-da-censura-entenda-o-movimento-que-bane-livros-nos-eua>. Acesso em: 29 out. 2024.

nota relevante, após a polêmica, foi registrado um aumento da ordem de 400% nas vendas de *O Averso da Pele*, segundo informações da Folha⁵¹.

A repercussão da polêmica e o crescimento de vendas podem ser lidas como materializações da legitimidade do que é enunciado, recebido como relevante, e da legitimidade de quem enuncia, reconhecido como autêntico. Esse evento exemplifica como a apropriação do discurso define a maior ou menor inserção dos sujeitos na comunidade e a consequente produção de comportamentos coletivos (Curcino, 2024, p. 80). “A legitimidade é causa e efeito da inserção em comunidade”, e o dizer verdadeiro e apaixonado é inerente a esta legitimidade, formando as condições para a apropriação do discurso. A esse respeito, uma pesquisa realizada entre jovens leitores ingleses oferece o ponto de vista do jovem sobre os efeitos evocados pelo *BookTok* sobre sua prática leitora:

Segundo uma pesquisa da Publishers Association (PA), o BookTok, comunidade de leitura do TikTok, influencia (e muito) as escolhas dos jovens leitores na hora de folhear um livro. Por volta de 59% dos jovens leitores entrevistados [ingleses] afirmaram que **a rede social é uma base para suas escolhas de leitura** e que **descobriram a sua paixão por literatura com as obras indicadas na plataforma** (Publishnews, 2022, grifos nossos)⁵².

Uma vez abordada a questão da coragem de dizer a verdade como aspecto essencial à produção de um efeito parresiástico, a abertura ao risco é o próximo elemento da *parresia* a ser confrontado com a prática *booktoker*. Como observa Foucault (2010b) a respeito das antigas manifestações da *parresia*, não se trata de um risco irrisório. No limite, o franco-dizer colocava em perigo a vida do parresiasta, pois dizer a verdade de certa maneira e em certas ocasiões, como aquelas “cenas matriciais da parresia” narradas por Plutarco, por exemplo, poderia custar a vida ou a liberdade do locutor. Assim foi com Platão, grande mestre filósofo da antiguidade grega que, convidado a Siracusa, ergueu-se contra Dionísio, enquanto todos os demais cortesãos — à exceção do Díon, cunhado e conselheiro — apenas assentiam com suas falas e ações tirânicas (Foucault, 2010b, p. 49-50).

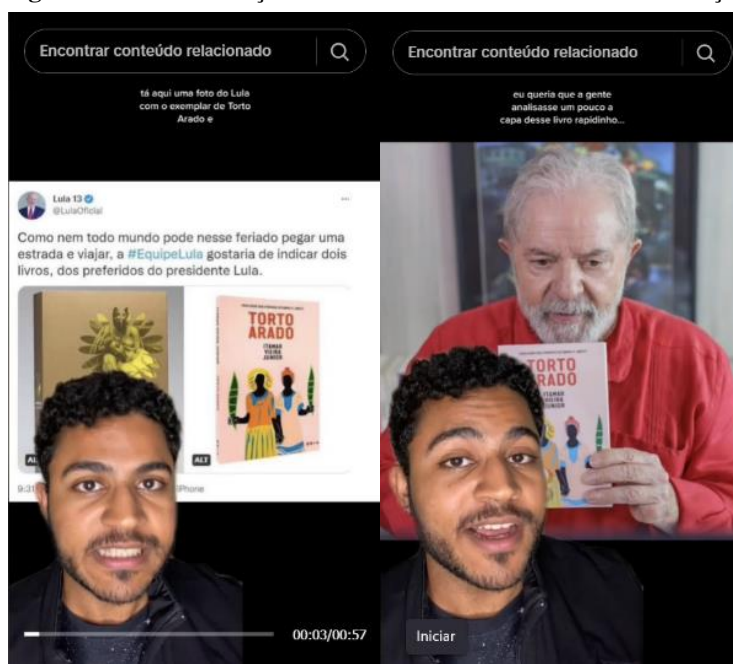
Ao interpretar o enunciado imagético da figura 5, cujas cenas foram coletadas de um vídeo produzido pelo *booktoker patzic-santos*, influenciador com 378 mil seguidores e 8,3 milhões de curtidas no *TikTok*, percebemos uma abertura ao risco na prática *booktoker*. Com

⁵¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/03/livro-o-avesso-da-pele-de-jeferson-tenorio-vende-400-mais-apos-polemica.shtml#:~:text=As%20vendas%20de%20%22O%20Averso,no%20Rio%20Grande%20do%20Sul.> Acesso em: 29 out. 2024.

⁵² Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2022/11/30/mais-da-metade-de-leitores-entre-16-e-25-anos-vem-do-tiktok>. Acesso em: 26 out. 2024.

as cautelas impostas pelo tempo e contextos que o separam das práticas estudadas por Foucault (2010a, 2010b), pode-se perguntar: qual abertura ao risco o franco-dizer inaugura para o *booktoker* no movimento da sua *parresia*? Qual a *parresia* age no seu discurso? Vejamos:

Figura 5 – Recomendação literária e o risco envolvido na enunciação.



Fonte: TikTok (2024).

Em primeiro lugar, é necessário sempre situar o discurso no espaço público de sua constituição como um lugar de não-neutralidade e reafirmar “que a parresia é uma espécie de formulação da verdade em dois níveis”, no primeiro, a verdade é lançada e no segundo nível, temos a enunciação parresiástica, “que é a afirmação de que essa verdade que nomeamos, nós a pensamos, nós a estimamos, nós a consideramos efetivamente, nós mesmos autenticamente, como autenticamente verdadeira” (Foucault, 2010b, p. 62).

Nas redes sociais, como na *Ágora*, enunciar algo irruptivo, capaz de comprometer o pensamento com o enunciado sempre deixará o locutor vulnerável ao retorno para si do julgamento público, cujos efeitos não são codificados, mas indeterminados (Foucault, 2010, p. 58). No caso do *TikTok*, esse julgamento pode ser feito por estranhos. Salientamos que o vínculo que une criador e audiência na plataforma não requer um passado, ou seja, não precisa haver relação prévia como em outras redes sociais. Assim, o discurso alcança estranhos e isso aumenta o risco potencial de interpretações enviesadas. Quanto a isso, notemos que o *booktoker* da figura 5, estando pactuado consigo mesmo quanto ao conteúdo do enunciado e

ao ato do enunciado, apresenta uma indicação literária feita em outra rede social pelo Presidente Lula, a quem chama de “nosso presidente”, figura pública com a qual parte significativa da população brasileira não se identifica e que sempre dividiu opiniões no cenário político nacional, especialmente no presente.

Na prática analisada, o criador assume livremente o risco de desagradar parcela dos potenciais espectadores e, com isso, atrair para si seu antagonismo. A despeito desse risco de retorno indesejado e incalculado, ao referir-se ao texto *Apologia de Sócrates*, Foucault (2010b, p. 154) define a *parresia* como um ato político que não está comprometido com a aprovação de todo mundo. Quem assim o espera é o lisonjeador, e a lisonja é o “fundo moral e instrumento privilegiado da retórica”, não da *parresia* (Foucault, 2010b, p. 335). E nessa medida, o filósofo nos orienta que o núcleo da *parresia* não pode ser encontrado no estatuto do sujeito que enuncia ou no funcionamento do meio utilizado para a enunciação e sim na sua coragem.

Como só há *parresia* quando há liberdade na enunciação da verdade, seguimos no rastro da livre palavra, ao encontro dos 199 comentários registrados ao vídeo sob análise⁵³. Em sua grande maioria de manifestações elogiosas ao livro, entre as quais, encontramos: “O Lula sabe ler?, pergunta Rafael; “Até que o ex-presidiário tem bom gosto de leitura”, alfineta davifeitosaaa e “O livro é excelente, mas eu duvido que o Lula o tenha lido! 🤪”, provoca Gustavo Pinheiro. Esse espaço de interlocução pode ser pensado como uma extensão dos efeitos parresiásticos sobre a leitura da prática *booktoker*, suscetível à ambiguidade da liberdade e da abertura, “[...] que fazem com o que se diga o que se tem a dizer, da maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê necessário dizer”. Nesse sentido, o termo *parresia* liga-se “à escolha, à decisão, à atitude de quem fala”, como um exercício de liberdade de tudo-dizer traduzido pelos latinos pelo termo *libertas* (Foucault, 2010, p. 334).

Abrimos um pequeno hiato neste ponto para retornar ao texto de Curcino (2018) sobre a construção midiática do perfil leitor do presidente Lula, tema desse vídeo, e salientar como discursos de leitura circulam dentro de discursos outros, carreando o já dito e suas verdades a prática da leitura. Naquela oportunidade, a autora ofereceu sua análise sobre como o discurso da mídia apresentava o presidente Lula como um não leitor, acontecimentalizando sua prática legente e todos os seus esforços nesse sentido como derrisórios, imputando-lhe um sentido de

⁵³ Dados coletados em 11 nov. 2024, às 18h30min. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@patzzic/video/7183829560599842054?q=torto%20arado%20livro&t=1732995502787>. Acesso em: 11 nov. 2024.

vergonha alheia (Curcino, 2024, p. 79-92). Nota-se, agora em outra circunstância igualmente confirmatória de como os discursos constituem os sujeitos, que o *post* que dá origem ao vídeo, cujo enunciado é: “Como nem todo mundo pode nesse feriado pegar uma estrada e viajar, a #Equipe Lula gostaria de indicar dos livros, dos preferidos do presidente Lula”, surge atravessado pela mesma formação discursiva não essencialista da leitura, responsável pelo tratamento derrisório da experiência leitora do presidente. Não obstante abordar a relevante questão da desigualdade social, utiliza de metáfora para se referir à leitura de maneira dessacralizada, como uma segunda opção de atividade, algo valorativamente menor, se comparado a outra prática potencialmente mais desejada, quando esta não for uma possibilidade, no caso, viajar. Esse pequeno aparte é indicativo de que mesmo nas novas mídias, os discursos de variados campos enunciativos se imbricam, conformando-se uns aos outros, “definindo a nossa relação com a prática, com os demais sujeitos, com o mundo e com nós mesmos (Curcino, 2024, p. 79)⁵⁴.

Uma vez situado o discurso no espaço público digital de estranhos, salientamos que a dinâmica das redes sociais possui mecanismos próprios de controle social de seus atores. A audiência, última detentora do poder de escolha, no exercício dessa condição pode condenar a mentira ou até mesmo a verdade, nos casos em que esta se mostrar de alguma forma inconveniente. No comentariado, cria-se o espaço para materializar o julgamento coletivo acerca do que é dito e visibilizado. Esse mecanismo é hoje uma ferramenta da “cultura do cancelamento” que materializa a violência contra o outro, uma forma contemporânea de condenar ao ostracismo os atores sociais que mentem e, eventualmente, arriscam-se a dizer a verdade sobre assuntos de interesse público.

Quando Foucault (2010b, p. 53) cita um Dionísio ultrajado, a ponto de ordenar a venda de Platão como escravo, em virtude de ter o filósofo arremessado sua *parresia* na cara do tirano, exemplifica a condenação do parresiasta ao ostracismo pela prática do franco-dizer. Ainda que na contemporaneidade tal castigo pareça inconcebível, e a liberdade, no dizer de Han (2017), seja tão paradoxal quanto é a autoexploração, é relevante o fato de que a existência no domínio das redes sociais esteja compromissada com a visibilidade, e esta dependa de fatores quantitativos ligados ao outro, como o número de *views*, curtidas e seguidores. Por conseguinte, perdê-los, como resultado do risco não calculado do

⁵⁴ Fechamos essa questão com uma pergunta deixada sem resposta, feita pelo comentador @Jhonny606: “aqui! enquanto o Bolsonaro lê oq?”, e a sugestão de leitura de “*Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará*”: *livros na eleição presidencial de Bolsonaro*, de Curcino (2022). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343236305_Artigo_Conhecereis_a_Verdade_e_a_Verdade_vos_libertara_livros_na_eleicao_presidencial_de_Bolsonaro_Then_you_will_know_the_Truth_and_the_Truth_will_set_you_free_books_in_the_presidential_election_of_Bo. Acesso em: 29 out. 2024.

cancelamento, é um tipo de morte por condenação ao ostracismo e ao adoecimento, cuja possibilidade caminha junto com a produção de efeitos parresiásticos na vida em rede.

Por fim, é necessário considerar o quanto observa Foucault (2010a, p. 335-342), pois, se a *parresia* tem a retórica como seu adversário-técnico, em relação à qual tem liberdade, mas dela pode servir-se nos limites necessários à expressão da verdade; em relação à *parresia* movimentada pelo *booktoker*, esta tem na retórica um parceiro-técnico e no mercado um parceiro-ambíguo. Com essas parcerias, é de se imaginar que os efeitos de *parresia* na comunidade seja pontilhada pela retórica, tanto quanto o é pelos interesses de mercado, em obediência à lógica da demanda especializada pelo algoritmo. Nesse jogo, o *BookTok* constitui-se um espaço ambivalente de ensaio parresiástico, propenso a anular tentativas unívocas de definir seu funcionamento como transformador ou reificante do sujeito.

Recolocando a pergunta lançada no título deste artigo, a realidade recomenda cautela antes de aplicar rótulos ao movimento *booktoker*, seja o de discurso autêntico enraizado na verdade ou de impostura de um eu inautêntico que atua em proveito de interesses implícitos. Ao tentar remover os rótulos, o mais importante a se considerar, após o que vimos nesse rápido passeio pelos sentidos produzidos na dinâmica da comunidade, lembrando que há vários percursos possíveis, é o que temos a compreender sobre esse discurso insinuante, após lançá-lo ao encontro da noção de *parresia*.

Ao apresentar alguns exemplos que aproximam a prática *booktoker* de aspectos da *parresia*, tentamos destacar como a coragem para dizer a verdade, o risco assumido em dizê-la e a forma autêntica como é recebida pela audiência configuram a performance *booktoker*, se não como um exercício de *parresia*, no mínimo como um discurso assertivo naquilo que se propõe: gerar adesão e, no processo, produzir efeitos parresiásticos no que diz respeito à leitura. Seja na Antiguidade grega narrada por Plutarco, ou nas matrizes latinas da retórica traçadas por Quintiliano, o sujeito parresiástico e seus discursos estão ligados às contingências históricas de sua constituição. Por diversas maneiras, Foucault mostra-nos uma *parresia* liberada de sistemas herméticos, sempre associada a um custo pessoal que nem todos estão dispostos a pagar. Por essa razão, o discurso verdadeiro, seja na Ágora ou na esfera pública digital, está cercado pela mentira de anti-parresiastas, personificados pelo filósofo na figura de Apolo. Apesar dos riscos serem outros quando pensamos na vida digital, o sujeito parresiasta atravessa o tempo assumindo novos contornos, sem perder o seu laço com a verdade, movimentando alguns exemplos contemporâneos de *parresia* entre tantos possíveis.

6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Empreendemos uma navegação tortuosa pela vasta noção de *parresia*: dizer tudo, dizer-a-verdade, fala franca (Foucault, 2010b, p. 72). Tentamos deslocar essa noção dos longínquos contextos estudados por Foucault para falar dos efeitos parresiásticos na formação do objeto leitura, e apontar como os eixos do franco dizer atravessam os discursos em circulação sobre essa prática, manifestando-se nos sentidos de autenticidade e paixão. A compreensão da atitude parresiástica na surgência do *acontecimento BookTok* mostra que as formas de praticar a *parresia* não estão limitadas ao passado e são diagnosticadas no hoje, a seu modo e em sua economia, através da descontinuidade histórica.

Oferecemos exemplos passíveis de serem interpretados como atos parresiásticos, referindo-se não diretamente ao estatuto do sujeito que enuncia, mas a uma rede de formulações que se constituem pelo gesto parresiástico no cenário digital. Ao apresentar a materialização da *parresia* através da imagem e da palavra, vimos como o exercício parresiástico *booktoker* está ligado às nuances que o constitui como sujeito-criador e a uma abertura ao risco pelo vínculo estabelecido entre a liberdade e a produção da verdade no âmbito das redes sociais. O *booktoker*, atuando como parresiasta, movimenta sua *parresia* em favor daquilo que tem e transmite como verdade: a paixão pela leitura e a autenticidade com que comunica suas emoções, não obstante em seu discurso estarem implicados móveis como a retórica e os interesses do mercado.

Consideramos que o caráter ambivalente do discurso *booktoker* dificulta tentativas de valoração unívoca de sua performance. Como coloca Schuler (2016, p. 147), “Talvez, mais importante que dar respostas, seja, como um outro modo de pensamento, elaborar outras possibilidades de perguntas sobre o tema em questão”. Se caminhamos para a conclusão de uma completa impostura, porque mediado pelo algoritmo, patrocinado e orientado por interesses econômicos, deparamo-nos com a impertinência de desconsiderar que o jovem aproximado do livro dificilmente será refratário à leitura, admitindo que a audiência deixa-se levar pela emoção e não consegue (ou não quer) distinguir a fina camada de verniz de autenticidade que tinge o discurso público retórico, anti-parresiástico ou inautêntico de que falamos, cada um a seu modo, Bauman (2021) e Foucault (2010a, 2010b). E se essa verdade, “dominada e conhecida” pelo *booktoker* não estiver “indexada à verdade considerada do lado daquilo que é dito e, conseqüentemente, do lado daquele a quem ela é endereçada”, trata-se o discurso em questão de uma artesanania capaz de mentira (Foucault, 2010b, p. 343). Sendo esta a realidade mais factível, que leitura faríamos acerca do contingente de jovens que, segundo

seu próprio depoimento, aproximou-se do livro e da leitura por intermédio da plataforma, espaço a partir do qual estabeleceram relações pessoais e tiveram contato com temas, discussões, obras, autores e comentadores que de outra forma não seria possível? Teriam sido eles salvos da lata de lixo do consumo de que fala Bauman (2021)?

A complexidade da questão não nos impede de eleger um possível cenário de jovens aproximados do livro e da leitura pelo compartilhamento de experiências, ainda que seus horizontes estejam, circunstancialmente, e de alguma forma, estreitados por forças externas, como sendo mais promissor em comparação a outro cenário em que o livro e a leitura permaneçam, como ainda são no presente, marcadores universais da desigualdade social para uma parcela significativa de jovens que, por razões diversas, não reúnem as condições de leitura e, por essa razão, não se identificam como leitores. Como esses cenários não se anulam, para sua articulação destacamos a função da escola na geração de um espaço de profundidade cognitiva e retomada para si das rédeas da experiência e da constituição leitora como uma prática compartilhada e emancipatória, capaz de apresentar-se como autêntica e apaixonante.

Nesses termos, quando pensamos na formação literária na escola, parece-nos necessário estabelecer um diálogo mais alinhado com as práticas de leitura juvenis, como forma de assegurar a fruição do texto da maneira mais profunda possível, independente da forma que ele nos chega, sem cair nas armadilhas dos discursos de denúncia nem em soluções eufóricas (Chartier, 1999a). Ademais, como esse alinhamento é uma das questões mais candentes na relação entre a comunidade e a cultura jovem, sua compreensão pode contribuir para lubrificar a relação entre o discurso pedagógico e a juventude em matéria de leitura.

Nas ações analisadas, vimos como a dramática do discurso *booktoker* desenvolve-se impregnada de emoções e subjetividade. Assim, quando a confrontamos com a pragmática pedagógica é que notamos como o relevo dado ao *logos* (razão) no discurso escolar encontra-se deslocado para o *pathos* no discurso dessa comunidade literária digital. Consideramos que a habitual refratariedade do jovem à política escolar de estímulo à leitura articula-se não ao prestígio do discurso racional, mas em parte ao desprestígio do *pathos* em favor do *logos* no fazer pedagógico, materializando-se pelo gradual abandono da leitura subjetiva na escola, simultâneo à valorização de uma leitura mais instrumental, notadamente a partir dos últimos anos do Ensino Fundamental, prosseguindo pelo Ensino Médio (Schuler, 2022).

O quanto podemos aprender com a *parresia booktoker* resulta de um diálogo proveitoso e necessário com o passado sobre a experimentação social das práticas contemporâneas de leitura, o tipo de leitor que vai se constituindo no presente e ao seu esboço

no porvir. Em particular, sobre aquilo que qualifica esse discurso como autêntico e apaixonado, capaz de gerar adesão, sob o risco não desprezível de agravamento do desacordo já tão sentido com a cultura jovem quando o assunto é a leitura. Nas manifestações da *parresia* e da *confissão booktoker* articulam-se desdobramentos políticos para a educação, intrinsecamente ligados à mediação qualificada em leitura, à valorização das diferentes trajetórias leitoras e ao modo como escolhemos viver e compartilhar as emoções e possibilidades providas pela leitura.

ARTIGO 3

LEITURA COMO EQUIPAGEM DO LEITOR-NAVEGADOR: INTERFACES ENTRE OS DISCURSOS E A MULTIMODALIDADE

Resumo: Este artigo apresenta subsídios teóricos para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas voltadas à formação de leitores literários no Ensino Médio. Balizado pelos estudos discursivos da linguagem, seu objetivo é pensar formas de aproximar o leitor da leitura literária e perenizar esse encontro como uma prática sustentada. Para tanto, a leitura é compreendida como um processo discursivo assentado nas contribuições de autores como Foucault (2010) e Freire (2014), articuladas com as noções de multiletramento e gêneros textuais propostas por Rojo (2014), em vista das mudanças na leitura no cenário digital estudadas por Wolf (2019). Esses pressupostos embasam uma sequência didática que compatibiliza diferentes pluralidades leitoras, analógicas e digitais, afirmando a função da escola como lugar de leitura e do professor como mediador qualificado dessa prática. Com a adoção de estratégias temperantes atentas à complexidade e multiplicidade das trajetórias leitoras, defendemos ser possível instrumentalizar meios de resistência ao poder de sedução da linguagem das telas, capazes de instigar a apropriação da leitura como uma prática emancipatória integrada à vida em rede.

Palavras-chave: Formação de leitores; Leitura discursiva; Multiletramentos; Sequência didática.

1 PALAVRAS INICIAIS

Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade (Chartier, 1999a, p. 91-92).

Em tempos de rápidas e profundas mudanças que desestabilizam e remodelam as razões de ler e o acesso ao texto em seus variados suportes, novas pluralidades em leitura tensionam o papel da escola como lugar de formação de leitores e do professor como mediador qualificado dessa prática. Em meio às transformações culturais em curso, marcadas pela inevitabilidade do novo e pela influência decisiva dos *discursos*⁵⁵ sobre o pensamento e a prática, a instrumentalização de estratégias metodológicas capazes de equilibrar o regime da novidade ao ritmo e objetivos próprios da escola, pode contribuir para o desdobramento da potência emancipatória da leitura como equipamento do sujeito-leitor, permitindo gestos de interpretação capazes de instigar o pensamento reflexivo e a criatividade.

Se por um lado a cultura digital estimula práticas mais democráticas e colaborativas de leitura, de outro é alimentada por um mecanismo de promoção da superficialidade e reforço de padrões de consumo que pouco contribuem para a formação de leitores reflexivos e críticos. Nessa encruzilhada de “luzes e sombras” que turva os horizontes da leitura no tempo

⁵⁵ *Discurso* pode ser compreendido como efeitos de sentido produzidos por sujeitos histórico-sociais. É assumindo determinada função na trama discursiva que o indivíduo se constitui como sujeito em um contexto específico. No dizer de Foucault (2022, p. 143), essa trama enreda um conjunto de enunciados, regras e práticas “que formam sistematicamente os objetos de que falam”, moldam os saberes, as formas de controle social e a “constituição do sujeito no mundo em sua interação consigo e com o outro.”

presente, compreender como esse jogo de liberdades e limitações impõe desafios e possibilidades à escola leva-nos problematizar a leitura como prática de liberdade (Freire, 2014; hooks, 2017) e aparelhagem de si (Foucault, 2010), em vista de um encontro produtivo da arte da palavra com as práticas digitais. Nesse sentido, faz alguma diferença contar com um quadro teórico ajustado à transição cultural em curso, capaz de contribuir para compatibilização de práticas escolares com as novas pluralidades em leitura no cenário digital.

Nessa visada, mobilizamos os conceitos de leitura (Freire, 2014), multimodalidade e multiletramento (Rojo, 2004, 2012), (Rojo; Barbosa, 2015) para, refletindo sobre práticas implicadas nos discursos sobre leitura (Curcino; Conti, 2023), explorar a potência formativa da leitura como equipagem e exercício de si (Foucault, 2010). Ao costurar esses saberes às ideias de Wolf (2019) sobre o funcionamento do cérebro leitor no cenário digital, apresentamos um conjunto ordenado de estratégias pedagógicas de letramento literário direcionada para professores e estudantes do Ensino Médio (EM). Intitulada *Palavras em liberdade: leitura como equipagem do leitor-navegador*, essa sequência didática (SD) tem por objetivo equilibrar diferentes práticas e razões de ler no processo de formação escolar do leitor literário, qualificado pela atenção sustentada e paciência cognitiva. Essas características qualificam uma prática crítica e reflexiva e são pressupostos da equipagem que a leitura discursiva oferece ao sujeito contra a sedução e a superficialidade da linguagem das telas, sem desconsiderar as possibilidades do digital.

2 LUZES E SOMBRAS DAS TELAS NA ESCOLA

Com o avanço do cenário digital, o discurso de *boa escola*, no sentido proposto por Ball, Maguire e Braun (2021, p. 183-202), passa a incorporar o uso das tecnologias na sua produção. Quando colocamos em questão como a escola faz política em torno do uso das tecnologias, parece-nos possível evidenciar a forma segundo a qual o(a) professor(a) e o(a) aluno(a) são “incitados a ‘fazer’ a boa escola e ‘ser’ o(a) bom(oa) professor(a) e ‘desempenhar’ o(a) bom(oa) aluno(a), segundo as posições de cada ator na trama do discurso institucional que atravessa a prática na sala de aula. Nessa visada, em que pese a necessidade de abrir diálogo com as tecnologias e negociar com o excesso de informações, elementos centrais para a nossa discussão sobre as mudanças na leitura e a constituição do leitor jovem, coloca-se em primeiro plano uma lógica quantitativa, pois é preciso “melhorar o desempenho dos estudantes”.

Em 2024, para seguir com um exemplo local, o Governo do Estado da Bahia, no âmbito do Programa da Gestão da Aprendizagem, “buscando avançar ainda mais no processo de modernização de sua rede escolar”⁵⁶, estabelece e difunde sua versão de *boa escola*⁵⁷. Ao distribuir quase 150 mil *tablets*⁵⁸ para alunos do ensino médio, o Estado pretende enfrentar um persistente “cenário desafiador” com vistas a “proporcionar o desenvolvimento de práticas pedagógicas alinhadas com o atual contexto tecnológico e comprometidas com a promoção da inclusão digital”. Nesse discurso, estão marcados aspectos do *bom estudante* como sujeito iniciado no mundo das tecnologias, do *bom professor* como mediador qualificado dessa inserção e da *boa escola* como provedora das condições pedagógicas para torná-la possível.

Figura 1 – Representação do *bom aluno* como sujeito versado em tecnologias.



Fonte: Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

⁵⁶ Disponível em: <https://estudantes.educacao.ba.gov.br/noticias/sec-disponibiliza-mais-de-148-mil-tablets-para-estudantes-do-ensino-medio#:~:text=Buscando%20avan%C3%A7ar%20ainda%20mais%20no,de%20R%24%20159.815.496>. Acesso em: 09 set. 2024.

⁵⁷ Em mais um exemplo de como o modelo de *bom estudante* é produzido pelo discurso institucional, na versão seguinte essa figura ideal é identificada com o(a) aluno(a) que alcança sucesso escolar e, no processo, contribui para aumentar os índices do Estado provedor nas avaliações externas (Ball, 2021, p. 193). Vejamos: O “bom resultado” no IDEB de 2023, que foi a 3,7, é “reflexo de políticas públicas focadas na melhoria da qualidade de ensino” [...] e recuperação da aprendizagem, através de “avaliações diagnósticas [...] nas disciplinas Matemática e Língua Portuguesa e permitem identificar fragilidades e traçar estratégias para auxiliar os estudantes na conquista do sucesso escolar”, além da “disponibilização de tecnologia, com os mais de 150 mil tablets entregues aos estudantes para uso pedagógico”. Disponível em: <https://www.ba.gov.br/noticias/346453/educacao-da-bahia-cria-cresce-no-ideb-pela-terceira-vez-consecutiva>. Acesso em: 09 set. 2024.

⁵⁸ O uso de *tablets* é uma das previsões acertadas da saga *De Volta para o Futuro* (Kelion, 2015).

Segundo a SEC/BA, os dispositivos são equipados com *chip* e aplicativos para estudo, possibilitando atividades enriquecedoras com os mais diversos conteúdos que se esperam de um *bom aluno*. Um desses aplicativos é o *Jamboard*, específico para a nossa área de Língua Portuguesa e Libras, desativado desde outubro de 2024, segundo o *Google*⁵⁹, antes mesmo de ser utilizado. O programa ainda prevê a disponibilização de importantes:

[...] outros equipamentos, ao longo deste ano, para atender novas demandas da rede estadual, como a implantação do Diário de Classe Digital, que permitirá melhor acompanhamento da vida escolar dos alunos e adoção de estratégia para melhorar seu desempenho.

Enfatizamos, na produção desse discurso abrangente, simultâneo e alinhado em sua plataforma à tentativa frustrada (após reação popular) do governo paulista de implantar o livro digital (Souza, 2023), uma pressão pelo uso de ferramentas tecnológicas nas salas de aula, sem o devido esforço pedagógico de incorporá-las para além dos conteúdos e resultados. Descompasso agravado pela carência de uma mediação docente qualificada, além de certo entrave de setores do ensino à incorporação de tecnologias na escola (Moran, 2013, 1995; Pérez Gomez, 2015). Aspectos caros à nossa discussão sobre as mudanças na leitura.

A resistência ao uso de dispositivos tecnológicos na escola desafia a governamentalidade dos discursos referida por Foucault (2022a), evidenciando o jogo de poderes que ali se estabelece. As imposições verticais, cada vez mais insinuantes, estão sujeitas à curadoria docente e seus efeitos não são simplesmente impostos de cima para baixo. Seu alcance normativo é resistido pela horizontalidade das circunstâncias, pelo trabalho de si dos agentes de sua realização e pela resignificação particular das condições de produção. E, ainda, pelo complexo conjunto de *artefatos* interdependentes que atuam na eficácia e interpretação dos discursos no contexto da sala de aula. A atuação dos destinatários das políticas pode muito bem se revelar refratária aos modelos estabelecidos pelos discursos. A escola, nesse aspecto, constitui-se um espaço de resistência, mesmo que sirva à normalização das verdades institucionais que, no caso da leitura e da escrita, andam mais carregadas de “opiniões a serem performadas” e certezas extraídas de avaliações de larga escala, pautadas na lógica do desempenho (Foucault, 2022a; Schuler, 2022, p. 908).

Ainda sobre essa questão política, pode-se salientar certo desencontro de propósitos do Brasil, primeiro em relação a si próprio — pois estamos em vias de proibição total do celular em sala de aula — e mais ainda em relação a outros países. As políticas públicas antes citadas

⁵⁹ Disponível em: <https://support.google.com/a/answer/13342662?hl=pt-BR>. Acesso em: 09 set. 2024

estão na contramão de um movimento mundial de revisão do uso de tecnologias em sala de aula, como *tablets*, celulares e livros digitais. Países como França, Finlândia e Suécia, por exemplo, começaram a dismantelar suas políticas de inserção de tecnologias da rede escolar, incluindo livros digitais, tendo em vista as sequelas já não imprevistas sobre a atenção e capacidade cognitiva dos jovens.

No Brasil, há quem justifique, com bons argumentos, o uso de dispositivos tecnológicos em sala de aula para enfrentamento da desigualdade digital. Não obstante a robustez do argumento, esses movimentos e discursos escondem armadilhas não desprezíveis, antecipadas por autores como Bauman (2013) e Wolf (2019). Bombas de efeito retardado, já disparadas em países mais adiantados no processo, que agora tentam reverter ou amenizar os prejuízos. Aos efeitos colaterais somam-se ainda resultados questionáveis. Não obstante a necessidade de democratizar o acesso, incorporar tecnologias na sala de aula, por si só, não tem se mostrado uma medida massivamente transformadora, pois não geram efeitos práticos capazes de justificar a sua manutenção (Rabelo, 2024).

Ademais, ao difundir uma versão única de escola tecnológica e de estudante preparado para os desafios do mundo digital, políticas públicas produzem versões institucionalizadas do *bom aluno*, do *bom professor* e da *boa escola* a partir de verdades absolutizadas pelo discurso dominante. Obedecendo a uma lógica do desempenho, esse discurso deslegitima tudo o que não estiver de acordo com a sua ordem discursiva, invisibilizando outros modelos de escola, outras formas de atuação docente e outros saberes dos(as) alunos(as). É o mesmo funcionamento do discurso reinante sobre a leitura: ao identificar essa prática com as consensuais expressões de “bom leitor” e “boa literatura”, nega-se “[...] a existência de leitores diversos, de escolhas singulares, de textos (impressos ou virtuais) e as diferentes formas de ler na atualidade” que constituem uma variedade de trajetórias possíveis (Casado Alves; Rojo, 2020).

Há, ainda, outra questão de ordem prática a ser observada. Políticas como a do *tablet* — aqui reconhecendo sua importância para a inclusão digital — inserindo-se no regime de verdades absolutizadas pelo poder institucional, dependem de um maior esforço pedagógico para subsidiar o uso das tecnologias e seus dispositivos na realidade escolar, a fim de minimizar os riscos atrelados ao uso das telas, cujo tempo de consumo sempre deve ser somado ao de fora da escola. Sem esse cuidado, essas iniciativas “ressoam com as reivindicações de Bowles e Gintis (1976)” de que as escolas “socializam e incorporam jovens na sociedade capitalista por meio de um ‘currículo oculto’”, que transmitem um conjunto implícito de normas e divisões sociais (Ball; Maguire; Braun, 2021, p. 192). Nesse viés, se

cumprem o papel de facilitar o acesso às tecnologias e prover meios para o desenvolvimento de habilidades para a vida digital, com bastante eficiência as telas podem contribuir para o processo de *comodificação* do indivíduo referido por Bauman (2013), de empobrecimento cognitivo citado por Wolf (2019) e de objetificação do sujeito analisado por Foucault (2010a). Desse modo, os benefícios devem ser pesados à luz da possibilidade de se agravar a armadilha do consumo, a objetificação do sujeito jovem e sua entrega à rapidez e à superficialidade, a pretexto da “junção do *bom aluno* à boa economia”, segundo interpretamos de Ball, Maguire e Braun (2021, p. 192).

Uma vez tecidas e agregadas essas considerações sobre política, pode-se salientar que a travessia que empreendemos pelo *acontecimento BookTok* representa o tipo de esforço pedagógico, não restrito a conteúdos, que poderia enriquecer políticas públicas como a do *tablet*. Ao propor uma aproximação dialógica com a cultura jovem e o contexto tecnológico, seu caminho não é balizado pela lógica do desempenho e sim pelas mudanças na leitura e seus efeitos sobre a constituição do jovem leitor. Lançar um “olhar calmo” sobre os interesses, motivações, espaços, gostos e práticas desinteressadas compartilhados pelos jovens leitores no universo *BookTok* é, antes de mais nada, um exercício de mapeamento do presente que vai de encontro ao futuro. Levamos em consideração o conjunto dessas preferências e fazeres no desenvolvimento de ferramentas analíticas de leitura, voltadas à quebra do ritmo frenético ditado pelas redes, sem perder de vista suas possibilidades. Elas assumem a forma de atividades que privilegiam a triagem, o mapeamento e a análise discursiva do que é lido, nas diversas linguagens e mídias. São cuidados que qualificam o exercício da leitura como uma equipagem de resistência e prática de si, em meio à voragem informacional da vida em rede (Foucault, 2010b; Moran, 1995; Pérez Gomez, 2015).

Sob a ação da fluidez dos discursos e seus dispositivos digitais de circulação, o cenário contemporâneo abre-se aos multiletramentos, mas engatilha armadilhas para a qualidade da atenção e para a função cognitiva, como vimos nos recortes anteriores desta pesquisa. A prudência exige um “apressar-se devagar” em direção às leituras desinteressadas e espontâneas que se dão por meio de mecanismos tecnológicos. Inscrito na subjetivante discursividade líquida das telas, o(a) leitor(a) jovem tem pressa em desenvolver e exercitar habilidades para a vida digital, porém, faltam calma e ferramentas para a leitura discursiva e o exercício reflexivo inerente ao ato de ler.

Do lado docente, o multiletramento requer atividades mais conscientes de si, pensadas para compatibilizar diferentes maneiras, razões de ler e tipos de leitores, evidenciando convergências e diferenças entre práticas e sujeitos simulados. Para isso, faltam políticas

públicas que possibilitem as condições materiais e imateriais de operacionalização, como a disponibilidade de tempo, para que os(as) professores(as) possam se inteirar das mudanças relativas aos avanços tecnológicos e digitais, da evolução das práticas de leituras juvenis, das contribuições teóricas recentes sobre o tema e, a partir desse aparato, planejar estratégias metodológicas atualizadas com o universo cultural da juventude. Esses fatores são essenciais para que os(as) educadores(as), possam mediar uma experiência literária que ultrapasse a perspectiva pragmática e utilitária da leitura, valorizando a potência estética e subjetiva do texto literário (Ceccantini, 2016, 2021).

Somente uma mediação qualificada em leitura poderá tornar produtivo o movimento temperante das preferências dos(as) estudantes — sua principal motivação para ler (Brasil, 2024) — e de objetivos e tempo escolares, à medida em que estiver compromissada com o desdobramento e apropriação da força emancipatória da leitura, condição sem a qual as razões para não ler (que não são poucas nem desprezíveis) e manter-se distante do livro, continuarão a debitar leitores do saldo geral de nossa sociedade, impedindo a realização dessa prática como ferramenta auto-sócio-analítica.

3 PRÁTICAS DE LEITURA (NÃO) ESCOLARES E LETRAMENTOS

Já não é possível negar o impacto da cultura digital no ambiente escolar (Pérez Gomes, 2015). Do lado das luzes, estão em consideração as promissoras possibilidades de uso pedagógico das tecnologias — sendo as IAs a mais recente delas. No das sombras, dimensões interpretativas a serem exploradas no trabalho com a leitura e riscos a serem contornados, em particular no ensino médio. Desse último lado, pode-se salientar que o aproveitamento do potencial pedagógico das tecnologias, previsto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), não é sinônimo de resultados transformadores e ainda pode resultar em um saldo negativo de maior tempo de exposição às telas. Ou o que é pior, contribuir para a tendência generalizada de abandono da densidade e busca pela velocidade em detrimento do sentido, características da prática fragmentada da leitura no cenário digital (Wolf, 2019).

Assim, a exploração pedagógica de práticas cada vez mais aceleradas suscita dúvidas pertinentes no campo educacional. Um caminho do meio, apontado por pesquisadores como Pérez Gomez (2015), passa pela conciliação das tradicionais experiências de leitura, seu ritmo e objetivos, e os novos modos e razões de ler do público jovem. Esse movimento temperante investe na formação dos leitores mediante a didatização de dinâmicas (não) escolarizadas de leitura e de habilidades para a vida digital, sem perder de vista a necessidade de minimizar os

riscos atrelados ao uso das telas e de enfrentamento do problema da baixa proficiência leitora, apontado em pesquisas como o PISA, cuja importância deve ser reconhecida, tanto quanto a lógica do desempenho que lhe serve de parâmetro.

Não se trata, portanto, de substituição de experiências tradicionais de leitura, historicamente trabalhadas na escola. Antes, pelo contrário, é o caso de focalizar o processo de formação de leitores, tornando-o efetivamente responsivo ao contexto exterior, não apenas pela valorização de práticas alinhadas com a cultura jovem, mas pela tomada de consciência de si e da desigual distribuição de recursos materiais e imateriais que condicionam essa prática. Ações dessa magnitude exigem, entre outras tantas medidas estruturantes, fundamentação teórica consistente, mediação qualificada docente, e não dispensam as cautelas próprias da articulação teórico-prática que se propõe a fazer, qual seja, a reapropriação das capacidades analógicas relacionadas à leitura no impresso e a exploração das potencialidades educativas relacionadas ao multiletramento, aos suportes digitais e às práticas não institucionalizadas de leitura.

A esse respeito, seria uma impertinência não considerar que estudantes constituem um conjunto heterogêneo quanto à formação do hábito e habilidades complexas de leitura, notadamente em uma sociedade hierarquizada e desigual como a nossa. Isso torna necessário, quando pensamos em propostas de ensino em leitura, um contínuo ajustamento entre expectativas e realidade, uma vez que planos e estratégias sempre correm atrás dos fatos. Enquanto alguns(as) estudantes reúnem condições materiais e imateriais para essa prática, outros tantos podem estar em graus variados de distanciamento do livro e engajamento no exercício de ler, tanto quanto pode ser enraizado o desprestígio de sua experiência, desigual o acesso às condições de leitura e normalizados os juízos de valor que lhes são imputados e com os quais julgam a si mesmos como (não) leitores (Curcino, 2024, p. 79-92).

O desdobramento que se coloca a partir daí já não é “se”, mas “como”, as tecnologias digitais e práticas a elas relacionadas reverberam na formação escolar do leitor jovem em toda sua complexidade. A experiência mostra que, em geral, mesmo o jovem distanciado da leitura escolar encontra-se imerso na cultura digital. Ainda que em condições de desigualdade de acesso às tecnologias, esse (não)leitor constitui-se em meio aos tempos, interesses, práticas, seduções e armadilhas próprias da vida em rede, antes mesmo de amadurecer suas capacidades analógicas. Desprovido, portanto, da equipagem sobre a qual temos nos referido. E assim vai se fabricando um tipo leitor navegante que, em sua versão de larga escala, mantém-se afastado do livro, entregue à rapidez, inclinando a abandonar a densidade do texto, adepto a práticas menos exigentes, valorizando a velocidade e não o sentido. Suas formas e

motivações, assim como os seus interesses em leitura foram se desalinhando com o tempo dos objetivos e rotinas escolares, confirmando as palavras de Chartier (1999, p. 77): “os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem”.

Os efeitos desse desajustamento são cada vez mais sentidos no cotidiano da sala de aula e reforçam o papel da escola como lugar de condução de práticas literárias e do(a) professor(a) na mediação da leitura, no contexto de crescente digitalização em que ela própria está inserida e pelo qual é afetada. Cientes disso, e da contribuição das práticas de leitura extramuros escolares para o letramento literário dos jovens e adolescentes, alinhamo-nos às posições de Chartier (1999a) sobre os ensinamentos da escola e fora da escola, no sentido de que as práticas digitais de leitura funcionam como possibilidades de letramento.

Ao refletir sobre práticas de letramento e leitura escolar, Rojo (2004, p. 2) afirma que “ser letrado é driblar a literalidade dos textos, é situá-los em relação a outros textos e discursos em uma realidade social, é trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela”. A pesquisadora acrescenta ainda a dimensão múltipla dos procedimentos da atividade leitora, e destaca o processo de evolução das capacidades exigidas nesse ato.

Sob essa perspectiva, a compreensão do ato de ler evoluiu do deciframento quase automático de signos para um processo de estabelecer relação entre um discurso (texto) e outros discursos construídos anteriormente, dizeres entrelaçados nele e decorrentes dele, podendo produzir “possibilidades infinitas de réplica, gerando novos discursos/textos” (Rojo, 2004, p. 3). Considerando essa premissa, compreendemos a leitura discursiva como um exercício complexo centrado na reflexividade, com potencial de amenizar a lacuna de superficialidade interpretativa intensificada pela cultura digital (Pérez Gomez, 2015; Wolf, 2019). Ou seja, de não ser driblado pela literalidade dos textos, em especial os digitais, a partir do domínio do jogo de sentidos que se estabelece entre discursos verbais e imagéticos.

Certamente, esses autores não desprezam a existência de riscos à proficiência leitora associados às novas práticas. A esse respeito, ressaltam que o potencial dessas mídias depende de habilidades de leitura que viabilizem uma postura crítica e analítica diante da cultura multimidiática, sem as quais o ensino escolar seria incapaz de promover o letramento digital dos jovens. Evidencia-se, portanto, o papel fundamental da instituição escolar relativo ao aprimoramento de habilidades e competências leitoras convergentes com a agenda do tempo presente.

No dizer de Santos (2019, p. 161), há “um vocativo para que docentes de línguas estudem essa linguagem e explorem as possíveis congruências de noções e funcionamentos

entre o linguístico, o sonoro e o imagético”. No entanto, é notória a escassez de material didático e teórico que possa subsidiar a elaboração e o desenvolvimento de atividades voltadas para o aprimoramento das competências e habilidades na análise da linguagem audiovisual. Assim, salientamos a importância da criação e oferta de materiais e atividades dedicados ao desenvolvimento de atributos necessárias à vida em rede, em alinhamento com a formação do hábito leitor jovem e a (re)inserção do livro impresso na rotina escolar, em prol de uma experiência de leitura compartilhada, significativa e emancipatória (Rojo; Moura, 2019).

Materializar uma proposta abrangente de ressignificação da experiência leitora no cenário digital requer um ajustamento dos objetivos das atividades pedagógicas, as quais assumem a função de dobradiça na articulação dos domínios analógico e digital. É na “quina viva” aí formada que o ritmo e objetivos escolares chocam-se com os gestos e as representações de leitura das juventudes, entre as quais destacamos a interpretação de imagens e sua interação com os textos multimodais. Diante dessa injunção de fatores internos e à margem da instituição escolar, e sob a mediação qualificada docente, as atividades podem possibilitar a criação de um espaço de profundidade cognitiva para que a leitura, sob suas variadas formas, possa se realizar como equipagem do(a) leitor(a), propiciando meios de resistência e emancipação (Casado Alves; Rojo, 2020).

Nas considerações à frente, a leitura discursiva surge compromissada com os benefícios da atenção sustentada e da paciência cognitiva, sem perder de vista as evoluções da prática leitora no cenário digital. Seu ponto central é a valorização de capacidades analógicas em simultâneo ao desenvolvimento de habilidades para a vida digital. Pensada como ferramenta, pode ser empregada para equilibrar o gosto pela velocidade e a busca pelo sentido. No mínimo, assumir a leitura como equipagem do leitor ilumina caminhos para amenizar a tendência de abandono da densidade que ocupa os mais variados aspectos da vida diária, enquanto percorremos a transição para a cultura digital.

4 FERRAMENTAS PARA (RE)CONSTITUIR O QUE A PRESSA DISSOLVE

No primeiro e segundo artigos desta dissertação abordamos, entre outras questões, o uso estratégico da linguagem imagética nas ações de incentivo à leitura do livro impresso no ambiente digital, em particular na comunidade literária *BookTok*. Buscamos problematizar essa aparente contradição, confrontando-a a discursos consensuais sobre leitura, às racionalidades da *Sociedade do Espetáculo* impregnadas na linguagem das telas, e ao

sintomático declínio de habilidades leitoras profundas, em parte atribuído aos efeitos da transição para uma cultura digitalmente influenciada, constatados por Wolf (2019).

Nesse cenário de junção entre imagem em movimento e o texto impresso, surge para a escola o problema político de como colocar em prática as múltiplas formas de ler e de letramento exigidas no presente, diante do excesso de informações e estímulos disponíveis, da crescente virtualização da vida diária e do regime de urgência instaurado entre eles. Ou melhor, uma vez mergulhados na liquidez da realidade tal qual ela se apresenta, de que ferramentas podemos dispor, não apenas para evitar a dissolução dos elos mais fundamentais possibilitados pela leitura, mas para cultivar a união entre texto, autor e leitor? E mais, onde e como encontrá-las e desenvolvê-las?

Primeiro, assumimos que os estudos discursivos sobre leitura, letramento e formação de leitores são convergentes com as formulações da BNCC no sentido de que, em geral, podem balizar o desenvolvimento de princípios de ação para o exercício do pensamento crítico, da dúvida, do questionamento e da autonomia necessários à leitura multimodal e aos processos de letramento. Essas balizas alinham-se a conceitos de leitura como o de Freire (2014), para quem essa prática é um ato crítico sobre a realidade (cada vez mais acelerada), capaz de possibilitar ao sujeito competências para interpretar e apreciar o mundo em busca da liberdade. No processo de letramento, o sujeito exercita a receptividade de si para o mundo, colocando-se à disposição para reler o dito, investigar, questionar e duvidar, diante da necessidade de não ser excessivamente convicto de certezas (Freire, 2014).

Esse exercício de si requer e possibilita ao leitor a produção de gestos de interpretação que o conduzem à posição de agente do próprio processo de leitura. Nesse sentido, a prática de ler assume uma perspectiva discursiva de ferramenta, pois as coisas do mundo a serem lidas, pensadas e escritas são realizadas pelo discurso, enquanto prática que constitui objetos e encaixes com os quais nos relacionamos na vida diária. Nessa visada, o discurso é produtor da realidade social a ser lida e pensada pelo sujeito, e a leitura discursiva é uma ferramenta para conferir a função social do letramento.

A nível fundamental, sem desconsiderar os circuitos cerebrais envolvidos, a prática leitora emerge como um processo de construção de sentidos decorrente dos enlaces possíveis produzidos a partir do encontro entre leitor e texto, uma relação dinâmica e flexível, moldada pelos diferentes contextos históricos e sociais e pelas diferentes maneiras de leitura. Uma conexão que envolve texto e leitor, situada nas experiências consigo e com o outro, marcada por singularidades, pelos modos de conceber e de praticar a leitura construídos e situados historicamente (Chartier, 1988).

A partir desse entendimento, consideramos a leitura como prática discursiva e, coextensivamente, um gesto de interpretação interessado nos fatores sociais, históricos e subjetivos envolvidos na atividade legente e suas multideterminadas conexões. Daí sabemos que as ligações entre leitor, autor e texto não são as únicas, pois representam uma parcela das relações possíveis de serem estabelecidas consigo mesmo, com outro e com o mundo, no gesto leitor. Elos que podem ser fortalecidos de uma forma mais abrangente no cotidiano escolar, se a leitura não se limitar a uma dimensão instrumental, a uma “operação abstrata de intelecção: é pôr em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com o outro” (Chartier, 2002, p. 70).

A leitura como um exercício de si, centrada nas relações produtoras de significação, é uma noção que depreendemos do pensamento foucaultiano. Foucault (2010a), ao discutir as regras práticas da boa leitura e a meditação como sua principal finalidade, afirma que, no sentido antigo, a leitura é um jogo do pensamento enquanto a praticamos e não um jogo do sujeito com o seu pensamento. Isso significa que é menos sobre decifrar o propriamente dito e mais sobre exercitar-se no dito em que se pensa. Essa dinâmica reflexiva possibilita ao sujeito deslocar-se de si, passar adiante do texto, pela elaboração de si na linguagem, mediante uma função meditativa da leitura. Meditativa não no sentido comum adotado hoje em dia, meramente oposto à pressa. Mas como exercício do sujeito que se apropria de uma elaboração em uma situação fictícia, a partir do qual é possível não apenas experimentar a si mesmo, acessar a “verdade” (ou concluir pela sua falta) e tê-la disponível quando necessário, e disso fazer um princípio prático de comportamento. Assim, apropriando-se da “coisa verdadeira”, tornar-se sujeito que pensa com verdade e age de acordo com ela. Portanto, o exercício de leitura discursiva predispõe o leitor para experiência de si mesmo, à medida que lhe possibilita, por efeito da reelaboração de si, assumir distintos papéis (Foucault, 2010, p. 317-320).

Essa função meditativa referida por Foucault (2010a), enquanto elemento da prática que hoje denominamos leitura discursiva é de alguma forma retomada, mantendo sua essência, na noção de *leitura* profunda proposta por Wolf (2019). Ao longo deste texto, mobilizamos esse conceito para abordar, tal como a autora, as mudanças no cenário digital, em referência ao ato de ler marcado pelo “olhar calmo” sobre o texto, que se converte em um exercício de atenção sustentada e paciência cognitiva. Mas antes de seguir aproximando essas abordagens, assentadas em campos tão distintos quanto a neurociência e a filosofia, sondamos brevemente os limites dos domínios de origem para, antes de mostrar em que se complementam, pontuar algumas diferenças de ponto de vista assumidas por ambos.

Para tanto, retomamos as palavras de Chartier (1999a, p. 152) sobre a relação da leitura com o texto depender, evidentemente, do texto lido, mas “[...] também do leitor, de suas competências e práticas, e da forma como ele encontra o texto lido ou ouvido”. O interesse de Wolf (2019) pelas transformações na leitura e seus suportes percorre essa “trilogia indissociável” referida por Chartier (1999a) de uma maneira distinta e, talvez, mais completa do que pretende uma visão discursiva. O caminho adotado pela autora acompanha o funcionamento interno e respostas individuais do circuito do cérebro leitor, incluindo as competências aí implicadas, em vista da oferta de textos e níveis de interpretação por eles requeridos, relacionando-os a fatores externos como práticas específicas de um contexto determinado e suportes envolvidos nessa prática. Embora abrangente, sua abordagem não parece se interessar, como na leitura discursiva, pelo circuito leitor sob o ponto de vista de uma ignorada memória social e suas representações que, em seu funcionamento, agem sobre nós como leitores quando interpretamos e que nos faz interpretar, não como resultado esperado de determinadas conexões neurais, e sim como sujeitos coletivos.

Pontuadas essas questões, a discussão sobre a potência formativa da leitura como equipagem do leitor no cenário digital parece-nos mais ajustada à realidade quando mobilizamos aspectos complementares desses pontos de vista distintos. Sob essa perspectiva convergente, a experiência qualificada pela atenção sustentada e pela paciência cognitiva, enquanto características da *leitura profunda*, seria mais propícia ao exercício da leitura discursiva. Reunidas essas condições, o que pressupõe um domínio individual mais amplo sobre as diferentes dimensões envolvidas no jogo de forças internas e externas que agem sobre a nossa constituição como sujeitos leitores, a *leitura profunda* e a leitura discursiva se complementam.

Seguindo por esses termos, Wolf (2019, p. 58-82), concebe a *leitura profunda* como a culminação de uma combinatória de processos evocativos, analíticos e gerativos que se desenvolvem gradual e cumulativamente no circuito cerebral da leitura e mudam significativamente aquilo que julgamos saber, sentir e perceber, desempenhando efeitos formativos e recursivos sobre o próprio circuito. A cada processo correspondem funções que podem ou não ser acionadas conforme o tipo de texto, o objetivo da leitura e as capacidades do leitor.

O processo evocativo aciona as dimensões sensorial, emocional e de conhecimento de fundo acionadas no ato de ler. Ocorre quando exercitamos a capacidade de formar imagens, transportar-nos à perspectiva do outro e acessar o acervo de conhecimentos que está na base da nossa capacidade de predição e compreensão do que é lido.

O processo analítico, como resultante da soma dos métodos científicos, pode ser definido como a capacidade de usar o raciocínio analógico e inferencial, como a dedução e indução, no tempo e circunstâncias adequadas, para se alcançar, conforme o texto, por analogia e/ou inferência, a verdade das coisas ou as múltiplas camadas de sentido. Sua função integrativa corresponde a um exercício contínuo e conduz à análise crítica, estágio que sintetiza o teor do texto, o conhecimento prévio, o raciocínio analógico e inferencial, e usa esse conjunto de explorações como ferramenta analítica para avaliar o texto e aspectos de sua autoria.

Por fim, temos o processo gerativo, para o qual concorrem os múltiplos modos de exploração aludidos: as informações captadas no texto, as conexões com o conhecimento de fundo, os sentimentos e as conclusões críticas alcançadas. Culmina com a criação de espaços de profundidade cognitiva de onde eventualmente podem emergir pensamentos novos, nomeados pela autora como *insights*. A atenção profunda e a paciência cognitiva são, portanto, pressupostos da *leitura profunda*, qualidade do *bom leitor*.

Definir o que é ser um *bom leitor* atrai múltiplos sentidos, alguns bem usuais, como aqueles associados à quantificação. Sob esse ângulo consensual, considera-se *bom leitor* aquele que lê muitos livros, lê sempre e em todo lugar. Wolf (2019) agrega um novo sentido à essa ideia convencional. Um sentido ligado aos três tipos de vida de uma boa sociedade referidos por Aristóteles em *Ética a Nicômaco* (2009), e que estão na base filosófica da noção de *leitura profunda*. A vida do conhecimento e da produtividade, a vida do entretenimento e a vida da contemplação. Por esse prisma, uma boa leitura realiza-se nas três vidas do *bom leitor*. Na do conhecimento e do entretenimento, desenvolvem-se os processos evocativos e analíticos, enquanto na vida da contemplação, o bom leitor desenvolve o processo gerativo (Wolf, 2019, p. 221-226). Desse modo, o *bom leitor* coloca em prática uma boa vida de leitura, equilibrando conhecimento, entretenimento e contemplação.

Pensada como experiência do sujeito na vida consigo e em sociedade, uma *boa vida* de leitura liga-se à escrita como prática de si em uma arte recíproca, no dizer de Lewis (2020). Nessa condição reflexiva, a escrita reativa alonga a leitura em sua função contemplativa (ou meditativa). Por esse motivo, desde a Antiguidade greco-romana — exceção feita a Sócrates, para quem a escrita encaminharia a morte do pensamento — recomenda-se combinar leitura e escrita de maneira que a composição escrita dê forma ao quanto assimilado pela leitura. Daí forma-se o *arquivo* em que se constitui a escrita, para o qual Foucault (2010b, p. 317-331) aponta uma dupla vantagem simultânea, à luz dos preceitos da existência e do cuidado de si. É que, durante o exercício da escrita, assimilamos aquilo em que pensamos e ajudamos a torná-

lo perpetuamente disponível. Nesse sentido, leitura, escrita e releitura constituem-se em benefício próprio, um exercício virtualmente físico de assimilação do discurso (Foucault, 2010b).

Por outro lado, leitura-escrita-releitura servem ao outro, pois constituem um suporte para a lembrança útil ao próximo no caminho para a virtude e para o encontro de si. De certo, à medida em que lemos, escrevemos e releemos, reavivamos a verdade em nós mesmos, mas, compartilhando-a, é possível ajudar o outro a encontrá-la e, encontrando-a, terá encontrado a si mesmo, enquanto nos posicionamos em um caminho de contínua autodeterminação (Foucault, 2010b). Pensar na leitura como uma ginástica do pensamento significa pressupor um sujeito que se apropria da criação literária em benefício de sua própria autodeterminação. Essa ideia remete-nos, das reflexões de Freire (2014), Chartier (2002), Foucault (2010b) e Wolf (2019), ao conceito de letramento.

Contudo, não tratamos aqui de prescrever práticas antigas para questões modernas. As noções convergentes de leitura e escrita como ato crítico sobre a realidade (Freire, 2014), relação consigo, com o outro e com o mundo (Chartier, 2002), articulação de múltiplos processos cognitivos (Wolf, 2019) e como exercício de si (Foucault, 2010b), enfrentam as inexoráveis contingências de uma ordem discursiva midiática, com seu ritmo acelerado que nos alcança por meio das multimodalidades e das imagens em movimento, sem cessar em sua fluidez crescente.

Ao assumir protagonismo na vida diária, a redistribuição dos arquivos pela *web* remodela o funcionamento das relações entre a verdade e a subjetivação e, por conseguinte, a formação de objetos como a leitura e a escrita, segundo uma ordem discursiva acelerada e um sentido hegemônico de urgência. Nesse espaço, os problemas de gestão de tempo encontram soluções práticas em escala. A necessidade de estetização de si, palco e público. O espetáculo apaziguador das diferenças relativiza os elos construídos pelas tradicionais formas de leitura em proveito de novos hábitos à pronta entrega, cada vez mais personalizados. Essa higienização da diversidade e o estreitamento dos horizontes — fazendo parecer o contrário — interditam o trânsito emancipatório da condição de não-leitor para leitor, inaugurando formas mais sutis de sujeição.

A circulação dos arquivos na arena pública das redes instaura um estado de permanente tensão entre liberdade e controle, gerado pela saturação de positivities verbo-visuais que se adensam nos discursos e empobrecem a linguagem. Em nível social, o excesso gerado pela repetição, embora possa contribuir para a democratização do acesso aos meios e suportes de leitura, concorre, pelo mesmo mecanismo, para a concentração de poder e formas

de controle referidas por Sargentini (2015, p. 29) e antecipadas em obras visionárias como *1984*, de George Orwell. A isso se soma, na dimensão individual, a propensão de tais fatores atuarem em desfavor das qualidades da atenção profunda e da paciência cognitiva, necessárias à *leitura profunda*, segundo Wolf (2019).

Esses desafios sugerem uma luta contínua do sujeito-leitor jovem contra o naufrágio iminente, simultânea à necessidade de aprender a navegar as ondas que passam. Numa realidade indissociavelmente relacionada ao digital, o leitor contemporâneo é instado a apropriar-se de diferentes habilidades de letramento, algumas delas previstas na BNCC. Esse documento normativo aponta alguns caminhos possíveis para o desenvolvimento de meios e ferramentas, cuja finalidade é a formação de um tipo de leitor preparado para vida no ambiente líquido-moderno. Como lugar de formação desse leitor, a escola é confrontada com um conjunto heterogêneo de trajetórias leitoras constituídas entre o excesso e a falta, a liberdade e a influência, cabendo-lhe, nessa condição de lugar de leitura, possibilitar o desenvolvimento de competências neurais e discursivas requeridas para equilibrar perdas e ganhos em adquirir as habilidades próprias para a vida como ela se apresenta (Chartier, 1999a). Diante dessa injunção de fatores, a formação literária enfrenta as limitações impostas por uma plataforma interna de leitura cada vez mais fragilizada pela linguagem das telas e a influência sobre ela de uma memória coletiva mais fluida do que nunca, capaz remodelar, nem sempre para melhor, a nossa relação essa prática.

5 LETRAMENTO LITERÁRIO E MULTIMODALIDADE

O letramento literário pode ser definido como um processo pelo qual nos apropriamos da literatura através de gestos de interpretação e significação de obras literárias, de modo a reconhecê-las como produções artísticas carregadas de múltiplos sentidos, sendo por isso considerado primordial para a formação de leitores críticos (Paulino; Cosson, 2009). Assim, a prática da leitura e da escrita dos textos literários, em seus múltiplos suportes, permite ao leitor recolher a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos consensuais, ao mesmo tempo em que possibilita a apropriação singular da linguagem (Cosson, 2014). Desse modo, compreendemos que a formação de leitores na escola será tão mais eficaz quanto for sua capacidade de conciliar o estudo do texto literário com outras modalidades textuais constituintes das práticas cotidianas dos estudantes, como os textos audiovisuais.

Uma das marcantes alterações incorporadas ao cotidiano dos jovens, no contexto de crescente digitalização e informações disponíveis, diz respeito à massificação dos multimeios

de circulação de conteúdos, entre eles o literário. A disseminação do texto multimodal — composição que incorpora mais de uma modalidade de linguagem ou mais de um sistema de símbolos ou signos (semiose) — populariza formas comunicativas híbridas compostas por diferentes tipos de expressão (como as palavras, o som, a imagem, o movimento, a performance), divulgados meritoriamente nas mídias analógicas e digitais (Rojo; Barbosa, 2015).

Rojo e Barbosa (2018), pesquisadoras de práticas de leitura e escrita no contexto digital, definem o texto multimodal como:

[...] aquele que recorre a mais de uma modalidade de linguagem ou a mais de um sistema de signos ou símbolos (semiose) em sua composição. Língua oral e escrita (modalidade verbal), linguagem corporal (gestualidade, danças, performances, vestimentas – modalidade gestual), áudio (música e outros sons não verbais – modalidade sonora) e imagens estáticas e em movimento (fotos, ilustrações, grafismos, vídeos, animações – modalidades visuais) compõem hoje os textos da contemporaneidade, tanto em veículos impressos como, principalmente, nas mídias analógicas e digitais (Rojo; Barbosa, 2015, p. 108).

A linguagem multimodal é múltipla e diversa, resultante da combinação e da modulação de diferentes modos de comunicação oriundos do campo verbal, oral, gestual, digital e visual, constituído, conseqüentemente, por diferentes modos de significação que se imbricam e põem em funcionamento uma pluralidade de representações sociais. Essa estrutura textual, aprimorada pelos recursos digitais, requer outras formas de leitura que tensionem a produção e compreensão de novos sentidos.

Assim, o refinamento da competência comunicativa audiovisual dos jovens estudantes, tanto no que se refere à recepção como produção dessa modalidade textual nos diversos campos sociais, é um desafio que não pode ser ignorado pela escola. Buscar estratégias que viabilizem a descrição das formas como essas diferentes linguagens se conjugam e produzem sentidos, é um exercício peculiar, principalmente para o componente de Língua Portuguesa (Rojo, 2012; Rojo; Moura, 2019). Isso porque, a linguagem audiovisual, com um potencial dinâmico e envolvente que toca os sentimentos e as emoções pode ampliar a projeção de determinados discursos atuantes nos processos de subjetivação e ou objetificação dos sujeitos leitores. Entretanto, por outro lado, o texto multimodal, a exemplo do vídeo, pode estimular outros níveis de leitura mais exigentes e complexos (Moran, 1995).

Para Moran (1995, p. 27), um dos principais defensores da integração das tecnologias nas atividades pedagógicas, o vídeo tem um potencial sensorial que impacta todos os sentidos, “pelo vídeo, sentimos, experienciamos sensorialmente o outro, o mundo, nós mesmos”. Essa tecnologia, na visão do autor, por sua natureza dinâmica, constituída por uma mescla de

linguagens, favorece a criatividade, a comunicação e o envolvimento dos estudantes em relação ao conteúdo estudado.

Ademais, conforme argumenta Moran (1995), o vídeo é um artefato que permite a integração de todas as dimensões humanas, suprimindo a necessidade de estímulos visuais e sensoriais da geração jovem. Considerando essa possibilidade, o uso estratégico e mediado desse recurso pedagógico pode aprimorar as habilidades leitoras exigidas no contexto digital. Se pensado como um meio e não como um fim em si mesmo, o vídeo é capaz de abrir caminhos para experiências de aprendizado mais profundas envolvendo temas complexos e abstratos. Essa valência está assentada em uma perspectiva integral, criativa, humanista e responsiva de educação, que pode ser potencializada pelas ferramentas foucaultianas reunidas sob o signo da cultura de si.

Na esteira das novas possibilidades de comunicação inauguradas pela ascensão das redes digitais, a imagem em movimento é a face exposta de uma cultura digitalmente influenciada que tem no gosto pela superficialidade uma tendência generalizada. Os repertórios de leitura, em particular dos mais jovens, passaram a adotar as multimodalidades como matriz de referência, em detrimento de práticas analógicas fundamentais, como aquelas exploradas na escola. Assim, face ao estreitamento das oportunidades para a prática da leitura crítica, as estratégias pedagógicas propostas por Moran (1995) e Rojo e Moura (2019) com o texto audiovisual podem viabilizar a (re)construção das pontes possibilitadas pela leitura analógica. Todavia, diferentes linguagens, semioses e culturas requerem outras “capacidades de práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (Rojo, 2012, p. 19).

Tendo em consideração o acesso facilitado ao texto por multimeios, e os usos da linguagem na sociedade contemporânea, as práticas de leitura e escrita têm uma função cada vez mais decisiva na interação virtual, evidenciando a importância dos letramentos digitais (Rojo, 2012). A crescente virtualização das relações exige um tipo de letramento adequado às novas práticas, ou seja, um multiletramento, definido como “letramentos em múltiplas culturas e múltiplas linguagens” (Rojo, 2019, p. 20).

Ao conectar literatura, linguagem multimodal e multiletramento, propomos um possível caminho para o letramento literário — habilidade que concorre para a competência do multiletramento — como fator de equilíbrio dos efeitos da ordem discursiva midiática na formação dos jovens leitores. Enquanto ramificação do multiletramento, esse percurso é escorregadio. De um lado, a arte literária incentiva a busca do autoconhecimento, do autocuidado e da análise crítica da realidade social, pois

[...] desenvolve em nós a quota da humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante e ainda satisfaz, [...] a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles (Cândido, 2011, p. 182-183).

De outro, o sucesso do indivíduo contemporâneo, e bem assim do leitor, não está limitado somente à velocidade de aquisição de novos hábitos, mas à rapidez com que antigas práticas são abandonadas e esquecidas em detrimento de novas. A fluidez das positivities do universo digital e as cômodas soluções de gestão de tempo ofertadas pela política do consumo da *web* capilarizam características como a insaciedade, a autossuficiência e o fechamento do sujeito em suas próprias posições, colocando em xeque o poder do hábito (Bauman, 2021; Campesato, 2021). Segundo Campesato (2021, p. 43-55), como a vida se desenrola na urgência do presente, as práticas que daí surgem relegam à invisibilidade o passado, a tradição e a contemplação, inaugurando o hábito de não precisar de hábitos. Este é um ponto central para a formação de leitores no contexto atual: formar sujeitos críticos capazes de realizar uma leitura do mundo e de si, mesmo nesse cenário de impermanência e presentificação da vida, visto que a sua efetividade envolve uma série de macrofatores de ordem social, política e educacional.

Promover o letramento literário é, portanto, um processo repleto de pontos de falha a serem contornados. Além de fatores externos capazes de desestabilizar o melhor dos planejamentos, sua prática requer procedimentos analíticos complexos e sua fruição depende de um trabalho pedagógico sustentado por estratégias metodológicas adequadas ao nível e ao contexto social do estudante, ambos variáveis. Outros sinais dessas dificuldades podem ser colhidos nos resultados das avaliações externas, como Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). As estatísticas evidenciam que a formação leitora dos jovens brasileiros ainda é deficiente, com baixa proficiência em leitura, escrita e interpretação de texto, apesar dos crescentes investimentos governamentais em educação. Com relação ao ENEM, pode-se salientar ainda, como fator que poderia concorrer para a melhoria dos resultados, uma tendência de aumento do número de questões cuja tema são livros, séries, músicas e linguagens que compõem a cultura jovem, em detrimento de obras consideradas clássicas⁶⁰.

Com relação à análise dos resultados de exames externos, levamos em conta as críticas formuladas por autores como Schuler (2022) e Soares (2007), às quais reconhecem sua importância, embora manifestem preocupação quanto à utilização de avaliações de larga

⁶⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/enem/2024/noticia/2024/11/03/enem-2024-1-o-que-caiu-no-primeiro-dia.ghtml>. Acesso em: 17 nov. 2024.

escala como um único parâmetro para medir a proficiência em leitura em contextos diversificados. Segundo argumenta Soares (2007), a definição de distintos conjuntos de habilidades e competências esperadas, ligadas aos objetivos privilegiados por cada avaliação, pode conduzir a uma análise enviesada dos resultados. Assim, quando se fala em baixa proficiência captada por determinado exame, essa informação precisa ser contextualizada com os objetivos, tipo de texto e habilidades que serviram de parâmetro à avaliação. Apesar disso, a autora salienta que os resultados das avaliações externas fornecem subsídios a serem observados com cautela na formulação de abordagens teórico-metodológicas ajustadas à realidade escolar e às particularidades discentes no trabalho pedagógico com a leitura.

Utilizando indicadores da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, Ceccantini (2016, 2021) empreende uma dessas observações não limitadas aos dados numéricos, capazes de contrariar a tese corrente de que os jovens não gostam de ler. Desafiando consensos, o autor afirma que “difícilmente um jovem lê um livro de forma isolada”, pois as escolhas de leitura desse público têm relação direta com a múltipla e diversificada indústria cultural, a exemplo das séries, minisséries, videogames, músicas, filmes, vídeos-objetos conectados pela cultura e pelo consumo. Sua trajetória de leitura, além de associada a outros produtos culturais, é também socializada, evidenciando “uma necessidade de não lê apenas para si mesmo, mas com outros jovens, [...], coletivizando a fruição” (Ceccantini, 2016, p. 89-90).

Noutra de suas observações perspicazes, o pesquisador alerta para a desreferencialização da escola na definição dos repertórios e práticas de leitura dos jovens, traço atualizado pelos mais recentes retratos da 6ª edição da mesma pesquisa, revelados em 2024. Essa gradativa perda de referência da instituição escolar como um “lugar de leitura” pode ser interpretada como um efeito do desalinhamento pedagógico frente às profundas transformações culturais e comportamentais no cenário digital. A complexidade dessa conjuntura desafia os(as) professores(as) cotidianamente na sala de aula, que se veem perdidos diante de um emaranhado de demandas, mudanças curriculares e propostas metodológicas, muitas delas desconectadas da realidade escolar, agravando um cenário de desorientação que contribui para o enfraquecimento do papel formativo da leitura literária.

Desse modo, com vistas ao letramento literário, defendemos que estratégias herméticas e descoladas da realidade extramuros escolar, cegas para agenda da cultura digital, não costumam despertar o interesse do público jovem para outros modos de existência, entre outras razões, por parecer-lhe uma obrigação fora de contexto. Considerando essa resistência, sobressai-se o problema de equilibrar práticas de leitura espontâneas e desinteressadas com as rotinas e objetivos relacionados às tradicionais formas de ler ensinadas na escola. Um

desdobramento natural é a incompatibilidade de objetivos entre maneiras distintas de praticar a leitura. Diferenças que expõem o descompasso entre aquilo “que se afirma sobre a leitura no espaço escolar” e o “que se faz” ou o “que é possível fazer nessa instituição na garantia de uma prática semelhante, aproximada ao que se afirma positivamente sobre a leitura” (Curcino; Conti, 2023, p. 92).

A busca por soluções para esse desencontro passa pela simulação, no espaço escolar, do contato com a leitura desinteressada e formas espontâneas de ler do extramuro. Ao passar pelo processo de “escolarização”, tais práticas são compatibilizadas a objetivos didáticos específicos, relacionados às tradicionais formas de ler que compõem o rol de atividades escolares, por vezes em reforço de uma visão idealizada da leitura ou sua “romantização burguesa”, conforme afirmam Curcino e Conti (2023, p. 92). Sob esse ponto de vista, percebemos a necessidade de desenvolver simulações mais conscientes de si e do que são capazes de fomentar no seu público, situadas em um requerido espaço teórico de reflexão, simultaneamente flexível e ajustado à materialização desse objetivo temperante.

6 GÊNEROS TEXTUAIS E VIDEORRESENHA

A dificuldade em remodelar rotinas educacionais é de ordem teórica e prática. Nesse quadro, a carência de materiais didáticos específicos concorre para a manutenção de atividades consensualmente aceitas, eventualmente sustentadas por teorias anacrônicas ou neófitas, como a que previu o fim do livro impresso. Pensando nisso, autores como Marcuschi (2011), Rojo (2012) defendem o estudo da linguagem baseado na conexão entre atividades languageiras cotidianas. Mais especificamente, a compreensão da língua a partir das situações diversas de comunicação em contextos sociais e linguísticos, definidos como gêneros textuais.

Para Marcuschi (2002, p. 25), “gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”. Do mesmo ponto de vista compartilha Santos (2019, p. 163); a autora ressalta que o trabalho com os gêneros na sala de aula deve ser guiado “por concepções teóricas sobre o processo de ensino-aprendizagem, linguagem e práticas”. Assim, um projeto didático centrado nos gêneros textuais refere-se aos usos da língua no seu dia a dia em suas variadas manifestações, o que está de acordo com a proposta de letramento desse Produto Técnico-Tecnológico Educacional.

Entre as diversas abordagens teóricas acerca do estudo dos gêneros textuais que podem ser utilizadas no sentido proposto nesse texto, destacamos a discursiva. Nessa acepção,

consideram-se tanto os aspectos textuais como o contexto sociocultural de enunciação. Isto é, o tratamento discursivo não se limita ao jogo defensivo do mero deciframento, funcionando como abertura de “possibilidades práticas de que os alunos se transformem em criadores, em analistas críticos, transformando os discursos em significações” (Rojo, 2012, p. 29). O foco está, portanto, na linguagem em curso, nos fatores que concorrem para o acontecimento discursivo e suas aplicações cotidianas (Marcuschi, 2011).

O gênero textual resenha crítica, tradicionalmente publicada no formato escrito, é definido como um resumo seguido de um comentário crítico acerca de um produto cultural, muito comum no campo jornalístico e acadêmico (Andrade, 2006). A videoresenha, modalidade amplamente difundida na esfera digital, pode ser considerada uma adaptação para a internet da resenha crítica escrita. Esse gênero híbrido surge a partir de um aprimoramento estrutural do texto pela incorporação de recursos digitais. Em essência, a videoresenha segue o mesmo propósito comunicativo da resenha crítica, “o de apresentar um ponto de vista a respeito de um objeto, [...]”. A sua produção mescla outros gêneros como o vídeo, música e vinhetas. Além disso, pressupõe um roteiro, edição, divulgação e interação com o público” (Silva, 2019, p. 24). Sua dinamicidade propicia o aparecimento de novos formatos como ramificações de outros, conforme as necessidades e avanços tecnológicos (Marcuschi, 2011).

Desse modo, a opção pelo gênero videoresenha, entre vários outros produzidos nas comunidades de leitura, permite o trabalho com múltiplas tipologias, como a descrição, o comentário, a argumentação, possibilitando a articulação entre diferentes aspectos da prática leitora e da cultura digital, conforme sugere a BNCC. Além de orientar o estudo dos gêneros produzidos nas redes sociais, esse documento normativo destaca o uso pedagógico dos espaços digitais para o trabalho com obras literárias, visto que é capaz de engajar criticamente os jovens, possibilitando a atualização dos sentidos das obras e seu compartilhamento no ambiente escolar, além das redes sociais (Brasil, 2018, p. 523).

Ademais, segundo as diretrizes da BNCC, o ensino médio é o momento propício para “aprofundar a análise sobre as linguagens e seus funcionamentos, intensificando a perspectiva analítica e crítica da leitura, escuta e produção de textos verbais e multimodais [...]” (Brasil, 2018, p. 498). Esse direcionamento indica a necessidade de envolvimento dos jovens com reflexões que abordem a análise dos elementos discursivos, composicionais e formais presentes nos enunciados das diferentes semioses: visual, sonora, verbal e corporal (Brasil, 2018). Para tanto, competências essenciais devem ser desenvolvidas durante essa etapa da educação básica, de modo que o estudante possa “apropriar-se das linguagens da cultura digital, dos novos letramentos e dos multiletramentos para explorar e produzir conteúdos em

diversas mídias, ampliando as possibilidades de acesso à ciência, à tecnologia, à cultura, ao trabalho” (Brasil, 2018, p. 474).

Com esse aporte teórico, buscamos conectar o gênero audiovisual, a videorresenha e a literatura, através de uma abordagem discursiva da linguagem multimodal, a partir de um *arquivo* de atividades voltadas ao aprimoramento da formação do leitor literário no ensino médio. Em sua articulação teórico-prática, adotamos estratégias pedagógicas que visam instigar o corpo discente à retomada do protagonismo do seu próprio processo de leitura-pensamento-escrita, bem como a reconhecer na leitura uma ferramenta de transformação social. Considerados esses elementos, características e objetivos, buscamos reuni-los em um produto educacional, materializado sob a forma de uma SD, cuja apresentação teórica é objeto da próxima seção.

7 PRODUTO TÉCNICO-TECNOLÓGICO EDUCACIONAL (PTTE) E SEQUÊNCIA DIDÁTICA: ASPECTOS TEÓRICOS

No que diz respeito ao PTTE, em geral, e à SD, em particular, os subsídios teóricos manejados neste estudo estão de acordo com o proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Zabala (1998). Foram consideradas as diretrizes apresentadas na Base Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) para o trabalho com a linguagem no ensino médio. Quanto ao conteúdo da SD, buscamos relacionar as contribuições sobre educação na era digital de Pérez Gomez (2015), multiletramentos de Rojo (2015, 2012) e Rojo e Moura (2019), letramento literário de Cosson (2014) e os estudos discursivos foucaultianos (2006, 2010, 2014b, 2022b), fazendo-os convergir para o tema central da proposta: a leitura como técnica de si.

Do ponto de vista conceitual, um PTTE na área de ensino é “um processo gerado a partir de uma atividade de pesquisa [...]”, um objeto que “deve ser elaborado com o intuito de responder a uma pergunta oriunda de um campo de atividade profissional [...]” (Rizzatti; Mendonça; Roças, 2020, p. 4). No caso deste PTTE, a pergunta-chave instiga possíveis contribuições para a formação do leitor literário jovem no tempo presente. Considerando a necessidade de atividades práticas em leitura discursiva apontadas Moran (1995); Rojo (2012); Wolf (2019), propomos um conjunto de ações com vistas a despertar o interesse dos estudantes para outras formas de leitura, além daquelas rotineiramente praticadas dentro e fora do ambiente escolar. As atividades sugeridas buscam propiciar chaves interpretativas aplicáveis ao discurso líquido das imagens, inclusive. São ferramentas mínimas requisitadas

ao exercício possível da leitura como equipagem para outros modos de existência, no contexto subjetivante a uma ordem discursiva midiática hegemônica.

Na prática, “o produto é algo tangível que se pode tocar, ver, ler, etc.”, conforme define a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (Brasil, 2020, p. 16). Desse modo, um PTTE é um processo educativo materializado face a um problema, sob a forma de uma das diversas categorias de produções tecnológicas na área de ensino, definidas pela CAPES como: material didático, curso de formação profissional, *softwares* e aplicativos, manuais, eventos organizados, sequências didáticas, entre outros.

Entre essas categorias, a SD é “[...] um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que tem um princípio e um fim conhecido tanto pelos docentes como pelos estudantes” (Zabala, 1998, p. 18). Trata-se de um instrumento que contribui para um trabalho transdisciplinar, evitando a fragmentação, um dos principais problemas enfrentados na educação escolar. Em vez disso, possibilita um planejamento sequencial que articula diferentes campos da área de linguagens. Complementarmente, a SD viabiliza uma avaliação processual do trajeto de aprendizagem.

Ao longo do processo de aplicação das atividades, o(a) docente pode refletir sobre a prática fazendo ajustes e intervenções de acordo com as necessidades e nível do alunado. Zabala (1998, p. 20) acrescenta que “as sequências didáticas podem indicar a função do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos e, portanto, avaliar a pertinência de cada uma delas, a falta de outras ou a ênfase que devemos lhe atribuir”. Considerando as características do domínio transdisciplinar do objeto de estudo (leitura), sua natureza (discursiva) e meio (multimodal), bem como o fato de a SD contribuir para a construção de sentidos, sua aplicação está direcionada precipuamente para o componente curricular Língua Portuguesa, no Ensino Médio, embora suas atividades possam ser ajustadas ao Ensino Fundamental II.

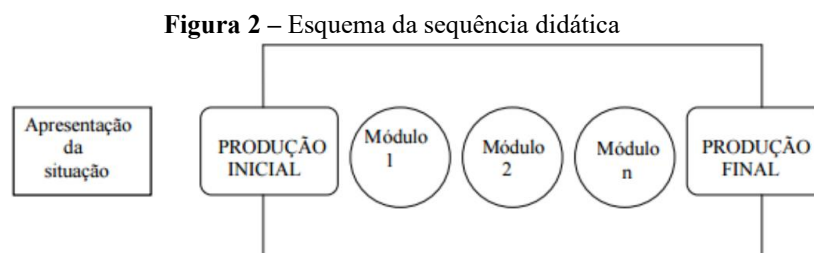
Nas seções seguintes, apresentamos a estrutura, diretrizes, conteúdos e atividades sugeridas na SD. Detalhamos esquematicamente o percurso formativo de cada uma das oficinas, identificamos as habilidades BNCC exploradas, listamos atividades e objetivos, conforme figuras 1, 2 e 3.

7.1 Estrutura e conteúdo da Sequência Didática: Palavras em liberdade: leitura como equipagem do leitor-navegador

Utilizamos a abordagem da sequência expandida elaborada por Cosson (2014), composta por quatro etapas: motivação, introdução, leitura, interpretação e expansão, em conjunto com

as orientações para sequência didática de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). As atividades têm como fio condutor o gênero textual videorresenha, considerado veículo linguístico apropriado à abordagem discursiva adotada. A escolha dessa modalidade de texto está alinhada com a finalidade de uma SD, no que diz respeito a auxiliar o estudante no aprimoramento da compreensão e interpretação de um determinado gênero textual, ampliando as possibilidades de comunicação em diferentes situações sociais (Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004).

Em relação à estrutura, a SD é organizada de acordo com a orientação modular esquematizada na figura 2, em quatro etapas: apresentação, produção inicial, modulação e produção final. Inicialmente, definimos tema, objetivos, gênero textual, conteúdo, público-alvo, contexto de aplicação e a abordagem metodológica a ser adotadas nas atividades. Em seguida, esboçamos a estrutura geral da proposição, esquematizamos a apresentação da situação, a produção inicial, a organização de cada itinerário (oficina) e a produção final, conforme abaixo:



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 98).

Delineada a estrutura geral, definimos as atividades de cada oficina, sempre articuladas e direcionadas para a produção final. Em seguida, selecionamos textos e materiais necessários para o desenvolvimento da SD, levando-se em consideração o tempo, o espaço, o repertório e as formas de leitura adequadas aos objetivos da proposta. Quanto ao tempo, as leituras de textos literários podem ocorrer, conforme o caso, durante os horários regulares das aulas, em se tratando de textos mais curtos, e no tempo extraclasse de estudos, quando as composições forem mais longas. Em relação aos espaços, as práticas foram pensadas para serem desenvolvidas preferencialmente em sala de aula, incluindo a possibilidade de utilização de outros ambientes escolares como bibliotecas e o pátios. No que diz respeito à diversificação do repertório, propomos uma seleção criteriosa de textos (que podem ser poemas e crônicas até trechos de leituras mais densas extraídos de um romance), que precisam ser ajustados ao tempo disponível e ao nível de complexidade correspondente à faixa etária e às habilidades dos(as) alunos(as). Quanto às diferentes formas de leitura, as atividades podem

envolver a prática individual silenciosa, dramatizada em grupo, guiada pelo professor com pausas para discussão e interpretação, e até a leitura compartilhada em pares ou pequenos grupos, de modo a considerar as múltiplas e complexas trajetórias leitoras dos(as) alunos(as) e garantir a troca de percepções e análises.

Com essa especificação, buscamos equilibrar qualidade e quantidade na elaboração das atividades, com escolhas que retomam, em alguma medida, conselhos transmitidos por Foucault (2010a) sobre a leitura como era praticada na Antiguidade. Eles nos remetem às palavras de Sêneca sobre como “Uma profusão de leituras entulha o espírito, mas não o provê [...]”. Contra os custos da falta de moderação incitada pelas telas, os ensinamentos antigos nos alcançam para recomendar “ler poucos autores; ler poucas obras; ler, nessas obras, poucos trechos; escolher algumas consideradas importantes e suficientes.” Foucault (2010a, p. 317). Entendemos que a aclimatação ao presente desses saberes experimentados pelo tempo pode contribuir de forma decisiva para a exploração das camadas mais complexas do texto literário, enquanto exercício da leitura discursiva e profunda, em contraponto ao excesso, à velocidade e à superficialidade de boa parte das práticas digitais (Wolf, 2019). Nesse sentido, decisões como a escolha de uma única obra a ser trabalhada de variadas formas ao longo do ano letivo, mediante o encadeamento de atividades que a relacionem de maneira significativa a outros textos e gêneros, é uma forma de, em se contemplando a complexidade e multiplicidade de modos e razões de ler e de competências leitoras em jogo em qualquer sala de aula, materializar um trabalho mais aprofundado com a leitura literária.

A mediação qualificada do(a) professor(a) é um fator decisivo nesse processo. Assumimos a visão do(a) professor(a) leitor, como alguém que lê com e para os seus alunos. Uma fonte de questionamentos reflexivos e intervenções instigantes, cuja atuação é decisiva para a criar o espaço de atenção sustentada e profundidade cognitiva necessários à construção de conexões, por meio da leitura, entre o leitor e o texto, entre a obra e o contexto de sua produção, estabelecendo pontes com outras temporalidades e com as vivências subjetivas e socioculturais dos(as) estudantes.

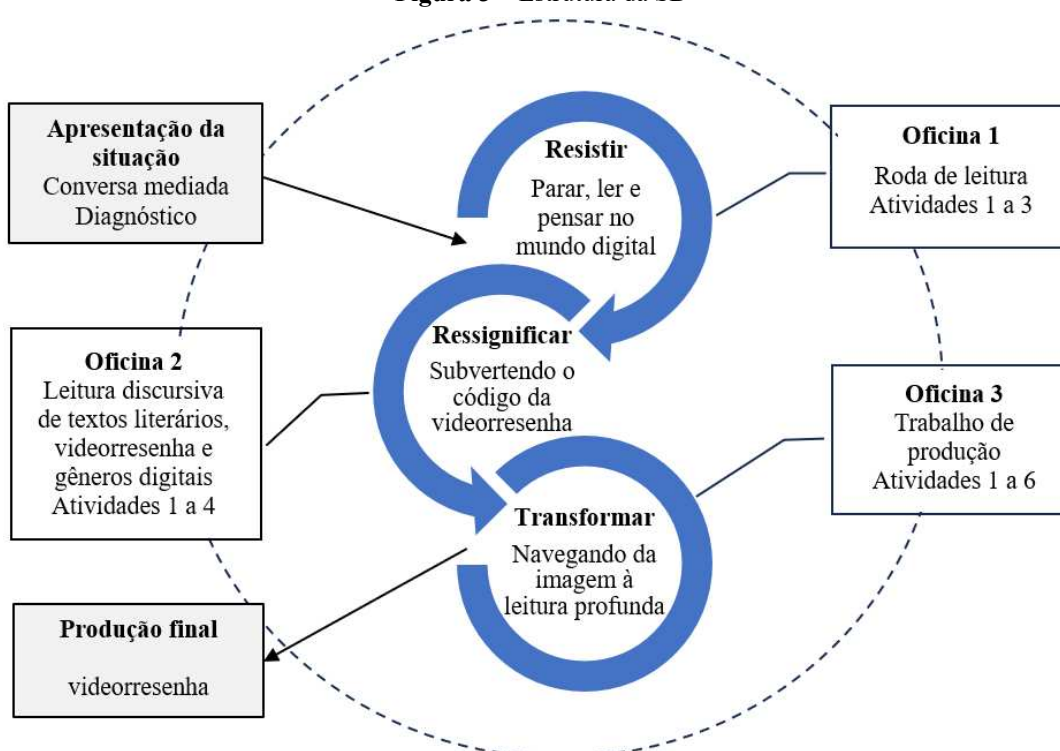
Nessa direção, incentivamos a busca pelo encontro do singular com temas universais a partir de atividades como a análise de passagens emblemáticas de textos e imagens, dos simbolismos e efeitos de sentido produzidos pelos recursos de linguagem, vistas como um exercício de incorporação de recursos que ajudam a desenvolver a empatia e a compreensão crítica sobre temas de relevo, aspectos considerados essenciais na proposta. Por fim, destacamos que a escrita cumpre uma função de suma importância à concretização da leitura analítica. Atividades que envolvam fazer anotações, manter diários de leitura e participar de

debates em grupo são apresentadas como oportunidades para que os jovens estabeleçam inferências e analogias, articulem suas interpretações e aprofundem sua compreensão sobre a dimensão prática, estética e filosófica dos textos literários, inaugurando um estado de reflexão propício ao nascimento de ideias emancipatórias.

Quanto aos títulos e temas de cada parte, temos: Oficina I: *Ler é Resistir*, Oficina II: *Ler é Resignificar* e Oficina III: *Ler é Transformar*. Cada uma delas com objetos do conhecimento, objetivos, habilidades BNCC, tema integrador, abordagem discursiva e atividades próprios, articulados entre si e convergentes para o produto final.

Na Oficina I, propomos um diálogo entre a leitura literária e a cultura digital por meio da apreciação de textos literários e da exploração de comunidades digitais de leitura como o *BookTok* (rede objeto de estudo da dissertação). Na Oficina II, focamos no estudo e análise do gênero textual videorresenha e sua natureza multimodal. E, na Oficina III, priorizamos a produção de videorresenhas e a criação de uma comunidade analógico-digital de leitura da escola. A estrutura interna da SD está representada na figura 3:

Figura 3 – Estrutura da SD



Fonte: Autoria própria (2024).

Em conjunto, as oficinas da SD têm seu norte na interconexão entre o texto literário e a linguagem multimidiática. As terminações que daí seguem aproveitam a experiência de vinte e quatro anos de sala de aula da autora — lecionando Língua Portuguesa e Produção

Textual, os resultados do mapeamento de pesquisas recentes na área (2018 a 2023), teoria e reflexão no âmbito do texto literário e das imagens em movimento, além de práticas de leitura no universo digital. Considerando essa conjunção de fatores, a proposta articula atividades leitoras contemporâneas (especialmente as digitais) e escolares (especificamente a leitura verbal do livro impresso), com vistas às novas possibilidades de formação do leitor literário na escola. Segundo a BNCC, essas “[...] práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multimodais e multimidiáticos, como novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir” (Brasil, 2018, p. 68).

No que se refere à avaliação do percurso de aprendizagem dos(as) estudantes, adotamos uma perspectiva reflexiva no sentido proposto por Freire (1996). A do pensar crítico através da reflexão sobre a própria prática, a partir da análise e adequação das situações de aprendizagem realizadas em cada etapa da SD. Ademais, assumimos a compreensão de uma juventude plural e diversa, em que estudantes são considerados protagonistas na construção do seu conhecimento e, por isso, suas percepções e conhecimentos podem contribuir para o aprimoramento do trabalho docente (Brasil, 2018). Em uma SD, planejamento e avaliação são indissociáveis da prática pedagógica, visto que a vivência durante as aulas não pode ser compreendida “sem uma análise que leve em conta as intenções, as previsões, as expectativas, e a avaliação dos resultados” (Zabala, 1998, p. 17).

Quanto à transversalidade da proposta, ressaltamos que as atividades apresentadas podem ser desenvolvidas no âmbito das aulas de Língua Portuguesa ou nos componentes itinerários da área de linguagens, segundo a divisão curricular do Novo Ensino Médio. Foram sugeridas possíveis conexões entre diferentes componentes curriculares por meio do aprofundamento de alguns conteúdos e temas, em especial da área de Ciências Humanas.

No que diz respeito ao tempo de duração, a SD apresenta-se como um projeto de leitura de longa duração, escolha que tem se mostrado mais bem sucedida em comparação a projetos de curto prazo. Pressupondo a organização do ano letivo em três tempos pedagógicos, cada oficina pode ser trabalhada em uma unidade de ensino, em conformidade com a série e o nível da turma. Outra possibilidade é, mediante ajustes, desenvolvê-las em duas unidades de ensino, se a proposta for aplicada para estudantes concluintes do Ensino Médio. A critério docente, também fica em aberto a opção de aplicação parcial das oficinas e mesmo de qualquer de suas atividades, as quais são articuladas quando tomadas em conjunto, mas independentes quando individualmente consideradas.

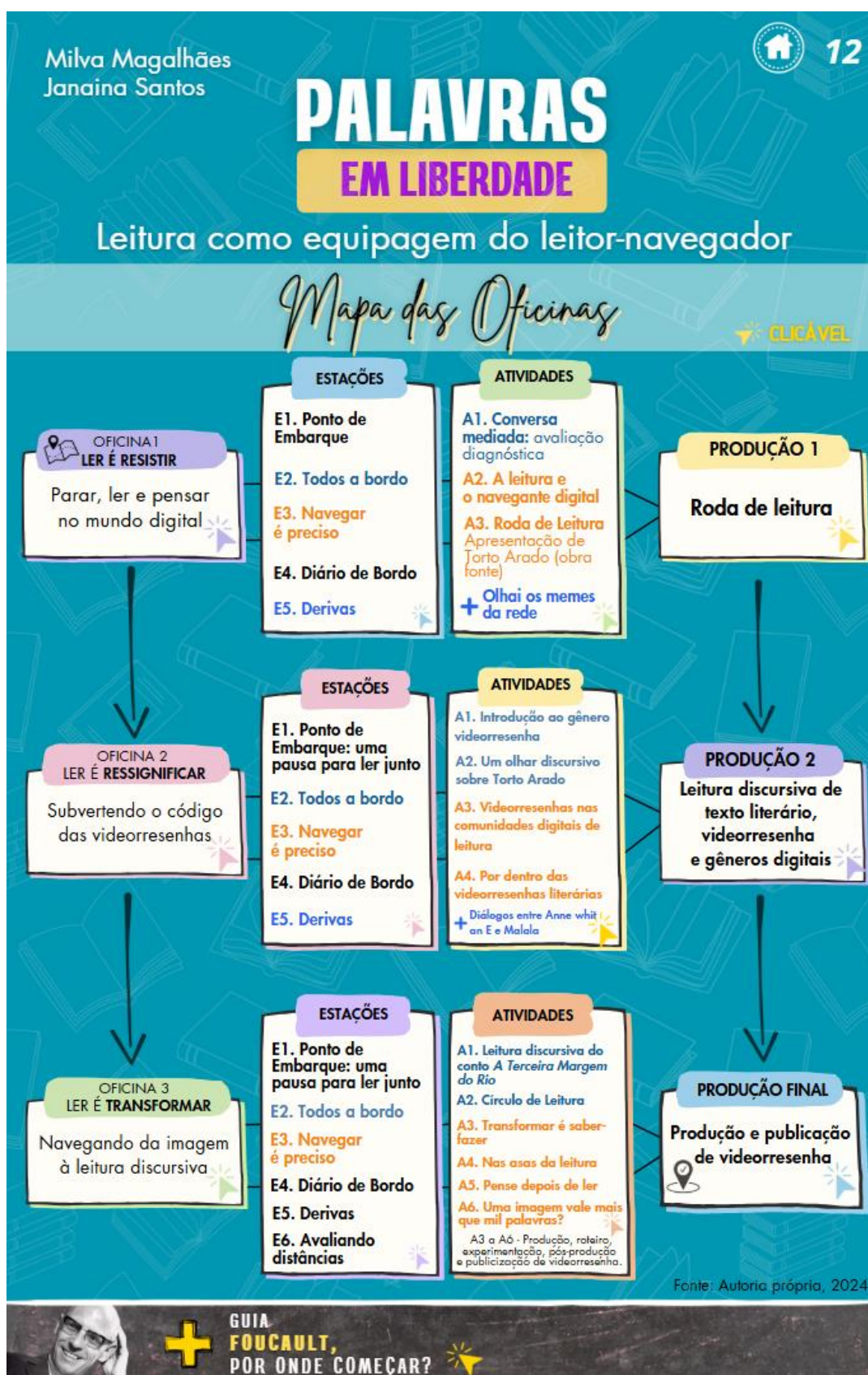
Embora o material didático apresente um método possível de ser adotado em qualquer etapa do ensino médio, sugerimos uma prévia análise de viabilidade, em respeito às individualidades de cada realidade educacional. Eventuais adaptações podem ser necessárias face à diversidade de subjetividades, necessidades, contextos educacionais e locais que constituem uma sala de aula.

7.2 Diretrizes e roteiro para a aplicação da SD

Cada uma das oficinas organiza e articula atividades iniciais, intermediárias e finais para serem aplicadas durante uma unidade letiva, formando um projeto de leitura de longa duração, opção que tem se mostrado mais bem sucedida em comparação a projetos de curto prazo. Simbolicamente, são “200 dias de leitura”, totalizando 17 atividades indicadas, neste texto, pela letra A (de atividade) seguida pelo algarismo correspondente (1,...), de modo a obter (A1, A2, ...), lembrando que a contagem recomeça a cada etapa. Com a intenção de garantir um enfoque metodológico a partir da articulação entre literatura, multimodalidade e abordagem discursiva, a cada oficina da SD corresponde um tema integrador, de acordo com a BNCC. Isso permite o envolvimento de outros componentes curriculares — como antes referido — na realização das atividades, em um trabalho transdisciplinar intermediado pelas linguagens e multimodalidades, enlace que consideramos imprescindível para a construção do conhecimento nos diversos campos da formação humana.

Com base na estrutura de SD proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), antes de iniciar a aplicação das atividades propostas, sugerimos a socialização de todo o caminho que será percorrido nas oficinas, que pode ser visualizado no mapa seguinte. Trata-se de uma seção dedicada à apresentação da proposta, momento em que os(as) estudantes visualizarão a integralidade do percurso durante o projeto. Esse momento pressupõe um diálogo interativo e possibilita o aprimoramento e adequação da proposta ao contexto da classe, conforme cada etapa de formação do ensino médio. Vejamos um mapa do percurso da sequência didática *Palavras em liberdade: leitura como equipagem do leitor-navegador*:

Figura 4 – Mapa sintético da SD.



Fonte: Sequência didática *Palavras em liberdade: leitura como equipagem do leitor-navegador*

A Oficina I, *Ler é resistir: parar e pensar no mundo digital*, de A1 a A3, tem início com uma conversa mediada sobre as experiências de leitura dos estudantes, avança com a realização de atividades que abordam, por exemplo, o meme, e progride para a realização de uma roda de leitura acerca das relações entre leitura literária e redes digitais. O objetivo geral é diagnosticar os conhecimentos e as vivências dos estudantes em relação às práticas sociais de leitura e aos gêneros textuais trabalhados. Esse momento da oficina visa propiciar um momento interativo de compartilhamento de impressões e pontos de vista sobre questões que envolvem a leitura na atualidade.

A produção de conteúdos nas redes sociais acerca dos livros é problematizada por intermédio de questionamentos provocados pelo mediador e aplicação de questionários voltados à análise discursiva das linguagens, seguidos pela apreciação de textos que abordam a relação entre leitura e cultura digital. O próximo passo é a realização de um *tour* online pelas redes digitais de leitura, o que dependerá de equipamentos apropriados. Sugerimos que a classe seja organizada em grupos para exploração das principais comunidades de leitores como o *Booktube*, o *Bookgram*, *Booktwitter* e o *BookTok*, seguida pelo compartilhamento de impressões entre os estudantes.

Na roda de leitura (A3): *Leio, logo sou*, é oportunizado um momento coletivo entre todos os atores da comunidade escolar para compartilhamento de experiências e trajetórias de leitura, considerando os gostos, singularidades e condições próprias de cada grupo. Essa dinâmica visa possibilitar o contato discente com variados tipos de leituras e leitores. Da contação de histórias, aos clássicos literários e destes aos sucessos do *TikTok*. Um conjunto heterogêneo capaz de ampliar o repertório docente acerca das preferências de leitura dos estudantes. Essa troca de informações sobre leituras deve subsidiar o(a) docente na criação de um repertório de obras literárias para apreciação dos estudantes e utilização nas atividades seguintes da SD.

Na Oficina 2: *Ler é ressignificar: subvertendo o código da videorresenha*, são desenvolvidas as atividades A1 a A4. Propomos ações destinadas ao trabalho com o gênero videorresenha literária em conjunto com as noções discursivas de análise de imagens em movimento. Os(as) estudantes são incentivados(as) a estudar a estrutura e as diferentes linguagens que compõem essa modalidade digital. A partir da compreensão das características elementares do gênero, esperamos formar uma base teórica mínima necessária à análise de textos audiovisuais. Nessa dinâmica, aspectos como a interação entre o sujeito, as condições de produção, o contexto sócio-histórico e o texto serão abordados sob uma perspectiva

discursiva, como parte do processo de aprimoramento das competências reflexivas sobre os usos das múltiplas linguagens que se agregam para construir sentidos.

Para promover um contato direto com a videorresenha no espaço *BookTok*, propomos a atividade de navegação exploratória na plataforma (A3), preferencialmente através de projetor multimídia. No primeiro momento a exploração será livre. Em seguida, sob a mediação docente, são indicados alguns *booktokers* populares e videorresenhas pré-selecionadas para apreciação dos estudantes. A isso segue a divisão da turma em grupos no máximo, cinco estudantes, preferencialmente. Cada equipe faz a análise de pelo menos uma videorresenha, observando elementos técnicos e discursivos. Quanto aos primeiros, destacamos: estrutura, linguagem, cenografia, recursos de som e imagem, entre outros. Quanto aos discursivos: contexto de enunciação, contexto de produção, posições do sujeito enunciador, sentidos produzidos, pontos de vista defendidos e invisibilizados, elementos verbais e não verbais de argumentação e persuasão.

A Oficina 3 tematiza a produção final da SD e encampa de A1 a A6. O objetivo dessa etapa é incentivar os(as) discentes a produzirem uma videorresenha no formato digital, mediante a aplicação consciente de chaves de leitura e escrita criativa, análise discursiva de imagens e das linguagens multimodais. Sob a mediação docente, orientados(as) por um detalhado roteiro de elaboração de videorresenha, os(as) estudantes produzem sua própria crítica sobre uma obra literária específica, levando-se em conta os livros impressos disponíveis na biblioteca da escola, o acervo pessoal dos(as) próprios(as) alunos(as) e lista de repertórios levantados na oficina 1. Os vídeos produzidos são compartilhados nas redes sociais da escola ou, alternativamente, em comunidades digitais de leitura, como o *BookTok*. A íntegra da SD pode ser acessada através do Qr code da figura 5:

Figura 5 – Qr code da Sequência didática *Palavras em liberdade: leitura como equipagem do leitor-navegador*.



Fonte: Autoria própria, 2025.

Após finalizado, o PTTE será depositado na plataforma de comunicação EduCapes, com acesso gratuito via no site do PPGELS, no endereço: <https://www.ppgels.uneb.br/>. Exemplares impressos serão disponibilizados aos professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio do Colégio Estadual de Tempo Integral de Tanque Novo/Bahia, unidade de ensino onde leciona autora desta pesquisa.

Como ponto de chegada desta SD, ressaltamos o papel da escola como espaço de leituras singulares, apresentação de textos mais desafiadores e de uma literatura considerada de maior prestígio social. Reafirmar essa função decisiva da instituição escolar para a formação de leitores é uma necessidade cotidiana, principalmente enquanto vigorar em nossa sociedade consensos sobre essa prática e o cânone que desprestigiam outras formas, razões de ler e literaturas incompatíveis com as representações idealizadas de leitura e os modelos absolutizados de leitor, que tendem a tornar menos visível o abismo social que separa muitos(as) estudantes dessa atividade (Curcino, 2024, p. 79-92). Ao assumir essa função de desmanchar modelos, nos quais estão embutidas possibilidades já pensadas para o leitor, a escola pode valer-se do interesse que os vários tipos de leitura desperta, desdobrando e apropriando sua potência enquanto formas legítimas de leitura para desmistificar as distâncias que separam muitos jovens do livro e da leitura como uma experiência emancipatória.

8 ÚLTIMAS PALAVRAS DE UM FIM PROVISÓRIO

Neste texto, apresentamos a resultante das desconstruções, reflexões e ressignificações que empreendemos ao longo da travessia pelo universo *BookTok* e suas imbricações com as mudanças na leitura. Pensamos ter atendido, ao menos em parte, ao objetivo de propor formas estratégicas de trabalho pedagógico com a leitura, assim considerada uma equipagem e ferramenta de transformação pessoal e social, em consideração aos diversos contextos discentes, à precedência de habilidades analógicas fundamentais para estar no mundo e torná-lo possível e à finalidade de adquirir habilidades próprias para a vida digital (Freire, 2014; Foucault, 2010b; Wolf, 2019).

Ao assumir a prática da leitura como equipagem do sujeito-leitor-navegador no ambiente líquido-moderno estudado por Bauman (2021), procuramos materializar atividades centradas no texto multimodal e na análise discursiva das linguagens, em particular da imagem, regularidade que está na base do vínculo entre a produção da verdade e a subjetivação no contexto contemporâneo. Tomada como ferramenta, a leitura pode quebrar o

ritmo acelerado imposto pela vida moderna e reconstruir as pontes levadas pela pressa e pela estultícia (Capesato, 2021; Schuler, 2022).

Consideramos aberta uma janela de oportunidades para diversas abordagens em leitura que tenham em perspectiva “desvincular o poder da verdade” sobre essa prática do seu regime de produção, ou seja, “das formas de hegemonia (sociais, econômicas e culturais), no interior das quais ela funciona no momento.” (Foucault, 2019, p. 54). Instigar os(as) estudantes a compreensão das regras que regulam, fixam, transformam e interditam sua própria relação com a leitura e o ser leitor, moldando práticas, influenciando gostos, destinando papéis e normalizando juízos de valor conforme o estatuto do sujeito, é passo mais fundamental para restituir o caráter emancipatório dessa prática, sem o que seria ingenuidade pensar em leitura como equipagem (Curcino, 2024, p. 79-92).

Ao explorar essa abertura, buscamos apresentar subsídios teóricos e práticos para o trabalho com o gênero videorresenha sob uma perspectiva discursiva, com vistas à aparelhagem discente com o mínimo necessário à produção e análise desses conteúdos com autonomia e criticidade, e com mais ênfase à prática de outras leituras de si, de sua relação com o próximo e com o mundo. A leitura, na visão foucaultiana, possibilita essas explorações que vão muito além do texto literário, atingindo a profundidade da produção dos significados sobre o que lemos, a forma como pensamos a leitura e a nossa constituição como leitor(a).

Reafirmamos que a ideia central da sequência didática apresentada é complementar às atividades rotineiramente desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, em favor de uma formação leitora para a vida. A flexibilidade da proposta permite ajustes face às necessidades de alunos(as) e professores(as) e à diversidade de contextos escolares. Essa é uma característica decisiva para tornar funcional a articulação entre as formas tradicionais de experiência leitora com seus ritmos e finalidades específicas e as novas dinâmicas e motivações que caracterizam os hábitos de leitura do público jovem. Além disso, contamos com a criatividade docente para, a seu critério, adaptar as atividades propostas para outros gêneros textuais, inclusive os emergentes (como a *fanfic* e o *remix*), e para outras redes sociais (analógicas ou digitais), permitindo novos recomeços. Essa dinâmica permite o compartilhamento de novas experiências leitoras com estudantes em diferentes suportes e, a partir delas, o desenvolvimento de atividades interativas e ajustáveis à encruzilhada cultural e cognitiva em que nos encontramos.

Nesse debate em andamento, relembremos a função do *festina lente* (*apressar-se devagar*) no pensamento de Wolf (2019, p. 227-238) sobre as mudanças na leitura e suas implicações na constituição do leitor. Como educadores, esse princípio de ação nos direciona

na transição para a cultura digital, incentivando-nos a avançar rapidamente em direção ao futuro, ao mesmo tempo em que o interrogamos e analisamos com cautela, utilizando as nossas melhores ferramentas, esforços e reflexões. Como leitores, coloca-nos em contato com os pensamentos tecidos neste texto sobre a *leitura profunda* (discursiva) como prática de si e equipamento (*paraskeué*) do leitor-navegador: decodificamos informações de forma automática até que a percepção se converta em conceitos, momento em que a leitura se transforma em experiência que não se espelha em possibilidades já pensadas; a passagem do tempo se torna conscientemente mais lenta, e somos levados de volta à nossa condição fecunda de nômades, envolvidos por um fluxo em que pensamento e sentimento se entrelaçam em um devir revolucionário. Embora possamos nos precipitar em direção a esse espaço interior, é decisivo reaprender a desacelerar, a “manter-se perpetuamente em estado de autodireção” onde o tempo repousa, e a sair dessa morada do ser apenas seguindo nosso próprio tempo (Foucault, 2010a, p. 322).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, vimos como o funcionamento da comunidade literária *BookTok* coloca um espelho entre nós e o futuro da leitura. Não por se tratar ela mesma de um *acontecimento* que determinará os rumos do que está por vir, longe disso, mas por representar as mudanças em curso na nossa relação com essa prática, no momento em que passamos no mesmo passo alertas e perplexos, de leitores a objetos de leitura. Somos lidos por algoritmos na vida em rede. E nessa nova interação com as telas, enquanto suporte que materializa a leitura, algo se perde, nem tudo se transforma.

Ao estudar a infinitude *BookTok*, seja pela via oblíqua da discursivização midiática, como no artigo 1, ou pela prática *booktoker*, tema do artigo 2, procuramos nos distanciar de abordagens reducionistas e dicotômicas que frequentemente oscilam entre a demonização das tecnologias ou sua exaltação como solução universal, polos de respostas simplificadores para questões complexas e multideterminadas. Buscamos analisar esse *acontecimento* como uma janela privilegiada de observação das práticas de leitura contemporâneas e de sua abertura ao audiovisual identificamos, no fervor desencadeado pela popularidade de poucos vídeos curtos com muitas visualizações – minerados de forma não aleatória pelo algoritmo em um oceano de conteúdos pouco vistos – um reflexo da espetacularização do eu e da algoritmização do pensamento própria da vida em rede. Seguindo o caminho da desmultiplicação causal das condições de existência do *acontecimento* (Foucault, 2022a), evidenciamos uma vocação totalizante para a universalidade apoiada no numérico, cuja escalabilidade movimenta a especialização de espetáculos, atualiza longevos discursos hegemônicos e representações idealizadas de leitor que continuam a reiterar hierarquias e divisões sociais.

Constatamos que *dispositivo Booktok* está inscrito no quadro mais amplo da cultura do espetáculo e da comodificação do indivíduo, obedecendo a uma lógica da demanda (Bauman, 2021). Na notícia analisada no artigo 1, foi possível observar como a imagem de corpos jovens, matéria prima das utopias, é espetacularizada para evocar sentidos subjetivantes carregados de emoções ficcionalizadas, que encontram justificativa e lugar na discursividade líquida das telas. Como em tantos outros textos da mídia, explora-se a novidade sensacionalista, ressaltando-se o caráter transformador do *BookTok* quase como uma solução prática para as demandas de leitura, apropriando-se para tanto de uma existência resgatada momentaneamente do anonimato às luzes do espetáculo.

Ao povoar o texto com estereótipos e representações idealizadas de leitor, indexadas a um determinado *lógos* que não é minoritário e que, por conseguinte, atualiza o dizível e o

possível em conformidade com uma certa ordem discursiva e condições hegemônicas, a mídia constrói sua “plástica própria”, seu corpo de linguagem, com o qual apela a certos universais, a exemplo do numérico, da novidade e do espetáculo. Ao ressoar o funcionamento da plataforma, celebra o objeto livro, consideravelmente menos por seu valor literário e mais como objeto de consumo, menos pelo sentido e mais pela velocidade com que é consumido. Entronado como souvenir de um leitor espetacularizado, para quem a estética propiciada pela leitura adquire valor superior ao do exercício de ler. Parecer leitor, antes de ser leitor. E para parecer, é suficiente ter e necessário ostentar. Nessa dinâmica, comprar, no sentido proposto por Bauman (2021), torna-se o verbo modal da plataforma, conjugado em todos os tempos pela mídia.

O discurso reinante subordina, ainda que indiretamente, o valor da obra à sua popularidade e circulação, prática que consideramos comprometer a pluralidade de sentidos e o potencial transgressor da literatura, reforçando uma dinâmica de adestramento para o consumo. É tímido o interesse pelos textos considerados de maior prestígio e ausente qualquer referência à distribuição desigual das condições materiais e imateriais que aproximam ou afastam o jovem da leitura em nossa sociedade. Percebe-se, quanto a isso, que a mídia reproduz uma tendência de plataformização da leitura, na qual o livro é elo de uma cadeia de produtos derivados da indústria cultural concebidos para o consumo, cujo impulsionamento é direcionado pelo algoritmo. O controle da criação e oferta da literatura de preferência dos jovens, segundo as regras de uma economia da comunicação referida por Chartier (1999a), levanta questões sobre a superficialidade da experiência literária, socialmente compartilhada e a atualização das desigualdades materiais e culturais já conhecidas, tensionando a função política, social e emancipatória dessa prática.

Reproduzindo outra regularidade do arquivo, constatamos que a comunidade *BookTok* é um espaço majoritariamente feminino, colorido pela estetização da leitura como uma prática “de menina”. Considerado esse recorte de gênero, suscitamos algumas outras reflexões, face ao potencial de alcance da rede social *TikTok*. Primeiro, sobre a legitimação cultural dessa prática como uma atividade de entretenimento associada ao público feminino, atualizando discursos de longa data. Segundo, sobre os impactos na prática pedagógica da não observância dessa tendência que aponta para diferentes níveis de adesão à prática da leitura em relação aos gêneros.

No segundo artigo, refletimos sobre os sentidos de autenticidade e paixão normalmente manejados pela mídia para qualificar e justificar a adesão dos jovens à comunidade. Terminamos por encontrar sinais de efeitos parresíasticos e confessionais

relacionadas aos sentidos evocados. Recuamos da tentativa de categorizar a prática *booktoker* como univocamente autêntica ou retórica, em proveito de outras formas de pensamento relacionadas à aproximação entre jovens e o tema da leitura. Reconhecemos o exercício do ato parresiástico nas ações *booktoker* e junto a ela uma parceria ambígua com a retórica e interesses do mercado. Na leitura foucaultiana que empreendemos dessa relação paradoxal, concluímos ser mais relevante ouvir o que o discurso tem a nos contar sobre a constituição do leitor contemporâneo, que recebe esse dizer como autêntico e apaixonante, do que enquadrá-lo nesta ou naquela categoria.

Questões que parecem inconciliáveis, como o uso intensivo de telas e o incentivo da leitura como prática sustentada, aproximam a comunidade literária *BookTok*, e suas congêneres, da agenda de temas e problemas pertinentes à escola, enquanto lugar de condução de práticas de leitura literária e formação do leitor. Os efeitos eufóricos evocados pelas reiteradas notícias do uso exitoso da tecnologia na promoção do livro impresso e incentivo à leitura compõem um movimento subjetivante a ser considerado nas discussões em torno da formação de leitores.

Vimos como o uso estratégico da linguagem imagética, potencializada pelo alcance e repetibilidade das redes modeliza a expressão das subjetividades leitoras com uma aparência de liberdade. Seu apelo sedutor promove tempos, ritmos e preferências de leitura acelerados e de fácil adesão, evidenciando um discurso ao gosto do público, distinto do escolar. Sob um manto de aparências, o discurso *booktoker* movimenta afetos e emoções prototípicas de um modelo romantizado de leitor, sancionando uma prática leitora fugaz e substancialmente deslocada para o *pathos*, que a linguagem das telas e a curadoria do algoritmo torna desejável e normalizada.

Compreender o funcionamento discursivo dessa dinâmica consumível e de fácil assimilação parece-nos uma maneira efetiva de aparelhar a escola para a condução de leituras literárias, fazendo o necessário contraponto a essas formas, razões e repertórios de leitura ligeiras e superficiais, sem deixar de considerar o que podemos aprender com tais mudanças. Como indicam os mais recentes resultados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (Brasil, 2024), é forçoso lembrar que a escola sempre foi um lugar de polinização de leitores, de reflexão sobre as emoções que “bons” textos produzem, em grau variado, como respostas à complexidade das múltiplas trajetórias de vida. Um espaço para se viver uma realidade diferente daquela comercializada pelas telas, com outros tempos, objetivos, repertórios e formas de leitura que não mirem a ostentação da vida em rede. Uma prática profunda, assentada no *lógos* instrumental que lhe é próprio, em conexão com a subjetividade, anseios e

condições existenciais dos jovens, sem perder de vista a temporalidade indeterminada do devir.

Ainda sobre a questão da formação leitora na escola, o espaço de reflexão gerado no percurso até aqui serviu para explorar a potência formativa da leitura discursiva como equipagem do sujeito-leitor e ferramenta de auto-sócio-análise (Foucault, 2010a, p. 328). Ao combinar nuances da leitura discursiva com as ideias de Wolf (2019) sobre a *leitura profunda*, seguimos um caminho iluminado por aspirações filosóficas, em busca de estabelecer uma conexão entre a prática de leitura juvenil – uma atividade coletiva permeada pelo *pathos*, compartilhada em comunidades e frequentemente entrelaçada com outros produtos culturais presentes nas ambiências digitais – aos objetivos pedagógicos, interesses, tempos e conteúdos escolares. Nesse retorno à educação em leitura, julgamos ser possível desdobrar um tecido de resistência capaz de contrapor a sedução das digitalidades, o uso violento da linguagem e, não menos importante, gerar espaços para ler na escola. Criar uma pausa meditativa guiada pela liberdade e inventividade da arte literária, voltada à desnaturalização do olhar para as palavras e as imagens, ao tensionamento das relações entre as diferentes linguagens e trajetórias leitoras em prol de outros modos de ler, pensar e sentir.

Face à necessidade contemporânea de temperança, retomamos a discussão inicial mantida em aberto sobre o devir do sujeito-leitor para ressaltar que a educação atravessa um tempo de intensidade, em que tem lugar novas formas de pensamento, em vista de transgredir caminhos de formação antecipadamente pensados em conformidade com modelos idealizados de leitor e leitura, de deslocar o sujeito das redes delimitadas que o cercam, de desdobrar potências singulares, antes impensadas do leitor contemporâneo. Se, em condições de experiência de ser quem se é, e realizar o possível que se pode criar sem necessariamente assimilar projetos hegemônicos, os jovens forem instigados a marcar sua existência como um exercício de liberdade e criatividade, a interrogar, em consideração ao hoje e ao futuro, o que pode o leitor, parece-nos possível concretizar não apenas a leitura como equipagem, mas em função de sua potência, construir um novo e compartilhado presente.

REFERÊNCIAS

- ALTARES, Guillermo. ‘1984’ lidera as vendas de livros nos EUA desde a posse de Trump. **El País**, 26 de janeiro de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/26/cultura/1485423697_413624.html. Acesso em: 05 set. 2024.
- ANDRADE, Maria Lúcia. **Resenha**. São Paulo: Paulistana, 2006.
- BALL, Stephen J.; MAGUIRE, Meg; BRAUN, Annette. **Como as escolas fazem as políticas: atuação em escolas secundárias**. Tradução de Janete Bridon. 2. ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2021.
- BARBOSA, Juliana. BookTok se alinha com mercado editorial e influencia em venda de livros. **Metrópoles**, 25 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/literatura/booktok-mercado-editorial-livros>. Acesso em: 05 set. 2024.
- BATISTA, Patrícia Antonino da Silva. **A representação da literatura em comunidades virtuais de leitores e o reflexo na leitura do cânone**. 2022. 238 f. Tese (Doutorado em Letras) – UNESP, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/234999>. Acesso em: 06 jul. 2023.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Não paginado.
- BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- BERNARDO, André. George Orwell, 120 anos: por que 1984 continua tão relevante e atual? **BBC News Brasil**, 25 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4n405de6lno>. Acesso em: 04 set. 2024.
- BOSCOV, Isabela. Quando 2 e 2 são 5: George Orwell prova sua relevância em tempos de autoritarismo. **Blog de Cinema de Isabela Boscov**, 5 de junho de 2020. Disponível em: <https://isabelaboscov.com/2020/06/05/george-orwell-de-1984-prova-sua-relevancia-em-tempos-de-autoritarismo/>. Acesso em: 05 set. 2024.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Documento de Área – Ensino**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/areas-avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/colegio-de-ciencias-exatas-tecnologicas-e-multidisciplinar/multidisciplinar/ensino>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Divulgados os resultados do Pisa 2022**. Brasília, DF, 05 de dezembro de 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/acoes-internacionais/divulgados-os-resultados-do-pisa-2022>. Acesso em: 12 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Pró-Livro. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5. ed. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 08 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Pró-Livro. **Retratos da Leitura no Brasil**. 6. ed. Brasília, DF, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 08 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 dez. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa**. Brasília, DF, 19 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BRASIL, Ubiratan. ‘Eletrônicos duram 10 anos; livros, 5 séculos’, diz Umberto Eco. **Estadão**, 13 de março de 2010. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/eletronicos-duram-10-anos-livros-5-seculos-diz-umberto-eco/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

BUTCHER, Isabel. 86% de crianças e adolescentes usuários de Internet possuem perfil em redes sociais. **Mobile Time**, 03 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.mobiletime.com.br/noticias/03/05/2023/86-de-criancas-e-adolescentes-usuarios-de-internet-possuem-perfil-em-redes-sociais/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CAMPESATO, Maria Alice Gouvêa. Sêneca e Paulo Freire: leitura como equipagem contra a stultitia contemporânea. **Revista Teias**, v. 22, n. 67, p. 43-55, 2021. DOI: 10.12957/teias.2021.61966. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/61966>. Acesso em: 10 mar. 2024.

CÂNDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CÂNDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2011. p. 235-263.

CASADO ALVES, Maria da Penha; ROJO, Helena Rodrigues Roxane. Comunidades de leitores: cultura juvenil e os atos de descolecionar. **Bakhtiniana**, São Paulo, n. 15, v. 2, p. 145-162, 2020.

CASARIN, Rodrigo. A pergunta que surge dos números: homens são alérgicos a livros? **UOL**, 02 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/pagina-cinco/2024/10/02/homens-livros-bienal-de-sao-paulo-leitores.htm>. Acesso em: 08 out. 2024.

CECCANTINI, João Luís. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. **Retratos da Leitura no Brasil**, v. 4, p. 83-98, 2016.

CECCANTINI, João Luís. Por onde andar a literatura infantil e juvenil brasileira? In: FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil 5**. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e quietudes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora da UNESP, 1999a.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão, 1988.

CHARTIER, Roger, **A ordem dos livros**. Leitores, Autores e Bibliotecas na Europa entre os Séculos XIV e XVIII. 2a ed. Brasília: UnB, 1999b. pp. 95-105.

CHARTIER, Roger. Ler sem livros. **Revista Linguagem**, São Carlos, v. 32, p. 6-17, dez. 2019. Número temático: Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acesso em: 21 fev. 2024.

CHOLAKIAN, D. Javier Milei quer apagar a memória do genocídio argentino. Trad. de Sofia Schurig. **Jacobina**, 2 de abril de 2024. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2024/04/javier-milei-quer-apagara-memoria-do-genocidio-argentino/>. Acesso em 09 set. 2024.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Alexandre. **Thánatos**: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico. São Paulo: Odysseus, 2018.

COURTINE, Jean-Jacques. Discursos sólidos, discursos líquidos: a mutação das discursividades contemporâneas. *In*: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. (org.). **Análise do discurso**: heranças, métodos e objetos. São Carlos: Editora Claraluz, 2008. p. 11-19.

COURTINE, Jean-Jacques. Discursos e imagens para uma arqueologia do imaginário. *In*: SARGENTINI, V.; PIOVEZANI, C.; CURCINO, L. (ed.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 145-162.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, C. **História do rosto**: exprimir e calar as emoções: (do século 16 ao início do século 19). Tradução: Marcus Penchel. Petrópolis: Vozes, 2016.

CURCINO, Luzmara. **As emoções em discursos sobre a leitura**. *In*: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). **O discurso e as emoções**: medo, ódio, vergonha e outros afetos. São Paulo: Parábola, 2024. p. 79-92.

CURCINO, Luzmara. As emoções em discursos sobre a leitura: o orgulho e a vergonha de ser ou não leitor. *In*: ENANPOLL, 35., 2020, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte, 2020a. p. 465-473. Disponível em: <https://anpoll.org.br/enanpoll-2020-anais/resumos/digitados/0001/PPT-eposter-trab-aceito-0290-1.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CURCINO, Luzmara. Imprensa e discursos sobre a leitura: representações dos presidentes FHC, Lula e Dilma como leitores. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 16, p. 223-243, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/eidea-16-2223>. Acesso em: 10 mar. 2022.

CURCINO, Luzmara. Infames e penetras no universo da leitura: princípios da arqueologia foucaultiana em uma análise de discursos sobre essa prática. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 1, n. 57, p. 74-91, dez. 2020b. ISSN 0104-0944. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/8874>. Acesso em: 12 jul. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i57.8874>.

CURCINO, Luzmara. Leitores orgulhosos, Leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura. **Álabe – Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura**. Red Internacional de Universidades Lectoras. Espanha, n. 25, 2022. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7695>. Acesso em: 05 maio 2023.

CURCINO, Luzmara; CONTI, Clarissa. Cânones escolares e mashups literários: o incentivo à leitura por meio de adaptações fanfics. **Trab. Linguíst. Apl.**, v. 62, n. 1, p. 90-103, maio 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/jZq5ZTmg7C8vRNZXM4QTFFx/?lang=pt>. Acesso em: 02 fev. 2024.

CURCINO, Luzmara; MANFRIM, Aline. Uma análise de discursos sobre a leitura presentes no canal “O mundo segundo Ana Roxo”. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 49, n. 2, p. 901-919, jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/2708/1723/10742>. Acesso em: 15 mar. 2024.

“DE VOLTA Para o Futuro 2” não tinha como prever uso do smartphone em 2015. **UOL Entretenimento**, 20 de outubro de 2015. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/afp/2015/10/20/de-volta-para-o-futuro-2-nao-tinha-como-prever-uso-do-smartphone-em-2015.htm>. Acesso em: 10 set. 2024.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

ERIBON, Didier. **A sociedade como veredito: classes, identidades trajetórias**. Tradução: Luzmara Curcino. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FELIX, Paula. Novos estudos revelam os graves impactos do uso de celulares por crianças. **Veja**, 10 de maio de 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/novos-estudos-revelam-os-graves-impactos-do-uso-de-celulares-por-criancas>. Acesso em 10 set. 2024.

FERNÁNDEZ, Macedonio. **Museu do romance da eterna**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2022a.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade (O Governo de Si e dos Outros II)**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In*: FOUCAULT, Michel (ed.). **O que é um autor?** Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 6. ed. Lisboa: Nova Vega, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Vol. III: Estética: literatura e pintura, música e cinema. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. p. 428-438.

FOUCAULT, Michel. **Eu sou um pirotécnico**. *In*: FOUCAULT, Michel. *Entrevistas Roger Pol-Droit*. São Paulo: Graal, 2006. p. 69-100.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Vol. 1: A vontade de saber. Tradução: Maria T. C. Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 14. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2022b.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e tradução de Roberto Machado. 10. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N1 Edições, 2013. Disponível em: https://www.gpef.fe.usp.br/textos/foucault_01.pdf. Acesso em: 20 mar. 2024.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade: curso no Collège de France (1980-1981)**. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016. p. 264-272.

FRANCISCO, Gabriela. FOMO, FOBO e JOMO: entenda os termos que surgiram com as redes sociais. **Metrópoles**, 05 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/vida-e-estilo/fomo-fobo-e-jomo-entenda-os-terminos-que-surgiram-com-as-redes-sociais>. Acesso em: 08 out. 2024.

FRANK, Alejandro G. Formatos alternativos de teses e dissertações. *In*: YUKIHARA, E. **Blog Ciência Prática**, 15 abr. 2013. Tema: Ciência Prática. Disponível em: <http://cienciapratica.wordpress.com/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

FRANZÃO, Luana. O TikTok se tornou um dos maiores incentivadores à leitura entre os jovens. **CNN Brasil**, 15 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/o-tiktok-se-tornou-um-dos-maiores-incentivadores-a-leitura-entre-os-jovens-entenda/>. Acesso em: 30 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Importância do ato de ler**. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GABRIEL, Ruan de Sousa. Trump tenta coibir uso de quase 200 palavras, mas pode um governante legislar sobre a linguagem? **O Globo**, 05 de abril de 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2025/04/05/trump-tenta-coibir-uso-de-quase-200-palavras-mas-pode-um-governante-legislar-sobre-a-linguagem.ghtml>. Acesso em 09 abr. 2025.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Análise do Discurso: conceito e aplicações**. São Paulo: Alfa, 1995. v. 39, p. 13-21.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do discurso e mídia: reprodução de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 4, n. 11 p. 11-25, nov. 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O dispositivo escolar republicano na paisagem das cidades brasileiras: enunciados, visibilidades, subjetividades. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, n. 43, p. 06-25, mar. 2016. ISSN 0104-0944. DOI: <http://dx.doi.org/10.18542/moara.v1i43.2633>. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/2633>. Acesso em: 10 maio 2024.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma tipologia do presente**. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2. ed., ampl. Petrópolis: Vozes, 2017.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

JEFFMAN, Tauana Mariana Weinberg. **Booktubers: performances e conversações em torno do livro e da leitura na comunidade booktube**. 2017. 395 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6337>. Acesso em: 05 maio 2023.

KELION, Leo. Há 26 anos, 'De Volta para o Futuro 2' via 2015: veja as previsões certas e as que passaram longe. **BBC News Brasil**, 20 de outubro de 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151020_de_volta_futuro_2_previsoes_fn. Acesso em: 10 set. 2024.

LACERDA, Vinícius. 5 influenciadores que indicam livros no TikTok para você seguir. **O Tempo Entretenimento**, 19 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/5-influenciadores-que-indicam-livros-no-tiktok-para-voce-seguir-1.2853437>. Acesso em: 26 out. 2024.

LAMOTTE, Sandee. Estudo mostra como não ter atenção desviada das tarefas e manter o foco. **CNN Brasil**, 18 de junho de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/estudo-mostra-como-nao-ter-atencao-desviada-das-tarefas-e-manter-o-foco/>. Acesso em: 13 jul. 2024.

LEGRAMANDI, Sabrina. O que é BookTok, sensação do TikTok que mudou o hábito de leitura dos brasileiros? **Estadão**, 11 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/o-que-e-bookbok-sensacao-tiktok-mudou-habitos-leitura-brasileiros/>. Acesso em: 26 out. 2024.

LEWIS, C. S. **Como cultivar uma vida de leitura**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

MARTINS, Pedro. TikTok foi de usina de bobagens a uma poderosa máquina de vender livros. **UOL**, 02 de julho de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/07/tiktok-foi-de-usina-de-bobagens-a-uma-poderosa-maquina-de-vender-livros.shtml>. Acesso em: 30 set. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

KOHAN, Walter Omar. A infância da Educação: o conceito devir-criança. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 2, nº 1, 31 de dezembro de 2005. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca>.

MACHADO, Simone. BookTok: como TikTok está transformando jovens em leitores e autores em best-sellers. **BBC News Brasil**, 16 janeiro 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cek5e5mr3pdo>. Acesso em: 13 out. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZA, B.; BRITO, K. S. (org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-32.

MATOS, Fábio. TikTok ultrapassa 1 bilhão de downloads e tem a maior receita em 2023. **Metrópoles**, 10 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/negocios/tiktok-ultrapassa-1-bilhao-de-downloads-e-tem-a-maior-receita-em-2023>. Acesso em: 05 maio 2024.

MATOS, Thaís. 'Booktok': onda de vídeos sobre livros no TikTok impulsionam obras de suspense e fantasia. **G1**, 26 de julho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/07/26/booktok-onda-de-videoes-sobre-livros-no-tiktok-impulsionam-obras-de-suspense-e-fantasia.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2024.

MATTOSO, Camila; BRAGON, Raner. Bolssonaro diz que vitória de Trump 'é passo importantíssimo' para volta ao Planalto e cita Temer vice. **Folha de S. Paulo**, Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/401447/abc-da-censura-entenda-o-movimento-que-bane-livros-nos-eua>. Acesso em: 29 out. 2024.

MENDES, Diego. Comércio online de livros supera livrarias físicas pela primeira vez em 2022, aponta pesquisa. **CNN Brasil**, 18 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/comercio-online-de-livros-supera-livrarias-fisicas-pela-primeira-vez-em-2022-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2013.

MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 2, p. 27-35, jan./abr. 1995.

MOURA, Pedro. Foucault – De outros espaços. **EscolaNômade**, 23 de fevereiro de 2016. Disponível em: [https://www.escolanomade.org/2016/02/23/615/#:~:text=O%20navio%20%C3%A9%20a%20heterotopia,de%201986\)%20de%20Pedro%20Moura](https://www.escolanomade.org/2016/02/23/615/#:~:text=O%20navio%20%C3%A9%20a%20heterotopia,de%201986)%20de%20Pedro%20Moura). Acesso em: 07 abr. 2024.

NAVARRO, R. Tempo médio de tela e uso por país. **ElectronicsHub**, 26 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.electronicshub.org/the-average-screen-time-and-usage-by-country/>. Acesso em 08 out. 2024.

NOBRE, Noéli. Comissão de Educação aprova projeto que proíbe uso de celular em escolas. **Agência Câmara de Notícias**, Brasília, DF, 30 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1106874-comissao-de-educacao-aprova-projeto-que-proiibe-uso-de-celular-em-escolas/>. Acesso em: 16 nov. 2024.

OLIVIERI, Fernando. O que é BookTok, fenômeno do TikTok que incentiva a leitura. **Exame**, 24 de junho de 2024. Disponível em: <https://exame.com/pop/o-que-e-booktok-fenomeno-do-tiktok-que-incentiva-a-leitura/>. Acesso em: 30 set. 2024.

ORWELL, George. **1984**. Ilustrações: Rafael Coutinho; tradução: Antônio Xerxenesky. Rio de Janeiro: Autôfaga 2021.

O'SULLIVAN, Joan. YA Authors Talk #BookTok: Boon or Burden? *In*: **PUBLISHERS weekly**, 17 out. 2022. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/pw/by->

topic/childrens/childrens-industry-news/article/90616-ya-authors-talk-*booktok*-boon-or-burden.html. Acesso em: 19 mar. 2023.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (org.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Tradução: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PÉREZ GÓMEZ, Angel I. **Educação na era digital: a escola educativa**. Tradução de Marisa Guedes. Porto Alegre: Penso, 2015.

PIOVEZANI, Carla; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). **O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos**. São Paulo: Parábola, 2024. (Coleção Língua[gem], v. 103).

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 169-179.

QUIRINO, Matheus Lopes. Entenda como as redes sociais influenciam no design das capas de livros. **Estadão**, 22 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/alias/entenda-como-as-redes-sociais-influenciam-nas-capas-dos-livros/>. Acesso em 08 out. 2024.

RABELO, João. Professor que usa IA vai substituir aquele que não usa, diz pesquisador. **Folha de S. Paulo**, 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/09/professor-que-usa-ia-vai-substituir-aquele-que-nao-usa-diz-pesquisador.shtml>. Acesso em: 09 set. 2024.

RIZZATTI, Ivanise Maria; MENDONÇA, Andrea Pereira; ROÇAS, Giselle. Os produtos e processos educacionais dos programas de pós-graduação profissionais: proposições de um grupo de colaboradores. **ACTIO: Docência em Ciências**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 1-17, maio/ago. 2020.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: SEE: CENP, 2004. Disponível em: http://suzireis.bravehost.com/posgraduacao/artigos/roxane_rojo.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Letramentos, mídias e linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Janaina de Jesus. Linguagem audiovisual em sala de aula: novos sujeitos, novos objetos e novas práticas. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista: Edições UESB,

v. 11, n. 2, p. 159-176, 2019. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/5577>. Acesso: 20 jan. 2024.

SANTOS, Janaina de Jesus; CORTES, Luciana Cristina Sande. Mídia e vontade de verdade no livro didático: por uma libertação dos modos de existência na leitura de um cartaz. *In*: LIMA, Diógenes Cândido; MODL, Fernanda de Castro (org.). **Linguagens, culturas, docência: implicações**. Campinas: Pontes, 2022. p. 219-230.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. O arquivo e a circulação de sentidos. **Conexão Letras**, v. 9, n. 11, 2015. DOI: 10.22456/2594-8962.55139. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55139>. Acesso em: 7 jul. 2024.

SCHULER, Betina. O cuidado com a escrita e a leitura para uma educação filosófica na escola. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, RS, v. 29, n. 3, p. 901-920, set./dez. 2022.

SILVA, Alessandra dos Santos. **Videorresenha**: uma proposta para letramento digital nas aulas de Língua Portuguesa. 2019. Tese (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SILVA, Jeniffer Aparecida Pereira da; FERREIRA, Luzmara Curcino. A vergonha e o orgulho em memes sobre a leitura: The shame and the pride in memes about reading. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 51, n. 2, 2023. DOI: 10.21165/el.v51i2.3331. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/3331>. Acesso em: 24 jan. 2025.

SOARES, M. B. **Ler, verbo intransitivo**. 2007. Disponível em: <http://tudosobreleitura.blogspot.com/2011/07/ler-verbo-transitivo.html>. Acesso em: 14 jul. 2024.

SOUZA, Felipe. Governo de SP recua e decide cancelar compra de livros digitais. **CNN Brasil**, 18 de agosto de 2023. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/governo-de-sp-recua-e-decide-cancelar-compra-de-livros-digitais/#:~:text=Governo%20de%20SP%20recua%20e%20decide%20cancelar%20compra%20de%20livros%20digitais,-Secretaria%20de%20Educa%C3%A7%C3%A3o&text=O%20governador%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,pelo%20desenvolvimento%20do%20Projeto%20LeiaSP>. Acesso em: 09 set. 2024.

TORTELLA, Tiago. TikTok é a rede social mais usada por crianças e adolescentes de 9 a 17 anos. **CNN Brasil**, 17 de agosto de 2022. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/tiktok-e-a-rede-social-mais-usada-por-criancas-e-adolescentes-de-9-a-17-anos/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

VALLEJO, Irene. **O infinito em um junco**: a invenção dos livros no mundo antigo. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022, p..

VEIGA, Edison. '1984': livro de George Orwell é uma crítica 'contra a esquerda'? **BBC News Brasil**, 7 de junho de 2024. Disponível em:
<https://www.bbc.com/portuguese/articles/crggepr316ro>. Acesso em: 01 set. 2024.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e Educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2017.

VELASCO, Irene Hernández. 'Geração digital': por que, pela 1ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais. **BBC News Mundo**, 30 de outubro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54736513>. Acesso em: 12 maio 2024.

WELLE, Deutsche. '1984', de George Orwell, lidera lista de mais vendidos nos EUA. **G1**, 25 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/1984-de-george-orwell-lidera-lista-de-mais-vendidos-nos-eua-apos-fatos-alternativos-de-trump.ghtml>. Acesso em: 04 set. 2024.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. Tradução de Rodolfo Ilari e Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa**: como educar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Outras obras consultadas:

AUMONT, J. **A imagem**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002.

NIEVA, Richard. Algoritmo do TikTok permite monitorar teclas de usuários, aponta pesquisa. *In: Forbes*, Seção Forbes TECH, 25 set. 2022. Disponível em: Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2022/09/algoritmo-do-tiktok-permite-monitorar-teclas-de-usuarios-aponta-pesquisa/>. Acesso em: 08 mar. 2024.